

João Carlos Gonçalves

A Tetralogia Rabbit de Jonh Updike:
A Saga Disfórica e Humana de Uma
Consciência Contemporânea



João Carlos Gonçalves

A TETRALOGIA RABBIT DE JOHN UPDIKE: A SAGA DISFÓRI-
CA E HUMANA DE UMA CONSCIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Tese apresentada ao Instituto de Bio-
ciências, Letras e Ciências Exatas da
Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Câmpus de São Jo-
sé do Rio Preto, para a obtenção do
título de Doutor em Letras (Área de
Concentração: Teoria da Literatura)



649/94

São José do Rio Preto

1994



INDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. FAMILIA	16
2.1. Rabbit's Mom	16
2.2. Rabbit Is Rich	29
2.3. Rabbit At Rest	23
Dedico esta tese a minha esposa, a minha mãe, e à memória de meu pai. Repux	17
Agradeço ao Prof. Dr. Carlos Daghljan, orientador deste trabalho, pelo apoio e incentivo.	31
3. PERSONAGENS	73
3.1. Eccles	73
3.2. Skeeter	83
3.3. Nelson	100
3.4. Personagens Femininas	120
4. CARACTERIZAÇÃO DO PROTAGONISTA, MOTIVOS E TEMAS	149
5. O VALHALLA	175
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
ANEXO	192
BIBLIOGRAFIA	227

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. FÁBULAS	16
2.1. Rabbit, Run	16
2.2. Rabbit Redux	17
2.3. Rabbit Is Rich	20
2.4. Rabbit At Rest	23
3. O DISCURSO NARRATIVO	31
4. PERSONAGENS	75
4.1. Eccles	75
4.2. Skeeter	83
4.3. Nelson	100
4.4. Personagens Femininas	120
5. CARACTERIZAÇÃO DO PROTAGONISTA, MOTIVOS E TEMAS	149
6. O VALHALA	175
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
ANEXO	192
BIBLIOGRAFIA	227



A TETRALOGIA RABBIT DE JOHN UPDIKE: A SAGA DISFÓRICA E HUMANA DE UMA
CONSCIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Tese de doutorado apresentada por João Carlos Gonçalves à
Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de São José do Rio
Preto, SP, Brasil, 1994.

RESUMO: Esta tese propõe um posicionamento crítico centrado no agente em vez de no determinismo da cena histórica externa. Tenta também mostrar o tipo de trajetória do protagonista, concentrando-se nos aspectos intrinsecamente humanos de sua psique, em contraste com as forças sociais. Estes elementos foram considerados através da análise das formas específicas do discurso da tetralogia do Coelho. Considerações temáticas levaram à conclusão de que a jornada do Coelho termina com um toque de implicação mitológica.

JOHN UPDIKE'S RABBIT TETRALOGY: THE HUMAN AND DISPHORIC SAGA OF A
CONTEMPORARY MIND

Doctor's dissertation presented by João Carlos Gonçalves
to the Universidade Estadual Paulista (UNESP) at São José do Rio
Preto, State of São Paulo, Brazil, 1994.

ABSTRACT: This dissertation proposes a critical stance focusing on the agent rather than the external deterministic historical scene. It also tries to depict the protagonist's trajectory through life by concentrating on the intrinsically human aspects of his psyche in contrast with social forces. These elements have been considered through the analysis of the specific forms of discourse in the Rabbit tetralogy. Thematic considerations have led to the conclusion that Rabbit's journey ends in a note of mythological implication.

NOTA EXPLICATIVA

1. INTRODUÇÃO

As citações em português de obras publicadas em inglês, incluindo as do corpus, foram traduzidas pelo autor desta tese.

Os textos das citações do corpus no original encontram-se no final deste trabalho por ordem de aparecimento.

As indicações de fonte relativas ao corpus foram feitas mediante a colocação do número da respectiva página entre parênteses logo após alusão ou citação, de acordo com as edições citadas na bibliografia.

As indicações de fontes no que diz respeito à bibliografia passiva foram feitas logo após as citações ou alusões mediante a colocação do último nome do autor, que aparece em caixa alta na bibliografia, seguido do número da(s) página(s) pertinente(s). Quando houve mais de uma obra do mesmo autor, a distinção foi feita com o acréscimo do ano de publicação, após o nome do autor.

A TETRALOGIA RABBIT DE JOHN UPDIKE: A SAGA DISFÓRICA E HUMANA DE UMA CONSCIÊNCIA CONTEMPORÂNEA.

João Carlos Gonçalves

1. INTRODUÇÃO

O escritor norte-americano John Updike (1932 -) nasceu em Shillington, na Pensilvânia, estado em que se passa grande parte de sua ficção. Formou-se summa cum laude pela Universidade de Harvard em 1954; foi bolsista na Ruskin School of Drawing and Fine Arts em Oxford, Inglaterra. De 1955 a 1957 trabalhou para a revista americana New Yorker, onde publicou a maior parte de seus contos, ensaios e poemas.

No entanto, Updike é conhecido principalmente como romancista, inclusive no Brasil, que visitou no início de 1992 quando do lançamento em português da tetralogia do Coelho, corpus desta tese. Além da tetralogia seu romance mais conhecido entre nós talvez seja Couples (Casais Trocados), de 1968.

Escritor prolífico, Updike publicou seu primeiro romance The Poorhouse Fair (O Encontro) em 1959; seguiram-se Rabbit, Run / Coelho corre (1960), The Centaur / O Centauro (1963), Of the Farm (1965), Couples (1968), Rabbit Redux / Coelho em crise (1971), A Month of Sundays / Um Mês só de Domingos (1975), Marry Me / Case Comigo (1976), The Coup / O Golpe (1978), Rabbit Is Rich / Coelho cresce (1981), The Witches of Eastwick / As Bruxas de Eastwick (1984), Roger's Version / Pai-Nosso Computador (1986), S./S. (1988), Rabbit At Rest / Coelho Cai (1989), Memories of the Ford Administra-



tion (1992) e Brazil / Brazil (1994).

Ao lado de sua notória condição de romancista, Updike também é autor de contos, ensaios críticos, poemas, e de uma peça teatral, *Buchanan Dying* (1974). Seus numerosos contos foram coligidos em várias antologias, *The Same Door* (1959), *Pigeon Feathers and Other Stories* (1962), *The Music School* (1966), *Bech: A Book* (1970), *Museums and Women* (1972), *Your Lover Just Called* (1980), *Problems* (1980), *Bech Is Back* (1982) e *Trust Me* (1987); nossa dissertação de mestrado, *A Evolução Temática nos Contos de John Updike* (1984), tratou dos contos do autor até a antologia *Your Lover Just Called*.

Seus trabalhos de crítica literária, grande parte deles publicada na *New Yorker*, apareceram nas antologias *Assorted Prose* (1965), *Picked-Up Pieces* (1975), *Hugging the Shore / Bem Perto da Costa* (1983), *Just Looking* (1989) e *Odd Jobs* (1991).

Sua primeira antologia poética, *The Carpentered Hen and Other Tame Creatures*, surgiu já em 1958; seguiram-se *Telephone Poles and Other Poems* (1963), *Midpoint and Other Poems* (1969), *Tossing and Turning* (1977) e *Facing Nature* (1985).

Updike escreveu ainda suas memórias em *Self-Consciousness / Consciência à flor da pele* (1989) diante, segundo ele próprio, da ameaça de que outro o fizesse. Para concluir, atestando a variedade da produção do escritor, aparecem seus livros para crianças, *The Magic Flute* (1962), *The Ring* (1964), *A Child's Calendar* (1965) e *Bottom's Dream* (1969).

John Updike é considerado um dos maiores escritores americanos vivos. Além dos respeitáveis índices de venda que alcançam seus livros e da agitação que normalmente causam no meio acadêmico americano, a quantidade de prêmios que recebeu atesta o reconhecimento conquistado por sua obra. Ganhou o *National Book Award* em 1964



e Le prix du meilleur livre étranger em 1965 pelo romance *The Centaur*; foi capa da revista *Time* recebendo um longo artigo na esteira do sucesso de *Couples*; *Rabbit Is Rich* ganhou em 1982 o Pulitzer Prize for Fiction, o American Book Award for Fiction e o National Book Critics Circle Award.

A reação crítica à obra de John Updike tem sido muito diversificada. Vão desde as acusações de N. Podhoretz e de J. Aldridge de que ele não tem nada a dizer e se escora na indiscutível habilidade de escrever bem, até o elogio da seriedade de sua ficção, com o realismo minucioso, ou a criação de parábolas, como observam Alice e Kenneth Hamilton (*The Elements of John Updike*). Donald J. Greiner (*John Updike's Novels*) compara-o a Norman Mailer, notando a preocupação deste com assuntos tidos como importantes em contraste com a observação que Updike faz do cotidiano, normalmente ligado aos problemas domésticos da classe média americana. Robert F. Kiernan (*A Literatura Americana Pós 1945*) classifica-o juntamente com John Cheever (1912-1982) e J. D. Salinger (1919 -) como romancistas de costumes: como Updike eles também conquistaram o público primeiro escrevendo na revista *New Yorker*. Jerome Klinkowitz costuma discutir a produção literária de Cheever e Updike, bem como textos críticos sobre eles, sob a classificação de maneiristas, no anuário *American Literary Scholarship*. Updike traz características do realismo e do naturalismo em sua ficção, com a tendência a desprezar os valores da cultura dominante; daí resulta sua atenção para com o homem comum e para com as minúcias de sua vida cotidiana, como contendo muito mais do que pode parecer à primeira vista.

A repercursão de sua obra no Brasil parece concentrar-se em torno do sucesso de *Casais Trocados*. Muito se escreveu sobre seu enfoque dos costumes da decadente sociedade americana, sobre seu



primoroso estilo, e sobre eventuais descrições relacionadas com o tópico do sexo. Sentimos que tem faltado na impensa brasileira comentários sobre um alcance mais profundo da ficção de Updike. Quanto a estudos acadêmicos no Brasil, com alguma extensão e seriedade de propósitos, a produção é escassa, sendo uma das honrosas exceções a tese de doutorado do professor da Universidade Federal de Santa Catarina Dilvo I. Ristoff, *Updike's America - The Presence of Contemporary American History in John Updike's Rabbit Trilogy*, sobre os três primeiros livros da tetralogia do Coelho. A pretensão de estarmos contribuindo para o estudo crítico sobre Updike no Brasil e a admiração de longa data que nutrimos pelo escritor foram as causas principais da elaboração da presente tese.

Contrariamente ao posicionamento crítico que leva em consideração o determinismo da cena histórica contemporânea no delineamento do protagonista, como o de Ristoff (*Updike's America*), consideramos que, para um estudo da tetralogia de John Updike, o enfoque mais adequado ainda é aquele que considera o Coelho como agente de sua história. Pretendemos mostrar como se processa a relação entre narrador e protagonista, e entre aquele e a história narrada, bem como as conclusões que se podem daí tirar. O universo da tetralogia é visto através dos olhos e da identidade de Harry, o Coelho, porém a voz que relata esse espetáculo é a do narrador. Há em Harry uma oposição básica entre seu papel social, visto de fora, e sua identidade profunda, e nisso reside a mola propulsora de todas as imagens, metáforas e temas inerentes aos romances em questão. Longe de ser teleguiado ou determinado pelas circunstâncias históricas, o protagonista evidencia justamente o embate de sua vida interior com aque-



las pressões externas. A focalização interna no protagonista torna-o aqui um ponto de referência também para a identidade das outras personagens.

Uma vez que as traduções de dois dos livros da tetralogia receberam nomes diversos nas diferentes épocas em que surgiram no Brasil, optamos pelo uso dos títulos originais a fim de evitar qualquer discrepância neste sentido.

Considerando-se a tetralogia como um todo, *Rabbit, Run*, de 1960 (*Corre, Coelho / Coelho corre*), *Rabbit Redux*, de 1971 (*Coelho em crise*), *Rabbit Is Rich*, de 1981 (*O Coelho Está Rico / Coelho cresce*) e *Rabbit At Rest*, de 1990 (*Coelho cai*), notamos que o protagonista passa gradativamente de uma atitude rebelde de busca de algo mais elevado para sua vida a uma acomodação às normas familiares e sociais. Cada um dos romances está ligado a uma década específica, da de 50 à de 80, e Harry muda sua atitude com a idade e com a constatação própria de que cada movimento que leva em conta apenas o apetite e a vontade pessoais agride e mata os que estão ao redor. Todo o patético deste estado de coisas está, porém, no interior de Harry, à medida que ele sufoca as manifestações externas da ânsia da busca de algo espiritual que pudesse dar um sentido a sua vida insossa. Em que pese a possibilidade de Updike estar nos mostrando a inexorabilidade, e mesmo a crueldade, com que os ditames sociais se impõem ao cidadão comum, o Coelho não está aí para nos convencer de que este ou aquele sistema de organização social seja válido ou não, mas sim para assinalar como é problemática e conflituosa a vida humana em sociedade e em confronto com a própria identidade.

Ainda quanto a referências extra-diegéticas, especialmente no que diz respeito aos momentos e eventos históricos das décadas em questão, chegamos à conclusão de que esses elementos externos ao



protagonista servem, por assim dizer, apenas de moldura para o quadro principal, que é justamente a individualidade da consciência de Harry. Esses fatores não desempenham um papel determinante e decisivo no caráter do protagonista; ao contrário, é ele que vai se revelando aos poucos em toda sua complexidade humana, enquanto reage, interna e externamente, a esses estímulos de fora. Fossem esses estímulos outros, o espetáculo seria ainda o da ação, notadamente a interna, da personagem central. Tomemos como exemplificação o caso do segundo romance, *Rabbit Redux*: o mundo está em polvorosa, a agitação social é grande, e Harry vê sua casa invadida por um estranho marginal, Skeeter, com o qual passa a conviver. Essa experiência, potencialmente traumática, deixa-nos um Harry psicologicamente ileso no final, e que calmamente volta à sua vida rotineira com a esposa Janice; mais importante para ele é seu vago complexo de culpa, que ademais parece ser o da própria condição humana.

Consequentemente, assinalamos a importância centralizadora do ponto de vista narrativo, em terceira pessoa e no presente do indicativo, com um frequente discurso indireto livre e que aproxima, e faz mesmo coincidir as axiologias de narrador e protagonista. As imagens mais importantes dizem respeito comumente à percepção e sensibilidade de Harry e constituem instantâneos de suas experiências, que apontam para uma concepção de vida daí resultante, por mais incerta que seja. O discurso pode ir do muito elaborado e minucioso, referindo-se via de regra ao mundo do narrador, ao simples e direto, com o modo coloquial dos diálogos de que Harry participa ou percebe à sua volta. Logo, os grandes dilemas humanos como religião, morte, significado da vida, escolha entre certo e errado, liberdade, adultério e outros nos são apresentados tais como experimentados pela consciência de Harry. Pela averiguação destes dados, privilegiamos o



enfoque que considera a abordagem de análise a partir do agente Harry, que acreditamos ser a mais adequada para o alcance do significado crucial da tetralogia.

A ambivalência permeia toda a tetralogia e tem no padrão de contraste entre o convencional e o não convencional uma de suas maiores constantes. Não se pode dizer que o autor implícito opte claramente por um destes dois elementos. Quanto a este aspecto vemos Updike como a pessoa a que se refere o verso "Por saber demais ele não discute nem julga", da canção de Bob Dylan ("Love Minus Zero / No Limit", Bringing It All Back Home, disco Columbia CL 2328/CS 9128, 1965). Ele se limita a mostrar um quadro convincente da própria falta de direção da vida humana e, surpreendentemente, da ternura de estarmos nos vendo na personagem. A ficção de Updike, segundo ele próprio, tem a qualidade do *sim, mas...*, *Quis que minha obra dissesse "sim, mas..."*. *Sim, em Rabbit, Run, a nossos urgentes reclamos interiores, mas... a ordem social entra em colapso de forma criminosa. Sim, em The Centaur, ao auto-sacrifício e ao dever, mas... como ficam a agonia e o apagar-se individuais do homem?... (Paris Review, "The Art of Fiction XLIII", 1960)*. Sim, um determinado fator pode ser considerado positivo numa certa passagem, mas, inevitavelmente, abrirá para uma nova situação ou consideração não tão positiva, e vice-versa; assim funciona a vida, tudo tem implicações outras que fogem ao nosso controle. Não obstante, parece que o não convencional, em Updike, oferece a possibilidade de esperança ou de mudança, traços inerentes ao homem. Podemos lembrar os exemplos do adultério, da inovação, da fuga ao sistema, de costumes alternativos, da inversão de papéis dos cônjuges; do inusitado, enfim. Ironicamente, o protagonista, símbolo do tipo de atitude não convencional, com sua corrida sem rumo, típica em *Rabbit, Run*, tende com o passar do tempo



a aceitar cada vez mais atitudes conformistas, que lhe trazem segurança material, como em *Rabbit Is Rich*.

Sendo pequena a distância entre narrador e protagonista, como já foi dito, a responsável pela apreensão da realidade que chega ao leitor, tudo depende, na tetralogia, dessa focalização interna, que se dedica a nos mostrar situações que não remetem a conclusões muito categóricas. Updike parece preferir nunca nos fechar o quadro de possibilidades, mas sim mostrar que um dado pode ter diversas leituras e, invariavelmente, leva a outros, sucessivamente. Assim, ele não nos propõe uma visão única do fato, surgindo o que Uphaus chama de "honestidade intelectual" (Uphaus, 22). O paradoxo, portanto, frequentemente aparece como parte integrante da experiência humana. Quando, em nossa leitura, por certos índices convencionais, aventuramo-nos a formar muito depressa uma imagem, corremos o risco, com certeza, de nos surpreendermos logo em seguida. Logo, o Coelho é uma personagem de difícil avaliação quanto à natureza de suas ações ou de sua filosofia de vida, se é que há uma, e mesmo quanto a seus sentimentos, que costumam ser contraditórios.

A caracterização de "Rabbit", valiosíssima para a estrutura de toda a tetralogia e inclusive para as das outras personagens, não é feita de forma discursiva, lógica ou objetiva; e o mesmo acontece com tudo o mais: problemas sociais, momento histórico, valoração de ações, ideologias, religião, e assim por diante. Ao contrário, Updike capta nossa atenção, sentimento e intelecto através do meio especificamente estético. Suas imagens, metáforas, alusões, símbolos, tom, e perspicácia descritiva sugerem-nos toda a complexidade e maravilha humanas, que frequentemente têm sido deixada de lado, na literatura contemporânea, em favor de realidades mais bombásticas como o progresso tecnológico, guerras, terrorismo, política,



modismos, escândalos e coisas semelhantes.

Os temas encontrados giram, via de regra, em torno desse estado caótico da relação homem-mundo, e das curiosas relações sociais estabelecidas ao longo do tempo. Com sua rebeldia inicial, o Coelho nos mostra quão absurdos certos costumes da vida em sociedade podem ser. Sua rebeldia, que o leva a tentar fugir de uma vida medíocre, magoa as pessoas que o cercam mas, ao mesmo tempo, elas passam a ter mais consideração por ele como pessoa por causa disso. Ele próprio passa a acreditar que a vida exige do homem o movimento, e que este movimento sempre mata.

Nesse caos avulta o tópico da fé, em si inexplicável em termos humanos racionais, mas capaz de fazer com que o homem enfrente a confusão humana reinante. A fé de Harry vacila, diminui com o passar do tempo, mas a intimidade de que nos é dado compartilhar com sua psique faz-nos entrever que a chama continua lá dentro dele, apesar de todos os percalços que encontra.

Harry, embora não muito interessante em termos objetivos, é o centro desta tetralogia, com a complexidade e ambiguidade próprias do psiquismo humano frente a um mundo nitidamente disfórico. Assim, discordando de Ristoff (Updike's America) neste aspecto, cremos ser mais adequada uma análise literária centrada no agente Coelho, do que uma que considere fundamental a cena como fator externo determinante do homem Harry. Concordamos com Uphaus em que "As personagens principais tornam-se representativas sem perder a credibilidade como indivíduos, e a situação permanece convincente, enquanto refletem o evento histórico." (Uphaus, 80). As personagens, inclusive "Rabbit", refletem os eventos históricos, mas não são determinadas por eles, na tetralogia. Ainda segundo Uphaus, "O evento histórico torna-se então experiência pessoal para o Coelho." (Uphaus,



80). O evento histórico é assimilado por Harry e só tem importância em sua formação geral na medida em que se reflete em sua experiência particular de vida, enquanto sente a relação do fato externo com o que está acontecendo em seu interior. É essa interioridade que afeta sua maneira de ver o fato histórico externo, e não o contrário.

Há certas características da tetralogia que merecem um destaque inicial. A partir de 1960 os livros foram publicados com um intervalo de mais ou menos dez anos, focalizando o protagonista em momentos diferentes de sua vida e envolvido de alguma forma com os usos e costumes de cada época específica. Harry tem aproximadamente a idade do próprio Updike quando da feitura do livro; talvez seja um ano mais novo que o autor. Cada romance torna-se também mais extenso que o anterior (255, 348, 437 e 505 páginas, respectivamente), sendo possivelmente um indício de que, à medida que a vida avança, acontecem menos coisas externas e a vida interior fica mais intensa, requerendo assim mais espaço para suas introspecções, repetições e descrições minuciosas. O último livro, *Rabbit At Rest*, por exemplo, detém-se a mostrar os pensamentos de Harry acerca da morte, principalmente.

O narrador não faz a descrição da glória desportiva do protagonista enquanto realidade presente. O apelido Coelho ("Rabbit") é lembrança do tempo da juventude, em que Harry foi herói do basquetebol na escola secundária e, por extensão, trata-se também de uma imagem mostrando as vicissitudes por que passa o homem que ainda não deixou por completo seu lado animal e instintivo morrer frente à pressão de uma sociedade altamente formal e impessoal.

Numa visão geral da tetralogia podemos delinear o significativo trajeto de Harry. Da revigorante rebeldia que leva o protagonista a correr de um lado para outro, à procura de um objetivo mais



alto que possa justificar uma vida, até o conforto material e a relativa paz doméstica no terceiro livro e os indícios do fim no quarto, divisa-se um caminho patético que, afinal, parece ser bem comum. Este caminho mostra a crescente aceitação, pelo menos exterior, por parte de Harry, dos moldes considerados "normais" dentro do grupo humano em questão, ou seja, a classe média norte-americana. Harry conforma-se com um bom emprego, com uma vida doméstica sem maiores empecilhos logísticos, com o conflito com o filho, com o ocasional sexo com a esposa e pequenas traições, com os amigos do clube, e assim por diante. O tema a que se chega a partir da evolução mostrada nos romances fatalmente será o do triunfo dos valores do sistema sobre a alma inicialmente livre e sonhadora do jovem. Um dia este jovem se descobre adulto, como em *Rabbit, Run*, em que aparece com vinte e seis anos e já privado de sua passada glória colegial, obrigado a fazer concessões a um estilo de vida pré-estabelecido. As concessões são cada vez maiores, e o animal engorda, fica preguiçoso e sucumbe; a rebeldia, quando aparece, é psicológica, mas, assim, aumenta o patos da tragédia da jornada humana em direção ao ocaso.

Rabbit, Run é o livro sobre o protagonista que já não é mais tão jovem como antes, mas seus sonhos e ideais estão ainda muito vivos, entrando em choque com uma realidade que chegou de forma muito brusca e não oferece perspectivas além de uma fila interminável de dias enfadonhos. Sua reação é a da fuga aos padrões aceitos de comportamento, e isto adquire uma importância maior quando se observa de que maneira essa rejeição dos padrões vigentes afeta as outras personagens.

Ao longo da tetralogia, nota-se que o inquieto "coelho" fujão, sedutor de mulheres, fascina as pessoas que entram em contato com ele, mas à medida que ele vai se acomodando àqueles padrões o



fascínio decresce sensivelmente. Como exemplos de fascinados por Harry no primeiro romance podemos citar Ruth e o reverendo Eccles. Mais tarde, a própria Janice diz a Harry que o preferia no tempo em que ele fugia de casa. (Rabbit Redux, 95).

Esse fascínio parece indicar que algo não vai nada bem com a vida contemporânea socialmente estruturada: quando a pessoa produz os movimentos esperados do ritual comunitário ela se perde no todo como apenas mais um; sua situação de indivíduo interessante e fascinante só aparece quando esses valores são contestados. Reforça esta teoria o grande número de desajustados que não reagem mais, particularmente em *Rabbit, Run*, a saber, Eccles, pastor protestante que confessa não ter fé e sente inveja da de Harry; Lucy, esposa de Eccles, é praticamente pagã e acha o cristianismo uma religião neurótica e fator alienante do marido; a própria mãe de Harry está presa a um casamento infeliz; Tothero, o treinador que diz ter sempre valorizado o aspecto moral no esporte e na vida, leva agora uma existência abjeta servindo de chacota a frequentadores de bar; e assim, outros.

A época da história em *Rabbit, Run* é 1959, e o otimismo e ingenuidade da década casam-se muito bem com a atitude quixotesca de Harry; ele age exteriormente numa tentativa concreta, mas infrutífera, de mudar de forma permanente uma situação desinteressante e desencorajadora.

A situação está bem diferente em *Rabbit Redux* em que se tem a impressão de que as personagens principais se dispuseram a extravagâncias e experimentações mais ou menos heterodoxas. O livro é pleno de inquietações e agitação, com conflitos raciais, movimentos pelos direitos humanos, com a chegada do homem à lua e a liberalização dos costumes em geral. O progresso científico é colocado pateti-



camente em contraste com a pequenez humana; o homem está confuso e angustiado. O contraste revela-se na própria condição de Harry, que tem um modesto emprego de linotipista, mas ao mesmo tempo mora em Penn Villas, zona residencial da remediada classe média de Brewer. Isto acontece porque Janice é proveniente de família abastada. No final, Harry encontra-se em condição desesperadora: perde a casa, a amante e o emprego, e seu filho passa a culpá-lo pela morte de Jill; a promessa de uma futura estabilidade, cuja natureza é ainda mais incerta, reside no fato de sua reconciliação com Janice.

Externamente, Harry é uma figura mais passiva que em Rabbit, Run; é ele que passa pela experiência de ter Skeeter e Jill dentro de casa. É como se os tempos conturbados da década de sessenta, de contestação, de mudança e de conflitos raciais, fossem trazidos para dentro de sua casa. Há uma violentação, mais ou menos consentida, de sua intimidade. Ele assiste a tudo e, naturalmente, também é afetado pela experiência. Americano tradicionalista, pró-Vietnã, ele tem a oportunidade de se deparar com o reverso da medalha, em Skeeter. A curiosidade predomina em Harry e, apesar de conflitos violentos com Skeeter, este o fascina indiscutivelmente e é a figura mais ativa e influente neste romance, sendo seus alvos principais o próprio Harry, Jill e, até certo ponto, Nelson. O título Rabbit Redux significa o Coelho de Volta, de volta à casa que, paradoxalmente, não é um lar no sentido convencional, mas abriga um grupo com um nítido senso de família, uma família terrível comandada por Skeeter. Nesta volta para casa, ainda surpreendentemente, Harry entra em contato com as mazelas de seu próprio país, através do veemente exemplo de Skeeter, da desorientação de Jill, bem como através dos tumultuados noticiários de televisão e das leituras dirigidas. Em vez de ser uma volta ao lar, trata-se de uma volta de Harry para



dentro de si mesmo, em que abre sua mente ao máximo a fim de aprender algo de outras experiências que não conhecia. O resultado parece arraigar mais o protagonista ao chão; não haverá mais no Coelho o arrobo de chocar abertamente as convenções. Outro sentido de *redux* é recuperado, como de alguma doença. Neste caso sua recuperação seria do mal experimentado através de Skeeter e Jill, e levaria fatalmente à reconciliação com a esposa. Resta o fato de que a saúde final é no mínimo discutível pois carece de força e convicção, o que torna o título um tanto irônico.

Rabbit Is Rich evidencia o assentimento externo e final de Harry à máscara e às práticas do grupo social a que pertence. Assume o papel de patrão e pai, sem deixar de sentir por vezes o ridículo da primeira condição e o sofrimento da segunda. Se o Coelho está rico e é visto como tal, seu interior ainda busca timidamente metas não materiais. Precisa do amor de uma suposta filha mas, como o país, ele carece da energia necessária para procurá-la e fazer valer os direitos de pai. De certa maneira, Harry foi corrompido pelo conforto da vida abastada que o casamento com Janice e a morte do sogro lhe trouxeram. A procura do sucesso financeiro tem sua âncora na imagem dúbia de Webb, dado a comportamento excuso para tirar proveito das situações. Resulta do contato com Webb a eficaz aprendizagem de Harry quanto aos valores cultuados pela competitiva sociedade capitalista.

Por outro lado, é no terceiro romance que Harry experimenta pela primeira vez a constância de uma vida familiar, definindo assim sua posição diante de Janice e de Nelson, como marido e pai. A cena familiar final assinala o lugar a que Harry estará vinculado daí por diante. Esta cena lembra a busca intrutifera da provável filha com Ruth. Esta procura é o resquício de ação nobre e externa que



resta a Harry neste romance. Trata-se, para ele, de uma forma de compensação pela perda da filha que Janice deixara morrer.

Em *Rabbit At Rest*, Harry tem a preocupação constante com a idéia da morte; tudo lhe lembra o fim da linha; é um livro triste, ensimesmado, cheio de alusões à consciência de que o tempo está se esgotando, da fragilidade dos laços humanos e do patético das paixões; o resultado é a irremediável solidão mas, por outro lado, como assinala o próprio Updike, apesar dessa solidão humana peculiar é absolutamente necessário que se continue a acenar através do vidro, em direção ao próximo. *Somos tão curiosamente sós; mas é importante continuar fazendo sinais através do vidro. (Picked-Up Pieces, 498).* Talvez, a "explicação" para a provação humana seja inerente a esse esforço. Uma certa indefinição paira sobre o final do livro: a última fala, — *Dem, Nelson, o que eu posso lhe dizer é que a coisa não é tão má assim...* é realmente proferida por Harry ou está no mesmo nível que — *Não morra, papai. Não! (Rabbit At Rest, 505)*, que Harry infere a partir da expressão e dos movimentos do filho? A situação real, apesar do prognóstico do médico, também está vaga; deve-se concluir que Harry já está morto? Pensamos que não; sua consciência acompanha o texto da tetralogia até a última linha.



2. FÁBULAS

Façamos às fábulas, no sentido que lhes dá Tomachevski (Eichenbaum et al., 173), ou material anterior ao tratamento estético, dos romances. Procuramos aqui ater-nos aos núcleos narrativos, enquanto unidades sintagmáticas pertinentes ao desenvolvimento da diegese, dando atenção aos aspectos cronológico e causal.

2.1. Rabbit, Run

Rabbit, Run começa com Harry já saudoso da fase áurea de sua vida, quando era jogador estrela de basquete. No momento ele já está casado com Janice, que já não é mais bonita como antes e que, grávida, passa o dia todo assistindo a programas medíocres de televisão, e já com uma clara tendência ao alcoolismo. "Rabbit", que tem um sub-emprego vendendo um utensílio de cozinha para descascar batatas, desespera-se com tal situação, resolve abandonar a esposa e o filhinho Nelson e fugir de carro para o sul, onde sonha encontrar mulheres belas, pomares e uma natureza acolhedora.

O que realmente acontece é que o Coelho está muito agitado, sente-se um criminoso, e sua viagem noturna é quase um pesadelo que o acaba levando de volta à sua cidade, Brewer, de onde partira. Contudo, não volta para a esposa; procura, ao invés, seu antigo treinador Tothero, que o acolhe, e através dele envolve-se com uma prostituta, Ruth, com quem passa a viver. Harry engravida Ruth, que procura se regenerar pelo amor de Harry, que, no entanto, a abandona e volta para a esposa quando esta dá à luz a menina Rebecca June. Logo surge um atrito entre marido e mulher e Harry, julgando-se preterido sexualmente pela esposa, foge de novo. Janice passa aquela



noite e parte do dia seguinte em casa com o bebê e Nelson; para aliviar a tensão ela volta a beber e acaba deixando Rebecca afogar-se na banheira ao tentar lavá-la.

Avisado da tragédia pelo reverendo Eccles, pastor dedicado entre outras afazeres a regenerar Harry, este volta à casa dos sogros onde Janice fora procurar guarida e, dada a gravidade do momento, reconciliam-se de novo. Cresce o sentimento de culpa em Harry a tal ponto que, no cemitério, baixada a criança à sepultura, ele, no silêncio reinante, começa a dizer alto que a culpa não é sua e sim de Janice, e logo em seguida foge correndo em direção a um bosque próximo. Esconde-se. Procura Ruth naquela mesma noite e ela lhe dá um ultimato: ou ele se divorcia da esposa e vem morar com ela e com a criança que vai nascer ou esqueça ambas para sempre e ela faz o aborto. Sentindo-se pressionado por uma situação que não consegue resolver, faz a única coisa para que fora treinado a fazer bem, e com a qual se sente empenhado numa ação com algum sentido: corre, corre rua abaixo em direção ao fim da cidade, para lugar nenhum.

2.2. Rabbit Redux

A fábula de Rabbit Redux desenvolve-se no final da década de sessenta; em 1969, mais precisamente. Já no fim de Rabbit, Run Harry passara a trabalhar na concessionária de carros Toyota, do sogro; agora ele trabalha como linotipista na Verity Press, juntamente com o pai. Janice mantém um caso amoroso com Charles Stavros, imigrante grego que trabalha com ela na concessionária. Harry descobre o caso e o conflito é tão violento que Janice sai de casa e vai morar com Stavros. A maior parte da história constitui-se no relato da vida de Harry sem Janice, com quem ele mantém contatos principal-



mente telefônicos.

Vivendo sozinho com Nelson, Harry, levado por um colega de trabalho, o negro Buchanan, estabelece contato com o submundo das drogas num bar frequentado só por negros, e envolve-se aí com uma adolescente branca que fugiu de casa, Jill. Sob o pretexto de que é muito perigoso para aquele estabelecimento a presença de uma menor branca, Harry é convencido a levá-la para sua casa, onde passam a viver juntos. Até mesmo o garoto Nelson acaba apegando-se à garota hippie, e se entendem muito bem.

Através de Jill, um dia aparece subitamente na casa de Harry o jovem negro Skeeter, que está foragido da polícia e precisa de proteção. Skeeter, que é traficante de drogas, veterano da guerra do Vietnã, que tem pretensões messiânicas, que é contestador da civilização branca como um todo, da americana em particular, e que é profundamente amargurado pelo que considera as enormes injustiças que os brancos cometeram e cometem contra os negros, destila lentamente o fel do ódio causado por esta situação que o leva a extremos de delírio, e suscita reações de atração e de repulsa, ao mesmo tempo, em Harry e Jill. Tendo uma forte tendência para a doutrinação revolucionária, Skeeter leva os dois a promoverem seminários noturnos de discussão de textos selecionados de livros que possui e que mostram sobretudo a crueldade do branco contra o negro escravo. Durante essas leituras dirigidas feitas por cada um deles, às vezes até Nelson colabora, Skeeter atinge paroxismos de ódio, levado também pela maconha que consomem.

Jill saíra de casa porque os pais não a compreendiam, segundo ela, e principalmente porque seu namorado, Freddie, queria induzi-la a tomar drogas mais fortes. Por ironia, na casa de Harry, no final, fica claro que Skeeter a levou a tomar mescalina, e ela passa



a definir, cada vez mais dependente de Skeeter. Durante as leituras, Harry, depois de uma hesitação inicial, passa também a consumir maconha. Nelson é frequentemente mandado para o andar superior quando as sessões se tornam muito sérias.

As extravagâncias e a licenciosidade sexual de Skeeter e Jill, originalmente amante de Harry, trazem problemas com a vizinhança racialmente preconceituosa. Harry é procurado por dois vizinhos que o advertem para que expulse o negro da casa, mas ele mostra-se firme e não lhes promete coisa alguma. A rigor todos são contra Skeeter, mas na prática persiste a ambivalência de atitude; Jill, em seus últimos momentos de lucidez, pede a Harry que mande Skeeter embora, mas ao mesmo tempo torna-se dependente dele para conseguir a droga que consome. O próprio Harry pensa em fazê-lo mas continua hesitando. Janice e o pai de Harry, ouvindo rumores, insistem com ele para que acabe com a loucura que reina na casa. Por outro lado, a comunidade negra, representada por colegas de trabalho e pelo pessoal que se reúne no bar negro, vê Harry com bons olhos.

A situação caminha para um clímax quando, numa noite Harry está fazendo uma visita, com Nelson, a uma amiga separada do marido, Peggy, e Skeeter lhe telefona da rua dizendo que há problemas sérios e ela precisa voltar para casa com urgência. Ao chegar à casa, com o filho, Harry a encontra em chamas. Apesar dos esforços dos bombeiros, a casa é parcialmente destruída e Jill morre no incêndio. Nelson fica profundamente traumatizado pelo fato. Harry encontra-se secretamente mais uma vez com Skeeter, que lhe diz ter visto os possíveis incendiários atravessando o jardim da casa antes do fogo; Skeeter despede-se insolentemente de Harry dizendo que só voltaria na glória. Harry recomenda-lhe, depois de lhe dar algum dinheiro, para



que não volta de maneira alguma.

A última parte do livro é dedicada à irmã de Harry. Mim, ou Miriam, é agora uma espécie de prostituta de luxo na costa oeste e vem a Mount Judge para visitar a mãe com mal de Parkinson. Mim torna-se conscientemente o elemento catalisador da volta de Janice para Harry. Charlie Stavros já apresentava sinais de incômodo em relação a seu caso com Janice; solteirão convicto, ele acaba se envolvendo com Mim, que se encontra com ele umas poucas vezes. Isto é suficiente para que o conflito entre Stavros e Janice cresça, e o movimento que se segue é o da aproximação dela com Harry. Janice adquiriu uma certa desenvoltura sexual, tendo, por algum tempo, conseguido uma harmonia amorosa intensa com Stavros. Na cena final, Harry e Janice dirigem-se a um motel, por sugestão dela, e processa-se a gradativa reaproximação dessas duas personalidades modificadas.

2.3. Rabbit Is Rich

Rabbit Is Rich mostra Harry no final da década de 1970 e, como indica o título, numa condição financeira invejável como Representante Chefe de Vendas da concessionária de automóveis Toyota, Springer Motors, que o sogro lhe deixou ao morrer. Harry e a mulher moram com a sogra dele na antiga casa dela. O momento é de escassez de combustível e o carro Toyota tornou-se uma ótima opção econômica; tudo anda muito bem para Harry. Metade do negócio pertence à mãe de Janice, e a outra metade é do casal. Charles Stavros agora trabalha ao lado de Harry na Springer Motors, e continua solteirão, cardíaco, eficiente e experimentado.

Harry encontra-se por acaso com a garota que ele julga ser sua filha com Ruth, o que reaviva nele o desejo da busca da suposta



filha.

O conflito principal do romance aparece quando Nelson, agora em idade universitária, resolve abandonar o curso superior da Universidade Kent e voltar para casa para trabalhar na Springer Motors. Harry opõe-se violentamente a tudo isso mas, pressionado pela esposa e pela sogra, acaba por concordar. No devido tempo transpira que Nelson engravidara uma funcionária da universidade, Pru ou Teresa, e estava voltando a fim de preparar a família para aceitar a idéia e ao mesmo tempo encontrar um meio de sustentar esposa e criança. Nelson volta, contudo, com a colega hippie Melanie, que tem a função explícita de tomar conta dela para Pru.

A princípio, Melanie chega com Nelson e ganha a simpatia de Janice e da sra. Springer, sem que ninguém saiba a real situação do filho pródigo. Harry mantém uma situação conflituosa com o filho, por quem se sente ameaçado, e prepara um encontro de Melanie com Stavros, mas depois descobre que a moça nem namorada do filho é.

Segue-se uma tentativa de Harry de chegar à casa da moça que ele julga ser sua filha. Depois de dirigir-se de carro ao campo, ao lugar da suposta casa da moça, ele se acovarda e volta às pressas. Em casa, Harry ouve de Nelson os reais motivos de sua volta: trabalhar com ele na Springer Motors. Decide-se, com a relutância de Harry, dar um emprego temporário a Nelson.

No entanto, ao ouvir o primeiro projeto comercial -- vender conversíveis usados -- Harry se exaspera e discute com ele, avisando-o para que fique fora do negocio e não o atrapalhe. Nelson, revoltado, entra num dos conversíveis e atira-o contra outro, amassando-os.

Melanie parte, e não muito tempo depois chega Pru, a noiva grávida de Nelson, com quem Harry se simpatiza logo de saída. Janice



e a mãe falam com o reverendo Campbell com vistas ao futuro casamento, aguardado com apreensão por Nelson, e também por Harry, que oferece ao filho uma oportunidade de fuga, que ele recusa.

Harry investe na compra de moedas de ouro. Nelson e Pru casam-se e a sra. Springer acerta com Stavros para que ele seja demitido e dê o lugar a Nelson na firma, permanentemente. Harry volta à fazenda à procura da "filha", vê a moça com o namorado e com a mãe envelhecida e foge mais uma vez.

Numa festa na casa do casal amigo Webb e Cindy, Harry pesquisa a intimidade do banheiro e do quarto de Cindy, por quem ele nutre uma obsessiva paixão. Aí mesmo na festa, por iniciativa de Harry, planeja-se uma futura viagem ao Caribe, com os dois casais diretamente envolvidos mais Ronnie e Thelma Harrison.

Nelson leva a esposa grávida a uma festa e fica incomodado com a insistência de Pru em dançar naquelas condições. Ao tirá-la da festa, Nelson esbarra na esposa e ela cai na escada e vai parar no hospital. Ela não perde o bebê e o acontecimento reúne a família toda cercando Pru de cuidados, diante de um pasmado Harry.

De volta à casa, Harry sugere a Janice a mudança para uma casa só deles e ela reluta em aceitar a proposta. Harry revende as moedas de ouro e compra dólares de prata com o dinheiro; o valor da prata cai e Harry perde algum dinheiro.

Harry e Janice comunicam à sra. Springer sua intenção de mudar, esta sofre muito com isso, pois não quer ficar sozinha com Pru e Nelson, que fica revoltado com a decisão dos pais.

Na viagem ao Caribe, com o beneplácito do decano Webb, os amigos decidem fazer uma troca de casais e, Harry, contrariamente a suas expectativas, tem que passar a noite com Thelma, esposa de Ronnie, deixando a possibilidade de dormir com Cindy para a noite



seguinte.

Porém, Nelson não aguenta mais a pressão da vida doméstica e foge de volta para a universidade, abandonando a esposa e a avó. Harry é obrigado a voltar às pressas com Janice e isto frustra sua conquista de Cindy. Pru tem a criança, uma menina, na noite anterior à chegada dos sogros.

Com a fuga de Nelson a sra. Springer chama Stavros de volta para ocupar seu antigo lugar na firma e ele aceita. Harry procura Ruth e a encontra viúva, morando no campo; faz-lhe muitas perguntas sobre a possibilidade de a filha dela, Annabelle, ser dele também, mas na conversa deles fica uma atmosfera de indefinição, e Harry se conforma com o fato de que jamais terá uma filha.

Harry e Janice mudam-se para a casa de Penn Park, em Brewer. Nelson manda notícias de que voltou para a universidade e está morando com Melanie. Pru compreende, Harry demonstra espanto com este estado de coisas mas está feliz porque o filho deixou de ser uma ameaça. Janice convida a mãe e a nora para virem conhecer a casa nova e, na cena imediata final, Harry pega a neta no colo, afaga-a e medita sobre a condição de avô misteriosamente alcançada e sobre a passagem inexorável do tempo.

2.4. Rabbit At Rest

Harry está com cinquenta e seis anos e semi-aposentado em Rabbit At Rest, e há cinco anos passa um semestre no apartamento que possuem num condomínio de veraneio na Flórida com a família. Neste final do ano de 1988, Harry e Janice recebem Nelson e a esposa Pru e seus filhos, Judy, de dez anos e Roy, de quatro. Nelson, prematuramente envelhecido segundo Harry, dá sinais de ser marido e pai re-



lapso e continua de muito mau humor, especialmente em suas conversas com o pai. A primeira discussão deles diz respeito ao fato de Harry quase ter se perdido com a neta no aeroporto ao recebê-los. O protagonista sofre aqui com as suspeitas dos outros sobre sua capacidade geral relacionada a sua idade.

Nelson expõe sua crítica de que Harry prefere Judy a Roy. Ele fizera alterações na agência Toyota, despedindo velhos funcionários e contratando outros, que Harry mal conhecia, e continua achando que os carros japoneses estão saindo de moda e que as pessoas querem o luxo novamente. No momento presente Harry está perguntando sobre um relatório financeiro da Springer e Janice está respondendo com evasivas. Mesmo recebendo a família do filho, Harry encontra tempo para as partidas de golfe com colegas judeus da Flórida, mas joga mal e sente que na verdade não pertence totalmente ao grupo.

Janice parece satisfeita na meia-idade, frequenta reuniões regulares de um grupo feminino e joga tênis. Pru, mais velha e atraente aos olhos do velho Coelho, mostra sinais de estremecimentos mais profundos com Nelson, mas mantém bravamente seu papel de dona de casa e mãe.

Harry, Judy, Pru e Roy vão a um hotel na praia para que Harry e Judy possam dar um passeio de barco Sunfish; o barco vira, Harry despende muito esforço para resgatar Judy presa debaixo da vela e tem seu primeiro ataque cardíaco; com muito custo conseguem chegar à praia, Harry é socorrido e levado para o hospital.

Tendo ficado a sós com Nelson em casa, Janice pressiona-o e descobre que ele está tomando cocaína, e às vezes até mesmo crack, daí seus problemas financeiros e pressões telefônicas por parte de fornecedores da droga. Janice propõe a Nelson pagar suas dívidas com a condição de que ele pare de consumir drogas. Nelson promete e acu-



sa Pru de não lhe dar o apoio necessário em seus problemas neurológicos.

Todos vão ao hospital onde Harry está internado e Janice ouve atentamente as recomendações e conselhos médicos que Harry terá de seguir doravante; especialmente, ele deverá controlar seu hábito de comer doces e guloseimas com castanhas, que muito aprecia. Nelson volta antes com a família e Harry é mantido na ignorância do real problema do filho. E assim termina o ano de 1988.

De volta a Penn Park, em Brewer, Pensilvânia, Harry está se adaptando à sua nova condição de cardíaco. Segundo Janice, que está passando uma fase de individualismo combativo e querendo trabalhar fora, o marido vê tudo de forma diferente agora, após o infarto. Ao visitar Thelma, esposa do amigo Ronnie Harrison, Harry fica sabendo por um descuido dela que Nelson está viciado em cocaína. Num troca de casais no Caribe, em Rabbit Is Rich, Harry ficara com Thelma ao invés de Cindy, e desde então tornaram-se amantes. Este encontro é, porém, patético, pois Harry vai se encontrar com ela para comunicar-lhe seu problema de saúde e ela também está doente com lupo. A maior transgressão que acontece no encontro deles são as castanhas que ela oferece e ele acaba aceitando.

Considerando as irregularidades do relatório financeiro da Springer, Harry vai até a agência e entra em contato com os novos funcionários que Nelson contratou, especialmente com a vendedora Elvira. Esta remete-o a Lyle, homossexual aidético agora responsável pela contabilidade da agência. Harry exige que ele lhe mostre os livros de contabilidade e, após muitas evasivas e palavras ásperas, Lyle garante-lhe que só lhe mostrará as contas da firma com a expressa autorização de Janice e com o aval de Nelson.



Mais tarde, ao ter com Janice, Harry revela suas suspeitas de que Nelson está tirando dinheiro da firma para pagar fornecedores de cocaína, e diz que pretende contratar pessoal especializado para fazer um exame da real situação financeira da Springer Motors e, se for o caso, despedir e processar Nelson. Janice fica escandalizada com tal disposição e procura proteger o filho, dizendo a Harry que precisa falar com o filho antes de fazer qualquer coisa.

Numa madrugada, Pru, de Mt. Judge, subúrbio de Brewer, onde mora, telefona agitada aos sogros e diz que Nelson perdeu o controle porque não encontrou a cocaína que havia guardado em casa e acabou por espancá-la; as crianças estão assustadas e Janice e Harry prontificam-se a ir até lá imediatamente.

Quando chegam à velha casa da finada mãe de Janice, onde mora o casal, as coisas já estão mais calmas. São recebidos por uma chorosa Pru enquanto Nelson está no andar de cima pondo Roy para dormir. Os pais vão a Nelson e Harry discute asperamente com o filho e acaba mencionando a situação na Springer Motors, ameaçando-o. Nelson acaba por prometer à mãe que vai parar de tomar drogas e que vai consultar um conselheiro. Ela decide, não obstante, manter Nelson na firma, para desagrado de Harry, que teve de tomar várias pílulas para o coração nesta noite.

Nos próximos dias Harry acata a sugestão do médico e assiste à própria angioplastia pelo monitor de televisão, internado no hospital St. Joseph, de Brewer. Por coincidência, a filha de Ruth, Annabelle, e que poderia ser sua também, é enfermeira no mesmo hospital, cuida de Harry e sugere levar a mãe para vê-lo; Harry não aprova a idéia.

Enquanto Harry está internado, Janice consultou-se com Stavros e decidiram procurar Mildred, antiga guarda-livros da firma,



para examinar a contabilidade em questão; ameaçou despedir Lyle se ele não colaborar nessa intervenção. Apesar de a angioplastia de Harry ser um sucesso, o médico lhe diz que há um problema no coração de Harry e sugere-lhe uma ponte de safena em seis meses.

Janice, Stavros e Mildred descobrem que Nelson, mancomunado com Lyle, roubou milhares de dólares da firma depositando-os numa conta fantasma e declarando menos vendas de carros do que realmente houve; tudo para manter o vício de Nelson com cocaína e crack. Assim, Janice comunica a Harry que decidiram mandar Nelson para um centro de reabilitação em Filadélfia, e que nesse ínterim, Harry ficará encarregado da direção da Springer Motors.

Depois da visita de Thelma e de seu marido Ronnie, Harry prepara-se para deixar o hospital. Pru leva Nelson para a clínica de Filadélfia e Janice, tendo um exame em seu curso para corretora de imóveis naquela noite, planeja deixar Harry na casa de Pru para passar a noite. Harry não gosta da idéia a princípio, mas acaba por aceitar. Aos poucos Harry vai se sentindo o homem da casa e à noite, com a ausência temporária de Janice, com o desconsolo de Pru causado pelo marido, e Harry com sua virilidade em questão, a aproximação entre sogro e nora aumenta e acabam dormindo juntos.

Embora o Coelho volte a pensar muitas vezes em Pru nas semanas seguintes o caso amoroso entre eles não tem outros desdobramentos além daquela noite. Encarregado da direção da agência, ele verifica com o novo contador que Nelson roubou duzentos mil dólares da Springer Motors.

Logo depois morre Thelma. Harry vai ao funeral com Janice, encontra velhos conhecidos como Webb e sua ex-mulher Cindy, que um dia foi a paixão semi-secreta de Harry e agora engordou e perdeu todo o encanto que o enfeitiçara. Ronnie, marido de Thelma, chama o



Coelho de lado e discute com ele sobre a falecida; diz saber de tudo sobre eles mas só não consegue perdoar a Harry o fato de que ele jamais amara realmente Thelma, ao contrário dele. "Rabbit" considera que este foi o mesmo homem que o fizera sofrer um dia tendo um caso anterior com sua amada de então, Ruth, e não sente pena alguma dele. Ronnie afirma não querer nunca mais voltar a ver Harry.

Mas Harry terá ainda outros problemas. Ele prepara-se para receber um representante da Toyota Corporation, o sr. Shimada, que se mostra muito cordial, especialmente com Elvira, mas logo revela a que veio, isto é, combinar a data para que a Springer Motors salde sua dívida com a Toyota, que chega a mais de cento e cinquenta mil dólares. Harry vê-se obrigado a marcar o prazo para fins de agosto e depois a ouvir um sermão do japonês sobre a decadência de costumes na América e sobre a educação dos filhos e, por fim, Shimada lhe comunica que a representação da Toyota lhes foi retirada. Harry fica preocupado com a possível reação de Janice mas ela recebe a notícia melhor do que ele próprio.

Neste mesmo mês Nelson volta de Filadélfia recuperado e cheio de consideração pelos outros. Harry vê tudo isso com ceticismo e reluta diante da idéia de trabalhar ao lado do filho, que pensa até em transformar a agência num centro de recuperação de drogados, ou em dedicar-se à venda de jet-skis. Janice pensa em vender o apartamento da Flórida para pagar a dívida. Todos esses projetos causam repulsa em Harry, mas Nelson comunica-lhe que a dívida foi paga através de um empréstimo conseguido com a Brewer Trust.

Janice pensa em vender a própria casa em que moram e em irem morar com Nelson e Pru na antiga casa da mãe; Harry é contra essa idéia e, ao invés, sugere a venda da agência. Janice ganha a discussão e vai levar a proposta a Nelson e Pru, numa certa noite.



Descontrolada diante dessa possibilidade, Pru revela a Janice e Nelson que dormiu com Harry naquela noite. Janice telefona a Harry exaltada, conta-lhe o acontecido, e exige que ele vá lá imediatamente para se explicar diante deles. Em vez disso, Harry faz as malas, apanha o carro e foge para o apartamento da Flórida, passando três dias na estrada. Durante a viagem, Harry telefona a Pru, que lhe diz ter feito isso como uma maneira de retribuir a sinceridade do Nelson regenerado. Harry pede-lhe que diga a Janice para onde ele está indo.

Perdido na solidão fora de temporada na Flórida, frustrado pelo fato de Janice não lhe telefonar e preocupado com os recados regulares que seu coração doente lhe dá, Harry vai consultar mais uma vez o dr. Morris, que lhe recomenda mais exercícios físicos e que pare de comer entre as refeições. Nelson telefona e, depois de algumas acusações mútuas, diz-lhe que ele e Pru descobriram que se amam realmente e que sua mãe está pensando em vender a casa e também a agência; Harry promete pensar no caso.

Harry está caminhando, como exercício, pelas imediações da cidade de Deleon, joga basquete com alguns garotos de rua e volta a telefonar para a casa de Nelson, pressionado pela saudade dos netos. Estão comemorando a primeira casa que Janice conseguiu vender como corretora; ela ainda se recusa, no entanto, a falar com o marido. Apesar das intenções em contrário, naquela noite, Harry volta a comer demais, dando adeus ao controle de calorias.

No dia seguinte, exercitando-se de novo, Harry encontra um rapazola negro com uma bola de basquete, acertam a competição e começam a jogar. Apesar das dores regulares e crescentes que Harry sente no peito, ele insiste em continuar o jogo, até que cai desmaiado ao chão; o garoto apanha a bola e foge assustado; alguém da



vizinhança chama uma ambulância.

O infarto foi grave e o médico explica a Janice, que veio de avião da Pensilvânia com Nelson logo que soube do ocorrido, que ela deve esperar o pior. Harry está inconsciente a maior parte do tempo no hospital. Janice o visita dizendo-lhe que o perdoa, e ele não consegue imaginar de que deveria ser perdoado. Harry não consegue falar, mas quando Nelson, arrebatado, implora ao pai para que não morra ele consegue dizer-lhe, possivelmente em pensamento, que a coisa não é tão ruim assim.



3. O DISCURSO NARRATIVO

Para a classificação do discurso narrativo da tetralogia seguiremos a terminologia usada por Gérard Genette em seu livro *Figures III*. O posicionamento do narrador quanto ao nível narrativo e em relação à história permanece consistentemente o mesmo durante toda a tetralogia. Trata-se de um narrador em primeiro grau, isto é, não faz parte da história enquanto narrador, e que conta uma história que não é a sua, classificando-se, portanto, como narrador *extra-heterodiegético*. Quanto ao modo pelo qual a história é vista pelo narrador, temos uma *focalização interna variável*, ou o que N. Friedman chamaria de *onisciência seletiva múltipla*; o narrador tem livre acesso à interioridade do protagonista, e em menor escala, às interioridades de outras personagens centrais, e mais raramente, de personagens secundárias. A narração é feita predominantemente no tempo verbal presente, sendo este um dos sinais mais fortes do discurso do narrador. Como consequência da focalização interna, que se concentra sobremaneira no protagonista, é muito pequena a distância axiológica e emocional entre narrador e protagonista; o fator que os distingue é justamente a voz da narrativa primeira, que nunca é a do protagonista.

Além de breves incursões pelos interiores de personagens secundárias ocasionais, como os garotos da primeira página de *Rabbit, Run* (*Já ouviram falar dessas coisas mas não estão com muito medo; eles estão em seis e ele é só um.*) (*Rabbit, Run*, 7), a focalização passa para outras personagens centrais, também ocasionalmente. O primeiro exemplo disto é a focalização da interioridade de Ruth, a partir da página 122 do primeiro romance, e por mais de três páginas o monólogo interior indireto flui com os pensamentos dela a respeito



de sua situação presente, de seu passado, e de Harry, em especial. Aparece aqui uma certa informalidade sintática, característica da disposição psicológica da personagem no momento: grávida e apaixonada pelo homem que ainda não sabe disso. Por vezes, o narrador assume traços do próprio discurso de Ruth: *Mas este cara! Que maluco! No entanto, ele tinha uma suavidade. Pelo menos ele registrava a presença da gente.* (Rabbit, Run, 124). A visão "com" a personagem Ruth nos traz um Harry em imagem, tal como é percebido pela consciência dela.

Segue-se imediatamente a passagem para o ponto de vista do reverendo Eccles, pessoa empenhada ferrenhamente, ainda que sem muito resultado, na regeneração de Harry. O trecho de Eccles é bem mais extenso que o de Ruth (da página 126 à 144): trata-se de um texto sintaticamente mais disciplinado, em que transparece principalmente a formação moral e profissional do pastor, que, ironicamente, carece do tipo de fé que anima o próprio Coelho, e que se ressentido disso. A ordem e a disciplina do texto referente a Eccles casam-se perfeitamente com a formalidade e sujeição à norma próprias desse religioso. Enquanto o trecho de Ruth é homogêneo, o de Eccles inclui os diálogos com os paroquianos que visita, isto é, os pais do casal em questão, e com o ministro Kruppenbach, da paróquia de Harry, e que discorda frontalmente da visão que Eccles tem da religião, dizendo-lhe, — *...Digo que você não sabe qual é o seu papel ou estaria em casa trancado em oração. Lá está o seu papel: fazer de você mesmo um exemplo de fé....* (Rabbit, Run, 143).

A visão de Ruth é retomada brevemente à página 161. Formalmente a passagem é muito parecida com a anterior da personagem, e agora mostra o efeito que tem nela o abandono de Harry, que corre de volta para a esposa no hospital. A ambivalência dos sentimentos de



Ruth combina-se com a imagem do feto que traz dentro de si.

No fim das contas ela não acha que vai vomitar, mas de qualquer forma fica ali porque lhe agrada, com o braço nu apoiado na fria beirada de porcelana, e acostuma-se com a ameaça em seu estômago, que não se dissolve, que fica com ela, de forma que em seu estado de fraqueza parece que esta coisa que a está deixando mareada é uma espécie de amigo. (Rabbit, Run, 161-2).

A focalização em Janice, a esposa, aparece numa situação paralela à de Ruth, quando, após uma discussão em casa, Harry sai e ela suspeita que foi abandonada novamente; a sintaxe casual de seu pensamento lembra a de Ruth. A presente sequência vai de quando Harry a abandona pela segunda vez até o episódio trágico da morte da filhinha Rebecca na banheira. O tom casual do começo é logo abandonado e um discurso mais ordenado diz da situação de torpor e pesadelo que Janice experimenta até o desenlace final (da página 207 à 220). *A sensação que ela tem da terceira pessoa com eles amplia-se enormemente, e ela sabe, enquanto soam batidas na porta, que a pior coisa que já aconteceu a qualquer mulher acaba de acontecer a ela. (Rabbit, Run, 220).*

A visão "com" Eccles volta de maneira breve no início da última parte de Rabbit, Run, à página 221, numa conversa com a esposa, mostrando o efeito da tragédia que se abateu sobre a casa de Harry. Lucy, esposa de Eccles, cuja visão já fora abreviadamente colocada, ataca Harry violentamente e isso surpreende Eccles. Houve em fortuitos contatos entre Harry e Lucy mais do que uma simples sugestão de atração física. Deste ponto até o final, à página 255, e em todos os outros não mencionados, predomina a focalização interna no



Coelho com o discurso indireto livre. Esta visão, a propósito, predomina em toda a tetralogia, salvo nas amostras que continuarão sendo apontadas.

Em *Rabbit Redux* o narrador enfoca a mente de Janice já na página 49. Esta reminiscência da esposa de Harry é a respeito de suas emoções com relação a seu caso com Stavros; mas a preocupação com Harry permeia todo o trecho, como em contraponto. A visão com Janice vai até a página 55. É curioso que o adultério de Janice seja encarado, antes de tudo, como algo feito a Harry; isto é significativo em se tratando da visão da esposa. O caso não tem vida própria e ela rejeita desde logo a idéia de casamento ou de ficar em caráter permanente com Stavros. Eventualmente, há outros pequenos toques no livro revelando a interioridade de Janice. Mesmo em seu diálogo com Charlie, a sós, Harry não deixa de ser o tema das preocupações dela.

— Talvez ele tenha voltado para mim, para Nelson e para mim, pelos motivos antiquados, e queira levar uma vida antiquada, mas ninguém faz isso mais, e ele sente isso. Ele moldou sua vida a regras que ele sente que estão se desfazendo.... (*Rabbit Redux*, 51). Aparece mais uma vez a imagem do protagonista no discurso avaliativo da esposa.

A colocação acima leva a outras generalizações apuradas no decorrer da tetralogia. Achamos que a pouca distância entre narrador e protagonista estabelece uma constância determinante das relações do protagonista com as outras personagens. De certa forma, as personagens aparecem para o leitor assim como se apresentam aos olhos e à percepção de Harry, quando a visão do narrador parte do protagonista. Nas breves mudanças de focalização em que o narrador visita as mentes das personagens, estas estão, por assim dizer, semanticamente relacionadas com ou determinadas por uma concepção que têm do prota-



gonista. Daí nossa conclusão da importância do protagonista quando tentamos fazer juízo de valor sobre as ações ou caracteres das outras personagens. Cremos mesmo que certos críticos falham ao tentar uma avaliação externa dessas personagens sem levarem em conta a focalização que prevalece na tetralogia, ou as relações de interesse entre as *dramatis personae* e o protagonista. Ele é o centro catalisador de toda a eletricidade que une as personagens entre si e a ele próprio. E esse estado de coisas é uma decorrência direta da forma em que foram construídos os romances, isto é, uma visão de mundo a partir de uma sensibilidade e de olhos bem humanos e específicos.

Para ilustrar o ponto acima podemos apontar a passagem, em *Rabbit Redux*, em que Harry, Janice e Nelson se encontram "por acaso" com o amante de Janice num restaurante grego. A propósito da mesma afirma Ristoff, "Com uma personagem agradável como Stavros reagindo a um Coelho intolerante e racista, o leitor é levado a crer que a visão que Stavros tem da interesseira política externa americana é a mesma de Updike." (Ristoff, 89). Stavros, especificamente nesta passagem, dificilmente poderia ser classificado como uma personagem agradável. A situação no restaurante impressiona pelo atrevimento por parte de Stavros e de Janice, que só faltam admitir abertamente a Harry, e diante do garoto Nelson, que estavam dormindo juntos. Esta situação, a nosso ver, está caracterizada pela própria forma dos discursos diretos das personagens envolvidas e da narração. Note-se como o narrador se refere à mão de Stavros em seu encontro com Janice, *E lá mesmo, com a luz enviesada da parte inferior da marquise entrando pelo carro e com os últimos e agitados restos de fila comprando entradas, ele passou a pata pelos seios dela introduzindo o polegar em seu colo.* (*Rabbit Redux*, 51). (Grifo nosso.) Por meio do discurso figurado o narrador evidencia sua posição axiológica sobre



o papel ora representado por Stavros.

Queremos deixar claro que a focalização predominante no discurso narrativo impede que se veja Stavros como uma personagem simpática na sequência acima. E quanto à relação paradigmática, Updike não parece tomar partido desta natureza de maneira muito definida. Ele nunca assume a posição simplista de ser pró- ou anti-América em sua ficção, mormente numa discussão como a que aconteceu no restaurante entre Harry e Stavros, em que estava envolvido o problema de se ser um dove (pacifista a todo custo, como se proclama Stavros) ou um hawk (pessoa a favor da guerra em certos casos e da intervenção americana); e, segundo o próprio Updike, ele mesmo está mais para a segunda alternativa ("On Not Being A Dove," *Self-Consciousness*, 112-163).

No presente romance, a personalidade de Stavros tem traços no mínimo desconcertantes e difíceis de se apreciarem. Ao mesmo tempo que critica os costumes da juventude dos anos sessenta, ele faz uso da permissividade da época para seduzir Janice (bem como a jovem Melanie em *Rabbit Is Rich*), e utilizá-la enquanto dura a novidade; ameaça Harry com o divórcio de Janice para logo dizer ao protagonista que tem um problema de espaço que o impede de receber Nelson, e termina por sugerir que pretende livrar-se de Janice; embora não admita claramente, ele quer sua liberdade de volta (p. 159). No entanto, a personagem é ambígua para Harry, que sente, na observação do narrador, ter se tornado como um irmão de Stavros por meio do corpo de Janice (p. 138). Seguindo a mesma linha de pensamento Harry deve participar de um sentimento de irmandade com Skeeter por meio do corpo de Jill, no capítulo seguinte.

Em todo o capítulo intitulado "Skeeter" (da página 179 à 289) há apenas uma ligeira incursão do narrador na mente de Skeeter,



caracterizando a focalização interna. Isto acontece da página 222 à 225, quando esta personagem relembra o inferno de que participou na Guerra do Vietnã. A linguagem do pensamento de Skeeter é mais disciplinada e formal que o seu discurso direto costumeiro, em forma de diálogo, aos outros habitantes da casa. Com exceção deste trecho, Skeeter é visto de fora, numa focalização externa, em suas ações e falas, que afetam sobremaneira as pessoas que lhe estão próximas, isto é, Harry, Jill e o garoto Nelson. Numa de suas falas típicas a Harry, Skeeter externa a violência de sua acusação ao dono da casa, enquanto representante da raça branca. -- *Como você acha que toda essa porcaria de mãe-preta começou? Quem você acha que colocou no Harlem todas aquelas carolas gordas e velhas aos trinta anos?* (Rabbit Redux, 216). O tom muda nitidamente com as reminiscências do Vietnã:

Skeeter lhes fala do Vietnã. Pendeu a cabeça para trás como se o teto fosse uma tela de cinema. Quer ser fiel no relato mas tem medo de deixar voltar a coisa toda.

-- Foi quando o fim estava próximo, diz ele devagar; não havia teto nenhum, a gente ficava na chuva como animal, dormia nos buracos com as raízes espetando, e a gente aguentava. Não se morria disso. Era interessante. Era como ficar sabendo de vida em outro planeta. (Rabbit Redux, 222-3).

Este é o tom mais formal e sério que Skeeter exhibe em Rabbit Redux, aparecendo como narrador em 2º grau, intra-homodiegético, num exemplo de meta-narrativa. Na narração de Skeeter predomina o sumário, o que assinala a distância que existe entre ele e os fatos narrados, indicando que a experiência da guerra já deve estar até certo ponto assimilada pela sensibilidade do negro. O sumário implica anisocro-



nia, ou a discrepância entre a duração dos eventos narrados e a duração do ato narrativo que os transmite. Descartando o uso da cena, a personagem dá a seus ouvintes uma seleção dos traços que considera mais significativos para compor a idéia geral do que resultou das lembranças da guerra.

Outra característica notável do discurso narrativo do segundo romance consiste na reprodução de trechos dos livros que Skeeter possui. Eles formam o *cópus* considerado nas leituras dirigidas à noite na casa de Harry. Essas leituras têm o fim declarado pelos intrusos de implementar a educação do Coelho, que Jill e Skeeter acham racista, reacionário e egoísta. Os livros foram previamente preparados por Skeeter com cliques e anotações coloridas, e ele determina que passagens serão lidas, e por quem. As leituras vão desde a de Jill, com sua dicção de mocinha que estudou em bons colégios, até a de Nelson, que lê na forma vacilante de ginasiário. O clímax desta prática chega uma noite com Harry lendo o texto mais sério, de *The Life and Times of Frederick Douglass*, que leva Skeeter a um paroxismo de paixão e revolta.

Inicialmente, Harry apanha por conta própria um livro de Skeeter. O texto fala num estilo altissonante e panfletário da necessidade de os oprimidos lutarem contra a opressão dos mais fortes, conclamando a todos para cerrarem fileiras com o socialismo pan-africano (p. 197). Harry assusta-se com a mensagem e recoloca o livro no lugar.

A primeira leitura dirigida por Skeeter é feita por Jill, do livro *Slavery*. O trecho traz uma personificação da América, que, perguntada sobre o que fez com seu irmão, responde reconhecendo as injustiças que cometeu. — *Olhai, lá está ele nos arrozais do sul, nos campos repletos de algodão e de cana viçosa. Ele era fraco e o*



agarrei; nu e eu o agrilhoei; ignorante, pobre e selvagem e eu o subjuguiei. Coloquei em seus ombros mais fracos minha opressiva canção.... (Rabbit Redux, 210). Skeeter reage a essas leituras, mostrando que viveu essas idéias linha por linha, e se ressentido de toda a humilhação que o branco infligiu ao negro. Essa atividade é, no entanto, mais uma com um valor dubio dentro do contexto do livro; pois, embora seja verdade que as leituras sejam feitas por todos, menos por Skeeter, com seriedade, e as observações do jovem negro mostrem todo seu estado de indignação e ódio, na noite em que Jill, Nelson e Harry lêem pela primeira vez, todos estão esperando ansiosamente pelo programa cômico de televisão Laugh-In. Nelson só foi convencido a ler com a promessa de que não perderiam o programa.

O dramático discurso reproduzido do livro de Skeeter tem como decorrência a reação emocional do negro, mas entra em evidente contraste com o fato na história de estarem esperando a hora do programa humorístico na televisão. São índices de dubiedade na situação vivida na casa, que também encontram apoio na caracterização de Skeeter.

A leitura que causa mais efeito, porém, só acontece dias mais tarde. Skeeter pede a Harry que leia um trecho do livro que fala da história da escrava negra Esther, que desperta a ira de seu amo branco por ser bela e estar apaixonada pelo escravo Ned Roberts. Em decorrência disso ela é chicoteada cruelmente e Skeeter torna-se violento logo após a leitura, agride sexualmente a Jill e a humilha como compensação, numa inversão de papéis. Harry só se preocupa com Nelson e não faz nada para defender Jill, apenas manda o filho para o quarto enquanto Skeeter desempenha seu drama de negro humilhado, diante dos olhos do branco que quer aprender com esse outro lado da vida.



é quase inevitável, para o leitor da tetralogia, estabelecer um paralelo dessa violenta reação de Skeeter ao texto que lhe é lido com a atitude de indiferença e distância que Harry, vinte anos mais tarde, evidencia ao ler seus livros de história, em *Rabbit At Rest*. Motivos condutores da diferença saltam aos olhos: Skeeter provavelmente sentiu na pele os problemas de que lhe falam os livros, e ele mesmo não está lendo o texto quando o arrebatamento o alcança. Harry pergunta-lhe, quase no final da leitura, *__ Por que você não lê para si mesmo?*, e Skeeter esclarece, *__ Não é a mesma coisa, certo? Fazer para si mesmo. Qualquer garoto sabe disso, não é a mesma coisa. Vamos, cara....* (*Rabbit Redux*, 243). Em *Rabbit At Rest*, por outro lado, Harry não tem uma vivência humana do que está lendo e tampouco comunica a outra pessoa o que está nos livros de história; assim, esse tipo de leitura só serve mesmo para fazê-lo pegar no sono. Há, implicitamente, uma valorização do discurso narrativo enquanto comunicação linguística entre um eu e um tu, representados em personagens participantes de uma situação humana significativa.

O incidente acima mostra o paradoxo da convivência de opostos e o estado de perplexidade daí resultante. O mesmo Skeeter, que tem todo o controle sobre Jill e Harry naquele momento, deixa a moça fugir para a segurança de seu quarto e tem que se satisfazer sozinho tendo como fundo a leitura de Harry, que, embaraçado e amedrontado, acaba também por abandonar a sala às pressas. A Skeeter restou o ato disfórico equivalente a ler para si mesmo. O elemento disjuntivo deve dominar o interior das personagens envolvidas na presente passagem. Skeeter está atormentado demais para desfrutar do sexo naturalmente com Jill, que está dependente demais da droga que Skeeter lhe administra para exercer sua vontade; e Harry, dividido entre as funções de espectador e de participante fica atônito e vê o



controle de sua casa escapar-lhe das mãos. A violenta interação humana dessa experiência deixa uma impressão significativa na mente do protagonista, que tampouco consegue fazer amor com Jill naquela noite. *Ele está flutuando rígido para não naufragar no terror. O livro que leu em voz alta atormentar-o com uma visão de sordidez sem fim, de gerações de mortos, de torturas enterradas e razões perdidas....* (Rabbit Redux, 245).

A interioridade de Janice volta a nos ser revelada novamente, no final de Rabbit Redux, quando da amostragem de sua disposição psicológica ante o fato de a irmã de Harry estar tentando conquistar a atenção de Charles Stavros. *A bruxa da irmã do Harry voltou para a vadiagem mas sua influência ficou em Charlie como veneno, um toque infecto. Estava tudo tão perfeito entre eles....* (Rabbit Redux, 327). Depois, quando Janice ajuda Stavros durante um ataque do coração, traços do discurso dela são assumidos pelo narrador,

Ela se depara no armário com a riqueza de um homem doente. Todas as pílulas são brancas. Não, uma é aspirina; outra é amarela e transparente, aquelas cápsulas contendo cem bombinhas para explodir contra febre do feno. Aqui está: deve ser este; embora o vidrinho não tenha rótulo a tampa plástica de apertar parece importante.... (Rabbit Redux, 330).

O relacionamento com Stavros esgota-se por si mesmo, e certamente pela força da imagem de Harry que acompanha Janice. Ela, embora achando o papel de Mim altamente censurável, acaba por aproveitar a oportunidade de voltar para o marido, que a aceita gradativamente.

Rabbit Redux destaca-se também por apresentar recursos narrativos próprios e que, eventualmente, apresentam outros pontos



de vista. O mais notável deles consiste na apresentação da página de jornal que Harry, como linotipista que é, está compondo. Estes trechos são colocados abruptamente no corpo do texto, interrompendo ocasionalmente o discurso da narração principal, e apresentando inclusive erros eventualmente cometidos por Harry na composição das linhas. O capítulo "Mim", por exemplo, inicia-se com a notícia assim apresentada do incêndio da casa de Harry, que vitimou a Jill.

O Coelho trabalha em sua máquina. Seus dedos movem-se ágeis, as matrizes matraqueiam lá em cima, o chumbo derretido fuma confortavelmente a seu lado.

*SUSPEITA DE INCÊNDIO
CRIMINOSO EM PENN VILLAS
Morre Moça de Outro Estado*

A polícia de West Brewer ainda está ouvindo declarações de vizinhos a respeito do misterioso incêndio que destruiu a bela residência do sr. e sra. Harold Angstrom em Penn Villas.

A stra. Jiss Pendleton, 18 anos, hóspede da casa, natural de Stonington, Connecticut, morreu devido a inalação de fumaça e queimaduras. As tentativas de salvamento dos valorosos bombeiros não surtiram efeito. (Rabbit Redux, 291).

Destaca-se a visão fria da afirmação jornalística do fato, que contrasta claramente com toda a provação por que passa o protagonista. Os erros de composição reforçam o aspecto realista da amostra. Relacionado com esse recurso aparece o motivo livre da manchete



jornalística, com que Harry tem o vício de projetar o fantasioso desfecho das pequenas aventuras e desventuras por que passa. As manchetes são também colocadas abruptamente no texto, como aqui, em que Harry se assusta diante da possibilidade de todos saberem de sua condição de marido traído, não sem uma ponta de humor. *Toda mundo sabe. Pretos, trabalhadores braçais, párias, debilídeos. Escrevinhadores, motoristas de ônibus, gerentes de salão de beleza, toda a cidade de Brewer. FUNCIONÁRIO DA VERITY ELEITO CHIFRUDO DA SEMANA. Angstrom Recebe Cornos Oficiais do Prefeito.* (Rabbit Redux, 91). Ao voltar para casa a pé com Jill, à noite, considera o perigo que estão correndo com a perspectiva, *HOMEM DO LUGAR ESFAGUEADO AO DEFENDER GAROTA DESCONHECIDA.* (Rabbit Redux, 121). E, logo depois, considerando seu esdrúxulo relacionamento com Jill, visualiza, *INAUGURADA CLÍNICA PARA FORAGIDAS. Papais Prestam Serviço em Noites de Folga.* (Rabbit Redux, 127). Um pouco antes, enquanto estava no espaço desconhecido do bar negro, a visão de Harry foi mais desesperada, *ORDENADA AUTÓPSIA EM MORTO DO FRIENDLY LOUNGE. Médico Legista Registra Estranha Cor da Pele* (Rabbit Redux, 106): Harry imaginando quais poderiam ser os efeitos da bebida estranha que lhe ofereceram e que ele não pudera recusar. Cresce aqui a distância entre o sujeito da enunciação e a história, uma vez que os chamados registros do discurso, que marcariam a subjetividade do narrador, encontram-se ausentes nessas manchetes. A implicação imediata é a de que a instância narradora não endossa integralmente o conteúdo semântico dessas manifestações. Trata-se mais de imposições psicológicas que assaltam a mente do protagonista frente a situações específicas. As manchetes aproximam-se de uma focalização externa e almejam a impessoalidade e objetividade da firmiação jornalística, mas veiculam conteúdos bizarros referentes ao protagonista, sem qualquer expressão modalizante



ou avaliativa por parte do narrador.

É interessante notar que, bom conhecedor de manchetes de jornal, Harry sempre se coloca nelas como um anônimo. Isto, além de assinalar o realismo e concisão do sintagma, é também um índice do caráter disfórico da relação de Harry com o mundo; ele se sente visto como apenas mais um pobre mortal. Por outro lado, os recursos apontados mostram o fator do inesperado, empregado por Updike: quando já estávamos nos acostumando à constância das projeções que Harry faz através de manchetes mais ou menos imaginosas, somos colhidos pela situação inversa: acontece o fato escabroso do incêndio da casa do protagonista, e Harry se vê diante da tarefa rotineira de compor a manchete e o artigo reais para o jornal onde trabalha.

Updike evidencia também uma preocupação com o aspecto visual de seu texto, como bem indicam as passagens mostrando o texto do jornal. Esta preocupação talvez resulte do antigo desejo do autor de se tornar um caricaturista como o escritor James Thurber, que ele admirava, bem como do curso de arte e desenho que fez como bolsista na Universidade de Oxford. Nota-se também o aspecto visual dos dizeres proclamando os recursos do Safe Haven Motel, onde Harry e Janice acabam de se reconciliar, no final de *Rabbit Redux*,

CAMAS TAMANHO GRANDE

TELEVISÃO COLORIDA

BANHEIRO & DUCHA

TELEFONES

"DEDOS MÁGICOS" (*Rabbit Redux*, 341).

Outro recurso isolado de narração é a canção que Jill canta ao violão no estilo pop-folclórico dos anos sessenta: a música



lembra uma das longas composições narrativas de Dylan, talvez para a voz de Joan Baez, e procura fazer um resumo do que tinha sido até ali a vida da adolescente foragida. A canção é um tanto forçada e Jill improvisa na rima, para a delícia de Nelson e tormento de Harry. *This is the story of Jill and her lover who was ill, / Now Jill was a comely lass, raised in the bosom of the middle class. / Her dad and mother each owned a car, and on the hood of one was a Mercedes star.* (Rabbit Redux, 151). Ela continua durante trinta versos intercalados pelo discurso do narrador e pelo diálogo entre as três personagens envolvidas. Deixamos o trecho no original a fim de conservar sua força de ilustração, que reside em larga escala na sua forma específica em inglês. Ao contrário do caso das manchetes, na canção de Jill seu discurso traz abundantes sinais de sua individualidade, tais como o adjetivo *comely* (=bonita), de uso arcaico e poético, dando assim um toque de humor a seu relato, e a estrela da Mercedes Benz, imagem para ela da vida de fausto e de dissipação da casa dos pais, de onde fugiu.

A forma da folha de jornal impressa volta em *Rabbit Is Rich*, embora Harry já tenha desde há muito deixado de ser linotipista, quando enviam a Harry um recorte de jornal com a notícia da morte de Skeeter num tiroteio com a polícia de Filadélfia (p. 27). Nelson expõe seu breve parecer sobre a vida fora de casa no lacônico bilhete do cartão postal (p. 37). Os diálogos imaginários, em itálico, especialmente por parte de Harry, aparecem aqui como uma versão mais pessoal daquelas manchetes projetivas do romance anterior; ao procurar, por exemplo, a casa em que Ruth estaria morando, ele imagina de antemão as palavras do possível diálogo que teria com a "filha".



__ Oi. Você não se lembra de mim...
 __ Claro que sim. Você é o vendedor de carros.
 __ Sou mais que isso, acho.
 __ O quê, por exemplo?
 __ Por acaso sua mãe não se chama Ruth Dyer?
 __ Sim?
 __ E ela já lhe falou de seu pai?
 __ Meu pai morreu. Ele trabalhava com os ônibus escolares para a prefeitura.
 __ Esse não era seu pai. Eu sou seu pai. (*Rabbit Is Rich*, 258).

cremos ser este um indício de mais um passo do protagonista no sentido de sua introspecção: em *Rabbit Redux* as manchetes indicavam uma possível visão de fora sobre sua figura, considerada como um número apenas; agora, em que pese a não concretização de nada parecido com esses diálogos, Harry aproxima-se mais do *status* de pessoa, ouvindo um pouco mais sua individualidade. Por outro lado, as vagas formas das manchetes para se referir a ele transformam-se aqui em uma identificação precisa, ainda que externa: ele agora é *HAROLD C. ANGSTRUM -- REPRESENTANTE CHEFE DE VENDAS*, (*Rabbit Is Rich*, 3), como diz seu cartão profissional da Springer Motors. Ele é agora "the man up front". Em sua ficção Updike já acostumou seus leitores a suspeitarem de mensagens ou títulos demasiadamente definidos e aparentemente óbvios.

Dentre essas mensagens óbvias estão as da revista de negócios *Consumer Reports*, que Harry lê frequentemente em *Rabbit Is Rich*. Elas, via de regra, mostram a confiança do protagonista no aspecto técnico da vida, pelo menos neste passo, e na suposta segurança da informação precisa. Nas páginas 46 e 47 as citações da revista sobre a escolha de ventilador ou aparelho de ar condicionado dividem a atenção de Harry, que só relutantemente acaba por ceder à solici-



tação sexual de Janice, e mesmo assim, *A carne inconveniente de sua esposa precisa então competir com o súbito apelo do sono trazido a ele pela escuridão...* (Rabbit Is Rich, 47). Esta solicitação mais forte do mundo do trabalho foi reparada em detalhe por Judie Newman (Newman, 33-78), como um fator disfórico que afasta o homem do amor e das coisas espirituais aproximando-o do materialismo da competição profissional.

Pela primeira vez a interioridade de Nelson é mostrada brevemente num certo trecho da segunda parte de Rabbit Is Rich (da p. 121 à 125): Nelson está na cama conversando com Melanie, o narrador mantém uma certa distância, inicialmente, com relação ao aspecto do quarto e ao que dizem, mas aos poucos desce às reminiscências de Nelson lembrando a avó e Pru, semi-abandonada, *Pru: a lembrança dela é uma dor em seu estômago como se alguém estivesse rolando uma bolinha de gude em areia grossa.* (Rabbit Is Rich, 123); ele revela a Melanie toda a aversão que sente pelo pai e diz admirar Stavros e o avô materno; segundo ele, o pai não merece a felicidade presente. *É só o que ele fez para merecer todo este dinheiro: ser preguiçoso e acomodado demais para deixar minha mãe como ele queria fazer. Acho que ele é bicha. Você devia tê-lo visto com aquele cara preto de que lhe falei.* (Rabbit Is Rich, 123). Alguma coisa de sua visão volta em outra conversa com Melanie (da p. 137 à 143) com seu sentimento sobre sua própria situação junto à família, a Pru, a Melanie e com lembranças do lazer fora de casa.

Quanto à duração narrativa, em oposição à duração da história, chama atenção um caso de elipse na passagem em que Harry e Nelson estão na agência de automóveis e o filho está mostrando ao pai, numa cena imediata, os conversíveis que comprou para revender. Com a desaprovação do pai a discussão fica acalorada e, num arroubo,



Nelson entra num dos carros e atira-o contra o outro, arruinando-os. Na sequência imediata do texto, aparece a reação de Harry ao incidente, contada por ele mesmo uma semana depois aos amigos no clube, de forma abrangente e sumária. *Uma semana depois, no clube, a coisa toda é apenas uma história sua que ele conta. -- Cinco mil dólares em metal destruídos. Fiquei morrendo de vontade de rir, mas o garoto estava lá chorando; os carros eram dele afinal, assim ele achava.*

(Rabbit Is Rich, 158). Pensamos mesmo que a base mais importante dentre as em que se apóiam inconscientemente alguns críticos para apontar as profundas diferenças de caráter entre Harry e Nelson tenha muito a ver com o problema da focalização. Os episódios por que passa Nelson são quase cíclicos em relação aos que o próprio pai experimentou. Diferentes personagens ao longo da tetralogia notam semelhanças de caráter entre pai e filho. Se os romances dessem espaços equivalentes ao enfoque das interioridades de um e de outro, certamente essas aproximações dos caracteres dos dois ficariam ainda mais evidentes. Suas diferenças parecem ser mais de superfície e imediatas; o final de Rabbit At Rest mostra uma reação de Nelson à possível morte do pai bem condizente com essa leitura.

Além de ocasionais voltas à mente de Nelson, aparece a partir do começo da parte IV de Rabbit Is Rich o trecho mais longo em que predomina a visão do filho de Harry (da p. 292 à 316). Vê-se através de seus olhos a imagem de Harry como homem fraco, de vida acomodada e dominado por mulheres. *O problema do papai é que ele vive num harém há muito tempo, com a mamãe e a vovó fazendo tudo para ele...* (Rabbit Is Rich, 293). Nelson também vê Pru, agora sua esposa, grávida, desinteressante e mesmo repulsiva. Memórias da infância, até aqui exclusivas de Harry, aparecem, bem como os dias da universidade. *...a única fama que a universidade estadual Kent jamais te-*



ria foi pelo que aconteceu em 4 de maio de 1970, quando a guarda nacional começou a disparar de Blanket Hill. Por Nelson, eles podiam ter matado todos aqueles panacas... (Rabbit Is Rich, 294). Sua condenação de drogas e posicionamento ferrenhamente americano aproximam-no, malgrado ele mesmo, do pai. Sua imaturidade deleita-se em imaginar soluções nada práticas para resolver problemas internacionais, por exemplo. *É só jogar uma bomba atômica tática num minarete como cartão de visita. Ou então um túnel ou algum tipo de perfuradora como James Bond usaria...* (Rabbit Is Rich, 298). Há mesmo um problema de identidade, como já havia acontecido com o Coelho; Nelson imagina sua origem com o encontro dos pais no passado. *Mas se não tivesse havido o balcão de castanhas Nelson não existiria, ou existiria como outra pessoa, o que não faz sentido...* (Rabbit Is Rich, 298-9).

A sequência toda do ponto de vista de Nelson avança para sua ação concreta de levar a esposa grávida a uma festa de amigos, onde ele acha que ela faz papel ridículo querendo dançar, e termina com um esboço de tragédia. Há ironia no fato de que Nelson conversa na festa com uma desconhecida que não é outra pessoa senão a suposta filha que Harry teve com Ruth; e aqui nenhum dos dois suspeita da origem do outro: o saber do narrador é maior do que o das personagens envolvidas. A atitude de Nelson é paradoxal quando, sendo contra drogas em geral, fuma maconha na festa e se enfurece quando vê Pru fazendo o mesmo.

Logo adiante (da p. 334 à 340) sua visão é retomada nos conflitos domésticos com a esposa, aproximando-o novamente do pai em Rabbit, Run. Ele pode tornar-se sentencioso na crítica aos radicais da contra-cultura, *— As pessoas deviam ser coerentes, ... não é justo sugar da sociedade e zombar dela ao mesmo tempo...* (Rabbit Is



Rich, 335); ou perder-se na nostalgia da infância em contraste com a atualidade, *Brewer já está com as luzes do Natal, vermelhas e verdes, e com o ouropele tremulante com aparência de seco e murcho sobre as ruas sem neve, o arranjo é apenas uma sombra da glória sazonal de seu tempo de menino, quando havia muita energia e pouco vandalismo...* (Rabbit Is Rich, 335); ou expor sua postura diante das mulheres, *Mulheres. São sacos sem fundo. A gente põe uma coisa após outra e nunca chega, a gente coloca a vida inteira lá dentro e elas dão aquele sorrisinho torto e triste e sentem muito que a gente não tenha podido fazer melhor, no fim das contas...* (Rabbit Is Rich, 336); e ainda evidenciar um problemático machismo que não parece impressionar demais a consorte, *— Feia ou não, você é minha. Você é minha velha.* (Rabbit Is Rich, 336); e, finalmente chegar ao fulcro de toda sua preocupação e meta na vida, *E não há testemunha alguma no universo além de Nelson de que seu pai é culpado, trapaceiro, covarde e assassino, e quando ele tenta proclamar isso nada sai, o mundo ri enquanto ele fica lá calado e de boca aberta...* (Rabbit Is Rich, 338).

Rabbit At Rest evidencia uma intensificação do ponto de vista com Harry; os pontos de vista provenientes de outras personagens, notadamente de Janice, são verdadeiros oásis em meio à predominância da interioridade do protagonista; isto torna-se ainda mais notável dada a maior extensão do discurso narrativo do romance, comparado aos outros. Este estado de coisas aponta para a tendência do Coelho, como pessoa, a optar pela atitude do ensimesmamento, pelo mergulho em seus movimentos internos em vez de na ação física externa, como a de Rabbit, Run. Seu lado individual é acentuado por essa opção de retraimento e desconfiança dos valores mundanos, embora ex-



teriormente ele pareça comungar com eles sem maiores atritos.

A focalização interna em Janice é a segunda mais importante de *Rabbit At Rest* e aparece em pontos-chave em cada uma das três partes em que está dividido o romance. No primeiro exemplo, a esposa de Harry fica em casa com o filho Nelson, que os está visitando com a família no apartamento da Flórida, enquanto o marido vai com Pru e os netos para um hotel na praia a fim de dar um passeio de barco com Judy. Logo de início, o ponto de vista de Janice é estabelecido literalmente,

Ela ficou sentada um pouco na sacada depois que Harry, Pru e as crianças saíram, depois de voltarem duas vezes para apanhar coisas que esqueceram e esquecendo dois pés-de-pato e um vidro de filtro solar mesmo assim, e descobriu que há um lugar um passo à esquerda de onde o pinheiro atrapalha a vista, de onde se pode ver um pedaço, um quadrinho cintilante entre uma torre ornamental de um prédio e um teto de telha espanhola, de água verde-azulada, do Golfo.... (Rabbit At Rest, 141).

O trecho referido, da página 141 à 153, é de grande intensidade dramática, do diálogo entre mãe e filho, em que a mãe encurrala Nelson de tal forma que ele se vê obrigado a confessar que consome cocaína e crack e por isso está enfrentando sérios problemas financeiros. O mundo de fantasia cinematográfica lembrado por Janice (p. 141), bem como suas lembranças do filho quando criança (p. 142), entra em eficiente contraste com a realidade dos aspectos sórdidos da condição atual de Nelson: endividado, viciado, perdendo o controle da firma e da família, e assombrando a mãe com a possibilidade da AIDS. A forma dialógica mostra basicamente uma Janice emo-



cionada mas firme e incisiva e um filho irritadiço e irritante, tentando convencê-la de que o vício não é tão sério assim, mas que acaba por admitir que deve doze mil dólares por causa dele. A ambivalência da situação é marcada pela associação que Janice faz entre a bebida, seu antigo vício, e a morte, justamente quando está em pleno empenho para acabar com o vício do filho.

Ela se sente indignada e independente o bastante para levantar-se, ir até a cozinha, abrir as portas do armário e puxar a garrafa de Campari e um copo para laranjada.... O telefone de parede a seu lado toca assustando-a tanto que a garrafa em sua mão pula e derrama um pouco do Campari, vermelho aguçado sobre o balcão branco, como sangue rarefeito. (Rabbit At Rest, 153).

O telefonema comunica-lhe que Harry teve seu primeiro ataque cardíaco enquanto velejava com Judy, o que fora relatado imediatamente antes da passagem acima comentada, tratando-se a mesma, portanto, de um processo de analepse interna, de curto alcance e amplitude, e que coloca por algum tempo o leitor numa posição de vantagem com relação ao que sabem Janice e Nelson. Esta anacronia ou discrepância entre o tempo da história e o da narração torna a situação irônica com a vantagem do saber estabelecido pelo narrador com seu narratário implícito.

Na segunda parte do livro, de volta à Pensilvânia e com Harry no hospital para outro cateterismo, Janice está ativa cuidando da ida de Nelson para uma clínica de Filadélfia e com seu curso para corretora de imóveis, e seu ponto de vista predomina por umas cinco páginas (da 304 à 308). O narrador, no discurso indireto livre, aproxima-se bastante da axiologia de Janice, e a estrutura sintática



informal da personagem transparece claramente no texto, e uma certa estranheza do pensamento torna-se perfeitamente aceitável, dada a focalização interna na personagem. Como acontece frequentemente com Harry, o narrador desce ao mais íntimo da personagem, até aquele nível anterior a qualquer oralização, em que os pensamentos ocorrem sem censura prévia.

...ela só conseguia pegar os últimos dez minutos do programa thirty something que ela gosta de ver por que é tão diferente de quando ela tinha trinta e alguma coisa, todas aquelas obrigações sobre ela, mãe esposa filha, e depois ser amante de Charlie por algum tempo sentindo-se tão inadequada e culpada e não ter amigas de fato exceto Peggy Fosnacht que acabou dormindo com Harry de qualquer forma e agora está morta, coisa terrível de imaginar, toda podre e ressequida como uma múmia no esquife, medonho demais para que a mente possa entender mas acontece todavia, até com as pessoas da nossa idade.... Ela continua tentando evitar o pensamento de que ser viúva talvez não seja tão ruim assim. (Rabbit At Rest, 305).

Embora, como observa Joyce B. Markle (Markle, 57), o fluxo da consciência implique isolamento emocional, como acontecera com o de Ruth em *Rabbit, Run*, Harry continua claramente como um ponto de referência emotivo na consciência de Janice. O narrador permanece, de maneira intermitente, com a visão de Janice até a altura da página 318.

O narrador retoma a mente da esposa de Harry no clímax de *Rabbit At Rest*: Harry está praticamente inconsciente num leito de



hospital na Flórida, depois do último e mais sério de seus infartos. Ela sofre muito mas mantém o controle, ao contrário de Nelson. Seu ponto de vista assinala momentos da trajetória de sua vida com Harry, em que sua evolução emocional com relação a ele pode ser seguida em seus lances contraditórios e conclusão.

...sem nada a fazer além de acalmar Nelson e (...) lembrar-se de Harry e de todas as maneiras de que ele era desde o dia em que ela o viu pela primeira vez nos corredores do ginásio e nos jogos de basquete, lá na quadra tão glorioso e louro, como um garoto feito de mármore, e depois o apartamento vazio do condomínio, tão em ordem a não ser pela pilha de jornais velhos que ele nunca jogava fora, e as migalhas de comida na espreguiçadeira de vime, mas sem sinal de outra mulher no quarto, (...) e Nelson ao lado dela dando escândalo de forma que ela quase desejou que ele a tivesse deixado vir sozinha -- depois de algum tempo, do mesmo modo que os músculos do coração, morre a mãe que a gente tem em si, supõe ela -- ... (Rabbit At Rest, 501).

De um certo modo desde aqueles relances dele brilhando nas quadras de basquete ela aos poucos deixou de vê-lo, ele se tornara invisível... Enquanto está sozinha neste limbo Janice considera que devia rezar pela recuperação de Harry, por um milagre, mas quando fecha os olhos para fazê-lo ela encontra um muro negro e morto.... (Rabbit At Rest, 502).

Neste ponto temos um exemplo de como a interioridade de Janice torna-se tão inesperada quanto a de Harry costumava ser. A penetração do narrador na intimidade da personagem anula as formalidades externas esperadas socialmente num momento como esse.

A visão do marido, que ela não via há algum tempo, naquele estado, atira a esposa para o outro pólo emocional da sensibilidade



humana. O discurso mostra uma intensificação da focalização interna, com a subjetividade da instância narrativa aflorando na adjetivação (estrepitosa, aterrada, querida), com o dêitico aqueles, e com o possessivo em "seu Harry".

Quando ela vê seu Harry deitado num dos quartos branco como os lençóis com todos aqueles tubos e fios entrando e saindo dele, deitado atrás da parede de vidro, uma emoção tão grande que por um instante ela fica com medo de vomitar atinge-a por trás, uma estrepitosa onda de pesar e aterrada consciência de perda total como nada antes em sua vida exceto quando ela acidentalmente afogou sua filha querida. (...) Como pôde ela ter endurecido tanto o coração contra este homem que, bem ou mal, tinha colocado sua vida ao lado da dela diante do altar?... (Rabbit At Rest, 503).

O recurso estilístico do diálogo e da afirmação imaginária retorna no presente romance, tornando-o mesmo uma espécie de motivo livre na tetralogia. Os dois exemplos pinçados assinalam a preocupação constante de Harry com os enigmas maiores da existência: a vida, a morte, sexo, Deus. Com seus atuais colegas judeus de veraneio na Flórida, o Coelho sente uma barreira invisível que o impede de abrir-se completamente com eles e conversar sobre problemas mais profundos; perde-se no comentário de trivialidades cotidianas e no jogo de golfe no clube. Os amigos aposentados pensam ter compreendido a razão da extraordinária inquietação de Harry durante o jogo, quando ele lhes comunica que o filho os está visitando com a família, mas a pergunta crucial fica na mente de Harry, *Ajudem-me, rapazes. Digam-me como superaram o problema do sexo e da morte para que*



não os incomode. (Rabbit At Rest, 70). No outro exemplo, Harry, ao visitar uma exposição da flora mundial com os netos e a esposa, é levado a considerar a transitoriedade das coisas e a aparente irrelevância de certos cuidados divinos no que diz respeito à criação. *Por que Deus foi se incomodar, matuta Harry, em fazer todos esses truques, sozinho na distância da selva amazônica?* (Rabbit At Rest, 93). Por outro lado, a própria pergunta parece indicar a perplexidade de Harry diante do fato de certa criação divina estar longe do olho humano, onde sua beleza e engenho não podem ser experimentados diretamente pelo espírito sensível do homem. Evidentemente, estes são momentos em que a visão disfórica do protagonista domina sua concepção do mundo e da existência e, embora este fator disjuntivo não seja tudo o que resta a Harry, ele tem, todavia, uma presença marcante em Rabbit At Rest.

Na mesma forma de discurso aparece outro tipo de atitude, de incentivo à vida, de lançar-se à aventura incerta, em seu conselho não exteriorizado a Cindy, sua antiga paixão de Rabbit Is Rich, agora prematuramente envelhecida, gorda e divorciada do amigo Webb, *Encontre um cara, case-se de novo...* (Rabbit At Rest, 370); mas, a comunicação entre eles já é coisa do passado. As falas silenciosas de Harry vão desde uma sincera prece a Deus, *Deus amado, estendei a mão. Tirai de mim meu coração doente.* (Rabbit At Rest, 263), o que o afasta bruscamente de uma personagem existencialista e mostra que sua fé numa força superior nunca morreu por completo, até uma saudável recaída de rebeldia diante do conselho do dr. Breit para que ele se submeta a uma operação para colocação de ponte de safena,

— *Mas pense nisso, Harold. Se eu estivesse no seu lugar, é o que teria feito, sem hesitar. De outra forma, você está brincando com sua vida.*



— *É, pensa o Coelho depois que o médico saiu do quarto; mas você não está no meu lugar. E para que serve a vida senão para brincar?* (Rabbit At Rest, 282).

O espírito do jovem que um dia fugiu de casa sem rumo em busca de um sonho indefinido e impossível ainda não morreu no corpo do senhor de cinquenta e seis anos. Essas falas não exteriorizadas de Harry constituem mesmo o que Tomachevski chama de motivos livres, uma vez que não são essenciais para o desenvolvimento da história propriamente dita, mas auxiliam na caracterização interna do protagonista.

Como já aconteceu em Rabbit Redux, aparecem trechos literalmente transcritos de livros de história. Aqui, porém, a diferença com os livros de Skeeter é muito grande. Há uma grande distância entre o leitor Harry e os textos que ele, por força do hábito, lê regularmente. A história pertinente ao Coelho parece ser sempre a pessoal; a que ele lê parece distante quanto ao conteúdo, espaço e tempo. O texto histórico alcança significado especial quando se faz a necessária ligação com o caso específico do protagonista. *Fantasias a respeito da América produziram duas conclusões altamente contraditórias que finalmente chegaram ao mesmo ponto de injetar uma dose de cautela nos sonhos dourados, ...* (Rabbit At Rest, 35). Naturalmente, também os sonhos dourados de Harry estão na fase mais cautelosa possível, dada sua índole. Trata-se do livro de uma historiadora sobre o papel dos holandeses durante a revolução pela independência americana, e suas citações de outras fontes oferecem falsas perspectivas do futuro do país, como a impossibilidade de ele um dia tornar-se unido, chegando até a mais clara ironia na previsão, *A América, afirmou este estudioso, "formou-se para a felicidade, mas não para o*



império". (Rabbit At Rest, 85).

Seja qual for o assunto histórico tratado, a leitura oferece sempre uma situação disfórica para o espírito de Harry, quanto à seriedade de uma reflexão mais profunda ou de comunicação mais significativa. O motivo do enfado está quase sempre presente, *O bom da história é que ela faz a gente pagar depressa no sono. (Rabbit At Rest, 85).* Sobre o episódio do heroísmo mostrado por John Paul Jones, a avaliação do Coelho não deixa dúvidas quanto a seu distanciamento em contraste com o eufórico tom do texto histórico. *Toda esta fúria e bravura parecem mais esforço desperdiçado.... (Rabbit At Rest, 114).* O protagonista também fica atônito com as condições de luta de Washington, que se alia aos franceses contra os ingleses, e o que lhe resta são perguntas retóricas,

Afinal, que vantagem há nisso para a França?... Que vantagem havia para os soldados?... Que vantagem tinha Washington?... Ele nem podia ainda saber que teria o rosto na nota do dólar... Harry fica com sono de pensar nisso. Essa confusão toda, os problemas. Ele lê dez páginas por noite. Sua marcha é lenta. (Rabbit At Rest, 477).

Estas perguntas retóricas fazem parte da narrativa primeira, na voz do narrador e, portanto, linguisticamente só de sua responsabilidade. Mas, devido à focalização interna da mente do protagonista, fica claro que elas representam também o conteúdo do sentimento do Coelho a respeito de suas enfadonhas leituras de História, conseqüentemente a distância ideológica entre narrador e protagonista em tais passagens é mínima. As falas e pensamentos não exteriorizados de Harry, citados acima, diferem destas perguntas retóricas porque são uma re-



produção linguística da voz, do discurso direto de Harry, sem travessão e em negrito, inserida no discurso do narrador.

Novamente, o texto histórico impressiona-o apenas quando faz alguma referência que se aproxima de sua vida pessoal. Na passagem lida por Harry, os soldados ingleses cometem atrocidades com uma família de agricultores americanos; matam todos na casa e também seus animais, deixando sobre o leito da mulher grávida assassinada o aviso, *Nunca darás à luz um rebelde*. (Rabbit At Rest, 492). Logo em seguida Harry tem pesadelos com essas imagens, mas seu subconsciente sentimento de culpa por seu mais recente ato de rebeldia, sua última fuga de casa por causa da descoberta de seu relacionamento com a noiva, é o que parece ser central em sua presente inquietação. Certamente, há momentos em que o Coelho sente que está sendo punido por seus sonhos rebeldes do passado.

Curiosamente, reforçando o papel disjuntivo que a história externa e impessoal tem para Harry, numa de suas últimas tentativas de recuperar algo da gloriosa adolescência, no jogo de brincadeira com os garotos pobres da periferia de Deleon, na Flórida, um deles usa um coloquialismo zombeteiro dando a entender que o adulto já perdeu sua habilidade, que agora já faz parte do passado, -- *Ei, cara, provoca o terceiro, o que parece mais latino e mais mal-humorado; você já é história!* (Rabbit At Rest, 484). Significativamente, o próximo encontro desse tipo, com um garoto apelidado Tigre, é que o Coelho encontra seu último obstáculo pessoal, e depois de marcar seu último ponto no basquete, vai inconsciente ao chão. A colocação sugere a maneira pela qual os eventos históricos impessoais atropelam, em última análise, o indivíduo com toda sua riqueza de impressões, sentimentos, frustrações, crenças, medos, com sua vida pessoal e única, enfim. Enquanto history, Harry está, para todos os efeitos,



morto.

Quanto aos lampejos de interioridades de outras personagens, sua brevidade realça a presença constante do ponto de vista básico do protagonista. O narrador faz um breve registro da mente de Pru, com Roy no colo, *Em cinco minutos, com um suspiro parecido com um soluço, ele adormece, pesado e quente de encontro a ela, amarrando e tornando ainda mais opressivo o conjunto kadrez que ela pôs para desembarcar no inverno da Pensilvânia....* (Rabbit At Rest, 156).

É notável, especialmente aqui, a superficialidade do exame das mentes que não a do protagonista, o que deixa essas personagens um pouco vagas, aumentando assim o isolamento psicológico de Harry. Da sensação táctil de Pru o narrador passa para uma posição claramente espacial com relação a Pru e Nelson. *Trouxeram de presente o jornal News-Press desta manhã a Harry, e enquanto esperam, sentados no banco, Nelson começa a ler. Reagan e Bush recebem intimações, Pru lê por cima do ombro dele....* (Rabbit At Rest, 157). Pru olha por sobre o ombro de Nelson, e o narrador, por sobre os ombros dos dois, e esta entidade curiosa, de axiologia tão próxima à de Harry, sugere a própria atividade bisbilhoteira que Harry gostaria de desenvolver, como já o fez quando da ocasião em que ficou a sós no banheiro da casa de Webb e Cindy, em Rabbit Is Rich (p. 282 e seguintes). A súbita visão de Nelson, logo a seguir, segue um padrão semelhante ao da esposa, *Nelson encontra um certo conforto cronológico no rosto claro da esposa ampliado pelo tempo, ...* (Rabbit At Rest, 158).

No terno e patético encontro de Harry com Thelma, ambos doentes, o narrador vai relativamente mais fundo no interior da amante de Harry, o que é plenamente justificável dada a temperatura emocional daquele último encontro. O nível aproximado das interioridades expostas aqui faz muito para que o patético da situação chegue



ao leitor. Após ter, inadvertidamente, revelado o vício de Nelson a Harry, *Ela lamenta ter contado a ele, agora que passou o prazer de chocá-lo, de despertá-lo novamente para a existência dela. Ela ainda é no fundo muito professora para deixar de administrar uma aula.* (Rabbit At Rest, 199).

Já na última parte do romance o narrador coloca, de maneira muito nítida, duas visões que se chocam frontalmente, a de Harry e a da personagem secundária do ministro que efetua o ritual religioso quando da morte de Thelma. Entram em contraste a visão externa, convencional, fria e vazia do religioso, que conhecia apenas a máscara social de Thelma, e a de Harry, o amante que a possuía e compartilhava de seus mais íntimos prazeres e temores. Quanto ao pastor, *Ele fala de Thelma como modelo de dona de casa, de mãe, de devota, de sofredora. A descrição não se aplica a ninguém, é como um vestido sem mulher dentro....* (Rabbit At Rest, 367). Ao passo que Harry fica lá sentado... pensando na Thelma lasciva que conheceu, em como tinha pouco da mulher descrita pelo ministro; mas talvez a Thelma do ministro fosse tão real quanto a de Harry. As mulheres são atrizes, adequando seu papel a cada público.... (Rabbit At Rest, 368). A situação pode ser chamada de típica da posição filosófica de Updike; o quadro da vida nunca se fecha por completo. Colocado o contraste das duas visões, o pensamento evolui para a próxima possibilidade, ou seja, a de que houvesse mais de uma Thelma, cada uma respondendo a um conjunto específico de contingências. Reforçando esta leitura encontra-se na presente passagem a menção do Eclesiastes, com que o pastor encerra o culto. Há um momento para tudo, e portanto, até para ser personalidades diferentes, dada a ocasião.

Uma brevíssima mudança de ponto de vista, para outra personagem secundária, adquire uma importância crucial de acordo com o



momento em que ocorre. A competição de basquete, por brincadeira, com o garoto negro que o narrador batiza de Tigre, pela cara do felino que ele traz na camiseta, acaba sendo fatal para o Coelho. No embate, sugerido por um vocabulário conotando luta e agressividade (*As nuvens juntaram-se formando uma agitada arena prateada em torno do sol ofuscante, uma azul arena de touros....*) (Rabbit At Rest, 497), entre o Coelho e o Tigre, um deles não tem possibilidade alguma de vitória. A lida é bem maior, no entanto; o Tigre foi colocado ali apenas por acaso, como o último obstáculo a alguém atônito diante dos lances da vida, mas que sabe que o último movimento deve ser executado, não obstante. Ao marcar mais um ponto, quase impossível para sua presente condição física, Harry desmaia, e o que resta é a visão externa de um estranho à saga do protagonista, e que só demonstra incômodo diante de uma vitória que ele sequer imagina qual seja; talvez, apenas a de continuar vivendo.

E daí ele vê o grande velho branco, parecendo engasgado e com o rosto meio sonolento, cair sem um som, como um boneco de pano solto de repente. O Tigre fica estupefato acima do corpo caído — a hermuda quadriculada, o tênis Nike novinho, a camisa de golfe azul com o logotipo de vês entrelaçados. Uma poeira fina cobre o lado inferior do corado rosto inconsciente, como uma sombra, como a metade de uma pintada cara de palhaço.... (Rabbit At Rest, 499).

Especialmente a última linha lembra o parecer do narrador de que somos todos meninos que o tempo tenta enganar (Rabbit Redux, 77).

Como uma reminiscência dos tempos de Rabbit Redux, ressurgem o motivo da manchete imaginária para Harry. Seus problemas pessoais aparecem na block language jornalística; ele teme pelo escân-



dado que Nelson pode causar. *ANGSTROM, FILHO PRESO. Maracutaia Acaba Com Negócio da Família.* (Rabbit At Rest, 255). Aqui a manchete colabora para a atmosfera sombria que domina a mente do protagonista praticamente por todo o romance.

Manchetes reais e objetivas são também frequentes em *Rabbit At Rest*. Essas manchetes têm a função de situar Harry como parte integrante de um mundo real, com que, não obstante ou por causa de sua condição humana, está em insistente conflito. As manchetes dos jornais que Harry lê são quase sempre negativas, sobre desastres; isto acontece porque as manchetes reais costumam ser pelo menos alarmantes, mas também porque Harry se interessa pelo desastre, pela prova constante de que o ser humano vive à beira da ruptura. No presente caso, já na terceira parte, Harry procura indícios da notícia negativa em sua realidade diária; só assim, transformando a ameaça geral numa preocupação pessoal, ele poderia integrá-la em sua experiência direta como algo realmente significativo. Agora o *News-Press* apresenta manchetes diárias informando sobre o furacão Hugo, *O Hugo mortal chega às ilhas, Hugo assola Porto Rico. Na terça-feira ele vai a pé até as praias e examina o céu à procura de sinais de furacão, de nuvens escritas pelo dedo de Deus, e não encontra nada....* (Rabbit At Rest, 481); quando a manchete não é banalizada pela justaposição ao seu dia-a-dia, que lhe parece mais urgente. *Hugo em direção aos Estados Unidos, diz a manchete do News-Press na manhã seguinte. Para o café da manhã Harry trocou os flocos de milho açucarados por farelo de trigo Nabisco, embora tenha se esquecido por quê, alguma coisa sobre fibras e intestinos....* (Rabbit At Rest, 482-3).

Agora o recurso da reprodução literal de tópicos jornalísticos, eventos pessoais e públicos podem aparecer justapostos, com



estes reforçando a versossimilhança daqueles, como já ficou assinado. *Nelson deve voltar do centro de reabilitação no mesmo dia em que o segundo senador americano em duas semanas, desta vez um republicano branco, morre em desastre aéreo...* (Rabbit At Rest, 393). Por outro lado, a abrangente ótica de Harry pode transformar um corriqueiro incidente pessoal num claro presságio de superior alcance. Harry está jogando golfe mal com Ronnie Harrison, após a morte de Thelma; o jogo termina empatado e Harry está deprimido, especialmente pela pouca conta em que tem Ronnie. *— Foi um bom jogo, resmunga Harry, decidindo não lhe apertar a mão. A vergonha deste fracasso fica com ele. Quem diz que o universo não está mergulhado em desgraça?* (Rabbit At Rest, 407).

É esta a tônica predominante em toda a tetralogia: os acontecimentos importantes são os que assim parecem à consciência do protagonista. Achamos, portanto, que procurar uma justificativa para estes romances fora desta consciência é correr o risco de não atinarmos com o centro da questão. E combinando-se com este estado de coisas nunca é demais reiterar a comunhão e cumplicidade entre narrador e protagonista, o que geralmente impede uma condenação moralista pura e simples do segundo. Em Rabbit At Rest, após Pru ter revelado a Janice que dormiu com o sogro e Janice ter telefonado a Harry para que venha diretamente à casa da nora, há um excelente exemplo da aproximação entre o narrador e Harry. A maior parte do parágrafo que se segue à situação acima consiste dos movimentos físicos de Harry para escapar, sem comentários, mas sente-se que o narrador já sabe o que ele vai fazer em seguida. *Uma vida conhece poucas revelações; estas devem ser seguidas quando aparecem. O Coelho vê claramente o que tem a fazer. Seus atos assumem uma pressa decisiva....* (Rabbit At Rest, 423). O narrador continua dizendo da



movimentação física de Harry e de lampejos do que lhe vai por dentro e termina o parágrafo fazendo coincidir sua própria voz com a de Harry. Há uma mudança significativa de pessoa gramatical, sem nenhuma indicação gráfica de que Harry tivesse dito realmente aquelas palavras; o narrador diz por ele, ficando assim bem próximo afetivamente do protagonista, com o tácito reconhecimento de que ele não pudera evitar o acontecido.

Na porta da frente de novo, ele sente a brisa noturna no rosto, ouve o movimento abafado do tráfego da avenida Penn. Passa a corrente e bate a porta com cuidado. Janice tem a chave. Pensa nela lá na casa grande de estuque dos Springer, que ele sempre achou parecida com uma enorme sorveteria abandonada. Me perdoa. (Rabbit At Rest, 429).

A importância de Harry deriva essencialmente da atitude estética do autor em sua tetralogia. São de Harry os olhos e a sensibilidade que registram tudo o que lhe acontece em sua vida. Frequentemente o narrador está expondo um ponto de vista que parece exclusivamente seu, quando inesperadamente salta uma expressão típica do discurso de Harry, ou um juízo que poderia ser atribuído apenas a ele. Quantitativa e qualitativamente, é a interioridade de Harry que o narrador conhece melhor. Vemos as coisas e as pessoas através de seus olhos e de sua consciência; seus sonhos e sua perplexidade tornam-se quase nossos. Essa inclusão do leitor é resultado direto do conhecimento interno que o narrador tem da mente do protagonista. O leitor é levado a compartilhar da jornada existencial de Harry, e a ficar do lado dele, moralmente, tornando-se assim impossibilitado de emitir juízos corretivos para uma alma que lhe é aberta tão intimamente: o seu envolvimento com os problemas humanos de Harry é prati-



camente inevitável. Trata-se da história de uma individualidade que almeja, sofre, procura e aprende algumas coisas no trajeto. Certamente uma fábula comum, mas que se torna única através da forma específica em que nos é revelada cada minúcia de uma sensibilidade, com seus arrebatos, frustrações, descobertas, mesquinhez, e aprendizado enfim.

Os diferentes tempos diegéticos cobertos pelos respectivos discursos narrativos dos romances da tetralogia crescem de livro para livro. Em *Rabbit, Run* o discurso narrativo começa em março de 1959 e termina no fim do verão do mesmo ano (a história cobre cinco meses); em *Rabbit Redux*, começa em 16 de julho de 1969 e conclui no início de 1970 (seis meses); *Rabbit Is Rich*, em junho de 1979 até o começo de 1980 (sete meses); e, finalmente, em *Rabbit At Rest*, vai de logo após o Natal de 1988 até agosto de 1989 (oito meses).

Essa representação discursiva do tempo é pontilhada por analepses, caracterizando a força e a importância da atividade retrospectiva, notadamente no que diz respeito às personagens centrais e, em especial, ao protagonista. As analepses encontradas podem ser internas ou externas. São internas quando as voltas a um tempo anterior ao presente da ação permanecem dentro do âmbito temporal coberto pela narrativa primeira, ou seja, pelos discursos narrativos específicos dos quatro romances; são externas quando essas voltas alcançam um tempo não coberto pela narrativa primeira. Em princípio, encontram-se, em qualquer um dos romances, analepses referentes ao tempo coberto por qualquer livro anterior (internas), bem como aos lapsos de tempo intermediários entre as diversas diegeses, não cobertos pelo discurso narrativo (externas). As analepses podem também alcançar o tempo anterior ao início do discurso narrativo do primeiro romance (tempo de ginásio do protagonista, por exemplo), sendo



que as de maior alcance possível são as que ocorrem em *Rabbit At Rest* e se referem ao tempo anterior à narrativa de *Rabbit, Run*. As analepses tendem a ter na tetralogia uma amplitude limitada e, no caso do protagonista especialmente, auxiliam sua caracterização como pessoa que valoriza a experiência passada, com forte tendência a mitificá-la. A frequente ocorrência de analepses referentes ao passado de Harry faz delas motivos livres que assinalam, via de regra, um contraste com o presente narrativo e valorizam o tópico da nostalgia.

A passagem do tempo apresenta-se também ambivalente ao protagonista. A situação disfórica resultante pode originar-se dos temas disfóricos comumente associados ao esvair-se do tempo, ou da própria natureza protéica do mesmo. Se Harry já chegou a considerar o tempo como um elemento natural e não como um intruso, no mais das vezes ele é o lembrete do envelhecimento inevitável e da morte certa. Numa passagem de recordações em *Rabbit At Rest*, em que Harry observa as vizinhanças de onde morava nos primeiros anos de casado, os temas disfóricos do engano são habilmente inseridos no discurso, que fala das mudanças ocorridas no ambiente com o passar dos anos. A nova aparência da antiga casa assim se apresenta, *A porta da casa, que dá para o vestibulo, foi pintada de um ocre-abóbora vivo nas almofadas e de marrom nos umbrais, de forma que uma saliente cruz dupla se destaca, ornamentada por uma aldrava de metal em forma de cabeça de raposa....* (*Rabbit At Rest*, 322). Em que a expressão *double cross*, além do sentido óbvio, sugere o verbo informal *double-cross*, "enganar", o que combina muito bem com a imagem da raposa. Logo adiante, o efeito de tal exame é revelado de forma mais cabal, com a *... sensação de derrota que os anos trouxeram de volta até ele, depois do que pareceu por algum tempo serem triunfos....* (*Rab-*



bit At Rest, 322), e com a sensação disfórica crescente indicada pelos antônimos *defeat* e *triumph*. Mais tarde, a mencionada brincadeira infantil *fox-in-the-morning* torna-se outro símbolo para a vida (*Rabbit At Rest*, 327), e o passar do tempo, mais do que nunca, é sentido como *dúbio* e *paradoxal*, no aforismo do narrador. *O dia e a noite misturam-se um ao outro, mas não são a mesma coisa....* (*Rabbit At Rest*, 327).

Segundo Bakhtin, "... Em arte e em literatura, todas as definições espaço-temporais são inseparáveis umas das outras e são sempre tingidas de um matiz emocional. ..." (Bakhtin, 349). As histórias dos eventos que compõem a experiência de Harry têm uma concentração espacial muito intensa. A cidade de Brewer e seus arredores são o ponto espacial fixo em torno de que gira a vida do protagonista. Esse ponto subdivide-se na especificidade de endereços das casas a que Harry está ligado emocionalmente de forma definitiva. Em *Rabbit, Run*, já casado, mora na rua Wilbur 447, apto. nº 5, terceiro andar; em *Rabbit Redux*, a casa incendiada ficava na Vista Crescent 26, em Penn Villas; em *Rabbit Is Rich*, Harry vai morar com a sogra na rua Joseph 89, em Mt. Judge, e depois muda-se com Janice para a Franklin Drive 14 1/2, em Penn Park, novamente em Brewer, onde mora também em *Rabbit At Rest*, quando não estão veraneando no condomínio Valhalla Village, av. Finto Palm, prédio 3, nº 413.

O espaço de Mt. Judge, em *Rabbit, Run*, representa a mesmice modorrenta sentida por Harry e da qual ele procura fugir. O espaço físico específico está relacionado a imagens de cerceamento à liberdade, tais como redes, teias e buracos. A força de atração exercida por tal espaço já é, no entanto, forte para o protagonista, que evidencia o patético de sua fuga sem rumo.



Vista Crescent, em Rabbit Redux, é o espaço conflituoso intermediário entre dois outros. Do choque violento que se dá em tal espaço entre personalidades díspares, um garoto carregará um trauma pela vida afora, uma mocinha perde a vida, e, principalmente, em termos diegéticos, um pária social é atirado de volta para a marginalidade de onde veio, e um chefe de família é empurrado de volta para a segurança do sistema social, de que ele suspeita mas cujo ritual ele acaba por aceitar relutantemente.

Penn Park, em Rabbit Is Rich, é o antigo território inimigo para Harry, mas que agora, ironicamente, oferece-lhe a segurança material de que ele é extremamente zeloso. Este espaço tem na Springer Motors seu ponto de maior importância para a consciência de Harry. O espaço é simbólico de sua ascensão social, em contraste com a vida de sacrifícios vãos de seus pais, e oferece oportunidade para a disputa territorial de Harry com o filho. É nesse espaço assim caracterizado que Harry enfrenta pela primeira vez diretamente os problemas da natureza familiar e se define, bem ou mal, como chefe de família. Na rua Joseph, morando com a sogra, antes de Penn Park, Harry começa sua lenta e penosa integração no ambiente estritamente familiar.

O passo seguinte da integração de Harry às práticas externas do espaço familiar é dado em Rabbit At Rest, no condomínio da avenida Pindo Palm, comprado com o fim específico de abrigar a família no verão; mas este último endereço acaba por representar uma ruptura importante na saga de Harry, com a decorrente mudança de rumo externa a princípio, e depois interna. As saídas anteriores do protagonista dos outros endereços acima tinham sido todas eventuais ou passageiras, principalmente em férias com a família.



As descrições são recursos comuns na tetralogia. Representam naturalmente pausas no desenrolar da narrativa e servem sobretudo para fixar momentos de observação estática, que impressionam o olho e a alma do protagonista, ao mesmo tempo que o prendem a um ponto espacial específico.

Especialmente nas descrições, Updike é detalhista e cuidadoso, o que lhe tem custado críticas de excessivo zelo para com a forma com prejuízo do conteúdo. A qualidade intrínseca das descrições na tetralogia apontam para conclusões diferentes desta, no entanto. A função das descrições não é decorativa, nem representam elas um mero retardamento da exposição narrativa, para efeito de suspense. Elas frequentemente têm a ver com o olho e com os interesses de Harry. Ao lado da função de ancoramento da narrativa no espaço, com a consequente sensação de verossimilhança da história, as descrições são outro elemento importante na caracterização indireta do protagonista. Constituem-se em dados sobre a geografia onde se desenrola a jornada trivial de Harry, como Mt. Judge e Brewer. Sobre os elementos da informação concreta da topografia fictícia apóia-se a individualidade do jovem Harry, a quem a cidade de Brewer aparece como a cidade de cor avermelhada de vaso de flor, impressão que fora dividida com todos os outros garotos do condado (Rabbit, Run, 19). Andando por Mt. Judge, Harry, na descrição do narrador, volta frequentemente à lembrança de um tempo passado, especialmente de quando ainda vivia com os pais, antes do tempo diegético coberto pela narrativa do primeiro romance. Harry é do tipo nostálgico, voltado para um tempo ideal no passado e à procura de suas reverberações no presente.

Em repetidas situações descritivas ao longo do discurso narrativo, Harry está dirigindo seu carro por Brewer, por Mt. Judge,



no campo, ou pela rodovia numa tentativa de fuga, e a voz do narrador registra os focos de interesse de Harry, sua história, suas obsessões, seus mortos, e os pontos espaciais que suscitam essas lembranças. Por exemplo, quando ele passeia de carro com um possível comprador e com a moça que pode ser sua filha, vemos a grande Brewer passar pela janela do carro ao lado do rosto de Harry, que não deixa de observar a propaganda dos concorrentes da Toyota, como a Porsche, a Renault, a Volkswagen, a Mazda e a BMW. (Rabbit Is Rich, 17).

Portanto, com as minúcias e a impressão de exatidão das descrições, estas estão longe de ser objetivas e impessoais, mas, ao contrário, estão ligadas de uma forma ou de outra à subjetividade da personagem central.

As descrições dos espaços caros a Harry através do tempo tendem a assinalar as penosas mudanças experimentadas por ele. As determinações espaço-temporais fazem-se sentir sobremaneira nesta breve passagem descritiva da situação presente da sala da mãe de Harry, "Costumava entrar um pouco de luz na casa no final da tarde, por entre os bordos. Agora os mesmos bordos taparam essa luz completamente e deixaram na sala uma penumbra de porão." (Rabbit Redux, 86-7). Comparadas ao passado as descrições do espaço presente, via de regra, registram a disfórica condição psicológica do momento, em Harry, como a descrição desoladora do centro de Brewer, tomado agora por estacionamentos e gente estranha (Rabbit At Rest, 228).

Atipicamente, uma das descrições aparece relacionada com a focalização interna em Janice. Levada pelo neto Roy, ela vai ao quintal da casa da rua Joseph, onde agora moram Nelson e Pru. O que primeiro lhe chama a atenção é a velha horta "de Harry". O passeio pelo quarteirão com Roy, logo em seguida, leva às recordações da infância, diante dos objetos familiares, e ao contraste entre as



crianças do tempo dela e as de agora, com a consequente nostalgia causada pela lembrada energia infantil de então (Rabbit At Rest, 313-4). O padrão descritivo é semelhante, quanto à forma e ao conteúdo, aos casos típicos que envolvem Harry, aproximando — por um meio conhecido do narrador e não do protagonista — o marido da esposa quanto à disposição nostálgica, assunto de que eles jamais tratam de forma direta entre si. Aqui, o saber do narrador é maior do que o do protagonista e assinala uma forma de distância entre eles.

A descrição referente a pessoas, de forma semelhante, diz respeito normalmente à imagem que elas oferecem aos olhos de Harry, bem como às inferências que ele faz a partir do que percebe nelas. Tal é o caso da descrição do sr. Shimada, em que um símile revela como a aparência do japonês impressionou o protagonista. "Ela parece denso, como um daqueles saquinhos de jogar cheios, a mais não poder, de chumbo grosso. ..." (Rabbit At Rest, 380).

Há sugestões de que o espaço interno que tem predominância sobre a consciência valorativa de Harry não é o físico. A oposição entre fatores externos e internos não é meramente posicional, geográfica, mas sim de traços e de natureza qualitativamente diversos. Quando Harry assistiu pelo vídeo a uma operação cardíaca, ele encontrou dificuldades em perceber aquilo que viu como a base de seu eu espiritual e imaterial.

Harry tem dificuldade de acreditar em como sua vida está ligada a toda esta mecânica — que o eu que fala dentro dele o tempo todo corra como um inseto aquático sobre esta poça de fluidos corporais e sobre seus dutos escorregadios. Como pôde sua chama jamais ter sido acesa a partir de tal palha úmida? (Rabbit At Rest, 266).



A discrepância entre a base física e a função que ela sustenta estabelece mais uma relação disfórica de Harry com a vida; esta, por sua própria natureza, é de um caráter fundamental a que é impossível escapar, antes da morte. À medida que a vida avança, a base física e concreta, sofrendo a ação do tempo, agrava a situação da parte imaterial, com que, apesar da relação mútua mantida, está em crescente desacordo, como indica o aforismo, *A vida é uma colina que fica mais íngreme à medida que se sobe.* (Rabbit At Rest, 278). A vida torna-se uma sobrecarga para o coração (Rabbit At Rest, 285), aqui entendido não apenas como o órgão concreto que bombeia fluido vital para o corpo todo mas, também e principalmente, como tradicional sede de sentimentos e filtro da alma. É neste segundo papel que o coração termina irremediavelmente batido. A unicidade da experiência emocional humana fica agudamente registrada no episódio em que Mim diz ao irmão não se lembrar de uma certa cançãozinha que ela cantava quando criança. Harry recorda-se frequentemente desta canção boba como fator altamente evocativo de uma época pura e inocente, cheia de um encanto perdido; significativamente, a irmã não se recorda da canção.

O antigo motivo do paralelo com o Dalai Lama, líder espiritual do Tibete, volta em Rabbit At Rest. Da mesma forma que o líder não consegue renunciar a seu caráter de divindade, Harry não consegue abrir mão de sua identidade individual. Só por instantes ele consegue pensar em si mesmo como mais um, apenas um número.

*... apenas uma vida dentre fileiras, paredes e
quarteirões de vidas. Há prazer em tal visão ge-
ral, uma fraca e distante emoção comunitária,
mas que é difícil de se manter sobre a original
e contínua impressão dele de que Brewer e o mun-
do todo além são apenas acessórios de sua perso-*



nalidade, como o enfeite ao redor do cartão de namorados; ele mesmo é o coração do universo, como o Dalai Lama,... (Rabbit At Rest, 290).

A individualidade de Harry é o assunto e o centro controlador da tetralogia, ao mesmo tempo. Na caracterização indireta do protagonista feita pelo narrador, no trecho acima, aquele tem sua individualidade sobrepondo-se à circunstância do espaço, que aqui deixa de limitá-la e se coaduna com ela. Esta é a disposição predominante em Harry em contraste com a de se considerar apenas mais um mortal que se exime assim da responsabilidade de uma consciência individual e única.

4. PERSONAGENS

Consideraremos aqui algumas personagens centrais, especialmente relacionadas com a narração e com o protagonista; bem como as personagens femininas em bloco, devido ao tratamento pouco diferenciado dispensado a elas pelo protagonista e ao enquadramento esquemático que lhes é dado pelo narrador.

4.1. Eccles

Em *Rabbit, Run*, Eccles é a personagem masculina que mais se destaca além do protagonista e tem seus contornos mais claramente delineados quando vistos em oposição aos de Harry. Eccles localiza em Harry a fé que nunca teve e suas boas intenções de caráter social só servem para mascarar sua falta de vocação sacerdotal. Curiosamente, aliás como acontece também com Skeeter em *Rabbit Redux*, há uma solidariedade masculina entre Harry e Eccles que exclui a mulher, no caso Lucy, esposa do segundo. Lucy teme que Harry seduza seu marido para a vida de aventura fora de casa, ao mesmo tempo que não consegue disfarçar a forte atração que sente pelo Coelho. Essa posição conflituosa de Lucy é reforçada pelas críticas que faz ao marido, especialmente por ele ser bem diferente de Harry, que, particularmente nesta fase de sua vida, não consegue ver a mulher como muito mais do que um simples objeto de desejo. Um diálogo crucial entre Harry e Lucy é muito representativo da complexidade das relações humanas, aqui de caráter social e sexual. A multiplicidade de opções possíveis de interpretação deixa atônitos personagens e leitor. Após o culto religioso, Harry acompanha Lucy até sua casa e há um curioso mal (?) entendido entre eles.



-- Ora, vamos. Você já foi à igreja, solte-se um pouco. Tome um pouco de café.

-- Não, olha.... Você é uma gracinha, mas voltei para minha esposa agora.

-- O que é que o senhor está insinuando? Franca-mente! (Rabbit, Run, 201).

Harry pode, provavelmente, ter cometido uma dupla falta: colocou a situação em termos claros e definitivos em vez de agir naturalmente e, por outro lado, tentou assentir às normas do comportamento social e moral. O narrador, por sua vez, coloca a questão claramente dentro da consciência de Harry, *Ela ficou zangada porque ele recusara uma proposta? Ou porque ele mostrou ter entendido que ela fez uma?* (Rabbit, Run, 202). O ponto que desejamos assinalar é que Lucy fica tão enigmática e ambígua para o leitor quanto o é para a mente do protagonista, constituindo-se assim em mais um elemento do universo disfórico do mesmo. Isto acontece porque a focalização é sempre externa com relação a Lucy. Seus discursos diretos e suas ações com relação ao Coelho sempre dão margem a interpretações ambíguas.

A condição patética de Eccles resume-se no fato de ter escolhido a carreira religiosa por expectativa familiar e não por vocação pessoal, e de procurar um refúgio da realidade da falta de fé na preocupação com o bem-estar espiritual e social de seus paroquianos, no que é duramente criticado pelo pastor luterano Kruppenbach, que valoriza sobretudo o calor da fé. Curioso notar que enquanto a denominação religiosa de Eccles, episcopal, aponta para o caráter hierárquico e burocrático da religião, a do luterano Kruppenbach assinala a presença do indivíduo, do caráter pessoal e intransferível. O caminho percorrido por Eccles é justamente o oposto do de Harry:



enquanto o pastor tenta mascarar sua ausência de fé com uma atitude altruística, que é bem vista pelos fiéis, Harry, por sua vez, por causa de sua fé, que lhe aponta uma possibilidade para além do lugar-comum, é compelido à ação que visa satisfazer seu próprio anseio espiritual e percebe que, nessa linha, magoa o próximo, especialmente a esposa, aqui vista como um símbolo da ordem social. Eccles sumariza sua admiração por Harry e sua distância dele ao aproximar a busca desenvolvida pelo protagonista à de um santo, quando Harry lhe fala de seu anseio,

-- Acho mesmo, parece, que em algum lugar por trás de tudo isso ... há alguma coisa querendo que eu a encontre....

-- Naturalmente, todo vadio acha que está numa busca. Pelo menos a princípio....

-- Bom, acho que isso deixa seu amigo Jesus muito mal....

-- Mas ele disse, diz o ministro; que os santos não deviam se casar. (Rabbit, Run, 107).

Apesar de, como afirmamos, Harry e Eccles seguirem caminhos externos opostos um ao do outro, cada um deles sente impulsos no sentido de compreender a axiologia do outro. Enquanto censura a ação externa de Harry deixar a esposa e procurar um objetivo vago, Eccles descobre na ovelha desgarrada a chama da fé que ele mesmo desconhece, e que o aproxima do ideal que sua própria profissão cultua. Por outro lado, reconhecendo sua falta de direção e imprudência, Harry espera de Eccles as diretrizes seguras de um sistema religioso e social que o guie em seu redemoinho existencial, e conclui que o pastor não parece ter a devida competência para isso, no discurso modalizante do narrador, *Ele fica ligeiramente incomodado*



pelo fato de o pastor não gritar com ele nem fazer nada parecido; ele não parece conhecer bem sua profissão. (Rabbit, Run, 87). Eccles, cujo nome pode ser a abreviatura de Ecclesiastes, pregador ou membro da assembleia de cidadãos, de ecclesia, igreja ou congregação, representa a adesão ao coletivo, ao formal, à falta de espontaneidade a fim de satisfazer expectativas de outrem; daí resulta sua alienação da própria personalidade; a comunidade o adora mas ele não sabe quem é ou o que quer.

Aqui, a idéia de Kierkegaard, que Updike também admira, faz-se notar: a busca e a possível descoberta do divino é sempre individual, pessoal e intransferível. (Kierkegaard, "O Desespero Humano", 206, 271, 273). No entanto, pelo que a observação poderia dar a entender, não se tem uma condenação pura e simples de Eccles, como não há condenação sumária de qualquer personagem em Updike; isso acontece principalmente porque a visão dupla do narrador e de Harry tende a compreender a complexidade humana e a integrá-la num contexto maior, cujo significado total parece sempre escapar ao intelecto e à sensibilidade do homem. Por exemplo, por mais irritante e terrível que se apresente, conseguimos às vezes até entender a atitude iconoclasta e desafiadora de Skeeter; ele não é assim gratuitamente. Em suma, Eccles está tão perdido quanto Harry, só que estão em caminhos diferentes. A atitude do pastor leva em consideração o aspecto ético e social preterindo, desastrosamente, a realização espiritual. Por outro lado, outros elementos em seu caráter ajudam a angariar solidariedade para seu modo de ser: ele é criticado pela esposa e manipulado pela filha em casa, sente afeto por Nelson, uma criança mais ou menos ignorada, principalmente pela avó paterna, e evidencia uma imaturidade patética diante de sua situação. Em termos práticos, sua atitude a favor da ordem social e ética, tentando reunir a todo



custo o casal Harry e Janice, resulta na tragédia da morte da filha de ambos.

O jogo de golfe entre Harry e Eccles logo adquire valor metaforizado do objeto procurado pelo protagonista, bem como da atitude mais prática de Eccles, que condena a altura (height) de Harry, aconselhando-o a descer à bola (bend to the ball, sit down) (p. 109). Harry, por sua vez, experimenta sua epifania religiosa ao acertar uma bela tacada por acaso, sentindo o êxtase do vislumbre daquela meta espiritual que ele procura. E para explicar a Eccles que meta é essa ele simplesmente diz, __ *É isso!* (Rabbit, Run, 113). Esta brevidade e concisão vocabular é bem adequada ao protagonista, considerando-se seu status sócio-cultural. O narrador resume a avaliação de Harry sobre Eccles de forma igualmente concisa com o adjetivo coloquial *soggy* (p. 249), que além de seu sentido básico de encharcado, desagradável, tem o de carente de espírito, desinteressante. Eccles representa para Harry mais um fragoroso fracasso do sistema em atender às necessidades espirituais de seu elemento humano. Dando-se conta da legitimidade da procura de Harry, Eccles defronta-se com o vazio de sua própria existência e, como observa Uphaus, "Updike sabe o que Eccles suspeita: que a ação ética neste mundo não é o suficiente. O cristianismo não é feito de ações externas, de mera aderência a padrões éticos..." (Uphaus, 26).

No contraste de posições doutrinárias entre Kruppenbach e Eccles, o primeiro recomenda veementemente a Eccles que não interfira na vida particular de seus paroquianos, mas que seja apenas um exemplo de fé, e afirma, __ *Está tudo na bíblia: um ladrão com fé vale por todos os fariseus.* (Rabbit, Run, 143). Sem entrar em contacto direto com Harry diegeticamente, Kruppenbach, numa ironia do autor, parece estar se referindo justamente ao caso de Harry, que se



sente muitas vezes como um criminoso, como quando está fugindo de casa. *Pela primeira vez, Harry percebe que é um criminoso....* (Rabbit, Run, 26). A coincidência aumenta significativamente o peso do tema da fé como qualidade decisiva no delineamento de um caráter humano. O discurso direto avaliativo de Kruppenbach sobre o valor da fé é tão convincente e agressivo que Eccles, apesar de chocado com a demonstração do pastor luterano, admite consigo mesmo que ele tem razão (Rabbit, Run, 144). Porém, o narrador só vê Kruppenbach de fora; a focalização interna permanece em Eccles, com seu drama específico de não ter fé. Assim, o autor implícito não toma partido na oposição entre os que têm fé e os que não têm, mas, contrariamente, interessa-se pelos reflexos que as duas condições opostas causam em diferentes pessoas.

Os Hamilton assinalam que Kruppenbach despreza os problemas domésticos e pessoais como pouco importantes num mundo à beira do juízo final (Alice e Kenneth Hamilton, 1970, 147). Com isso, ele tampouco aprovaria a situação de Harry, que, apesar de atraído por um chamamento de natureza espiritual, está perdido em meio às circunstâncias mezinhas da vida cotidiana. Sua fé está, por assim dizer, em estado bruto e não disciplinada pelas diretrizes de qualquer sectarismo, o que, no presente contexto, é certeza de conflitos generalizados com o grupo humano estruturado em que vive.

Significativamente, quando Harry foge dos demais no enterro da filha, tentando deixar para trás individualidades opacas para si, ele sobe uma encosta íngreme em direção às árvores do mato. Seu movimento implica ascensão para além daquele mundo formal, cujo último sinal sonoro é a voz de Eccles a chamá-lo de volta (p. 244), bem como uma tentativa desesperada de fuga para a natureza, que de alguma forma não lhe propicia a mesma proteção de que ele se lembra



quando era criança. Uma oração em especial registra a imagem do posicionamento espacial espiritual de Harry com relação ao restante das pessoas, *Só descendo pelo morro ele pode se juntar aos outros.* (Rabbit, Run, 245). Um pouco antes, a avaliação que o protagonista faz do papel de Eccles no funeral não deixa dúvidas quanto ao que Harry acha do grupo reunido para aquela ocasião marcante para a sensibilidade do pai desorientado. Eccles diz que aquele que crê em Deus jamais morrerá, mas *A voz dele é falsa. Todas essas pessoas são falsas, exceto sua filha morta — o caixão branco com o enfeite dourado.* (Rabbit, Run, 242). Novamente repete-se o padrão de caracterização de outras personagens: seus papéis no contexto do romance depende da visão do protagonista. Se houvesse incursões em mentes das pessoas no cemitério, por exemplo, sua caracterização enquanto grupo certamente seria alterada, e a provação por que passa Harry, diluída. Como está, a predominante focalização interna em Harry regula a extensão com que recebemos sua experiência de isolamento existencial e as imagens das personagens que o cercam.

Eccles representa mais uma das forças do sistema, acreditando que há uma série externa de requisitos e valores éticos, religiosos e práticos, que uma vez satisfeitos e alcançados garantem uma vida equilibrada e feliz. A experiência interior de Harry, e a propósito também a de Eccles, aponta para a realidade da condição humana, bem diversa de tudo isso.

Um dos indícios da tibieza da filosofia de vida de Eccles é sua propensão a entender e a admirar a atitude de Harry, enquanto possuidor de uma qualidade fundamental que ele mesmo não tem. Harry causa uma forte impressão em Eccles, que se sente unido ao Coelho como que numa busca superior simbolizada pelo mero jogo de golfe.



Eccles já teve parceiros melhores e piores que ele; apenas Harry é as duas coisas, e só Harry dá ao jogo uma alegria desesperada, como se os dois estivessem empenhados numa busca impossível, surpreendente e sem fim, ordenada por um benévolo mas absurdo senhor, uma busca que os humilha até quase às lágrimas, mas que se renova a cada tee, num novo turbilhão verde....
(Rabbit, Run, 141).

O discurso específico demonstra a incapacidade de Eccles de compreender a extensão humana do protagonista, cuja ação, não obstante, o arrasta para uma busca conjunta que aponta para objetivos desconhecidos, cuja importância fica patente para o pastor.

O fato é que Harry, apesar de seus defeitos, não fugiu de Eccles a princípio e deu-lhe todas as oportunidades para que o pastor pudesse orientá-lo espiritualmente, e Eccles simplesmente não se encontrava em condições de fazê-lo.

Joyce B. Markle observa com propriedade as imagens dos esportes em que Harry e Eccles são proficientes, basquetebol e golfe respectivamente. No do protagonista o sentido da meta é vertical, espaço mais alto, ao passo que no esporte de Eccles a conquista é no sentido horizontal, mais chão, mais prático, sem se arriscar a altos vãos (Markle, 38). Aliás, a vocação bípede e vertical é um traço constante na personagem central da tetralogia. Por exemplo, tendo subido o monte Judge com Ruth, *Parece indiscutível, aqui de pé, que se há este chão deve haver um teto, que o verdadeiro espaço em que vivemos é espaço ascendente....* (Rabbit, Run, 96). Seu drama, sua glória e sua ruína parecem residir na situação caracterizada em outro lugar pelo próprio Updike, quando diz serem seus escritos *debaixes morais com o leitor (Picked-Up Pieces, "One Big Interview,"* 483), e com o *Nobre animal! / Por tentar levar neste globo terres-*



tre, / Com mão sequiosa e impertinente esposa, / A vida vertical.
(Midpoint, "The Naked Ape," 99).

Em termos espaciais Eccles gravita em torno de sua paróquia e de seu lar. Sua paróquia mergulha-o em interesses concretos de seus paroquianos, afastando-o da fé desinteressada; e seu lar, cheio de conotações pagãs centralizadas em sua esposa Lucy, torna-o, enquanto religioso, um estranho em sua própria casa.

Com relação ao protagonista o papel de Eccles resume-se no fornecimento de prescrições de comportamento, que se mostram ineficazes, ao invés de uma ação concreta efetiva que fosse resultante de uma postura pessoal mais sólida. No contraste do pastor com o protagonista, este mostra-se mais autêntico e complexo.

4.2. Skeeter

Assim como Eccles atua exclusivamente em *Rabbit, Run*, Skeeter é a personagem marcante de *Rabbit Redux*. Ele é sub-repticiamente apresentado ao leitor antes do capítulo que leva seu nome, e ficamos conhecendo algo de seu caráter antes mesmo que seu nome seja mencionado, ou que tenhamos algum indício da importância que essa personagem vai adquirir mais adiante. No clube noturno dos negros, *Jimbo's Friendly Lounge*, onde o colega negro de Harry o leva, Skeeter é apenas uma voz anônima que soa como um refrão agourento e sarcástico ao fundo do diálogo das personagens identificadas, Harry, Buchanan, Babe e Jill. Embora essas pessoas tratem Harry, com cordialidade, ele está pouco à vontade e temeroso no convívio com negros; até a bebida que lhe oferecem parece-lhe uma ameaça; e nesta atmosfera as observações ferinas da pessoa aqui apenas chamada de *the other dark man* (p. 103) ou *the man not Buchanan* (p. 104) subli-



nam o temor de Harry num ambiente potencialmente hostil e desconhecido. O nome Skeeter só aparece pela primeira vez casualmente, mencionado por Jill ao saudá-lo. Mas a menção casual é agudamente captada pelos ouvidos do narrador, isto é, de Harry.

__ Oi, Jill, diz Buchanan.

__ Oi, Buck. Olá, Skeeter.

Então, Skeeter é o nome dele.... (Rabbit Redux, 111).

Este retardamento da revelação da identidade de Skeeter aproxima-o da própria personalidade anônima imaginada por Harry fazendo parte de manchetes de jornal fictícias e sensacionalistas.

Neste estágio inicial o contraste entre o jovem negro e Buchanan salta aos olhos: Buchanan é gentil com todos e segundo suas próprias palavras, *Sou apenas um homem tentando ir do ponto A ao ponto B, do berço ao túmulo, magoando o menor número possível de pessoas....* (Rabbit Redux, 116), e também age de acordo com suas palavras e até honra suas dívidas, como faz quando pede dinheiro emprestado a Harry (pp. 162, 189). Como será mostrado adiante, Skeeter pertence a todo um outro tipo de minoria discriminada, e revida. Buchanan adota a postura da tentativa de tornar-se quase invisível dentro do sistema criado pelo branco, para passar despercebido e ficar a salvo. Um exemplo da delicadeza de Buchanan aparece quando Jill o acusa duramente de ser um negro conformista, __ *Não sou nenhum negro submisso, moça.... Esse tipo de conversa só mostra que você é jovem demais....* (Rabbit Redux, 116). Quanto a magoar as pessoas, é curioso notar como Buchanan endossa uma das crenças centrais em Harry, ou seja, a de que o movimento humano necessariamente acaba por ferir o próximo. Buchanan conseguiu aparentemente, de alguma forma e apesar de ter também sofrido, não se tornar amargo ou revol-



tado. A breve exposição desta personagem aproxima-a do tipo; o que Harry vê e sente de Buchanan é bem uniforme, coerente e unilateral.

Skeeter é o exemplo mais eloquente das forças opostas que podem atuar numa psique, sua ambiguidade é complexa como a vida e afeta sobremaneira as personagens que o cercam, especialmente a Harry. A atitude extravagante de experimentar novos caminhos, mormente os inusitados, coisa comum no espírito da década, tem em Skeeter o maior representante. Por outro lado, ele mesmo propicia ocasião para que as outras personagens tenham atitudes ambíguas. Janice, atipicamente, abandona sua casa e vai viver com o amante Stavros, deixando o palco de sua casa livre para a tragicomédia que se segue. Harry tem a oportunidade e a força para expulsar Skeeter, mas não o faz, certamente atraído pelo bizarro da criatura, e pelo vislumbre de poder aprender muito em convivência com ele. A partir dessa atitude a relação entre Harry e Skeeter permanece numa gangorra de atração e repulsa exercidas pelo negro. Skeeter é o grande inversor de papéis: assume as qualidades messiânicas, antes atribuídas a Harry por Eccles, só que pretende ser o Cristo negro, um Cristo em negativo que represente o inverso dos valores aceitos e propagados pela cultura americana branca.

É notável que, logo de início, Skeeter procure ferir o sistema social, filosófico e religioso em que Harry vive. Mas, Skeeter não é unilateral, e sua imagem surpreende: por exemplo, ele jamais é cruel com Nelson e o trata mesmo com um certo carinho. E, por força de Skeeter e com o assentimento do dono da casa, forma-se uma família bizarra que até mesmo divide as tarefas diárias, como lavar e enxugar pratos. O impressionante em Skeeter é que seu sofrimento e sua revolta são reais, frutos de uma experiência vivida, de ser negro e discriminado por isso e de ter participado, como ameri-



cano, da guerra do Vietnã. O mesmo país pelo qual arriscou a vida e presenciou coisas horríveis não lhe oferece um lugar digno e tranquilo para viver. Skeeter, logo de início, chega a ser espancado por Harry devido à sua provocação violenta, mas não revida fisicamente, sua força é interna e reside mais no que ele diz e em seus gestos moralmente agressivos. Ele é franzino e fraco, mas conquista Harry para ver seu lado das coisas. Harry chega a enfrentar a ira dos vizinhos, que querem que ele expulse Skeeter de casa.

Jill é bem mais ambígua que Harry: leva Skeeter para a casa do protagonista para protegê-lo da polícia por traficar drogas e estar em liberdade condicional. Logo em seguida Jill pede a Harry que o expulse, este vacila e ela propõe leituras noturnas dirigidas dos livros de Skeeter a fim de mostrar a Harry sua alienação das reais condições da sociedade. Certamente aconteceu algo entre eles todos na situação criada na casa que disparou em Jill sua cartilha retórica revolucionária, que parece carecer de verdadeira convicção, e ser mais uma corrente de pensamento que uma vez iniciada tem já todo seu percurso delineado. O tom didático reforça esta impressão.

---Sua vida não tem conteúdo reflexivo; é só instinto, e quando seus instintos frustram você, você não tem mais nada em que confiar. É isso que deixa você cínico. O cinismo, já disseram, é pragmatismo exaurido. O pragmatismo serviu aqui num certo momento, no desbravamento, ele fez o serviço, com muito desperdício e violência, mas fez. (Rabbit Redux, 198).

O uso de certas expressões de cunho retórico, como "conteúdo reflexivo", "pragmatismo exaurido", "discussão estruturada" e "problema de comunicação", aumenta a distância entre Jill e Harry, e



a generalização que ela faz aproximando o suposto pragmatismo de Harry aos primeiros tempos da nação americana é, no mínimo, forçada.

Este tom parece ser o de quem decorou palavras de ordem e pensamentos de livros revolucionários que leu. A impressão fica mais justificada quando se observa, pouco antes, a maneira pela qual Jill se dirigia ao Coelho na intimidade de seu quarto, onde talvez falasse uma Jill mais humana e menos programada ideologicamente, ela fala a Harry sobre Skeeter,

-- Ele é horrível. Horrível mesmo. Ele parece
tar escamas, e é tão amargo. (Rabbit Redux, 186).

-- Ele me assusta.

-- A mim também.

-- Eu estava meio querendo que você o expulsasse. Mais que isso.

-- Bem... se ele é o próximo Cristo, devemos
conquistar a simpatia dele. (Rabbit Redux, 187).

Além do temor real que Jill tem de Skeeter, o diálogo mostra a atração que Harry começa, humoristicamente, a mostrar em favor do estranho que invadiu sua casa. De certa forma, Skeeter é a materialização dos impulsos secretos de Harry, pois ele conseguiu colocar em prática, por convicções pessoais, toda uma forma de vida anti-sistema, apenas esboçada por Harry em Rabbit, Run. Talvez a acomodação do protagonista às imposições sociais vigentes se devam às vantagens materiais que a sociedade lhe garante, o que naturalmente não acontece no caso do jovem negro. Skeeter expressa-se nos gestos enquanto Harry só consegue contemplar e invejá-lo. Isso não quer dizer que Harry e Skeeter tenham os mesmos problemas, mas sim que têm diferentes reações diante deles. A ambivalência em Jill aparece a partir da



presença de Skeeter na casa, ironicamente trazido por ela. Ela volta a sugerir a expulsão de Skeeter quando se sente ameaçada pela droga promovida pelo traficante (p. 204) mas acaba por cair no laço, principalmente devido à hesitação de sua atitude ambivalente. Ela parece ter voltado à confusão que a fez fugir da casa dos pais.

Um dos indícios mais claros da ambivalência de Skeeter está relacionado com sua linguagem. É evidente que ele leu muito, mas usar um inglês disciplinado talvez lhe pareça fazer demasiada concessão à sociedade branca que ele vê como opressora de sua raça. Suas falas estão cheias de coloquialismos, termos de gíria, e expletivos, como diante do espanto de Harry ao encontrá-lo subitamente em sua casa, *__ Que diabo, cara! É a revolução, certo?...; sou, como diriam, desejado pelos tiras locais. Me tornei uma figurinha quente, certo?* (Rabbit Redux, 179). Outras vezes o aspecto fonético do que ele diz é fortemente enfatizado, *Ah is one baad niggeh. (Sô um nego mauu)* (p. 180), e sua dicção às vezes é uma forma de agredir e criticar os valores estabelecidos em palavras como *eddi-cayshun* e *Amurri-ka* (p. 201). Skeeter é uma criatura híbrida, produto de um meio citadino, e de forças sociais e raciais contrastantes, que, de alguma forma, afetaram uma identidade. Harry observa que *Ele tem muitas vozes,..., e nenhuma delas é realmente a dele* (Rabbit Redux, 180).

Skeeter é uma espécie de ator, no sentido dramático, levando por papéis antagônicos ora numa direção, ora noutra. Quando se está pronto a classificá-lo, como faz o narrador, *Então ele é mau mesmo.... Agora este negro abre-se debaixo dele da mesma forma: um buraco de espumante mau cheiro cujo fundo é impossível de se ver.* (Rabbit Redux, 181), encontramos-lo pacificamente sentado com Nelson e Jill assistindo à televisão quando Harry volta do trabalho (p.



194), ou treinando basquete com Nelson numa quadra improvisada no quintal (p. 235), ou enxugando pratos na cozinha (p. 176), ou saindo tranquilamente para passear com Jill de manhã, após uma noite terrível de desregramento de toda ordem (p. 261). Há passagens em que Skeeter chega até a ser cômico, como naquela em que finge com Jill ser o pai de Harry saindo para o seu primeiro encontro. *Jill ajusta a gravata do Coelho, Skeeter espana-lhe os ombros como um servçal. -- Imagine só, querida, diz Skeeter a Jill; nosso garoto cresceu, já é o seu primeiro encontro.* (Rabbit Redux, 265). Na verdade, Harry está saindo com Nelson para visitar a amiga divorciada Peggy Foshacht, na noite do fatídico incêndio; mas, como quase tudo na ficção de Updike tem dois lados, a brincadeira de Skeeter pode apontar para implicações mais sérias: talvez Skeeter e Jill sejam de fato, a esta altura, os pais de um novo Harry, mais versado nas contradições e surpresas do mundo.

Embora Harry zombe das supostas qualidades messiânicas de Skeeter, que afirma ser o Cristo negro e, apocalipticamente, que a sociedade branca vai se destruir (p. 212), mais tarde o próprio Harry fica impressionado com a observação que faz do torso nu de Skeeter, aproximando-o da divindade. *Harry nunca viu um tórax igual; só num crucifixo....* (Rabbit Redux, 212). Ainda aqui o padrão da inversão faz-se sentir claramente; Skeeter está tentando violentar Jill durante a leitura de Harry que o inflamou. A confusão de papéis sugerida pelo faz-de-conta criado por Skeeter (p. 255), que imaginou Jill como escrava, Harry como negro, e a si próprio como senhor branco de escravos, delineia um microcosmo disfórico, reforçado pela atmosfera de pesadelo criada pelas drogas e pelo sofrimento real de Skeeter. Naturalmente estes dados lembram a própria qualidade messiânica atribuída a Harry em Rabbit, Run por Eccles: enquanto a bus-



ca de Harry era de natureza pessoal levada por um vago chamado espiritual, a de Skeeter sonha com uma nova ordem social em que sua raça seja redimida das injustiças que sofreu; ele já desistiu de qualquer tentativa de integração à sociedade branca e prega sua destruição. Esta sua atitude aproxima-o de Malcolm X (1925-1965), líder da Nation of Islam, organização de negros americanos que segue as práticas do islamismo e propõe a segregação racial, tendo como meta o estabelecimento de uma nova nação negra. Há um dado, aparentemente casual, que indica ser Skeeter circuncidado, o que o liga ao islamismo. *Jill diz a ele (Harry) com urgência: -- Gosto de você aí mais do que gosto de Skeeter, acho que a circuncisão deixa feios os homens.* (Rabbit Redux, 221).

O que Harry tem de revolta social é catalisado por Skeeter, havendo uma transposição do problema racial do negro para o passado de Harry, assolado pela pobreza. Mesmo no presente o Coelho é suscetível às humilhações dos ricos, de Penn Park, como o médico que cuida de sua mãe. O sentimento de humilhação e revolta aproxima sensivelmente o protagonista e seu esdrúxulo hóspede.

-- Odeio aqueles desgraçados de Penn Park, entende-se Harry representando para Skeeter, querendo agradar-lhe; se eu pudesse apertar o botão vermelho e mandar todos eles para o inferno -- aperta um botão imaginário no ar -- eu faria isso. Ele aperta o botão com tanta vontade que consegue vê-lo.

-- Bum, certo? Ri Skeeter estirando ao máximo seus braços de palito. (Rabbit Redux, 216).

O discurso e gestos teatrais de Harry indicam sua disposição de aproximar-se ideologicamente de Skeeter nesta passagem. O contato com Skeeter e, por extensão, com Jill, configura-se para Harry como



oportunidade de aquisição de competência quanto à realidade do mundo -- o que o equipararia à esposa. Skeeter naturalmente sabe como usar o ressentimento que Harry tem dos ricos, eles são ricos brancos, afinal; e, ironicamente, em *Rabbit Is Rich*, superada a fase Skeeter de sua vida, Harry torna-se mais um morador de Penn Park. Não obstante sua aproximação com Skeeter e sua fascinação por ele, seus caminhos estão inexoravelmente separados; apenas por algum tempo seus trilhos correram paralelos e a observação mútua foi possível. Novamente, o tema da força de um sistema social faz-se presente: ele afasta pessoas com afinidades sem maior consideração pelo aspecto humano desse contato, o que interessa ao establishment é que alguns seres humanos estão irremediavelmente em grupos diferentes uns dos outros. Abertamente, parece que ninguém gosta de Skeeter, mas ele atrai os outros através daquele mesmo tipo de fascínio que o Coelho um dia possuiu, e nesse sentido Skeeter pode ser considerado sagrado. Ele é aquele que escapou à monotonia cotidiana, que tem o encanto da aventura e do desconhecido, que é mais ou menos imprevisível; e isto fascina o comum dos mortais.

Até mesmo Nelson tem sua vida infantil afetada pela presença de Skeeter em sua casa; ele tem que enfrentar a provocação dos outros garotos da vizinhança (p. 220); e mais, ele vai levar lembranças traumáticas deste período para sua vida adulta. Quanto a Jill, ela sofre um processo de desumanização promovido por Skeeter e suas drogas, e até mesmo seu pranto, quando não consegue mais cozinhar direito, perdeu sua conotação de sofrimento humano. *As lágrimas caem em seu prato. Estranhas lágrimas, mais condensações químicas do que sinais de pesar: lágrimas que ela produz com o lilás produz botões.....* (*Rabbit Redux*, 222). Além disso, o tratamento que Skeeter dá a Jill é cruel, ele parece desprezá-la, principalmente quando es-



tá discutindo com Harry problemas de relacionamento humano.

W. E. B. Du Bois, um dos autores lidos por Skeeter, estabelece o conceito de dupla consciência (*double consciousness*), ou caráter duplo de um afro-americano, "um americano, um negro: dois ideais antagônicos num corpo negro, cuja teimosa força, apenas, evita que ele se desintegre." (Du Bois, 299). Skeeter não escapa a esta situação, trata-se de um homem dividido entre a consciência de sua negritude e a de ser americano. Este problema específico de identidade deve ter se tornado mais agudo com sua experiência na guerra do Vietnã, onde, em seu próprio discurso, não havia preconceito racial.

— *O Vietnã deve ser o único lugar no mundo do tio Sam onde a diferença entre branco e preto não tem importância. Verdade. Rapazes brancos morreram por mim. O exército trata muito bem o negro, o corpo negro serve para parar bala como qualquer outro...* (*Rabbit Redux*, 224). Assim sendo, Skeeter traz um problema duplo: além dos horrores da guerra, suficientes para traumatizar qualquer pessoa sensível, ele tem que enfrentar o dilema de ser tratado de forma diferenciada em tempo de paz nos Estados Unidos. O jeito que Skeeter encontrou de não se despedaçar foi rebelar-se contra o mundo do branco, que, não obstante, é o seu habitat. Esse meio de Skeeter constitui-se no ambiente citadino de cartas marcadas e papéis delimitados: ele parece conhecer o seu, que é o de ser o rebelde diante do adversário branco com suas normas bem definidas. Seu papel é esconder-se, tentar minar o sistema que ele considera ultrapassado, traficar com drogas, pertencer a uma organização secreta negra de militância política.

O cenário desse papel é o meio urbano, e Skeeter sente-se naturalmente exposto quando num passeio o carro de Jill enguiça por falta de óleo e eles ficam isolados, por algum tempo, no campo.



Skeeter evidencia toda a distância a que está da natureza impedindo Néelson de comer uma maçã que ele apanhou duma árvore na estrada. Skeeter protesta: *__ Menino, não ponha a boca nesse lixo. Será que ele nunca antes tinha visto comerem fruta diretamente do pé?* (Rabbit Redux, 200). Skeeter, que começara a entrar em pânico com a possibilidade do aparecimento da polícia para verificar o que acontecera com o carro, torna-se novamente senhor da situação depois que Harry conseguiu um guincho para o carro. Na volta de táxi para casa, o jovem negro encontra a frieza necessária para zombar do motorista, imitando a voz de um negro sem cultura saindo de casa pela primeira vez.

Uma fala de Skeeter a Harry criticando o bom senso está cheia de sentidos que vão muito além do imediatamente observável. O tom informal de Skeeter pode distrair o leitor descuidado, mas ele não está apenas condenando o convencional.

__ Seu problema... é que você está entulhado de bom senso. Bom senso é porcaria, cara. Ajuda você a ir levando, é claro, mas impede que você fique sabendo. Você simplesmente não sabe, Coelho. Você nem sabe que todo o tempo que existe é agora. O que acontece a você é só o que acontece, certo? Você é a coisa, certo? Você. é. A coisa. Desci de lá... para lhes dizer isso, já que nesses dois mil anos vocês deram um jeito de se esquecer de novo, certo? (Rabbit Redux, 227).

A passagem inicia-se com Skeeter condenando o bom senso de Harry que o impede de vir a conhecer. Skeeter, como a serpente do paraíso, acena com a conquista do conhecimento, o que igualaria o homem a Deus, na promessa. A parte central parece coincidir justamente com a postura estético-filosófica de Updike, ao colocar a consciência de



Harry como centro em torno do qual imagens, personagens, eventos giram e causam efeitos. A individualidade de Harry é o espetáculo. E Skeeter conclui deixando claro que esta é a mensagem divina, que ele, na condição auto-proclamada de Jesus Cristo negro, veio para lembrar isto aos homens, que esqueceram: o que conta é o indivíduo e é nesta condição que ele pode chegar até Deus. A ênfase na individualidade lembra certas palavras de Harry a Janice, em *Rabbit, Run*, ---... a questão é como eu me sinto. E o que eu sinto é vontade de sair. (*Rabbit, Run*, 207), e a Ruth, ---Só o que sei é o que me parece certo. Você me parece certa. Às vezes Janice parecia. Às vezes nada parece. (*Rabbit, Run*, 252).

A situação catalisada por Skeeter na casa de Harry tem a inevitabilidade de uma reação química em que determinados elementos foram aproximados pelo acaso. O resultado dessa aproximação é uma unidade assinalada muitas vezes pelo motivo da família *sui generis* assim formada: as partes integram-se e o todo é explosivo, afetando decisivamente cada um de seus componentes. Significativamente, esta integração é intuída por Jill quando desenha as figuras dos quatro associadas a naipes do baralho (p. 229): Skeeter é espadas, a energia e a agressividade do cavaleiro; ela mesma é copas, que, generosa, se entrega totalmente até chegar ao próprio aniquilamento; Nelson é paus, o que passa por essa iniciação violenta e que terá sua vida permanentemente marcada por ela; e, finalmente, Harry é ouros, o sustentáculo econômico desse espetáculo de interações, interessado na observação. Uma vez que os elementos constituintes sejam supridos a sequência é inevitável. O motivo da família aparece corroborado pelo elemento natural sugerindo uma curiosa harmonia, a harmonia do ovo, não importa qual seja a natureza do filhote que vai nascer.



... eles estão se regozijando na irmandade, por ter compartilhado este momento, rindo e gritando; a casa é um ovo que se parte porque todos eles estão chocando juntos. (Rabbit Redux, 195). A chuva continua nas janelas, suavemente, suavemente enclausurando-os, cada vez mais juntos. (Rabbit Redux, 212). A convivência deles leva-os naturalmente a se conhecerem melhor e a modificarem a si mesmos. Skeeter acha que há uma sucessão natural e necessária das coisas que o levará, por exemplo, um dia a ser o Cristo negro que redimirá sua raça; acha também que as coisas não podem fugir a sua natureza mais profunda, não se pode fugir à própria identidade. -- O tio Sam lembra um dia, olha para a barriga e vê que é uma barata; o que pode fazer? Continuar na sua vida de barata, é só. Até que lhe pisem em cima. Até agora não existe tal sapato, certo? Vai continuar fazendo coisa de barata.... (Rabbit Redux, 227). A semelhança com a situação retratada em *Metamorfose*, de Kafka, reforça a caracterização de Skeeter como pessoa lida e culta, apesar de seu tom coloquial e galhofeiro.

Embora Skeeter não seja do tipo convencional, ele tem seu próprio código de ética. Quando ateiam fogo à casa, ele tem o cuidado de telefonar a Harry avisando-o do que estava acontecendo. Harry parece ter captado muito bem este lado da personalidade de Skeeter, tanto que quando o chefe da polícia pergunta a Harry sobre o negro, sua resposta é a de quem aprendeu alguma coisa na convivência com o revolucionário.

-- Faz idéia por que ele causou este incêndio?

-- Não acho que foi ele. Não é o seu estilo.

(Rabbit Redux, 281).

Esta avaliação feita por Harry é corroborada pelo próprio Skeeter mais tarde, quando este lhe revela ter visto estranhos apro-



ximando-se da casa pouco antes do incêndio criminoso (p. 236). É curioso notar um índice da comunhão a que chegaram Harry e Skeeter: mesmo antes que Skeeter lhe revele ter visto estranhos rondando a casa, Harry, ao chegar a sua casa em chamas, procura instintivamente na multidão que se aglomerou ali os rostos dos vizinhos, Showalter e Brumbach, que o ameaçaram por causa da presença do negro em sua casa (p. 274). Jamais ocorreu a Harry atribuir a culpa do acontecido a Skeeter. O negro explica a Harry o motivo de sua fuga em termos realistas e condizentes com sua condição de adversário do sistema da sociedade branca, mas era como se ele devesse, em termos pessoais, essa explicação àquele que o acolhera num momento difícil; mas havia chegado o momento da verdade, a hora de se voltar aos elementos básicos de uma ordem inexorável de coisas, que se sobrepõe aos indivíduos.

— *Pô, cara, a coisa esquentou, certo? Achei que tinha chegado a hora do linchamento, devia ter uns mil branqueiros lá fora, eu não estava em condições de cuidar de nenhuma branca, deixei para os brancos.*

— *Mas ninguém conseguia pegar você.*

— *Treinamento básico, certo? Iludi, como se diz, meus perseguidores. (Rabbit Redux, 287).*

Outro ponto a favor de um papel mais digno para Skeeter é a revelação do chefe de polícia de que ele estava sendo procurado por causa da subversão política e não por causa de tráfico de drogas. Seu primeiro papel, portanto, na medida em que é sentido pela sociedade, deve ter a ver com certos princípios sugeridos por seu comportamento e por suas revelações durante a convivência com Harry. Trata-se da mente ágil de um homem sensível, que vive de acordo com uma ideologia sócio-política, em que pesem os excessos a que sua



condição de espoliado e injustiçado o tenha levado: sua alma está demasiadamente envenenada pelo ódio para que sua luta possa ser mais eficaz. A partir deste ponto, Skeeter deve ter continuado a ser perseguido pelas forças da sociedade branca até ser morto num tiroteio com a polícia, como Harry fica sabendo através de um recorte de jornal enviado a ele anonimamente, em *Rabbit Is Rich* (p. 27).

A disposição de Harry em *Rabbit Redux*, que é a da experiência alternativa e a da aprendizagem decorrente, não impede seu envolvimento humano com Skeeter, que o leva em determinados momentos a adotar de forma integral a axiologia do invasor de sua casa. Chega mesmo a associar-se a Skeeter no desprezo a Jill. *Tentando ser Skeeter, o Coelho a provoca, -- Meu Deus, você devia estar com fome. Está magrinha como cabo de vassoura. Que tipo de mulher é você afinal? Já não tem mais nada. Por que você acha que a sustentamos aqui?* (*Rabbit Redux*, 254). Sua acomodação temporária à visão de mundo do negro transparece no diálogo da manhã após a noite em que Skeeter humilha Jill sexualmente; adotando a dicção de Skeeter, Harry lhe diz, *-- Você é um nego maaau*, a que o outro responde, *-- Agora você está cantando minha música.* (*Rabbit Redux*, 261).

No último contato que Harry tem com Skeeter há um arremedo de batismo, quando Skeeter cospe na mão do protagonista estendida para um adeus. Mesmo com os padrões da fé cristã invertidos, o ponto básico é que Skeeter tem fé: fé em si mesmo no delírio em que se transformou sua vida, na possibilidade de que ele possa voltar como o arauto de um novo tempo em que o opressor não mais existirá.

-- Eu voltarei, promete Skeeter; somente na glória.

-- Quando fizer isso, me deixe fora. (*Rabbit Redux*, 288).



Agora é a vez de Harry optar pela saída mais realista. A década das extravagâncias e do "por que não?" já se esvai. É hora de trilhas mais definidas e seguras, se bem que o destino último destes caminhos mais empobrecidos permaneça ainda um enigma. Com Skeeter, Harry teve a oportunidade de ver em outra pessoa correr sua própria ânsia de libertação e de sonho; tornou-se possível para o Coelho fujão regenerado observar na segurança de sua casa a representação de seu sonho jovem, sem correr o risco de matar, ele mesmo, com seu movimento próprio, o próximo. Jill foi a vítima de um missa negra informal, cuja morte não pode ser imputada individualmente a nenhum de seus componentes, mas seu sacrifício permanece indelével nas mentes envolvidas, a saber, Nelson e Harry.

Significativamente, a destruição física da casa de Harry pelo fogo é o que põe fim a essa fase da experiência existencial do protagonista, que assim se dá conta dos enormes riscos que sua associação com Skeeter fê-lo correr. O violento movimento de Skeeter vitimou Jill, ainda que indiretamente, e Harry parece relutante em continuar pagando esse alto preço em sua busca de vivência e conhecimento. Para ele não haverá mais Skeeter; seu movimento doravante será no sentido do assentimento ao sistema, ele vai se comportar como um típico eleitor de Hubert Humphrey (p. 277); só o fogo foi capaz de destruir o ovo com seus perigosos filhotes ou a profeta contendo os elementos explosivos do inconformismo, da busca do conhecimento, e da loucura. Novamente, Harry sente-se um criminoso, *Ele sabe que é um criminoso; no entanto, jamais é apanhado....* (Rabbit Redux, 282), mas o chefe de polícia insiste em procurar culpa em Skeeter e, ao mesmo tempo, empurrar o Coelho para o lado respeitável da sociedade (p. 282). Enquanto paira a sensação de que modernos in-



quisidores americanos queimaram suas feiticeiras, como seus ancestrais de Salém, Harry fica como o hipocondríaco que se zanga quando o médico lhe diz que sua saúde está perfeita. No último diálogo entre Harry e Skeeter fica a sugestão de um fascínio mútuo, embora haja também a constatação de que seus caminhos devem se separar, são irreconciliáveis, *Skeeter lhe diz,*

__ *Nunca entendi seu ponto de vista.*

__ *Provavelmente nem havia, é a resposta.*

__ *Ainda esperando a palavra, certo? cacareja Skeeter.* (Rabbit Redux, 239).

A epígrafe do capítulo "Skeeter" traz o comentário de um astronauta sobre o acoplamento bem sucedido dos módulos espaciais,

__ *Fomos violentados, fomos violentados!*

VOZ AO FUNDO NO SOYUZ 5 (Rabbit Redux, 179).

Se os efeitos da intromissão de Skeeter no lar de Harry assemelham-se aos de um estupro, o processo em si foi, em larga escala, consentido. Os dois lados da imagem usada pelo astronauta são claros: o aspecto agressivo veiculado pelo verbo rape (violentar) é contrabalançado pela exclamação de euforia pelo sucesso do acoplamento. A ambivalência de sensações causadas em Harry pelo abrupto advento de Skeeter está eficazmente indicada.

Há, por outro lado, uma certa artificialidade na intromissão de Skeeter na vida de Harry, bem como em sua saída dela. Sua intromissão é súbita demais, e a relutância de Harry em livrar-se do elemento estranho talvez vá um pouco longe demais. No final do capítulo a imagem de Skeeter no espelho retrovisor do carro de Harry assinala que ele já pertence ao passado e não mais voltará; e sua ima-



gem, surpreendente e subitamente, integra-se ao circundante cenário rural. Este é mais um indício de que Skeeter está se tornando indiferenciado para o protagonista: o contraste que o negro mantinha com a atmosfera reinante já não mais lhe interessa, já é parte da paisagem geral. Fica a impressão de que a experiência do laboratório já chegou ao fim: os pontos foram anotados pela consciência que registra, mas é hora de virar a página. A situação fica mais verossímil quando se lembra que a década de sessenta caracterizou-se pela procura de inusitados caminhos alternativos; valia a experiência do novo nem que fosse apenas para se saber como é.

6477/93

Enquanto Harry afasta o Mustang para virar na encruzilhada, o jovem negro espera no acostamento cheio de talos pardos de mato. No espelho retrovisor, Skeeter fica inesperadamente bem, integra-se à paisagem, mesmo com os óculos e o cavachaque, ali de mãos vazias entre campos de restolhos, onde corvos pousam e pulam, respigando. (Rabbit Redux, 289).

4.3. Nelson

A natureza do relacionamento que Harry tem com o filho pode ser delimitada pelo primeiro e pelo último aparecimento de Nelson dentro da tetralogia. O denominador comum é o da identificação e do amor fundamental que os une, o resto é constituído pelas "circunstâncias exteriores", da epígrafe de Rabbit, Run, pensamento 507 de Pascal: "Os movimentos da graça, a dureza do coração; as circunstâncias exteriores." (p. 5). O primeiro aparecimento de Nelson na tetralogia faz com que Harry volte ao passado identificando-se com o garoto de três anos, que no momento come à mesa dos avós paternos,



sem saber que o pai o observa; no entanto, a circunstância exterior da "usurpação" de seu lugar natural já se faz sentir. *Ele se vê sentado numa cadeira de bebê, e uma rápida e estranha inveja vem e passa. É seu filho....* (Rabbit, Run, 21). Esta última e categórica oração assinala a constatação e a permanência de um fato básico biológico e humano, ao qual não há como escapar. Este mesmo fato basilar aflora à consciência de Nelson, no final de Rabbit At Rest, em que o homem de trinta e três anos chora implorando ao pai para que não morra (p. 505). Passemos às "circunstâncias exteriores".

Em Rabbit, Run Nelson aparece como a criança negligenciada, marcada pela ausência do pai e pela frieza das avós, especialmente da paterna; sua mãe está mais preocupada com a televisão, com o fato de ter sido abandonada, e depois, por algum tempo, com a filha que teve. A sra. Springer, a avó materna, aproxima Nelson do pai em sua avaliação negativa de ambos, declarando a Eccles, "*... Bom, ele é como o pai. Mimado. Deram-lhe atenção demais e agora ele acha que o mundo lhe deve tudo o que deseja.*" (Rabbit, Run, 128).

Eccles, por sua vez, avalia solidariamente a situação da criança naquele mundo hostil, e acaba com um pensamento premonitório sobre o que espera o menino, com o qual ele próprio se identifica. *Ele sente dó de Nelson, que vai, em sua surpresa de inocente, meter-se em dificuldades muitas vezes antes de perceber em si mesmo a fonte desta estranha maré adversa....* (Rabbit, Run, 131); o pastor acabava de observar que Nelson perdeu seu brinquedo para o colega Billy Fosnacht. Trata-se do tipo anterior de narração, em forma de sumário, que, além de antever traços que irão predominar no caráter de Nelson — através da focalização interna em Eccles —, auxiliam a caracterização do pastor como pessoa sensível aos problemas alheios. No entanto, Harry não é um pai desnaturado e, sinceramente, inclui o



filho em suas orações (p. 77).

Nelson também representa para Harry indícios de que sua passagem pela vida já vai adiantada, apontando para o eventual fim. Harry fica assim dividido entre a acomodação a um sistema superior, da ordem natural, e a rebelião de quem ainda está vivo e precisa firmar-se como indivíduo: a tensão entre essas duas disposições persiste o tempo todo na vida de Harry.

O melhor que ele pode fazer é submeter-se ao sistema e dar a Nelson a oportunidade de passar por ele, como fez ele próprio. A plenitude se completa quando pagamos o resgate à natureza, quando fazemos filhos para ela. E então ela não tem mais nada a ver conosco, e nos tornamos, primeiro por dentro e depois por fora, lixo. Talos de flor. (Rabbit, Run, 198).

Assim que deixa de falar do caso específico de Harry e Nelson, a passagem constitui um exemplo do chamado discurso abstrato, com um presente verbal de natureza aforística. Esse tipo de discurso é recorrente em toda a tetralogia e assinala as generalizações da ideologia do narrador, apresentadas como verdades universais. Enquanto a forma do discurso marca a distância entre o sujeito da enunciação e a história contada, seu significado é condizente com o que pensa o protagonista.

Se a mãe de Janice não morre de amores pelo neto, com a mãe de Harry a situação é muito pior. A sra. Angstrom nunca se conformou com o casamento de Harry com Janice, achando que ele deveria ter saído para conquistar o mundo. Segundo ela, Nelson é o fruto do artifício que Janice usou, a gravidez, para prender Harry. O protagonista, apesar de adorar a mãe, chega a detestá-la quando ela trata



o garoto com frieza. *Por ora deixa de gostar da mãe; é uma insanidade humilhar um garotinho que mal aprendeu a falar....* (Rabbit, Run, 190). Ela lembra a Harry que Nelson saiu à família da nora, e que ele tem mãos pequenas como os Springer (p. 191), o que prenuncia a preocupação constante de Harry, mais tarde, de que o filho não tem seu porte atlético, mas, por ora, *Ele fica gostando um pouco menos do menino, mas odeia a mãe por ter sido a causa disso....* (Rabbit, Run, 191).

O ciclo de situações parece mostrar que Nelson é mais um animal que se debate na armadilha semelhante à que o pai teve e tem. No entanto, Nelson é supostamente destituído do fascínio que um dia Harry exerceu sobre as pessoas. O problema de até que ponto as diferenças entre Harry e Nelson são de superfície ou profundas será discutido mais adiante. Um motivo livre constante na tetralogia é o facto de diferentes personagens acharem as situações de Harry e Nelson semelhantes, bem como suas reações a elas.

A princípio, pelo menos nos dois primeiros romances, Nelson é uma espécie de eco da personalidade do pai. A clássica imagem paterna, apesar das escapadas e das extravagâncias de Harry nesta fase, impressiona a vida da criança e do garoto. Logo após a morte accidental de Becky, Harry tem um diálogo significativo com o filho, em que transparecem o carinho que o pai tem por ele, e por outro lado, o incipiente anseio da criança em conseguir fazer coisas novas, de certa forma ser mais livre, atirar pedras mais longe. -- *Quando eu crescer, vou atirá-las bem longe.* (Rabbit, Run, 229). Dez anos mais tarde, em Rabbit Redux, o desejo de ser como o pai é colocado em termos diretos e claros pelo discurso do garoto. Skeeter, arrebatado por sua visão, fala dos tempos apocalípticos e terríveis que estão por vir, trazendo mudanças radicais, e Nelson se assusta, de-



clarando que não quer saber nada disso, mas apenas ser comum como o pai.

__ Não gosto disso, Skeeter. Você está me deixando com medo. Não quero que Deus venha, quero que Ele fique lá onde está. Quero crescer para ficar como ele __ seu pai, Harry, o homem grande da sala __ médio e comum. Odeio o que você diz da guerra; não é bonito, é horrível. (Rabbit Redux, 226).

Essa disposição de o garoto ter o pai como modelo começa a entrar em crise já em *Rabbit Redux*, notadamente depois da morte de Jill, cuja reponsabilidade Nelson atribui ao pai (p. 275). Este fato, juntamente com a lembrança de Skeeter em casa, vai impressionar de forma negativa a mente de Nelson com relação ao pai. Consequentemente, em *Rabbit Is Rich*, Nelson aproxima-se mais da mãe e da avó materna procurando apoio contra o pai, em sua volta para casa quando abandona a faculdade para se casar e se estabelecer em Brewer, como concorrente natural de Harry, em casa e no trabalho. Essa situação agrava-se em *Rabbit At Rest*, com um Nelson problemático, mau pai e mau marido, que se vicia em drogas, e se justifica em seus fracassos com o papel que o pai desempenhou em seu passado. Há, tanto em Janice quanto em Harry, uma tendência a compreender certas atitudes negativas de Nelson em virtude desse seu passado atribulado, em que avultam as perdas da irmã Becky e da amiga Jill.

A aparência de Nelson aos treze anos é o primeiro indício de um corpo estranho na casa de Harry nos anos sessenta; e, combinado com esse fato, o segundo elemento de uma cultura diferente, Jill, aparece e encontra uma grande receptividade por parte de Nelson; o próximo passo é Skeeter. O símbolo dos cabelos longos de Nelson traz



a inquietação inicial de Harry nesses tempos atribulados e seu descontentamento com a diferença introduzida pelo filho. ... o cabelo até os ombros é idéia dele mesmo. O Coelho acha que, de alguma forma, se ele fosse mais alto ficaria bem o cabelo tão comprido. Do jeito que está, a semelhança com uma moça é assustadora. (Rabbit Redux, 19). A aparência de Nelson é mais um dado na consciência de Harry que aponta para o alternativo e inusitado do momento histórico. A inversão de papéis mais tarde representada por Skeeter já tem aqui uma alarmante sugestão.

As condições no lar do protagonista já estão alteradas: Janice trabalha fora e trai Harry, que fica grande parte do tempo com Nelson, cuidando da casa. Perturba Harry a maneira pela qual, de relance, uma ou duas vezes por dia, ele parece ver outra mulher em casa, além de Janice; e é apenas seu filho de cabelos compridos. (Rabbit Redux, 27). Este paralelo físico de Nelson com a mãe vai se combinar mais tarde num padrão de associação entre os dois: ela o protege contra a suposta incompreensão do pai e procura minimizar e compreender seus erros pela vida, com a racionalização de que ele tem motivos de sobra para ser como é (Rabbit Redux, 337). Ironicamente, este jogo de relações lembra um ponto em comum entre Harry e Janice, seu intermitente complexo de culpa em relação ao filho.

A intercambialidade de papéis representados na mente de Harry, por Janice e Nelson, é tal que uma situação inversa de aparência física entre mãe e filho surge num momento de descontração em Rabbit Is Rich. Ele gosta disso, que aqui em Poconos ela frequentemente se parece com um garoto. Seu amiguinho. Como quando em criança ele ficava para passar a noite na casa de um colega. (Rabbit Is Rich, 133-4). Ao contrário do que acontecia com o garoto Nelson (Rabbit Redux, 27), a aparência de garoto em Janice é agradável a



Harry, estabelecendo talvez assim uma das pontes invisíveis que o aproximam misteriosamente do filho, abertamente tão desdenhado pelo pai. O motivo de atração e repulsa que o Coelho sente por personagens que o fascinam repete-se, num nível mais profundo de complexidade, com o filho.

Apesar de Harry não se achar em nada parecido com o filho, outras personagens notam semelhanças marcantes entre eles; logo depois que o Coelho consegue fazer com que a esposa confesse o adultério, o próprio narrador registra a expressão de Harry neste momento de tensão emocional como sendo a mesma de Nelson. *Dizendo isto, ele fica parecido com Nelson, com um ar pensativo de descontentamento, querendo desvendar algo, extrair algo....* (Rabbit Redux, 62). O motivo constante da aparência de Nelson captada por Harry, em momentos de comoção interna, quando o filho fica "white around the gills" ("pálido nas guelras"), sugere uma tentativa inconsciente do pai de corrigir uma atitude que ele considera defeituosa no filho, mas que é sua também. Esta disposição do protagonista aparece, por exemplo, quando Nelson fica chocado com as estrepolias de Skeeter com Jill: Harry parece querer ensinar ao filho, drasticamente, que essas são as maneiras do mundo, que ele próprio ainda está assimilando, mas que o filho precisa aprender o quanto antes para não sofrer tanto. *Ele vê os olhos de Nelson. São buracos lacrimosos e mornos tão escuros, tão apavorados que ele gostaria de espetar alfinetes neles, para ensinar ao menino que há coisas piores....* (Rabbit Redux, 216). Mas, fica a sensação de que ninguém está tão preparado para a vida a ponto de nunca se chocar com ela. Num mero jogo de futebol, Nelson sente a falta do elemento artificial controlador da impressão de realidade, pois ... *a tela da realidade é grande demais para o menino, ele sente falta do comentário da televisão, dos audazes comer-*



ciais.....(Rabbit Redux, 77). E, em última análise, podemos concluir com Harry, num futuro diálogo com Ruth, que somos todos inocentes das coisas do mundo,

-- *Sempre senti que eu era muito inocente, mesmo.*

-- *Todos nós somos, Ruth. (Rabbit Is Rich, 418).*

De uma forma curiosa, os problemas de Harry e os de Nelson são paralelos -- desde os imediatos: quando Harry perde a esposa para um amante, Nelson perde a mãe por algum tempo; quando Harry perde Jill, sua mulher no momento, para Skeeter, Nelson começa a perder a amiga para sempre; até os mediatos: os problemas com que Nelson se defronta ao tentar sair de casa, com o casamento, e com as mulheres em sua vida são semelhantes aos que Harry conheceu. Aos treze anos, Nelson não é uma criança alienada, é notável a consciência que ele tem do episódio em que Janice os abandona; ele próprio foi verificar onde a mãe estava, e o diálogo dele com o pai, logo depois, indica a que ponto chegou o nível de entendimento entre eles diante de um dilema comum,

-- *Onde você foi hoje de manhã? Não minta.*

-- *Na avenida Eisenhower.*

-- *Para ver se o carro da mamãe estava lá?*

-- *Acho que sim.*

-- *Estava?*

-- *Estava.*

-- *Você entrou.*

-- *Não. Só olhei para a janela um pouco.*

-- *Você sabia o número?*

-- *1.204.*

-- *E. Parece que é isso mesmo. (Rabbit Redux, 83).*



Esta cumplicidade entre pai e filho, a esta altura, estende-se ao fato de Harry esconder de sua própria mãe a verdade sobre a fuga de Janice, diante de Nelson, que está completamente a par do acontecido (*Rabbit Redux*, 85). Porém, o filho constitui para Harry principalmente um elemento central de sua experiência disfórica, em que pese sua preocupação de pai para com ele. *O garoto dorme de costas, com a boca aberta; é assustador: a pele parece esticada sobre o osso como nas fotografias de Buchenwald. Sempre sentiu vontade de acordá-lo para ver se ele estava bem....* (*Rabbit Redux*, 129).

Nelson usa sua sinceridade infantil na retribuição à indiferença da mãe de Harry, que fica chocado, desta vez com o filho,

__ *Espero que ela morra, papai.*

__ Não, nada disso. Não diga isso. (*Rabbit Redux*, 131).

A crueza inocente do garoto também ecoa observações que Janice faz a Harry sobre sua mãe, anunciando a aproximação psicológica que ela vem a ter com o filho mais tarde, gradativamente. *Que sua mãe vá para o inferno, Harry. A única coisa que ela nos fez foi tentar envenenar nosso casamento. Agora ela está se afogando no próprio veneno. Ela está morrendo e eu estou satisfeita.* (*Rabbit Redux*, 68). Sem o saber, Nelson torna-se também um fator divisório da personalidade de Harry, que passa, desde logo, a ficar perdido entre os papéis de amante de Jill e de responsável pela segurança física e moral do filho. Na mente de Harry Jill está para Nelson assim como o gato para o passarinho, e a amizade entre eles é vista com desconfiança pelo pai. Uma imagem que ocorre por ocasião do encontro de Jill com Nelson deixa claras as relações estabelecidas por Harry, e



seres inanimados adquirem uma vida ameaçadora. *Um pássaro lá fora chora roucamente em súbita agitação. Sato? A geladeira ronrona.* (Rabbit Redux, 133). Num exemplo de como são complexas e variadas as forças que unem as personagens em torno de determinadas disposições, a preocupação que Harry tem de que Nelson seja seduzido por Jill aproxima-o naturalmente da visão que Janice tem a respeito do problema. Ela lhe diz, *— Acho que não posso controlar o que você faz com suas necessidades sexuais, mas não vou permitir que meu filho seja corrompido.* (Rabbit Redux, 137), *—* e, logicamente, a esposa tem muito mais que a preocupação com a integridade do filho para querer Jill fora de sua casa.

Apesar de a visão de mundo que Jill adota ser muito radical e apoiar-se em slogans da moda, e de ela ser muito romântica e idealista, sua influência em Nelson parece ter suprido mesmo a falta de uma irmã, e a sinceridade do afeto entre eles parece indiscutível. Ela torna-se mais convincente e significativa quando seu discurso pessoal toma uma posição, como quando rebate a acusação de Harry de estar usando meios pouco honestos para ganhar a simpatia do garoto. Sua resposta segue uma linha lógica avassaladora e estabelece um contraste gritante com a atitude de Harry.

— Ele está totalmente fascinado por você, e só pode ser maconha ou sexo.

— Ou o carro, ou o fato de que eu o trato como ser humano em vez de como atleta fracassado por não ter dois metros de altura.... (Rabbit Redux, 167).

Dentre os padrões possíveis de agrupamento de personagens avulta o que isola Harry das outras pessoas da casa: esse padrão é mais ou menos móvel e a focalização interna no protagonista faz com que ele



os veja como separados dele, acarretando sua exclusão do grupo. O Coelho ficaria orgulhoso do garoto, mas sente que a defesa que Nelson faz de Jill, assim como o ataque de Skeeter, é automática: são partes de um quebra-cabeça que os três montaram enquanto ele está fora trabalhando. (Rabbit Redux, 208). No entanto, já a esta altura, Harry resume seu afeto paterno e projeta a possibilidade das imagens que Nelson irá herdar no futuro,

... apenas um amor mudo serpenteando, amor por esta extensão de si mesmo descendo pelo tempo quando ele próprio estará na cova, amor distante como a chama de sol queimando por entre os bordos finos como palitos e as folhas no chão, elas mesmas chamas contorcendo-se. (Rabbit Redux, 266).

É interessante notar certos padrões de associação das personagens da família. Janice tende sempre a compreender o filho e a justificá-lo, ficando, portanto, um pouco contra Pru; Harry, por outro lado, pelo menos a nível de superfície, condena Nelson sumariamente, entende a provação de Pru, sente simpatia por Judy e seus encontros com Roy são sempre problemáticos.

No que diz respeito a metas, uma diferença básica entre pai e filho fica estabelecida já neste segundo romance: a busca de valores espirituais mais altos não é viável para Nelson, como o foi para Harry em *Rabbit, Run*; a formação de Nelson está centrada na figura do pai, e é por isso que as frustrações que este lhe causou são tão cruciais para ele que parece nunca conseguir superá-las. O primeiro diálogo mais calmo, depois do incêndio e da morte de Jill, situa a condição moral do garoto,

-- Você me culpa, não?



— é.

— Você não acha que foi só azar?

E embora o menino mal dê de ombros, Harry entende sua resposta: a sorte e Deus estão ambos lá em cima, e ele não foi criado acreditando haver nada acima da cabeça de seu pai. A culpa acaba para ele no mundo humano; ela não tem outro lugar para ir. (Rabbit Redux, 279).

A visão resultante de mundo que Nelson tem depende diretamente da imagem do pai, de que ele jamais consegue se libertar, a quem ele considera responsável por todas as coisas que não deram certo em sua vida. Por contraste, Nelson elogia dez anos depois a Melanie o avô materno, com o qual pouco conviveu e em que pensa mais em termos da herança que deixou à família. Nelson ressentir-se da aparente felicidade em que vive Harry, depois de ter sido o responsável, segundo o filho, pelas mortes de Becky e de Jill. (Rabbit Is Rich, 124).

A convivência de Harry com Nelson é tempestuosa. A presença de um lembra ao outro coisas que prefeririam esquecer. Nelson fala amargamente sobre o pai à amiga Melanie. Harry, já conformado com sua própria volta à casa, quer continuar rei de seu chão, e parece sentir Nelson como uma séria ameaça a isso. Por outro lado, pode haver o desejo secreto de Harry de que o filho seja capaz de fazer o que ele mesmo jamais conseguiu: lançar-se ao mundo exterior e conquistá-lo.

Nelson nunca teve o porte atlético do pai, detesta o basquetebol e o golfe que Harry tanto aprecia, e condena o pai sempre que pode, procurando fazer as coisas de maneira diferente da do pai. Ironicamente, no entanto, as coincidências de situação existencial entre pai e filho são notáveis. Ambos encontram sérias dificuldades



de adaptação ao limitado meio social a que pertencem, acabam fazendo concessões a esse mesmo sistema, e, num certo ponto de ruptura, fogem de forma patética. Até mesmo as figuras femininas com que os dois se envolvem sexualmente apresentam um curioso paralelismo. Talvez a mulher mais adequada ao espírito inquieto do jovem Coelho fosse Ruth (do hebraico, "companheira") mas, por falta de ousadia e por comodismo, Harry acaba ficando mesmo com a esposa, a quem chama constantemente, em pensamento ao menos, de estúpida e feiosa. Por outro lado, Nelson teria, possivelmente, em Melanie, sua colega de universidade, uma pessoa mais madura e inteligente que o pudesse guiar em suas inseguranças, mas acaba se casando com a pacata Pru, a quem ele se refere também com termos de menosprezo.

Outro traço que aproxima Harry e Nelson é a patética incapacidade de se entregar, que ambos evidenciam. Poder-se dizer que eles não conseguem amar com desprendimento. São tipos extremamente individualistas preocupados com uma problemática realização pessoal que, no mais das vezes, exclui a pessoa que poderia ser amada. No final de *Rabbit, Run* Harry recorre desesperado a Ruth, que então só lhe pede a confirmação de seu amor para ficar com ele, e Harry é incapaz de corresponder. Em *Rabbit Is Rich*, a mesma Ruth, agora muito mais velha, procura saber, quando Harry vai procurá-la em busca da almejada filha, se há alguma coisa no coração de Harry além da satisfação pela possibilidade de encontrar uma filha, se há algum vestígio de amor por ela própria; Ruth não encontra coisa alguma. Por sua vez, Nelson declara que vai se casar com Pru (do inglês *prudish*, "pudica") simplesmente porque a engravidara e prometera fazê-lo.

Quando termina o terceiro romance, Nelson fugiu de volta para a universidade e está morando com Melanie, e é bem possível que ele esteja naquele estágio de Harry, em *Rabbit, Run*, em que este



passa por uma experiência extra-conjugal com Ruth. Fru parece ter uma intuição da volta de Nelson; ela se senta e espera. Temos em Harry e Nelson duas personagens pressionadas pelo instinto de liberdade e em luta patética contra ele.

Outro fator que aproxima as personalidades de Harry e de Nelson são certas coincidências quanto a reações comuns diante de situações semelhantes. Da mesma forma que o protagonista se escandaliza diante da liberalidade da linguagem entre o pai e a irmã Mim, diante da mãe (*Rabbit Redux*, 313), Nelson manifesta mal estar, dez anos mais tarde, quando seus pais falam a respeito de um show de strip-tease da cidade, diante da avó Springer (*Rabbit Is Rich*, 327). Sugerindo uma repetição cíclica de situações no âmbito familiar, Judy, a neta de Harry, surpreende-se ao ouvir o avô usar uma expressão que ela considera imprópria num adulto a uma criança (*Rabbit At Rest*, 16). Harry, por sua vez, dá continuidade à formação de grupos simpatizando-se mais com a neta do que com o neto Roy, embora não o admita abertamente. Nelson tem uma aguda consciência disto (*Rabbit At Rest*, 27).

Num diálogo com Janice, no fim do segundo romance, Harry revela, em tom de brincadeira, a ordem de importância que têm para ele as pessoas de sua família: prevalecem a antiguidade e os laços de sangue. Harry está sempre dividido entre a necessidade imperiosa de sair para o mundo, nem que seja só em pensamento, e o desejo de voltar ao útero materno, à segurança, à pessoa que o ama incondicionalmente.

— *Você não prefere ir à casa dos meus pais?*
Nelson vai chegar dentro de uma hora.

— *Exatamente. Quem é mais importante para você eu ou Nelson?*

— *Nelson.*



- *Nelson ou sua mãe?*
- *Minha mãe.*
- *Você é um homem doente.* (Rabbit Redux, 341).

Tal disposição de Harry, de fechar-se dentro da família imediata de forma semelhante ao voltar-se para dentro da própria consciência, repete-se quando ele responde à mesma Janice que a mulher ideal para se casar com ele seria a própria irmã (Rabbit Redux, 68); a idéia de incesto reforça o padrão do não convencional presente na interioridade de Harry.

Em *Rabbit Is Rich* estabelece-se em Harry o contraste entre a imagem de seu filho, com seus problemas familiares reais, e a do sonho representado pela possível filha que ele pode ter tido com Ruth. Harry refugia-se no vago sonho novamente, desejando que a filha ideal tomasse o lugar do filho real, que o traz de volta à existência do dia-a-dia com as dificuldades de que ele não pode fugir. Janice fica desde logo ao lado do filho, naturalmente, e sua mãe, depois de uma relutância inicial ante a idéia de Nelson de trazer uma amiga para morar na casa, acaba por defender as pretensões do neto contra a irredutibilidade do pai.

A avaliação moral referente a Nelson, *Menos cachorrinho, e mais cão ordinário....* (Rabbit Is Rich, 68), deve ser tomada com reservas, desde que é, evidentemente, a visão que o narrador e Harry têm dele. As qualidades espirituais de Nelson são de alguma forma subtraídas ao leitor através da focalização predominante. Portanto, a observação de Greiner de que Nelson, ao contrário do pai, carece de graça espiritual (Greiner, 1984, 93) é pelo menos discutível. Pensamos que Harry tem ciúmes do filho, que ele o teme como usurpador de seu lugar; mas isto é colocado como um traço muito humano e a caracterização de todos os implicados permanece verossímil. No con-



traste do filho com Harry, Greiner parece se esquecer de que, notadamente neste romance, a suposta graça que o protagonista conhece perdeu muito de seu antigo brilho, e que ele está sendo claramente egoísta com relação ao filho, e também cínico, no geral. -- *Eu amo todo mundo, especialmente com as portas do meu carro trancadas.* (Rabbit Is Rich, 75). Mas, curiosamente, este egoísmo e este cinismo aparecem como características básicas integradas à psique humana, de forma que Harry não se torna de forma alguma um monstro por evidenciá-las, e cremos que isto é conseguido, especificamente, pelo ponto de vista que nos aproxima muito do protagonista.

Cremos mesmo possível a leitura de que a aversão e desinteresse por Nelson evidenciados por Harry tenha muito de uma pose defensiva, que não reflete seus verdadeiros sentimentos mais profundos. Um forte indício a favor disso é o caráter quase humorístico de quando Nelson sai com Melanie para comprar pizzas e risca o carro do pai ao atropelar uma marmota. Depois do escândalo que o protagonista faz pelo dano feito ao carro, ele conclui por perguntar o que aconteceu com o animal (Rabbit Is Rich, 99).

A complexidade das relações humanas aumenta consideravelmente no que diz respeito ao casamento de Nelson, em Rabbit Is Rich. A sra. Springer, Janice, e naturalmente Pru representam as forças a favor do enlace. Nelson, apesar de sua disposição de sacrifício em ter que deixar a faculdade, está disposto a honrar o compromisso assumido com a moça. A situação de Harry é bastante conflituosa: tendo simpatizado com Pru desde o início, opõe-se, entretanto, ao casamento, certamente por ver reproduzido no filho seu antigo problema, ou seja, o do assentimento às forças impessoais de uma sociedade, que esmagam o indivíduo. Harry chega a oferecer uma oportunidade de fuga ao filho, que, no entanto, prefere ficar, casar-se e fazer parte do



negócio do pai na Springer Motors. Portanto, os padrões de associação entre as personagens não são simples: Harry, quanto ao que considera uma intromissão do filho em sua vida, tem em Nelson um antagonista, mas em ver o rapaz encaminhar-se para uma vida semelhante à sua, ameaçada pela dissolução da própria personalidade, pretende sinceramente evitar que isso aconteça. Tal é, sem dúvida, a causa do choro de Harry durante a cerimônia do casamento (*Rabbit Is Rich*, 227). Logo depois, no entanto, Harry volta à superfície das coisas e, no carro, reclama dos gastos do casamento e reafirma seu ceticismo quanto a receber o filho como funcionário da firma. Isto deve ser visto como o motivo comum em Updike da legibilidade enganosa de certos sinais, como os anúncios luminosos e os slogans. Quanto mais clara e definida a mensagem mais se deve tomar cuidado com ela. Essas manifestações de desagrado em Harry com relação ao filho devem ser vistas com a ressalva de uma quase auto-crítica; no fundo, o quadro psicológico e afetivo com relação ao filho é diferente.

Por outro lado, a qualificação que Nelson faz do pai é essencialmente emotiva, resultando daí uma certa incongruência, como quando Nelson considera o pai uma força opressiva em sua vida, dizendo-lhe o que fazer na firma por exemplo e, ao mesmo tempo, achando que a antiga chama que manteve Harry em movimento já se extinguiu, *deixando um enorme homem morto no peito de Nelson....* (*Rabbit Is Rich*, 293). Talvez resulte desta atitude emocional de Nelson a dificuldade de mostrar ao mundo a culpa que ele sente que o pai tem. *Ele tenta explicar isso a Pru, e ela escuta mas não compreende.* (*Rabbit Is Rich*, 293). Contudo, a sensação de deslocamento experimentada por Nelson diante dos aspectos contraditórios da vida humana aproxima-o claramente de Harry; e seu complexo edipiano, que o leva a pensar, *Por que papai não morre? Gente dessa idade pega doenças.*



Então ele é mamãe. Ele sabe que pode controlar a mamãe. (Rabbit Is Rich, 302), ecoa curiosamente as situações que aproximavam Harry da própria mãe e o afastavam do pai, especialmente em Rabbit, Run.

O motivo livre da aparência de Nelson a Harry marca aspectos disfóricos na psique do protagonista, desde a criança de Rabbit, Run, com as mãos pequenas dos Springer, até o homem de Rabbit At Rest, com sinais precoces de envelhecimento com a calvície incipiente e apesar dos cabelos longos à altura da nuca e do brinco na orelha (p. 15). As disposições psicológicas de Harry a respeito vão do desgosto de saber que o filho nunca será um atleta como ele, passando pela falta de solidariedade com o filho enfrentando problemas semelhantes ao que ele próprio teve, até a visão do filho como prova inconteste do passar do tempo, sugerindo o fim em potencial do pai. *A batalha que nossos filhos perdem para o tempo parece até mais triste que a nossa própria.* (Rabbit At Rest, 110). No entanto, convém frisar que o motivo da aparência fica no plano do superficial, não devendo, portanto, a total natureza desta relação pai-filho ser daí inferida. A imagem do traço genético é menos superficial, como o redemoinho nos cabelos, presente em Harry, Nelson e Judy. *Talvez seja a única imortalidade que se consegue, uma pequena particularidade genética que se repete como um número computadorizado em nosso extrato bancário mensal.* (Rabbit At Rest, 19). Além do aspecto positivo da possibilidade de alguma permanência humana, vale o relacionamento com outro tipo importante de motivos condutores na ficção de John Updike: o do misterioso código cifrado presente nas coisas do mundo. O redemoinho nos cabelos aqui, ao contrário das claras manifestações mútuas de aversão entre pai e filho, principalmente a nível lógico e linguístico, pode ser uma mensagem misteriosa apenas suspeitada pela sensibilidade da consciência observadora, e de cujo



conteúdo essa mesma consciência só pode fazer conjecturas.

Em *Rabbit At Rest* Nelson começa ser visto também como pai, especialmente através da filha Judy de nove anos, e também como marido, pela esposa. A visão da menina é um tanto disfórica e transparece através do diálogo direto dela com as pessoas da casa do avô. Dentre suas observações estão a de que o pai às vezes fica violento sem motivo aparente (p. 21) e a de que sempre está quebrando as promessas que faz (p. 46): indícios indiretos de que a vida familiar do casal não vai bem e prenúncio do problema com drogas de Nelson, só mais tarde revelado. Este estado de coisas é desde logo ratificado por observações soltas de Pru, como a Harry no aeroporto, logo depois de chegar com o marido e os filhos. Harry pergunta sobre a atitude de Nelson de deixá-los para trás ao caminhar,

— *é, que idéia é essa de sair correndo na frente desse jeito? Com quem é que ele está zangado?*

— *Comigo, provavelmente, diz Pru; já desisti de tentar descobrir por quê. (Rabbit At Rest, 17).*

Completando aos poucos o quadro, aparece a visão direta de Harry que estranha o comportamento do filho, mais do que o costumeiro, surgindo daí temores e suspeitas do pai. *Suas mãos tremem mais do que deveriam tremer as mãos de um jovem.... (Rabbit At Rest, 35-6), e Por que o nariz dele está sempre escorrendo? Harry leu em algum lugar, talvez na revista People sobre a morte de Rock Hudson, que esse é um dos primeiros sinais da AIDS. (Rabbit At Rest, 49).* Esses dados negativos sugeridos contra Nelson levam Harry a solidarizar-se com a nora pelo suposto sofrimento ao lado do marido, aumentando assim a atração que o protagonista sente por ela. Harry



chega a identificar possíveis sinais de pedido de socorro provenientes de Pru. *Este gesto é algum recado para ele, um pequeno lamento, convidando-o a conspirar com ela contra Nelson?* (Rabbit At Rest, 81).

Com relação à mãe, no quarto romance, Nelson começa a perder o prestígio e regalias que tinha junto a ela. Com idade já mais avançada, Janice lança-se ao mundo profissional, no que foi encorajada pela aposentadoria parcial e retraimento geral do marido, especialmente depois de seu problema cardíaco. A atitude de Janice lhe traz energia e uma tardia maturidade, juntamente com a capacidade de uma avaliação mais precisa dos elementos que a cercam; nessa perspectiva ela passa a ver com mais distância a imagem do filho e a reavaliar sua atitude de amor excessivamente protetor e falseador da realidade. Ela chega a mostrar desconforto diante das demonstrações emotivas exageradas de Nelson quando Harry está internado no hospital depois do último ataque cardíaco; pois, *depois de algum tempo, do mesmo modo que os músculos do coração, morre a mãe que a gente tem em si, supõe ela* __ (Rabbit At Rest, 501).

A artificialidade da regeneração de Nelson, abandonando as drogas e tratando a todos com súbita e inesperada consideração, em Rabbit At Rest, lembra a volta igualmente abrupta de Harry para os braços de Janice no final de Rabbit Redux. Essas passagens bruscas e sobrepostas parecem indicar algo disfórico; somente uma sequência posterior, por exemplo, poderia mostrar até onde vai a seriedade de propósitos de Nelson em querer mudar de vida. A julgar pela volta de Harry, é bem provável que se seguisse um anticlímax. A experiência de Nelson com drogas no último romance representa um paralelo com a experiência de Skeeter na vida de Harry, e as saídas dessas experiências têm muito em comum, como pontos de ruptura, com o incêndio



da casa do protagonista por vizinhos e o espancamento da esposa por Nelson. Concluindo, Nelson é um elemento chave dentro da tetralogia, quer por sua presença em todos os romances, quer pelo denominador comum que sua imagem representa na consciência do protagonista, bem como na de Janice.

4.4. Personagens Femininas

Há em Harry uma permanente e clara tendência a integrar-se às estruturas formais e externas da cultura em que vive, com o patético custo sofrido por sua estrutura interna. Assim, Harry embarca na aventura da década de sessenta: os padrões externos do modismo sugeriam a experimentação alternativa, inversão de valores, a integração em algum grupo, a preocupação em fugir ao que parecesse convencional. Dentro deste campo de forças fica mais fácil entender a aceitação de Skeeter por Harry em sua casa, de Jill, de aceitar a experiência com drogas como a maconha, em suma de assumir uma posição mais liberal. Sua preocupação em não parecer desatualizado, sugerindo o aspecto mais externo de Harry, aparece, por exemplo, quando revela sua intenção de acompanhar o exemplo da esposa em seu experimento alternativo. Harry confessa a Jill que não pretende ir à forra contra a esposa, mas apenas acompanhar-lhe o passo ("to keep up with her", *Rabbit Redux*, 187).

A natureza do relacionamento com Janice implica tentativa de integração de Harry ao sistema. A esposa é vista pelo protagonista através do motivo condutor que pode ser resumido em "She's a mutt." Harry só não é um coelho mais destrutivo por causa da estrutura familiar representada por Janice. Por outro lado, há uma mudança gradativa na avaliação que Harry faz da esposa: ela cresce consi-



deravelmente a seus olhos, especialmente em *Rabbit At Rest*, em que ela assume uma postura mais ativa. Harry dá-se conta de que os rituais da vida conjugal acabaram por dar um *status* a Janice, de caráter decisivo para a vida dele. Apesar de todos os atritos, a esposa e a vida familiar constituem a pátria emocional de Harry; é aí que ele encontra o mínimo de ordem e consistência para não se desintegrar emocionalmente.

Mim é vista como a irmã rebelde que saiu de casa e criou uma vida para si seguindo suas próprias diretrizes, apesar da solidão resultante; Harry, o irmão, é humano demais para tal decisão e, portanto, ficou. Em oposição a sua crença de que cada movimento seu para se libertar mata alguém ao seu redor, está a constatação de que ter ficado implica sua morte gradativa nos corações dos familiares. Sua rebeldia interior e sua humanidade existem numa relação dialética necessária com as individualidades que o cercam; ainda que ele não possa aceitá-las sem ressalvas, ele não pode viver sem elas. O Coelho, enfim, é um animal social, embora não tenha práticas sociais muito desenvolvidas dentro de um sistema. Janice, assim como o filho Nelson, é para Harry mais do que a consciência dele consegue alcançar; ele, assim como o narrador, só podem chegar a uma intuição desse significado, especialmente após todos os rituais da vida em comum, que apontam para novas situações existenciais misteriosamente alcançadas.

Ruth é o contraste natural de Janice. Seu papel na vida de Harry é indelével e a consciência dele volta regularmente à mulher de vida desregrada que um dia o cativou. Ela representa a ameaça à vida socialmente bem estruturada do protagonista, que, de alguma forma, consegue exorcisar seus demônios a favor do sistema, executando um ritual de humilhação da mulher que o amava sinceramente.



Junto com a rendição formal de Harry às convenções foi-se talvez a esperança do amor verdadeiro, firme e desinteressado que ele poderia ter conseguido. No entanto, parece que apenas amor não basta à idéia de realização pessoal do Coelho, que tem dificuldades em dar-se totalmente a qualquer mulher; ele toma o caminho da respeitabilidade, mas sua interioridade não se esquece nunca do caminho não percorrido. Ruth ficou sendo para ele território de sonho, prolongado pela possibilidade de terem tido uma filha juntos, Annabelle. Janice e Nelson têm a séria desvantagem, no sistema de valores do protagonista, de pertencerem à realidade comezinha de todos os dias, eles perdem na competição com a fantasia do marido e pai, haja vista a vantagem dos atributos dados a Annabelle por Harry em contraste com a adjetivação disfórica reservada a Nelson.

Jill é uma extensão do problema Skeeter na experiência do Coelho, servindo de elemento introdutório ao advento do Cristo negro, e de vítima de suas práticas desesperadas. Harry nunca foi apaixonado por Jill. Significativamente, Jill, recém-chegada à casa, sugere a Harry a mesma prática sexual (*Rabbit Redux*, 127) que marcou para ele a humilhação e a morte espiritual de Ruth em *Rabbit, Run* (p. 157). Jill fazia parte de um programa a ser experimentado por exigências existenciais de momento, apenas um movimento logístico dentro de uma vaga estratégia para se encontrar um caminho. Esse caminho, que levou a um anticlímax, trouxe-o de volta ao marasmo da convivência com Janice, Nelson e a sogra. O único sentimento mais profundo que Harry evidencia por Jill é o de uma vaga ternura paterna pela lembrança de seu aspecto de menina desamparada, depois da morte dela. *Momentos pensativos do rosto dela voltam para feri-lo. Uma atenção de filha que ele lhe implorara que escondesse....* (*Rabbit Redux*, 326).



Cremos que Pru faz parte daquelas estruturas de relacionamento de superfície que ligam Harry a Nelson. A mola propulsora da aproximação entre Harry e a nora é sem dúvida Nelson. Existe uma constância de competição entre pai e filho, especialmente a partir de *Rabbit Is Rich*, com o pai incomodado com a interferência do filho em sua vida familiar, e com o filho preocupado em expor o pai como inadequado e não merecedor das regalias que tem. A conquista do amor ou da simpatia das mulheres envolvidas é um trunfo valioso. Nelson consegue integrar-se à firma conquistando o apoio da mãe e da avó; por outro lado, Harry sente que precisa proteger Pru do domínio nocivo de Nelson. Com essas motivações em mente é fácil compreender o fato de Harry acabar fazendo amor com a nora. Pru estava profundamente desgostosa com Nelson e carente de apoio moral e sempre achou o sogro um homem atraente; Harry, por sua vez, está com problemas existenciais mais agudos que nunca, depois do ataque cardíaco, com a possibilidade da morte, e querendo provar a si mesmo que ainda é um homem digno de ser desejado por uma jovem mulher.

Curiosamente, as mulheres capazes de alcançar a dimensão espiritual da busca de Harry, e portanto de endossar sua atitude, são aquelas por quem ele não pode evidenciar seu costumeiro interesse sexual, a saber, sua mãe, a sra. Smith e sua irmã Mim. A mãe de Harry sempre achou que ele deveria ter deixado aquela cidade para conquistar o mundo, e que Janice apenas lançou mão de uma artimanha mesquinha para prendê-lo, ficando grávida. A anciã sra. Smith, dona do jardim em que Harry vai trabalhar indicado por Eccles, sente que o jovem lhe deu um alento de vida para durar mais um ano. Mim, na qualidade de irmã, consegue conversar com Harry como pessoa, e não como a prostituta de luxo que é.



é possível a leitura de que o desejo sexual exacerbado pode limitar drasticamente o relacionamento entre as pessoas. Harry parece diminuir-se como pessoa diante das mulheres jovens, que ele costuma ver primeiramente como objetivos sexuais. Daí resulta que Janice, Ruth e Lucy não entendem sua dimensão espiritual, e tampouco a natureza de sua busca. Talvez elas se coloquem demasiadamente no papel de objetivo buscado, diante do apelo sexual de Harry, para perceber que pode haver outra meta além. Reforçando essa leitura temos a observação de Mim a Harry de que os únicos homens que estão além dos limites para ela são ele e o pai dela (*Rabbit Redux*, 315); é por isso mesmo que ela consegue falar com Harry, especialmente, como jamaisalaria a um cliente de Las Vegas, onde aprendeu a dura vida da sobrevivência num ambiente inóspito em que não se pode sentir.

Harry encontra-se numa condição paradoxal, também no que se refere a mulheres. Sua libido o conduz ao elemento feminino em busca de proteção e equilíbrio: uma volta ao útero acrescida de sexo, o que talvez o frustre tornando sua experiência mais disfórica que nunca. O motivo da fuga para dentro do corpo de uma mulher assinala um egoísmo básico na psique do protagonista. Nas tensas circunstâncias do final de *Rabbit, Run*, quando Harry vai ter com Ruth após a fuga do cemitério, diante do ultimato dela, sua preocupação predominante é com o próprio equilíbrio e seu estado emocional. *Ela adora as mulheres que estão pela primeira vez grávidas; ficam tão suaves. Se ele puder enterrar-se nela ao menos mais uma vez, ele sabe que sairá com os nervos todos arrumadinhos.* (*Rabbit, Run*, 253). Este lado instintivo de Harry, que o orienta no sentido da auto-preservação antes de tudo, combina-se com a característica animal do tropismo: ele tem a atenção facilmente atraída pela movimentação do



que acontece a seu redor. *Seus olhos voltam-se para a luz não importa como esta atinja sua retina.* (Rabbit, Run, 197). Mas, isto, longe de ser colocado como algo extraordinário, é, ao contrário, encarado como mais um dado das forças dispersivas que atuam sobre a sensibilidade humana dando-lhe um traço distintivo.

Após a morte da filha Rebecca, o sexo, especialmente com Janice, passa a ser análogo à tentativa de fuga das condições opressoras na vida com o próximo: ambos trazem a morte. Harry equaciona sexo com a esposa e a produção de bebês com a lembrança de Rebecca e seu fim trágico. O motivo do amor puramente sexual ligado à idéia da morte consiste num dos dilemas centrais da experiência disfórica de Harry. No entanto, o protagonista não acha que toda a responsabilidade pela morte da filha seja de Janice; ele aceita sua parte da culpa, sendo este um dos fatores principais que o levam à acomodação da imobilidade, que caracteriza grande parte de sua vida. Ao contrário do que acontece com Nelson, Harry é místico e acredita que terá de prestar contas do que cometeu a uma força superior. Quando Janice tem a criança, Harry abandona Ruth e tem uma interessante premonição emotiva, com a fatalidade da sanção divina. *Ele tem a certeza de que, em consequência de seu pecado, Janice ou o bebê morrerá.* (Rabbit, Run, 164). Depois da afirmação de seu antigo treinador Tothero, de que nós próprios é que fazemos o bem e o mal, Harry fica deprimido pois, *Ele quer acreditar no céu como fonte de todas as coisas.* (Rabbit, Run, 233).

Embora haja uma tendência de a interioridade feminina ser vista na tetralogia de uma forma mais esquemática que a das personagens masculinas centrais, especialmente a de Harry, há certos motivos livres que ligam essas personagens femininas ao foco central masculino. O motivo da visão puramente humana que não compreende por



que Deus não interfere em certos casos, quando Lhe custaria tão pouco, aproxima as axiologias de Harry e a de Ruth. Esta, recordando sua adolescência, lamenta a aparência que teve, agora associada à possível perda de Harry.

Era como quando ela tinha catorze anos e o mundo todo árvores sol e estrelas teriam ficado no lugar certo se ela pudesse perder dez quilos apenas dez quilos que diferença faria a Deus que dera forma a cada flor do campo? (Rabbit, Run, 161).

O protagonista, por sua vez, não entende a não interferência de Deus para salvar Rebecca. *Ela pensa em como era fácil, mas com todo Seu poder Deus nada fez. Era só levantar aquele tampão de borracha. (Rabbit, Run, 230).* Fica evidente o patético do inútil esforço para explicar Deus em termos puramente humanos.

Condizente com a situação acima mencionada, o motivo livre de uma presença misteriosa aparece com Harry e com Janice; este motivo, que lembra uma imagem paterna, sobrenatural, ou Deus, constitui-se num denominador comum que aproxima os seres humanos, independentemente de sexo, cor ou religião. Janice com a filhinha morta nos braços tenta em vão reanimá-la, *...e ela parece abraçar os joelhos de uma vasta terceira pessoa cujo nome, Pai, Pai, bate contra sua cabeça como golpes físicos.... (Rabbit, Run, 220).* A misteriosa presença visita Harry quando este mente ao pai ao telefone que alguém está batendo à porta e ele tem que desligar. *Ele ficara subitamente impossibilitado de continuar falando com o pai, cada palavra do velho estava cheia de censura. Mas o fato de ter mentido assustou-o agora; "ninguém" tornou-se uma presença maligna à porta. (Rabbit Redux, 263).* O episódio traumático da perda da filha aproxima Harry e



Janice de uma forma quase sobrenatural: Janice fora atormentada frequentemente pela sensação de estar sendo observada por uma presença misteriosa durante todo o episódio que precedeu o acidente e, logo depois, Harry, ao ir para casa, sente algo semelhante ao observar a água que matara a criança na banheira, *Num calmo volume, pesado, inodoro, sem gosto, sem cor, a água choca-o como a presença de uma pessoa silenciosa no banheiro.* (Rabbit, Run, 230). No caso específico do casal, essas sensações parecem estar ligadas a um sentimento de auto-censura e a um complexo de culpa, que fazem com que se sintam vigiados e responsáveis por papéis que os outros esperam que eles representem a contento.

Por outro lado, o motivo livre referente a presenças outras que supervisionam os atos terrenos estende-se a outras personagens e situações, o que o coloca como uma herança comum ao ser humano em geral, somente as características específicas de cada caso são pessoais. Na reconciliação do casal, na conclusão de Rabbit Redux, *Tudo tipo de aladas presenças esvoaçam no ar acima de suas cobertas.* (Rabbit Redux, 346) e, mesmo na cama com Stavros, antes, durante uma crise cardíaca por que passa o amante, Janice sente que

Há uma terceira pessoa na sala, esta pessoa conhece-a desde o começo e a olhou de cima até agora; com este outro par de olhos ela vê que está chorando, ouve-se implorando, Vá, Vá, ao demônio que se debate dentro deste seu homem. -- Vá! grita ela. (Rabbit Redux, 331).

Esses eventos das consciências dos componentes do casal marcam também uma interessante distância entre eles e o filho. Nelson não foi criado temente a essas manifestações sobrenaturais; em situação semelhante ele, provavelmente, perde-se-ia no emaranhado de



sensações mais concretas: o voo espiritual não é característica sua. Harry, contrariamente, sente-se responsável em parte pelo acontecido, e assume seu papel ao lado de Janice, que agora é sua eterna aliada na desgraça que os liga. Sua visão da esposa, conseqüentemente, já ficou alterada. *Esta é a mulher desvairada que ele precisa guiar com cuidado pela vida, para longe do passado. (Rabbit, Run, 237).*

De alguma forma Janice consegue refutar a imagem que Harry lhe relegou da mulher descontrolada que ele deveria guiar até o fim da vida. O passo crucial para ela no sentido da auto-afirmação foi tomar Stavros como amante. No episódio em que salva o amante durante uma crise cardíaca (Rabbit Redux, 331), Janice se desvencilha do complexo de causadora de morte, e se torna novamente uma pessoa inteira, pronta para voltar ao marido e manter uma identidade que não seja um mero prolongamento da dele.

O relacionamento de Harry com Ruth foi rápido e destrutivo. O apego formal que Harry tem às instituições sociais e morais faz com que ele nunca consiga superar a idéia de que Ruth fora uma prostituta. Com esta obsessão mal disfarçada, Harry acaba por fazer com que a amante reassuma o papel antigo, com ele mesmo, e isto representa a morte da mulher ideal que o protagonista via em Ruth. A recíproca também é verdadeira: o Harry que Ruth amou deixa de existir quando ele mostra repetidamente que o que sente por ela não é suficiente para fazer com que ele abandone a esposa. Essa morte simbólica, sublinhada pela morte real da filha, faz com que Harry personifique o fim de tudo para Ruth. Sua fala a Harry mostra toda sua revolta de ver a ruína em que se transformou a pessoa amada, seu efeito mortal nela própria enquanto gente, bem como indica uma reversão significativa ao tom de linguagem característico de seu meio



anterior. — *Você é a própria morte. Você não é apenas nada, você é pior do que nada. Você não é um rato, você não fede, você não é o suficiente para feder.* (Rabbit, Run, 251). Ao lado do aspecto altamente emocional desta declaração, a parte essencialmente semântica indica o aniquilamento da imagem de Harry diante da amante. Os atos concretos de Harry destruíram Ruth como amante e pessoa, ao mesmo tempo que dissolveram a identidade do homem que ela amava e respeitava. Resta o nada, a ausência. O conceito que Harry guarda de Ruth fica bem representado quando a mãe do protagonista, que não se dá bem com Janice, pergunta-lhe sobre a amante, e ele fica chocado com o simples fato de sua mãe poder proferir o nome de Ruth, já que ela ficou, sem dúvida, na consciência de Harry como uma eterna prostituta. *O fato de que Ruth possa ser mencionada pela boca da mãe dele faz com que sua vida pareça estiolada.* (Rabbit, Run, 187-90).

Ironicamente, os efeitos concretos da morte de Rebecca sobre o casal são captados por Eccles. — *Penso que o casamento é um sacramento, e que a tragédia, por terrível que seja, pelo menos uniu você e Janice de uma forma sagrada.* (Rabbit, Run, 234). Talvez com a ressalva de que sagrado seja entendido como sancionado pelos valores sociais vigentes, Eccles parece acertar no diagnóstico. O contraponto oferecido por Updike parece estar na incerteza a respeito do aspecto salutar dessa união para sempre: se ele não a condena pura e simplesmente, tampouco faz dela uma apologia da instituição matrimonial.

O protagonista de um dos contos de Updike chega à triste conclusão de que *Somos todos peregrinos, claudicando rumo ao divórcio.* (The Music School, 142); e, de fato, esta parece ser também a condição matrimonial predominante na tetralogia. Comparativamente, no entanto, o casamento de Harry é dos mais estáveis dentre os apre-



sentados, que compõem um quadro de uma instituição social sempre à beira da desintegração. Destaca-se o caráter coletivo do problema, que se apresenta em padrões que só oferecem diversificações na maneira particular com que cada casal enfrenta sua experiência.

Os pais de Harry, embora tenham permanecido juntos até o fim, não formam um casal feliz. Diante de Eccles, ela declara que se casou com Earl porque ele queria muito isso (*Rabbit, Run*, 138). Mais tarde, em *Rabbit Redux*, ela, doente, confessa ao filho que amou um jovem antes do marido, e que se alegrava que ele não a pudesse ver assim. Ela tinha expressado ao namorado de então que jamais queria ficar velha, que pretendia morrer antes dos trinta (p. 84).

Da mesma forma que a mãe de Harry é apegada ao filho, Earl é apegado a Mim, irmã de Harry. Talvez tenha sido este o motivo da não separação dos pais do protagonista. O pai, em *Rabbit, Run*, mostra uma animosidade contra o filho, que ele condena por ter abandonado o lar, no que o protagonista é compreendido e apoiado pela mãe. Significativamente, é com a mãe que o protagonista se abre emocionalmente quando da provação de descobrir que Janice o está traindo com Stavros, em *Rabbit Redux*. Antes, no primeiro romance, durante o velório da filha de Harry, com ambas as famílias presentes, a primeira fala da mãe ao filho deixa muito claro ao lado de quem ela está, — *Hassy, o que fizeram com você?* (*Rabbit, Run*, 241).

Há indícios constantes, especialmente nos dois primeiros romances, da importância que a mãe tem para Harry. Quando, no segundo livro, ela sofre com mal de Parkinson, Harry trabalha com o pai numa tipografia, e há um motivo condutor que martela regularmente a consciência de Harry, nas conversas com o pai. Harry está morando com a mulher em Penn Villas e seus pais continuam em Mount Judge. Há um diálogo entre Harry e o pai depois do trabalho, diariamente, al-



tamente estereotipado e repetitivo em que o pai transmite o desejo da sra. Angstrom de que o filho vá visitá-la. Dada a complicação de sua vida conjugal no momento, e também devido ao bem humano comodismo, Harry raramente pode atendê-la e isto incomoda-o sobremaneira. Cremos que a insistência do motivo, além de revelar a genuína preocupação de Earl, aponta principalmente para a obsessão do protagonista em agradar a mãe. Haja vista que, logo depois, quando acha tempo e disposição para ir visitá-la com Nelson, Harry come tudo o que a mãe lhe oferece, meio a contragosto, para que ela não se ofenda com a recusa dele (Rabbit Redux, 89). No primeiro exemplo do diálogo estereotipado referido acima, Earl diz, — *Ajudaria um bocado, meus Deus, detesto incomodar vocês mas é verdade, ajudaria um bocado se você e Janice pudessem dar um jeito de ir até lá hoje à noite...* (Rabbit Redux, 14). No entanto, não se trata aqui de um exemplo de discurso repetitivo, uma vez que o que se repete são os eventos semelhantes do diálogo dentro da história. O discurso é, portanto, singulativo, acompanhando cada repetição do evento, enquadrando-se na fórmula de Genette, nN/nH , isto é, "*contar n vezes o que aconteceu n vezes.*" (Genette, 146). Por outro lado, há muitos exemplos de discurso repetitivo (nN/iH), como por exemplo o evento da morte de Becky a que o discurso volta durante toda a tetralogia, assinalando a urgência de seu maior peso na consciência de Harry, principalmente.

A idéia de ameaça à vida conjugal já aparece nesses mesmos diálogos. Earl mostra curiosidade sobre os rumores da infidelidade de Janice e quer confirmação de Harry, que procura mudar de assunto perguntando sobre a mãe, sem deixar de pensar na reciprocidade do problema e imaginar com seus botões, *Será que a mamãe um dia fez isso ao papai? Traí-lo...* (Rabbit Redux, 14). Fica a sugestão, pelo



que vai no interior de Harry, de que se pelo menos através de atos concretos a mãe nunca traiu o pai, não se pode garantir o mesmo quanto aos sentimentos dela. Diante da lembrança do pai de que Janice o poderia estar traindo, Harry considera a imagem atual que tem da esposa, Janice: *quem ficaria com esse patinho feio? Sempre apaixonada pelo pai e parou por aí. Está feliz como uma escoteira desde que começou a trabalhar na agência...* (Rabbit Redux, 14), que a coloca como uma pessoa imatura, infantil, e que parou em sua evolução emotiva no amor pelo pai, duplicando assim o relacionamento Earl-Mim.

Harry humanamente se esquece de que as filhas se tornam mulheres e o ciclo recomeça, com novos papéis. Ainda com a interessante equivalência de situações, Harry, veladamente, chega a uma valorização da esposa, que começara quando ela foi trabalhar na Springer Motors para ajudar e agora chega ao ápice com a descoberta de que ela realmente tem um amante. O paralelo inevitável é com o próprio status de Harry adquirido aos olhos da esposa quando fugiu de casa e rebelou-se, no romance anterior. Essas sequências, por sua vez, acabam por valorizar a atitude emocional de fuga aos padrões convencionais ditados pela estrutura impessoal da sociedade.

Há um motivo livre específico ligado ao protagonista que é condizente com a tentativa de fuga aos cerceadores padrões sociais: Harry sente prazer sempre que uma situação atinge um ápice insustentável, um ponto de ruptura, que expõe o paradoxo essencial da condição humana e a momentânea tibieza de forças tradicionais de controle sobre o homem. Como exemplo, podemos citar os episódios de quando Harry bate em Janice e a obriga a confessar o adultério com Stavros e de quando, mediante provocação, consegue fazer com que Nelson perca o controle e danifique os conversíveis que comprou para revender.



Stavros, citado por Mim, parece captar a força motriz de Harry em tais situações, — *A teoria dele é que, diz ela; você gosta de qualquer desastre que possa vir a libertar você. Você gostou quando Janice foi-se embora, você gostou quando a casa pegou fogo.* (Rabbit Redux, 314).

Na consciência de Harry, Janice integrou-se perfeitamente aos tempos e à filosofia da década de sessenta, em Rabbit Redux. Novamente a situação real pode ser diferente e não tão eufórica para Janice como dá a entender a estrutura de superfície. O senso de desajustamento na interioridade do protagonista deve colaborar decisivamente nesta apreensão do caráter de Janice. Esta adotou certas práticas externas, como trabalhar fora e deixar o marido tomando conta de casa, e também encontrar um amante. Essa suposta integração de Janice aos tempos e aos costumes é colocada em questão quando se lembra que ela foi repudiada sexualmente pelo marido desde a morte de Rebecca. Harry passou a ver nela a possibilidade da morte conotada por sua simples condição de mulher e esposa, *Tudo então parecera a ele um buraco, o útero dela e a cova, sexo e morte, ele fugira da vagina dela como da boca de um tigre.* (Rabbit Redux, 29). Esta fobia chega a tal ponto que o narrador personifica a máquina do linotipo em que Harry trabalha, transformando-a no equivalente a uma esposa, sem o percalço da infidelidade. *Não há nenhum problema de fidelidade. Faça para ela, e ela faz para você.* (Rabbit Redux, 31).

Outro fator disfórico na vida de Janice é o vício da bebida: sua tolerância ao marasmo dos primeiros anos de casada, passados diante da televisão, foi sem dúvida obra deste vício, que veio também a ser central na sequência do acidente que matou Rebecca. Janice continua a beber em Rabbit Redux, o que talvez faça com que ela tolere a indiferença e a destruição da imagem do marido, colaborando



para sua "integração" aos usos correntes nos anos sessenta. Ainda que mais moderadamente, Janice continua com o vício nos romances seguintes, chegando a ter que beber para enfrentar aquela conversa crucial que tem com Nelson, sobre o vício mais grave dele com drogas, em *Rabbit At Rest* (p. 153). Tudo isso leva a crer que a integração de Janice aos tempos e costumes da sociedade em que vive seja essencialmente tão problemática quanto à de Harry, que, por sua vez, mantém uma máscara social bem convincente aos que o circundam. A artificialidade do relacionamento de Janice com Stavros entra num eficaz contraste com a conflituosa densidade humana do relacionamento dela com o marido. Certamente, temos um quadro mais real da caracterização de Janice, em seu monólogo interior indireto, quando naturalmente desaparece a preocupação de manter uma pose social e fazer crer que se está integrado aos usos e costumes correntes. Sua angústia existencial e falta de direção no momento lembram os dados encontrados na consciência do marido.

*Nascemos e tentam nos alimentar e trocar nossas
fraldas e nos amar e ficamos com seios e mes-
truamos e ficamos loucas por rapazes e finalmen-
te aparecem alguns que nos tocam e não vemos a
hora de casar e ter criança e depois paramos de
ter e ... daí morremos e teria dado na mesma se
não nos tivéssemos dado o trabalho de nascer.*
(*Rabbit Redux*, 53).

Trata-se aqui de uma caracterização indireta de Janice a partir do discurso da personagem — também perfilhado pelo narrador — e conjugada com a caracterização interna.

E, em seu íntimo, sua disposição psicológica forma um quadro bem diferente daquele imaginado por Harry. Ela assume o papel



tradicional da mulher, contrária aos movimentos da moda visando a liberação feminina. Ela é, enfim, a mulher certa para o tipo de homem cujo papel Harry decidiu assumir, o do tradicionalista e macho chefe da casa, em que pese o temporário afastamento da dona do lar. Ela pondera, -- ... a gente tem que viver, põem a gente aqui e temos que viver, nós fomos feitas para uma única coisa, as mulheres de hoje tentam negá-lo queimando sutiãs mas a gente foi feita para uma única coisa, ... (Rabbit Redux, 54); e exatamente este papel que lhe garantiria a identidade feminina ao lado do marido lhe é negado por Harry, o que faz com que ela procure em outro, Stavros, o devido suporte para não se desintegrar totalmente.

Dentre as forças centrípetas que aproximam Harry e a esposa está a que leva os dois a um beco sem saída quando se aventuram no sentido extra-conjugal. Descoberto seu caso com Stavros, Janice se espanta diante da sugestão que o marido faz de que ela se case com o amante.

-- *Você quer se casar com ele?*

-- *Não. Não.*

Por que ela diz isso? A possibilidade abre um abismo. Ela não iria querer nada disso. O portão que ela sempre pensou dar para um jardim dava para o vazio.... (Rabbit Redux, 61).

Essa sensação de vazio, do nada, também foi experimentada por Harry com relação a Ruth, em Rabbit, Run (p. 55), e também com Thelma, que se tornou amante de Harry em Rabbit Is Rich (p. 392). Esta sensação do nada, agradável a Harry a princípio, mostra-se, em última análise, disfórica e ambivalente. Em ambos os casos, a sensação do vazio e do nada, associada à ausência de responsabilidade e à liberdade, acaba sendo um índice de relacionamento superficial e até



desumano. Basta lembrar como termina a imagem de Ruth na consciência de Harry: simplesmente rejeitada; e, com Thelma, apesar do prazer físico que Harry experimenta com ela e da satisfação de ir à forra com Ronnie, fica sempre muito bem clara a situação de que Thelma é quem ama verdadeiramente a Harry, que somente permite que ela o adule com suas atenções até o fim. Permanece a condição do paradoxo ligada à comédia humana: se o casamento é bem menos que o ideal, a fuga para a aventura também traz suas dificuldades. Como já ficou observado em nosso estudo dos contos do autor,

"A posição de Updike parece ser ambivalente: por um lado, há o reparo feito ao casamento enquanto vínculo que tolhe a realização espontânea do amor; por outro, mostra o ceticismo quanto à filosofia moderna de se buscar o prazer e a realização pessoal, em primeiro lugar, tentando-se eliminar quaisquer obstáculos na busca desesperada de alguma coisa que não se sabe exatamente o que é." (Gonçalves, 1984, 62-3).

O casal Cindy e Webb, que aparece a partir de *Rabbit Is Rich*, tem uma grande importância como ponto de referência para o protagonista. Cindy é na tetralogia o modelo mais completo da imagem da dama inatingível, encontrada na ficção de John Updike. O anseio que Harry evidencia pela posse da mulher de Webb revela todo seu lado imaturo e irracional: ele tem delírios ante a idéia da posse carnal da jovem casada com um homem muito mais velho que ela. Por circunstâncias várias já mencionadas Harry não alcança seu objetivo, e o acaso empurra-o para Thelma, esposa de Ronnie Harrison. Cindy ficaria permanentemente com a aura da mulher perfeita e inatingível não fosse pelo anticlímax de sua volta e condição em *Rabbit At Rest*.

Neste romance os dez anos intermediários tornaram-na gorda e pouco atraente, o que revela penosamente a Harry a natureza pouco nobre de sua antiga atração por ela. A dama um dia inatingível e cobiçada tornou-se completamente tangível e comum e já não desperta o anseio da descoberta, compondo assim mais alguns fortes traços disfóricos do quadro existencial do protagonista.

Ligado a Cindy enquanto personagem aparece necessariamente Webb, que também exerce sua parte de influência no comportamento de Harry. Webb permanece por muito tempo, em *Rabbit Is Rich*, como o modelo do homem bem sucedido, aos olhos do protagonista, que procura imitá-lo em suas atitudes de homem supostamente vivido e conhecedor do mundo. O paraíso, imaginado por Harry, em que vivem Webb e Cindy começa a desmoronar para o protagonista a partir do momento em que, bisbilhotando no quarto do casal, Harry encontra algumas fotos de natureza pornográfica que Webb tirara de Cindy. É notável o sentimento de deformação que Harry experimenta ao examinar essas fotos. *O rosto de Cindy, fora de foco por trás de seus seios, que caem mais para os lados do que Harry esperava, sorri com indulgência nervosa para a câmera. Olhando demais para baixo, seu queixo ficou duplo. Os pés dela parecem enormes....* (*Rabbit Is Rich*, 285).

O motivo da ambivalência no que diz respeito a eventos tem um exemplo no ato exploratório de Harry no quarto do casal amigo. Embora o ato da intromissão, em que o narrador embarca com Harry, seja altamente condenável, é através dele que o protagonista vislumbra um aspecto da verdadeira personalidade do amigo, bem como da esposa: o ato irregular levou-o à verdade, e o modelo de *bon vivant* experiente da vida, detentor da verdade, começa a ruir diante da sensibilidade de Harry. Antes, Harry invejara sinceramente Webb. Ele tinha uma esposa jovem e bonita, e parecia saber o que fazer em



qualquer situação, desde educar filhos até investir na bolsa de valores. Seguindo as sugestões de Webb, Harry primeiro aplica suas economias na compra de moedas de ouro e mais tarde, em moedas de prata. A frieza de Webb em considerar as oscilações dos valores desses metais conjugadas com o fato de o governo iraniano libertar ou não os reféns americanos já diz alguma coisa sobre seu caráter. (Rabbit Is Rich, 343). No entanto, nesta fase, Harry está pronto a usar todos os mecanismos do sistema a fim de ser bem sucedido financeiramente; daí decorre sua utilização do elemento humano inescrupuloso e hipócrita.

No final do terceiro romance, a troca de casais sugerida por alguém tem a aprovação paternal de Webb, que afirma não haver problema algum se todos os envolvidos se esquecerem de tudo depois. A troca de casais, naturalmente baseada na atração puramente física, mostra-se desastrosa para as sensibilidades de Janice e de Harry, que são as que conhecemos. No epíteto que o narrador seleciona para Webb, que acredita que *é o segredo que deixa românticas as pessoas*, (Rabbit Is Rich, 381), fica resumida a imagem presente do antigo guru de Harry, *Ele não tem nada de romântico, o rei dos panacas da Polaroid*. (Rabbit Is Rich, 381). O contraste que se impõe é com o próprio Harry, que no fundo jamais deixa de ser romântico. Ao contrário da personagem puramente existencialista, Harry acredita numa força superior capaz de um dia, de uma forma misteriosa, redimir toda essa condição disfórica da existência humana. Harry retém alguma coisa de cavaleiro errante em seu íntimo, ao passo que sacrificou, de uma forma surpreendentemente cristã, suas manifestações externas de procura, principalmente em memória da morte da filha, de cuja culpa ele jamais se eximiu totalmente. A fé inerente de Harry na possível redenção do ser humano já é detectada por Ruth, no primeiro romance,



quando ela diz gostar dele -- *Porque você não desistiu. Porque, do seu jeito estúpido, você ainda está lutando.* (Rabbit, Run, 79). Como Mim três décadas mais tarde, Ruth, proveniente de um meio carente de valores humanos, surpreende-se de ainda encontrar tais qualidades em estado puro em Harry.

Os eventos posteriores corroboram a imagem disfórica do amigo Webb. Em *Rabbit At Rest* ele vai ao velório de Thelma, o mesmo em que Harry reencontra Cindy, com sua nova jovem mulher, para o desgosto da antiga. Fica patente a sugestão de que os valores sobre que repousava o relacionamento de Webb e Cindy estavam longe de ser saudáveis: Cindy está sem rumo por ter confiado demais em sua beleza física no passado; Webb continua em seu delírio egoísta atrás da juventude que ele mesmo já não tem, e Harry sente como são instáveis e intrigantes as coisas do mundo. No caso do presente casamento de Webb, fica-se imaginando qual seria sua próxima etapa disfórica: irá ele desfazer-se da presente mulher por outra mais jovem ou mais bela, ou será ela a desfazer-se do velho prepotente em favor de uma figura mais promissora? Deste conjunto de colocações resta o tema de que a orientação no sentido de conquistas puramente materiais, em detrimento de metas humanas e espirituais mais elevadas, traz o homem ao rés do chão, aproximando-o do disfórico da existência, negando algo essencial de sua natureza.

Há um interessante paralelo entre o nível externo, visível, abertamente aceitável e o interno, invisível, subjacente, no relacionamento humano apresentado. Webb, obviamente, apresenta uma eficiente máscara social, que funciona muito bem em seu círculo de amizades. Harry, por sua vez, é apresentado em toda sua perplexidade diante desses dois níveis, e começa por intuir a existência deles. Uma passagem significativa ocorre quando ele próprio, falando a Ja-



nice sobre Ruth, revela à esposa ter sentido que não devia voltar à amante. Mas agora ele vê, nos escuros olhos julgadores da esposa, que as regras eram mais complicadas, que havia algumas regras sob a superfície que também importavam. Ela devia ter-lhe explicado isto quando o aceitou de volta. (Rabbit Redux, 63). A inocência de Harry a respeito da questão fica patente com sua colocação como uma criança a ser orientada pelo conselho da mulher, ou melhor, da mãe.

Um ponto importante, que serve de esteio nesse disfórico mundo social de paradoxos e de relatividade, é a reciprocidade de visão entre Harry e Janice; tanto isto é verdade que um ponto de referência decisivo de Harry é sua própria imagem aos olhos de Janice. — *Você foi um maravilhoso cara desmiolado e eu tive que ver esse cara morrer dia a dia.* (Rabbit Redux, 68). Temos a recíproca, por exemplo na situação de mudança de Janice diante de Harry, causada pelo advento de amante dela. Harry tenta provocá-la mas ela não morde a isca. *Ela podia ter reagido à provocação dele mas não o faz. Ela está bem desalentada, honesta e direta nesta manhã, e ele gosta disso. Revela-se uma mulher mais grave do que a que ele conhecia. Nós contemos acordes que uma outra pessoa precisa tocar.* (Rabbit Redux, 67). Se os acordes de Janice foram tocados por Stavros isso poderia ter ficado em segredo para o leitor se Harry não a tivesse forçado a confessar. Assim sendo, o toque do protagonista é mais importante quando se considera o núcleo de consciência através do qual a narração acontece, isto é, os traços alterados da personalidade de Janice são captados por Harry. Stavros, possivelmente, nem se tenha dado conta das mudanças operadas na amante. Ele a conhece muito pouco para isso; e, ademais, está demasiadamente mergulhado no mundo dos sentidos, no momento, para tanto. Paradoxalmente, o conflito entre Harry e Janice é um índice de maior autenticidade do que o rela-



cionamento dela com Stavros, cuja imagem parece eufórica demais a Janice para ser levada a sério. No relato dela o amante aparece como um amontoado de clichês eufóricos sobre o estilo de vida moderno e avançado. Um dos esboços de tentativa por parte de Harry em direção a sexo fora do casamento leva-o a Peggy Foshacht, sua amiga desde os tempos de escola e que se encontra divorciada do marido Ollie. Essa tentativa é completamente frustrada porque o coração de Harry realmente não se empenha no processo. Peggy, por sua vez, está demasiadamente presa ao papel de mulher abandonada e com necessidade de preencher o vazio sexual de sua vida para que experimente um contato humano realmente significativo. Num diálogo entre os dois o assunto acaba sendo religião, um tópico sempre correlacionado com sexo na tetralogia, e marca pateticamente a distância entre as duas axiologias envolvidas. Peggy começa por perguntar a Harry.

— *Quem vai manter unidas as famílias, se todos têm que viver? Viver é um compromisso entre fazer o que nós queremos e fazer o que os outros querem.*

— *E como fica o que o pobre Deus quer?*

— *Você não acha que Deus é o povo?*

— *Não, eu acho que Deus é qualquer coisa que não seja o povo. Acho que penso assim. Eu não penso o suficiente para saber o que acho. (Rabbit Redux, 98).*

Harry reafirma sua crença de que a busca do divino é necessariamente individual, ao mesmo tempo que ilustra, diretamente, o que Peggy disse sobre compromisso, isto é, a visão que Harry exterioriza já leva em consideração o que Peggy pensa a respeito do assunto, daí a ressalva do protagonista no final. Peggy tem uma visão essencialmente prática do papel de Deus com relação à família, que seria mantê-la unida, não importando em que condições. Curiosamente,



nessa mesma noite, através de Buchanan, Harry fica conhecendo Babe, a cantora negra do clube noturno, que aceita a vida como ela vem, sem planos pré-estabelecidos, e canta velhas canções, dentre as quais uma com palavras do Eclesiastes, dizendo que há um momento para cada coisa na vida. Esta mulher, socialmente o oposto de Peggy, Janice ou Lucy, representa subitamente uma abordagem mais humana e natural da vida, sugerindo assim uma axiologia surpreendentemente próxima à de Harry. Updike diz, no prefácio de sua antologia de contos *Olinger Stories*, que "Somos inesperadamente recompensados. A confusa e inconsequente superfície das coisas de vez em quando se abre para nos dar um presente" (apud Detweiler, 15) e também que "Um presente esperado não merece ser dado". ("Wife-Wooing", *Pigeon Feathers*, 79). Condizentes com o irracional e instintivo da personalidade de Babe estão suas projeções das possibilidades existenciais de Harry e de Jill. Ao ler a mão de Harry ela diz gostar muito de seu polegar mas que os nós dos dedos dele não são um bom presságio; a respeito de Jill ela é bem mais precisa: *— Essa pobre menina, ... vai se machucar e a todos que estiverem por perto. Vai decair até o fim, está nos sinais dela, não dá para escapar dos sinais.* (*Rabbit Redux*, 108).

Há indícios de que com Jill Harry leva uma imagem, um símbolo, para casa. Ela representa para ele, antes de tudo, uma possibilidade de novas e atraentes experiências. Ela é a juventude perdida, a senha para os novos tempos, com seu jargão próprio. Em contrapartida, Harry nunca chega de fato ao ser humano Jill, como talvez Nelson tenha chegado, mas pára no desumanizado modelo de menina-mulher. Apenas sua lembrança dela, postumamente, demonstra alguma ternura. O papel emblemático de Jill já fica sugerido nos primeiros contatos com o protagonista: *O perfil dela perto do ombro dele é de-*



licado e frio como o do rosto na velha moeda de dez cents.... (Rabbit Redux, 124). Portanto, é perfeitamente verossímil que este símbolo de tempos atribulados, preâmbulo para Skeeter, coloque tecnicamente a Harry qual é sua posição funcional na casa dele, com a ressalva da segurança: *— Juro a você que tenho dezoito anos. Sou legalmente mulher. Não sirvo de isca para nenhuma quadrilha de negros. Você não vai ser assaltado ou chantageado. Você pode dormir comigo.* (Rabbit Redux, 125).

Se, devido a essas condições, Jill permanece superficial a Harry, por outro lado continua sempre também um enigma ilegível. O motivo livre da mensagem indecifrável, comum na ficção de Updike, aparece relacionado à figura da adolescente foragida. *Ela está usando a calcinha do biquíni, de rendilhado negro, num desenho miúdo demais para se decifrar....* (Rabbit Redux, 126). No entanto, essa mensagem cifrada, mágica, misteriosa, goza de um status superior em relação à mensagem linguisticamente clara e evidente. Ainda com relação a Jill aparecem os slogans e palavras de ordem da época; Harry vê Jill como uma espécie de revolucionária mimada. O narrador consegue fazer com que os dizeres da era hippie (*Love is here to stay, Power to the people, etc.*) pareçam simplistas e mesmo ridículos: *E Harry lê o recado no rosto tenso do filho, Ela pode ouvir. Ela está sozinha. Devemos ser bons para ela, devemos ser bons para os pobres, para os fracos, para os negros. O amor veio para ficar.* (Rabbit Redux, 135). Assim, o relacionamento entre Harry e Jill é essencialmente frio e distante, em que pese o insistente contato físico entre eles, especialmente no início. As imagens em torno da luz fria da televisão e da lua sublinham a natureza desse relacionamento dispar, *... a tela da televisão é um planeta-mãe sobre eles... a cria da lua e o terráqueo...* (Rabbit Redux, 176). Por outro lado, formando um



interessante paralelo com Ruth, Jill é a segunda mulher diante de que Harry se destrói completamente, se aniquila enquanto individualidade. Necessitando de apoio para se livrar da influência destrutiva de Skeeter, ela chega à conclusão de que *o Coelho não está ali para ela, ele apenas pensa que está aqui*. (Rabbit Redux, 258).

As mulheres, no geral, compõem mais um forte elemento disfórico na existência de Harry; no entanto, seu papel não é unívoco, pois representam também o misterioso, o sugestivo: a mensagem cifrada que talvez aponte para a verdadeira natureza subjacente do homem. Quanto a Harry, elas são quase sempre eficientes espelhos em que se refletem facetas de sua própria individualidade, mormente quando se trata de fatores emocionais e nostálgicos. Peggy ilustra muito bem esse papel. *Ele e Peggy Gring estiveram na mesma classe desde o primeiro ano; ela o viu quando ele era bom, sentara nas arquibancadas quentes gritando, quando ele era herói, nu, rápido e magro. Ela o viu dar em nada.....* (Rabbit Redux, 267). De acordo com isso, Harry é muito vulnerável quanto à imagem que ele sabe que tem diante de Janice; preocupa-o sobremaneira, no final de Rabbit At Rest, o fato de a mulher não telefonar para ele perdendo-o pela falta cometida. Ele se sente muito só, então, necessitando da compreensão e do amor da esposa, que sempre aparentemente desprezou. A prática dos rituais externos da vida conjugal acabou por desenvolver valores internos de que o protagonista não suspeitava na convivência com Janice.

Já se observou que Harry vive, ironicamente, num mundo cada vez mais controlado por mulheres. A partir de Rabbit Is Rich, ele passa a morar com a esposa na casa da sogra, e seus pareceres e decisões passam a ser criticamente dependentes delas. Naja vista a decisão delas de despedir Stavros, a essa altura de volta a ótimos termos de amizade com Harry, para criar uma vaga na concessionária



para o filho pródigo Nelson. Apesar dos monólogos interiores indignados por parte do protagonista, apontando a injustiça feita ao antigo e leal funcionário, quando chega a hora da atitude externa e positiva as mulheres fazem valer o que desejam. Essa atitude de domínio crescente e real sobre os aspectos externos da vida tem continuidade com Janice, em *Rabbit At Rest*, indo trabalhar como corretora de imóveis, e tornando-se, conseqüentemente, menos dependente dos humores de Harry. Fora do âmbito estritamente familiar, no mesmo livro, Elvira Ollenhach é o exemplo da mulher ativa e batalhadora, pronta a conquistar cada vez mais espaço num mundo de homens. Trata-se da primeira vendedora de carros empregada pela Springer Motors. Além de saber vender, Elvira tem opiniões próprias sobre assuntos contemporâneos, como legalização do aborto (p. 348), e expressa com muito desembaraço suas posições aos colegas e ao patrão, que se sente incomodado e atraído, ao mesmo tempo, por tal atuação. Repete-se, em cores mais fracas, o padrão de atração e repulsa em Harry, motivo marcante na tetralogia, como acontecera antes com Skeeter, agora com o agravante, para Harry, de se tratar de uma mulher. O inusitado continua a fasciná-lo.

Parte dessa fascinação encontra-se sem dúvida em sua irmã Kim. Ironicamente, para o Coelho machista, foi a mulher de sua família a sair para um espaço hostil a fim de lutar por um status independente só seu. Mas, tampouco esta é uma condição eufórica. Restam sugestões de uma grande solidão em Kim, com os sentimentos acessórios do desencanto e do cinismo. O tema inerente a tal colocação parece ser no sentido de que não há fórmulas infalíveis e seguras para a vida, mas sim que o caminho é descoberto à medida em que é percorrido, e o resultado é a história particular de cada um. Tanto é assim que se pode imaginar um desdobramento de considerações sobre os



casos de Mim e de Harry. Se Mim está só e cética diante das práticas do mundo, tem, por outro lado, uma consciência social mais realista, preocupando-se com os fracos dentro do sistema (Rabbit Redux, 306), coisa de que carece o irmão. Harry, em sua prudência cristã de não ferir o próximo, ou talvez por uma tendência à acomodação e ao conforto, tornou-se pouco combativo, e pronto a aceitar idealizações sobre uma América perfeita e imortal como ele (p. 307). Daí seu apoio à guerra do Vietnã, o que causa muita estranheza aos que o cercam. Mas, Mim sente a necessidade que o irmão tem, talvez inconscientemente, da esposa. Paradoxalmente, ela, que está além do alcance do matrimônio, torna-se um fator decisivo para levar o irmão de volta ao recurso dessa instituição.

No breve contato com a mãe de Jill, após a morte desta, a interioridade de Harry aproxima-se atipicamente da psique feminina, representada pela imagem da mãe transtornada pela perda da filha. Os momentos de crise continuam sendo revelações para Harry.

Esta mulherzinha, apesar do cabelo salpicado, do dinheiro e da voz rouca de sócia de clube, era da geração dele; ele conseguia entender o que ela queria. Ela queria divertir-se um pouco e não levar a culpa. Ela não queria ter que se desculpar diante de nenhuma comissão celeste. No momento ela queria dominar o voraz milagre de sua filha ter sido lançada fora e destruída. A sra. Aldridge, num gesto juvenil, levou as mãos ao rosto e depois deixou-as cair pesadamente ao lado dos quadris. (Rabbit Redux, 298).

Aqui, Harry parece extrapolar os limites de seu machismo e intuir algo do drama geral do ser humano, que independe de sexo, idade ou condição social. Sua solidariedade com a mulher é perceptível, as



preocupações que ele imagina nela são curiosamente semelhantes às suas, quer no que se refere à atitude diante da vida, quer no que diz respeito à responsabilidade diante de um poder sobrenatural. A senhora Aldridge está tão indefesa e atônita quanto uma criança, diante de um dos dilemas da existência, o que a aproxima de um exemplo da provação humana, herança de todos.

Dentro dessa leitura do drama humano comum, Harry não consegue sentir culpa pelo que fez a Jill: nada estava pré-concebido, ela apenas fez o que lhe parecia natural no momento; ninguém escapa à vida. Este sentimento de ausência de culpa repete-se com o episódio do adultério com Pru, em *Rabbit At Rest*: Harry sente pelo efeito que ele sabe que o fato vai ter em Janice, sofre pelo isolamento decorrente, mas não aceita que tenha feito algo errado ou desnaturado. Para ele o homem está sempre à beira do desastre, como condição inerente ao próprio ato de viver, já que *...tudo é vida, sexo, fogo, respiração, tudo combinado com o oxigênio; trememos o tempo todo à beira da conflagração, como bem nos dizem as janelas do hospital...* (*Rabbit Redux*, 297).

Melanie, Pru e Annabelle representam pontos distintos e específicos à sensibilidade do protagonista. Melanie é uma legítima representante daquela nova raça de jovens anunciada por Mim, em *Rabbit Redux* (p. 309): resistente, zelosa de sua independência, um tanto indiferente a sentimentos, e pronta a usar outras pessoas segundo sua própria conveniência; assemelha-se em atitude à própria Mim. Pru, talvez preocupada com uma situação social mais estável, percorre o caminho oposto: torna-se dependente da estrutura familiar na casa dos pais de Nelson. Seu anseio por uma família protetora complica ainda mais os relacionamentos dentro da família de Harry. Melanie fascina Harry por seu problemático enquadramento dentro de



um papel específico. Sua discutível função de cão de guarda de Nelson para Pru mistura-se ao papel de amante do mesmo; mas não se trata de uma amante exclusiva; ela sai com outros homens, Stavros inclusive. Pru torna-se um ponto importante para Harry nas disputas que este tem como o filho, e adquire quase que a condição de troféu a ser conquistado. O protagonista identifica-se com a nora por seu suposto calvário, à mercê de Nelson.

Annabelle, enfim, engloba as imagens da filha e amante para Harry, ambas inatingíveis. Ela representa uma força muito grande na motivação do protagonista em *Rabbit Is Rich*, acenando-lhe, sem o saber, com a possibilidade de horizontes mais promissoras.

O papel de filha desejada é o predominante em Annabelle, e é reforçado pelo papel de filho indesejável, de Nelson. Por outro lado, há muito em Harry, durante a procura por Annabelle, da técnica de aproximação amorosa, uma vez que a busca faz com que ele se lembre necessariamente da amante de outrora, e também porque esta é a sua atitude costumeira em relação a mulheres almejadas. Como costuma acontecer com os sonhos impossíveis, este também se desgasta. Harry se cansa e volta para a realidade de sua família factual, que representa grilhões e segurança ao mesmo tempo. O hábito de sempre considerar qualquer mulher como alvo de uma possível abordagem sexual está tão arraigado no Coelho que, perdido na desolação do condomínio da Flórida, no final de *Rabbit At Rest*, ele vê a idosa senhora Zabritski como sua parceira de solidão e motivo para que ele se lembre das mulheres de sua vida (p. 466); mais tarde ele brinca com Pru ao telefone, provocando Janice com uma possibilidade de romance com a viúva judia (p. 488).



5. CARACTERIZAÇÃO DO PROTAGONISTA, MOTIVOS E TEMAS

O exame do sobrenome de Harry, Angstrom, pode já nos sugerir as forças maiores que dominam a existência desse homem. Angstrom (centésima milionésima parte do centímetro), unidade ínfima de medida de extensão aponta para a insignificância quantitativa de Harry. Trata-se apenas de mais um mortal dentre milhões de outros em dilemas semelhantes, relacionados com a própria vida. Se, por um lado, esta consideração faz dele apenas uma célula no corpo de um drama humano maior, pelo outro, fá-lo representativo como microcosmo em que tal drama se desenvolva. O sobrenome compreende também **Angst** (do alemão, 'medo, angústia'), conotando a angústia humana existencial, que paradoxalmente, com toda sua conotação disfórica, aponta para os valores mais profundos da alma humana; sendo mesmo o indício do que Kierkegaard chama de "doença que leva à morte" (Kierkegaard, 187-236), ou seja, aquele desespero existencial e total que leva o ser humano a dar o salto irracional para a fé. Embora esse ponto de ruptura nunca chegue de forma tão clara para Harry, não resta dúvida de que sua frustração com o aspecto meramente material da vida deixá-lo aberto às possibilidades menos palpáveis da existência. Harold tem remotas raízes no indo-europeu relacionadas com a idéia de guerra, e no inglês antigo, significando 'saquear': sentidos condizentes com os danos ao próximo que Harry causa ao dar vazão a seus instintos de coelho, animal assustado que só pensa em fugir diante das imposições sociais externas, que procuram sufocar as manifestações que possam ameaçar a ordem do sistema estabelecido. O apelido, primeiramente motivado por sua ligeireza no esporte ginásial, torna-se representativo de atitudes de Harry frente à vida em geral -- com o reforço de descrições que o aproximam fisicamente do animal -- ter-



minando por constituir-se no ponto básico de uma postura crítica, em que a parte animal, instintiva e espontânea, contrasta com as imposições externas da sociedade.

Harry não assume publicamente suas preocupações espirituais. Mesmo sua momentânea realização interior com uma boa tacada no golfe é guardada para si, e para o narrador, e para o leitor naturalmente. Sua atitude contrasta frontalmente com a da nova conquistista de Buddy Inglefinger, em *Rabbit Is Rich*, que, em meio ao grupo que elogia e idolatra as maravilhas tecnológicas do momento histórico presente, fala de astrologia a Cindy Murkett e candidata-se a receptáculo da frieza geral (p. 56). Harry é mais cauteloso e usa sua máscara social com desembaraço. No mundo bem estruturado do culto às formas mais tangíveis, Harry é a forma mais significativa de subversivo por não se expor claramente como Joanne, a nova namorada de Buddy, que acha que todos ali deviam ler o Livro Tibetano dos Hortos (p. 54).

Embora Harry não se oponha à atividade laudatória de seus pares à tecnologia, sua convicção interior está bem próxima do "What a piece of work is a man!", de Shakespeare (*Hamlet*, 2º ato, cena 2):

Que coisa pobre fazemos da vida! No entanto que coisa maravilhosa é a mente, não conseguem fazer uma máquina como ela, embora alguns computadores como os de que falava Ed encham salas; e o corpo é capaz de mil coisas que não há uma fábrica no mundo que possa duplicar seu movimento.... (*Rabbit Is Rich*, 129).

O discurso abstrato do narrador localiza o centro do valor humano na alma, no imaterial, na mente geradora do movimento inimitável. É exatamente a atividade dessas mente e sensibilidade que constitui a



matéria da presente tetralogia. No entanto, como um Hamlet inculto, Harry tem que viver preso dentro de seu tempo e de seu espaço, e efetuar os movimentos externos automatizados que são esperados dele. A diferença notável é que em Harry essas práticas externas entusiasma-no a tal ponto que daí resulta um homem tipicamente dividido entre as duas disposições. O entusiasmo pelo possível lucro com a compra das moedas de prata não impede que Harry imagine quão pequenos, ridículos e vãos ele e a esposa devem estar parecendo a Deus ao carregarem os pacotes de moedas até o banco, *...duas formigas tentando alcançar a beirada de uma bacia de banheiro*. (Rabbit Is Rich, 347). Newman faz uma convincente exposição de como as aquisições materiais do Coelho em Rabbit Is Rich estão insistentemente ligadas à idéia de dejetos, indicando a mórbida condição psicológica de Harry frente a elas (Newman, 72-6).

Essa atitude mista de Harry faz-se sentir também no motivo livre da preocupação com a idade e com a morte. Principalmente a partir de Rabbit Is Rich, essa preocupação passa a ser constante em Harry, para atingir a condição praticamente de mania em Rabbit At Rest. Se a insistência do motivo denota um permanente receio do protagonista, outras manifestações suas sugerem uma posição de superioridade em relação a seus finados. Apesar da localização mitológica tradicional do Hades numa região subterrânea, Harry, com pouquíssima informação sobre mitologia, jamais imagina seus mortos habitando um espaço superior. *Ele está pisando neles todos, eles são resilientes, estão encorajando-o a prosseguir, os pulmões dele queimam, dói-lhe o coração, ele é uma membrana removida das hostes lá embaixo, os filamentos deles acariciam seus tornozelos, ele ama a terra, ele jamais morrerá*. (Rabbit Is Rich, 131). Embora ele admita ser feito da mesma matéria e ter a mesma natureza dos mortos, o calor da vida o embria-



ga e fá-lo sentir-se como imortal. Em outros momentos, carente de fé, Harry cai no desespero da falta de sentido que permeia tudo. *Cada folha de grama a seus pés é um indivíduo que vai morrer, que floresceu sem finalidade alguma.* (Rabbit Is Rich, 165). E assim, o protagonista balança entre esses pólos interminavelmente.

Há uma imagem especialmente significativa referente à morte e ao acúmulo de bens materiais. Harry compra moedas de ouro e perde-se numa volúpia de apetite de poder e sexo. Ele cobre os olhos com duas moedas e espera que sua mulher o desperte sexualmente. O dinheiro está relacionado com fortes conotações disfóricas nessa passagem de Rabbit Is Rich (pp. 195-203). As moedas sobre os olhos são para pagar a travessia para o Hades, a terra dos mortos; logo, o arrebatamento da posse do dinheiro faz com que Harry morra, ainda que provisoriamente, para o mundo de valores humanos interiores. O protagonista é abruptamente chamado de volta à realidade pela esposa, que lhe pergunta quanto ele gastou na compra das moedas. Significativamente, o Coelho adquiriu trinta moedas de ouro, e que ora o ajudam no abandono de suas tendências mais nobres. Só com a pergunta de Janice é que Harry consegue sair de sua agradável "morte" e acordar para os fatos, ... *ele retira as moedas e olha para ela, um homem renascido e encarado....* (Rabbit Is Rich, 201). Completa-se nesta passagem a configuração do culto aos valores materiais e ao amor meramente sexual ligado à idéia da morte, juntamente com a sensação do poder secular como substitutivo para o amor na meia-idade. Neste ponto Harry está, mais do que nunca, próximo do aspecto disfórico de sua vida.

A impressão disfórica do protagonista corre paralela a situações externamente eufóricas, como durante o casamento de Nelson, em que, na agitação e alegria geral, Harry chama à lembrança aspec-



tos mórbidos de como devem estar os corpos putrefatos da filhinha e da própria mãe (Rabbit Is Rich, 234), inclui a irmã na atmosfera de comédia patética (p. 228), e conclui aforisticamente, com o narrador, que *De costa a costa, ..., somos um grande circo.* (Rabbit Is Rich, 253). E, mais adiante, outro aforismo de amplo alcance é inserido numa passagem que focaliza o particular, o íntimo do Coelho. *Naufragando com todas suas luzes acesas está o grande barco América....* (Rabbit Is Rich, 281). Sua consciência, portanto, da condição geral do elemento humano que vive no país, é deveras aguda. Mas a projeção dessa consciência para além desses limites continua sendo uma constante, com que Harry consegue superar ou tolerar a disforia intermitente. A sensação de um desígnio, que escapa ao alcance humano serve-lhe de conforto, por meio desta personificação, *Pobres árvores, produzindo todos esses frutos bichados para nada. Talvez seja alguma coisa, do ponto de vista delas. Quando não existia o homem elas estavam fazendo o mesmo. Estranho pensamento.* (Rabbit Is Rich, 257).

Peggy, em Rabbit Is Rich, ilustra, num interessante contraste com Harry, o que pode acontecer a quem se opõe abertamente às idéias preponderantes no grupo social. Ela condena-se ao ostracismo quando ousa criticar a visita do Papa aos Estados Unidos, diante da católica Cindy e dos outros admiradores da simpatia do visitante; por outro lado, sua linguagem marca pateticamente a diferença que a separa do grupo. Webb ao tentar fazer graça com o erro gramatical de Peggy sequer é entendido por ela (p. 266).

A vítima seguinte é natural do grupo social reunido na casa de Cindy é Ollie, marido de Peggy, que é ridicularizado por Ronnie Harrison com uma conversa eivada de segundas intenções, visando mostrar a insignificância do negócio que o marido de Peggy adminis-



tra (pp. 274-7). Fica mais claro o contraste com Harry, que sabe exatamente como se comportar em tal meio a fim de evitar estremecimentos ou represálias. Uma de suas atitudes significativas foi elogiar o Papa a Cindy, logo após a discussão com Peggy, o que o coloca imediatamente do lado que está ganhando e aproxima-o um pouco mais de seu objetivo amoroso (p. 272). A maldade socialmente praticada e sancionada prossegue com a revelação pública e mútua dos passados adultérios de Harry -- com Peggy -- e de Janice (pp. 277-8), para tudo terminar numa atmosfera de postiza descontração em que todos riem, querendo se convencer de que nada é tão sério, afinal. O contraste deste exterior com a interioridade do protagonista é claramente marcado pelo eficaz motivo livre da fantasia que Harry alimenta de matar Janice com um só golpe fatal, aqui também incluindo o "amigo" Ronnie, com um toque de humor no final. *Ele se pergunta se uma esposa dessas alguma vez morre de causas naturais....* (Rabbit Redux, 72).

Ocorre outro motivo livre, encontrado a partir de Rabbit Redux, em que Harry estranha a própria aparência vista ao espelho. A crescente gradação disfórica entre esses dois exemplos é alarmante. Vai da ligeira estranheza na década de sessenta ao completo desconhecimento dos anos setenta, e assinala todo o perigo representado pelo contexto social que impõe papéis estranhos à condição natural do indivíduo.

... ele se vê no espelho do armário, um homem grande e rosa-pálido ficando amontoado debaixo do queixo, com os lábios pequenos torcidos para o lado num arremedo de sorriso. (Rabbit Redux, 72).



Uma outra presença sombria agita-lhe o coração: um homem de calças azuis do terno, com a camisa branca amarrotada, com os punhos dobrados e a gravata desatada, aparentando ter excesso de peso e ser perigoso, observa-o. Meu Deus, é ele mesmo, ... (Rabbit Is Rich, 283-4).

Mas, ainda paradoxalmente, é na aceitação deste contexto humano --- com seu senso de transgressão, culpa, remorso e pecado --- que o homem cumpre realmente sua missão e executa seu papel, em última análise inevitável, de transgressor que sofre com a própria consciência da falta cometida. Cumpre-se assim, misteriosamente, sua total condição de homem. O aforismo *Adão antes da queda é um macaco*, usado por Updike (Samuels, 1968, 101), não deixa dúvidas a respeito da axiologia dominante. *Eis por que amamos o desastre, percebe Harry, ele nos põe de volta em contato com a culpa e nos manda rastejando de volta para Deus. Sem a consciência de estarmos errados não somos melhores que os animais.... (Rabbit Is Rich, 322).* O próprio passar do tempo coloca o homem diante de um dilema ao qual não se pode furtar. *Vida. Vida demais, e não o suficiente. O medo de que ela vai acabar um dia, e o medo de que amanhã seja igual a ontem. (Rabbit Is Rich, 331).*

No entanto, reafirma-se constantemente em Harry a presença de um poder mais alto, de Deus, do intangível, remetendo a outro tema central da tetralogia: a fé representa um papel essencial na experiência humana, se se quer atingir qualquer tipo de realização. Esta disposição faz frente ao problema angustiante da temporalidade; Updike afirma, *"... tudo termina sob o céu, e se a temporalidade for considerada como fator de anulação, então nada de real dá certo."* ("Foreword", *Your Lover Just Called*, p. 9). Ainda em *Rabbit Is Rich*, diante da situação artificial e disfórica da troca de casais, Harry



evidencia a Thelma -- seu prêmio de consolação -- a nostalgia do tempo em que sua fé, mais viva, dava-lhe um outro sentido à vida. ... *que havia alguma coisa que queria que ele a encontrasse, que ele estava aqui na terra numa espécie de missão.* (Rabbit Is Rich, 392). À medida que a situação disfórica se intensifica com o avanço do tempo mais premente se torna a necessidade que o protagonista tem de algo superior, duradouro e significativo, e mais difícil de conseguir-lo.

Por ironia, a idéia de que o segredo é que determina o caso amoroso (Rabbit Redux, 71, e Rabbit Is Rich, 381) e arruina casamentos mostra-se verdadeiro com o caso posterior entre Harry e Thelma, em Rabbit At Rest. A artificialidade da situação da troca de casais contrasta vivamente com a união, aqui forçada pela fuga de Nelson, entre Harry e Janice: os outros amigos de horas agradáveis furtam-se ao apoio moral requerido pelo protagonista. Fica sugerido mais uma vez o valor da convivência, da sedimentação gradativa de práticas, interações e concessões dentro de um casamento, do ritual imperceptível que faz uma diferença qualitativa inexorável, no final. No entanto, apesar de reconhecer a superficialidade do acontecido, Harry tem seu ego titilado pela experidência nas ilhas do Caribe, sente mesmo que alcançou uma ilha pessoal de realização, com todos os senões que tal suposição pode implicar.

O motivo livre da lembrança, por sua vez, sublinha o disfórico do tempo presente de Harry, não importa em que livro da tetralogia ele ocorra. Suas recordações, em Rabbit, Run, de quando era um herói do basquetebol já apontam para a irreparável perda que o tempo trouxe ao jovem, completamente desorientado diante dos compromissos de chefe de família. Após a morte da filha, o motivo registra o sentimento de culpa que ele reparte com Janice. A perda de Ruth



faz com que ele mergulhe em devaneios momentâneos sobre o que poderia ter sido, agravados pela possível paternidade de Annabelle. Em *Rabbit Is Rich*, o protagonista lamenta a perda dos pais, ocorrida antes, especialmente a da mãe: com ela Harry perde um ponto de referência emocional muito importante em sua vida. Ainda em relação aos pais, Harry tem outro tipo basilar de recordações, ou seja, aquelas anteriores ao tempo registrado diretamente pelos romances: a infância, que já vai longe, relacionada especialmente com a mãe, os tempos de escola com as primeiras paixões, como Lotty Bingaman (p. 201) e Margaret Schoelkopf (p. 210), por exemplo. Tudo serve de contraponto com o momento presente do discurso narrativo e intensifica a sensação disfórica de deslocamento experimentada pelo protagonista.

Na condição de leitor experimentam-se sensações qualitativamente diferentes, dependendo do tipo específico de recordação. A nível de referências intra-diegéticas relacionadas ao que aconteceu num romance anterior, experimenta-se uma sensação de *déjà-vu* ligada a uma certa intimidade com o protagonista, ao passo que as referências ao tempo anterior ao tempo diegético dos livros afasta um pouco o leitor da intimidade de Harry, que revive assim impressões inteiramente suas. Se esses elementos nos ajudam na formação da tessitura humana do Coelho, não deixam também de ter o sabor do novo. O que resta a Harry no presente é a sensação disfórica do deslocamento. *... ele não consegue deixar de ver as partes planas do campo de golfe como calhas levando a lugar nenhum, nem deixar de sentir que deveria estar em outro lugar, que alguma coisa aconteceu, está acontecendo, que ele está atrasado, que um encontro foi marcado para ele, que ele se esqueceu....* (*Rabbit Is Rich*, 166). Enquanto suas lembranças tornam-no representativo de toda a espécie humana, pela simples função da memória, o caráter pessoal e intransferível da ga-



ma emotiva de cada uma dessas experiências faz dele um indivíduo único, pois *De um certo ângulo, a coisa mais aterradora deste mundo é sua própria vida, o fato de que ela é de você e de ninguém mais...* (Rabbit Is Rich, 169).

O Coelho é colocado num mundo de relações do real com o ficcional, em meio a referências extra- e intra-diegéticas. No que diz respeito ao mundo real, observa-se sempre muito nitidamente a época concreta e específica de cada livro: Rabbit, Run é a época de Eisenhower; em Rabbit Redux fala-se de Kennedy, e Nixon acaba de assumir o poder; Rabbit Is Rich acontece nos duros tempos de falta de petróleo do governo Carter, e Rabbit At Rest assinala a perda de terreno por parte dos Estados Unidos na corrida tecnológica com o Japão, e Bush é identificado pelos americanos como aquele que vacila na hora da ação.

A televisão aparece como elemento comunicativo marcante dessas décadas, secundada pelo rádio. Janice perde muito tempo com o 'Clube do Mickey' na década de 50; Harry, fugindo de casa, é embalado pelos sucessos musicais populares da época. Rabbit Redux mostra uma televisão em polvorosa, com estudantes na rua, passeatas pelos direitos humanos, conflitos raciais e a Guerra do Vietnã; em Rabbit Is Rich a turbulência é devida principalmente à escassez de petróleo e as tensões sociais são grandes. A televisão continua onipresente no ambiente familiar de Rabbit At Rest, com a vantagem do controle remoto, que a neta Judy, por exemplo, controla com muita desenvoltura no chamado 'channel surfing', podendo causar pequenos estremecimentos familiares. É interessante notar que, à medida que passam as décadas em questão, a capacidade de tolerância do expectador amplia-se consideravelmente: ele passa a se chocar muito pouco com o que vê na televisão, e torna-se mais ou menos indiferente. Prevalece a sen-



sação de que os desastres apresentados no vídeo acontecem apenas aos outros.

Newman chama atenção para o fato de que Harry é constantemente "bombardeado" pelos meios de comunicação de massa, especialmente pela televisão, e conclui, citando McLuhan, que "a principal influência da televisão não está em seu conteúdo (violência, por exemplo) mas no modo pelo qual sua natureza total modifica as atitudes mentais e os hábitos de percepção das pessoas...." (Newman, 40). Embora seja indiscutível que Harry esteja exposto aos meios de comunicação de massa, em especial à televisão, a grande quantidade de dados de sua interioridade contrabalança e, até certo ponto, neutraliza a influência desses fortes agentes externos. Por outro lado, não há dúvida que, como observa a mesma Newman, o mundo de Harry é um mundo dominado pela mídia, que promove fantasias consumistas no seio da classe média. "No clube de campo seus amigos agem de forma barulhenta e espalhafatosa, moldando seus comportamentos segundo comerciais de cerveja...." (Newman, 67).

Sem dúvida, fica muito clara a aderência exterior a esses padrões de imitação, aceitos sem maior reflexão; não obstante, é curioso imaginar como ficaria esse verniz comportamental se o narrador, no exemplo em questão, descesse ao interior das personagens envolvidas.

Harry, por sua vez, escapa ao domínio total da televisão, que a tudo sobrevive (no incêndio da casa de Harry, Newman observa que só restou intato o aparelho de televisão, p. 58), simplesmente por força do que conhecemos de sua vida interior. Encontra-se um exemplo disso em *Rabbit Is Rich*, quando do episódio em que Nelson perde o controle e danifica, diante do pai, os conversíveis que comprou para revender. A passagem mostra que a televisão já estabeleceu a expectativa de certas imagens visuais em Harry, mas, em seguida,



temos justamente o contraste entre as duas formas de apresentação dos fatos, e a focalização interna de Harry registra enfaticamente a diferença qualitativa entre ambas. *Percebendo o choque iminente, Harry esperou que ele acontecesse em câmera lenta, como na televisão, mas, ao invés, aconteceu comicamente rápido, como dois cães se engalfinhando e mudando de idéia logo em seguida....* (Rabbit Is Rich, 158). O resultado é a impressão disfórica de um anti-clímax real, mas trata-se da verdade, com que o homem deve entrar numa relação significativa de uma forma ou de outra. O registro e a assimilação dos elementos da realidade compõem muito do caminho percorrido pelo protagonista ao longo de toda a tetralogia.

Pode-se dizer que a preocupação básica em Rabbit, Run é, lato sensu, religiosa; a procura de algo mais alto e metafísico leva o ainda jovem Harry à ação, tão sem direção quanto a natureza do objeto perseguido possa sugerir. A atmosfera de sonho da procura casa-se perfeitamente com a propalada inocência da década de 50, especialmente se comparada à suposta sofisticação da década seguinte. A procura individual é solitária, mas, de acordo com o teólogo Karl Barth, que Updike admira, não há caminho humano até Deus, (apud J. Updike, Assorted Prose, "Faith in Search of Understanding", 212), é Ele que nos encontra quando quer.

Em Rabbit Redux o enfoque é basicamente político, enquanto Harry observa os padrões de dominação vigentes entre os homens. Ele parece retirar-se do centro da ação externa e concentrar-se no exame de toda a inquietação social reinante à sua volta e em geral. Toda a complexidade do relacionamento humano, com seus paradoxos e anseio de mudança, aparece em profusão. é o momento de se encararem os fatos, e o pesadelo parece ser a atmosfera resultante. O conflito de tensões é contrabalançado pelo salutar movimento e ação que se pro-



cessam nos seres humanos, então.

Rabbit Is Rich apresenta-se consequentemente como a bonança após a tempestade, mas isso também pode ser enganoso, pois as mazelas da acomodação a um sistema social desumano e indiferente estão todas presentes no romance. Se a riqueza for considerada como algo que diz respeito ao espírito, o título é claramente irônico: moedas de ouro e de prata é tudo que Harry consegue juntar aqui. A situação econômica, com a crise de energia física e espiritual, domina o romance, acoplada à atitude de aceitação das regras do jogo social, por parte de Harry. O país está ficando sem gasolina, e Harry também, em mais de um sentido.

Em **Rabbit At Rest** Harry prepara-se para o fim. O romance resume todo o disfórico da vida de Harry, que está sombrio e faz constantes reflexões sobre a morte, apontada de forma incontestável por seus ataques cardíacos. Seu relacionamento social, *lato sensu*, tem que ser reavaliado aqui, no sentido de que o protagonista sente a necessidade de se colocar existencialmente em relação às pessoas que o cercam. Seu assentimento à relação com Pru, por exemplo, dadas as circunstâncias, é inevitável; os resultados desastrosos para a psique de Harry (e para a de Pru, a propósito), caso ele recusasse a oferta da nora, seriam fatais. Sua morte física teria como parceira irrecusável a morte de seu amor próprio. A nível de tratamento de problemas externos, Harry tem que enfrentar dificuldades derivadas de relacionamento de caráter social. O principal deles é, sem dúvida, o vício da cocaína de Nelson, adquirido claramente por causa das amizades que ele cultivava, como Lyle, que ora colhe resultados igualmente desastrosos.

Harry situa-se emocionalmente diante desses problemas todos preparando-se assim, talvez sem o saber, para o fim inexorável.



Sobra, como fator de unidade, sua coerência interna. Para o leitor ele não é um estranho, talvez o seja mais para o filho e para a esposa, que vivem com ele uma situação de vida real. A situação estética que o leitor experimenta com relação a Harry dá-lhe uma visão mais completa e coerente do protagonista. Por outro lado, as condições sociais das personagens principais mudam de maneira sensível. Janice é agora uma corretora de imóveis em início de carreira, ao que tudo indica bem sucedida e de caráter mais estável do que quando abandonou sua casa em Rabbit Redux; Nelson volta de Filadélfia aparentemente curado do vício, e possivelmente vá começar uma vida nova ao lado de Pru, que diz a Harry ter iniciado uma nova fase de sinceridade com o marido. O próprio Harry reassumiu, durante o romance, a diretoria da Springer Motors, posição de mando que não lhe é totalmente estranha, e percorre uma linha de verossimilhança, com o que fora anteriormente, até o final aparentemente irreversível.

Evidentemente, Harry é posicionado em determinada situação quanto aos diferentes momentos dessas décadas. em Rabbit, Run, ele desconfia, quase instintivamente, da qualidade e da sinceridade dos programas a que Janice assiste na televisão. Por outro lado, ele aprecia as canções populares que ouve no rádio, fugindo para o sul: rock'n'roll incipiente e bem próximo das fontes negras originais, o que sugere o alternativo e ajuda a delinear o perfil do rebelde contra a obediência cega aos cerceadores padrões vigentes. Essa rebeldia, no entanto, é mais individual que coletiva em Harry; ela não chega ao nível social mais amplo, fica no caráter de força instintiva.

Quando, em Rabbit Redux, Harry experimenta a inquietação e turbulência social dentro de sua casa, ele parece aprender algo com isso, mas mantém-se preso a certas disposições básicas de sua forma-



ção: reconhece a injustiça que os negros, por exemplo, sofreram em seu país, mas continua acreditando que, no geral, os Estados Unidos sempre agiram de forma correta, no Vietnã inclusive.

Rabbit Is Rich mostra um Harry que faz uso do sistema, está perfeitamente integrado num negócio lucrativo, investe na compra de moedas de ouro e de prata, viaja com a mulher e com casais amigos para o Caribe. Mas, interiormente, as coisas não estão assim tão harmônicas. A troca de casais no Caribe mostra-se um desastre para as consciências de Harry e de Janice. Harry sente falta de uma relação amorosa mais significativa, anseia por uma filha que talvez não exista, aparentemente detesta o filho, que lhe parece estar cometendo os mesmos erros que ele e, por último, em *Rabbit At Rest*, pensa na eternidade. Um dos motivos livres mais contraditórios, a partir do segundo livro principalmente, é a preocupação que Harry tem com os mortos, em especial com a filhinha Rebecca. Na azáfama da vida cotidiana, Harry olha para o outro lado, considera o número cada vez maior de mortos conhecidos e não pode deixar de considerar a possibilidade de um dia juntar-se a eles. O último toque em *Rabbit Is Rich*, enquanto Harry observa a neta em seu colo, diz respeito a essa preocupação. No último romance a idéia da morte torna-se obsessiva; no entanto, prevalece a constatação tácita em Harry da necessidade de se continuar fazendo os movimentos esperados pelo grupo social, numa tentativa quase sempre vã de comunicação mas que, eventualmente, pode alcançar algum resultado.

Quando se considera o tópico da busca na tetralogia, é notável a mudança da movimentação típica do protagonista em cada década. No final da década de cinquenta acontece sua corrida física, misto de fuga e de procura, que não leva a parte alguma que signifique uma mudança qualitativa para melhor. Na década de sessenta há



uma voluntária parada para avaliação, que parece apontar para novas direções, antes insuspeitadas. Nos anos setenta sua movimentação típica é a da corrida por esporte, que na década seguinte vai se transformar em caminhada. À medida que, com o passar do tempo, a movimentação física de Harry diminui, e se modifica a natureza de sua procura, ele toma uma consciência mais intensa de sua vida interior; e até a morte, que lhe parecia como um fantasma implacável, por vezes se apresenta como um fator natural decorrente de uma existência.

Ao lado dessa evolução interna da personagem principal, o narrador mostra habilmente sinais exteriores do passar do tempo, sugerindo mudanças significativas operadas de acordo com o espírito de cada época. Exemplo disso ocorre em *Rabbit At Rest*, com a observação da mudança do nome da antiga loja de artigos musicais de Ollie Foshnacht, em Brewer. Quando era de Ollie chamava-se *Chords'n'Records*, revelando um gosto pelo paralelismo sugerindo o equilíbrio de uma época menos disfórica; depois ganhou o nome de *Fidelity Audio*, com o progresso tecnológico e a preocupação com o rigor científico de uma suposta qualidade e, finalmente, na condição de uma loja que vende tênis, foi rebatizada de *The Light Fantastic*, capitalizando sobre a visão amplificada e deformadora de uma nova geração que não se contenta com os tamanhos reais de produtos corriqueiros (p. 182). O narrador externa a opinião de Harry sobre a geração mais nova, inspirado no exemplo de Nelson. *Geração sem fibra, nenhuma coragem, nada sólido com que distinguir um fato de uma crendice. Satanismo, maconha, drogas, vegetarianismo. Patético. Receberam tudo de mão beijada, acham que a vida é uma grande televisão, cheia de fantasmas.* (*Rabbit Is Rich*, 150). Mas resulta que Harry fica com a sensação de que afinal é esta geração que vai tomar conta do mundo presente. O motivo da preocupação com a morte confirma isto, com a idéia acessó-



ria de que quando se morre faz-se um favor ao mundo, criando mais espaço para os mais jovens (Rabbit At Rest, 231).

É notável a crescente integração de Harry em seu papel exterior, visto de fora por uma sociedade que o respeita e o sanciona. No entanto, continua a oposição com a parte interna, que resiste embora fraca. Esta interioridade sobrevive em sua simplicidade monolítica paralelamente à complexidade de elementos artificiais, que compõem sua imagem mais tangível. Harry se regozija nela, mas se lembra, de uma forma espontaneamente cristã e com uma ponta de culpa, na voz do narrador, de seu papel de consumidor inveterado, com a fome campeando pelo mundo.

Embora a sensação interna que ele tem de si mesmo seja a de um espírito indolente e passivo, uma vozinha constante, que não quer causar dano algum, nem ficar aprisionada, nem jamais morrer, há uma outra identidade vista de fora, um ex-atleta de mais de dois metros de altura pesando mais de cem quilos, uma aparição com um belo terno cinzento de verão brilhando como se encerrado...., um volume terrível com olhos que vêem, mãos que agarram e dentes que mordem, um corpo que come o suficiente para alimentar três etíopes por um dia, um descarado consumidor de gasolina, eletricidade, jornais, hidrocarbonetos, carboidratos. Um patrão, de terno brilhante....
(Rabbit At Rest, 375).

O tópico da nostalgia, que serve para ressaltar o aspecto disfórico do presente, aparece relacionado a Janice em sua visão do passado com Harry, quando este era jovem. Sua aparência, agora no final da década de oitenta, parece-lhe incongruente, quando ela vai buscá-lo no hospital, depois do cateterismo. A discrepância entre o



passado e o presente é agudamente sentida pela esposa. *Parece errado que ela o apanhe com o carro dela, quando ele está vestido e com os cabelos úmidos penteados como o rapaz que vem pegar a gente para sair....* (Rabbit At Rest, 316-7). Ela encontra de relance um traço em Harry do moço que ele foi, e sente a incongruência com sua aparência geral no presente. *Ele é como um balão esvaziando-se aos poucos; ...* (Rabbit At Rest, 316). Janice é especial enquanto personagem que compartilhou da vida interior do protagonista e, com ele divide a impressão da diferença entre hoje e ontem, fazendo assim com que, nessas situações, a narração se aproxime muito do drama particular e acessório da esposa.

Ainda a respeito da centralidade do aspecto pessoal na caracterização do Coelho e na construção geral da tetralogia, a discussão de problemas sociais, raciais e morais que Harry tem com seus funcionários Elvira e Benny avulta de forma significativa. Durante essa conversa o narrador intercala incursões pelo íntimo de Harry, relembrando com ele as minúcias do intercuro sexual com Pru (Rabbit At Rest, 349-350). A discussão sobre controle de natalidade, defendido por Elvira, traz à lembrança de Harry o preservativo que Pru trouxera no bolso do roupão, por exemplo. Em contraste com o diálogo factual entre eles, Harry, naturalmente, não lhes dá o menor indício do que aconteceu entre ele e a nora. Da mesma forma, ele se lembra, levado pelo tópico da discussão, da possibilidade de Ruth ter abortado, no passado (Rabbit At Rest, 351). Quando o assunto é o esporte, Harry lhes diz de sua admiração pelo jogador de beisebol Schmidt, que abandonou a profissão antes de ficar velho (p. 347), o que, certamente ecoa a preocupação do protagonista com a própria condição. Em contraste, Elvira -- com sua visão externa, objetiva, social, tangível e fria -- replica não ver nada de excepcional no



ato do jogador, acha que ele simplesmente não tinha escolha. Isso pode nos remeter a um dos problemas centrais presente em toda a tetralogia: não se pode fugir às contingências da condição humana, porém o mérito parece estar na consciência que o indivíduo tem disso e em sua postura diante da questão. De fato, o jogador Schmidt não tinha muita escolha, mas teve sensibilidade suficiente para perceber isso, e tomar uma atitude condizente. O efeito literário mais notável aqui é o pathos que tal situação e atitude veiculam, com o devido apoio no ponto mais sensível da tetralogia, seu protagonista.

O posicionamento anti-Papa de Elvira lembra o de Peggy em *Rabbit Is Rich*. Aqui, porém, a crítica ao Sumo Pontífice impressiona mais devido à fonte e à forma específica em que é vazada. Elvira é instruída e tem tato ao lidar com as pessoas, até mesmo quando parece atrevida demais; não é por acaso que ela cai nas boas graças do sr. Shimada, pessoa importante da Toyota, quando este vem trazer más notícias ao Coelho. Assim, a idéia da ambivalência e da indefinição dos fatos humanos em si é veiculada na presente passagem por meio da maneira em que o ponto em questão é colocado; automaticamente, a crítica contra o Papa conquista uma melhor consideração do que no caso anterior com a atabalhoada Peggy. Por extensão, pode-se concluir que a forma específica do texto dos romances da tetralogia tem muito a ver com a avaliação que possamos vir a fazer dela.

O sr. Shimada é o exemplo mais perfeito da encarnação do superego de Harry. Como os outros desastres da vida do protagonista, este deve ter-lhe causado igualmente algum prazer, ao ver a ruína da Springer Motors decretada pelo japonês (*Rabbit At Rest*, 387). Além disso, a crítica mais direta sobre educação de filhos vem também de Shimada; Harry divide o impacto dessas experiências pensando em como Janice irá reagir a essas novidades. Já escorada em sua nova profis-



são, a consorte não reage a esses fatos com tanta veemência. Casualmente, numa ironia do autor, Shimada coloca como característica da Toyota a *esperança de construir ilhas de ordem no oceano de liberdade* (Rabbit At Rest, 387) da América, e também a de *estabelecer equilíbrio adequado entre as necessidades do mundo exterior e as necessidades do ser interior* (Rabbit At Rest, 387). Talvez Shimada seja a personagem que mais tenha impressionado Harry de imediato desde Skeeter; a diferença básica entre elas, quanto ao efeito causado em Harry, é que um pertence inteiramente ao sistema sócio-econômico dominante, e o outro é um produto histórico contra esse sistema. Isso mostra que o problema central dos romances não gravita em torno de um tipo definido de pessoa, determinado por circunstâncias sócio-culturais, mas sim em torno do conflito básico entre um ego central e os outros.

Desse relacionamento de oposição decorre, ainda em *Rabbit At Rest*, seu posicionamento frente à religião. Sua posição continua sendo a de contraponto com a dos outros: seu caminho para a fé continua sendo individualista, bem como sua atitude de aceitação, no final.

Quando Deus não tinha um amigo no mundo, lá na década de sessenta, ele não conseguia abrir mão d'Ele, e agora que os pastores estão todos rezando com megafones ele não consegue se entusiasmar com Ele. Ele é como um amigo tão antigo que nos esquecemos do que é que gostávamos n'Ele. Seria de se esperar algo depois daquele susto do coração, mas de certa forma quanto mais perto se chega menos se pensa na coisa, é como se já estivéssemos em Suas mãos.... (Rabbit At Rest, 443).

A caracterização indireta de Harry como indivíduo apóia-se também em seus gostos e preferências. O narrador toma uma figura da cultura popular, o cantor Frank Sinatra, para assinalar o caráter pessoal do gosto de Harry, em oposição à corrente integradora da preferência geral dentro do sistema. ... -- *se há uma coisa em que o Coelho Angstrom está em desacordo com a humanidade, é no que diz respeito a Sinatra. Não gosta de como ele canta....* (Rabbit At Rest, 443). Mais adiante, contrariamente, o Coelho elogia a voz de Elvis Presley, em literal oposição a Sinatra. ... *falem mal dele o quanto quiserem, antes que ficasse gordo, drogado e assombrado no final ele tinha uma voz de verdade, uma bela voz, não era como a buzina do Sinatra,...* (Rabbit At Rest, 452).

Convém lembrar que Presley marcou presença principalmente por uma nova postura artística durante a década de cinquenta, em clara oposição ao sistema vigente, que segregava a música negra e recomendava a cantores populares moderação quanto a movimentos físicos. O Coelho continua correndo. Prossegue a busca por uma colocação na "corrida de ratos" (p. 444), mas Harry tem a consciência de que não se é livre para escolher esse lugar: estamos sendo sempre levados por alguém. Ele teve como guias a mãe, o pai, o pastor luterano, professores, o treinador Tothero e outros.

Em seus momentos de depressão, Harry, perdido em sua humanidade, vê tudo -- a Deus inclusive -- segundo a transitoriedade das coisas materiais. A condição humana revelada sugere que logo haverá uma mudança para uma visão menos disfórica, mas enquanto isso não ocorre, o quadro é atroz. Quando fecharam a grande loja Kroll's, em que Harry conhecera Janice, ele sentiu toda a precariedade da condição humana.



O Coelho deu-se conta de que o mundo não era sólido ou benigno; era um triste conjunto de arranjos temporários arquitetados para o momento, tudo pelo dinheiro. Nós apenas passávamos pela vida, e exploravam-nos o mais que podiam, especialmente quando éramos jovens e ingênuos. Se a Kroll's podia acabar, o tribunal podia acabar, os bancos podiam acabar. E quando o dinheiro acabasse, eles podiam acabar até com Deus. (Rabbit At Rest, 455).

Contrariamente aos exemplos de discurso abstrato, que registravam a presença da instância narrativa no presente, aqui as generalizações estão no pretérito imperfeito e dizem respeito mais diretamente às conclusões a que chegou o protagonista sobre a precariedade das coisas da vida. No contexto mais amplo em que ocorre a passagem acima, pode-se efetuar a leitura de que enquanto o ser humano está crescendo não se observa a mudança do mundo porque a do homem é mais rápida e imediata; mas quando se pára de crescer dá-se conta de um desenvolvimento mais lento e que não é o seu -- o do mundo --, e este movimento vai deixá-lo para trás e continuar adiante. A sensação que resta ao Coelho no final da década de oitenta é a de que nada mais é sagrado (p. 457). A parte agredida diretamente é aquela constituída por elementos concretos, que serviram de base para o lado emotivo da vida do protagonista.

Ao considerar a possibilidade de ter um caso amoroso com a sra. Zabritski, Harry pondera que *A sua vida toda parece ter sido uma viagem para dentro de corpos de mulheres, por que deveria sua viagem terminar agora?*... (Rabbit At Rest, 461). Ironicamente, a viagem de Harry na terra está mais perto do final do que ele imagina. O motivo livre da fuga para dentro do corpo de uma mulher está relacionado com a tentativa de proteção contra a agressão do mundo.



Paradoxalmente, o começo e o fim da viagem por este planeta coincidem no útero, pois o protagonista considera seriamente terminar a viagem, que já se arrasta, dentro de mais um corpo de mulher. Porém, as circunstâncias externas parecem reservar-lhe algo mais alto, no sagrado do movimento físico através do espaço em busca de uma meta, na imagem de uma cesta de basquetebol.

Neste ponto, Harry sente, sozinho no apartamento da Flórida, que sua vida foi toda irrereal; mas isto, longe de fazer do protagonista um caso de exceção, é apenas coerente no tipo de pessoa que nunca esperou de valores humanos puramente materiais as respostas últimas para a aventura da vida. *Sua vida inteira parece ... ter sido irrereal, ou não mais real que as vidas nas histórias da televisão, e agora é tarde demais para torná-la real, para ser sério, para enfiar a mão no férreo seio da terra e retirar uma vida de verdade para si*, (Rabbit At Rest, 462-3). Em que pese o contraste com a vida artificial retratada em programas de televisão, a vida almejada por Harry, no trecho, tampouco o iria satisfazer. Sua meta última localiza-se naturalmente no alto, no imaterial. Voltando-se para baixo, para o centro da terra, para uma vida que aqui ele chama de real, ele apenas conseguiria uma vida melhor do que as da televisão -- o que de fato pode-se dizer que ele conseguiu -- mas esta vida não satisfaz plenamente ao homem que no fundo de si traz um anelo de natureza basicamente espiritual.

O coração de Harry, motivo condutor central em Rabbit At Rest, mostra sua natureza ambígua à sensibilidade do protagonista. É curioso o paralelismo com a situação em que Ruth sentia mal-estar por causa do feto que trazia dentro de si, e que, ao mesmo tempo era seu amigo (Rabbit, Run, 162).



As vezes ele parece uma criaturinha, um bebê, implorando dentro dele por atenção, por socorro, e outras vezes, um intruso sinistro, um traidor resmungando em código, um parasita estranho que nada pode expelir. As dores, quando surgem, parecem hostis e deliberadas, facas de um inimigo que se fortalece. (Rabbit At Rest, 466).

A dupla natureza do órgão concreto, que é responsável pela vida de Harry mas também será a causa de sua morte, torna intensa a disforia da experiência. No exemplo, o código secreto, normalmente motivo livre positivo, tem esse valor diluído, em face da nomeação da dúbia fonte emissora.

Há dois motivos livres relacionados, no final de *Rabbit At Rest*, que revelam a posição psicológica e emotiva de Harry. O dr. Morris, que o protagonista vai consultar em Deleon, na Flórida, diz-lhe que ele precisa se interessar por algo fora dele e assim o coração pararia de lhe dar recados (p. 469); pouco depois, ao conversar com Nelson ao telefone, pela primeira vez depois de sua fuga, Harry ouve o filho dizer de seu desejo de se tornar assistente social, para ajudar a outras pessoas e não a ele mesmo, para variar (p. 475). Essa atitude de sair de seu campo individual de impressões e de sentimentos mostra-se muito difícil para Harry. No entanto, a recomendação do médico e a preocupação de Nelson a respeito mostram que o problema é muito mais geral e comum do que uma crítica visando condenar Harry, enquanto ser humano, poderia dar a entender.

Harry alcançou um ponto em que ignora barreiras raciais. De alguma forma ele conseguiu escapar dos limites que o grupo humano em que ele vive estabeleceu. Ele espera misturar-se aos garotos negros jogando basquete, pois reconhece que os negros não têm a preocupação branca de manter seu território racialmente puro (*Rabbit At*



Rest, 480). Assim, o protagonista evidencia a necessidade de fazer parte de algo, de estabelecer um clima de camaradagem, agora que está só; e, por momentos, o consegue. Esse seu estado de ânimo é bruscamente interrompido por sua visão apocalíptica no que diz respeito ao mundo concreto, sujeito a desastres de várias sortes. *Toda avião tinha uma bomba-relógio funcionando em seu bojo. Podemos explodir a qualquer instante.* (Rabbit At Rest, 486). Instaure-se a instabilidade na imagem do furacão Hugo transmitida pela televisão. *Tudo voa pelos ares, o mundo está desmoronando, nada na vida pode ser mantido.* (Rabbit At Rest, 487).

A natureza movediça de características humanas tem um bom exemplo na personagem Charlie Stavros. Ele mudou a visão que tinha sobre estrangeiros de quando discutiu com Harry no restaurante grego, em Rabbit Redux (Rabbit At Rest, 238). Se agora Stavros é mostrado sob um ângulo bem mais simpático ao protagonista do que anteriormente, a situação aponta para uma certa maleabilidade inerente à condição humana. As condições são outras, Harry deixou de ser seu rival, agora o homem mais velho deixou de lado sua rebeldia idealista que exigia satisfações de um governo tido como imperialista. O mesmo pode ser dito quanto ao relacionamento pessoal de Stavros com Harry. Desde Rabbit Is Rich, o protagonista passou a ver o grego com bons olhos e este, em retribuição, mostra-se um amigo sincero quando ajuda Harry e Janice com a sindicância na firma, que concluiu com a descoberta do desfalque por Nelson e companhia.

O tema resultante parece ser no sentido de que as circunstâncias e o passar do tempo podem mudar qualitativamente o comportamento de uma pessoa. Portanto, o julgamento de alguém além de arriscado só pode ser provisório. De alguma forma, Stavros não está mais sob a premência de ter que competir com Harry pela posse de uma mu-



lher. Mesmo os encontros que ele tem com Janice enquanto Harry está no hospital, em *Rabbit At Rest*, ficam mesmo no âmbito dos negócios, como um favor ao casal amigo. Isto não impede que Harry represente a pantomima do marido ciumento para Janice, que considera isso um elogio. No entanto, Harry se ressentia da independência cada vez maior de Janice e das palavras novas que ela usa, e acha que Stavros tem algo a ver com isso (p. 394). Mas, por outro lado, Janice reconhece a força positiva que lhe vem de Harry e que só ele pode suprir. Em contraste com toda sua nova postura de independência e saída para a vida, a esposa de Harry lhe declara: *Mas é preciso ter fé. Você me ensinou isso.* (*Rabbit At Rest*, 403); para o espanto do marido. A situação assinala alguma qualidade básica que permaneceu imutável esses anos todos em Harry, que havia dito um dia com toda a convicção, — *Eu dou fé às pessoas.* (*Rabbit, Run*, 121).



MI, o terceiro e último capítulo de *Rabbib At Rest*, mantém um evidente paralelismo com os outros dois capítulos, FL e PA, designando Flórida e Pensilvânia, respectivamente. Embora mantenha, pela forma, seu caráter de sigla geográfica, MI parece apontar para outras plagas. Ao contrário do que acontece com os capítulos iniciais, este não se refere ao ambiente físico imediato, o que leva a considerações de outra sorte. MI, relacionado com a terceira nota da escala musical, marca o terceiro e último tom deste romance derradeiro. Sua pronúncia é exatamente a mesma do pronome pessoal inglês *me*: este espaço geográfico é especial; não se trata mais do espaço físico externo diretamente identificável, mas sim do misterioso espaço interno de uma intimidade humana. Harry opta, por força de circunstâncias externas mas sem vacilar, por sua identidade mais profunda. Esta sua última viagem concreta assemelha-se na direção àquela tomada quando de sua fuga para o sul em *Rabbit, Run*.

Algumas coisas se modificaram desde então: Harry sabe para onde está indo, e sente também que, em última análise, a fidelidade essencial deve ser para com a própria identidade, no constante atrito com exigências externas. Sua direção de fidelidade para consigo mesmo continua significativamente sendo o sul, em contraste com o norte convencional enquanto ponto de orientação para a coletividade. Não se tem a descrição das viagens de Harry com a família para a Flórida, mas elas devem ter sido essencialmente diferentes desta, que ele faz sozinho dirigindo o próprio carro, como em *Rabbit, Run*, e a geografia externa e circunstancial percorrida sublinha uma geografia interna essencial, com seus pensamentos, sensações e sentimentos projetados nas descrições do longo caminho da Pensilvânia até



a Flórida. Condizente com esta oposição indivíduo-mundo, e com a predominância dos elementos internos sobre os externos, está a sincera atitude do protagonista em não reconhecer em si a responsabilidade ou culpa pelo rumo dos acontecimentos. Em suma, Harry considera sua atitude para com Pru natural e inevitável, assim como se considera isento diante dos olhos acusadores da mãe de Jill, em *Rabbit Redux*. No entanto, apesar da ausência do reconhecimento da culpa, Harry sente pelo resultante sofrimento de Janice, assim como entendeu a reação emocional da sra. Pendleton.

Quanto ao aspecto denotativo, MI é, naturalmente, infarto do miocárdio (myocardial infarction), e marca um possível ponto final para o protagonista. Esta marca, como foi essa última viagem para o sul, é adequadamente interna. Assim como ficou demonstrado que a história externa só interessa realmente ao Coelho na medida em que pode ser pessoalmente interiorizada, a geografia só lhe chama a atenção e o impressiona quando consiste de dados experimentados diretamente por sua consciência e sensibilidade. Por exemplo, a grande quantidade de rios americanos com nomes indígenas só o impressiona quando ele pessoalmente tem que atravessá-los para chegar à Flórida. Sua sensação é a de que os Estados Unidos mantêm sua unidade através de cartões de créditos e de nomes indígenas (*Rabbit At Rest*, 450). Por outro lado, a geografia acadêmica e externa tampouco lhe interessa, como fica claro quando Nelson lhe comunica que esse é seu campo de estudo na Universidade Kent State. — *Geografia! Isso é coisa que se estuda no terceiro ano! Nunca ouvi falar de um adulto que estudasse geografia.* (*Rabbit Is Rich*, 114). Em afirmações deste tipo, do discurso direto do protagonista, fica patente a distância entre certos pontos de sua ideologia e a do narrador. Reforçando a semelhança geral entre as provações psicológicas do pai e as do fi-



lho, aparece o fato de Nelson ter viajado pelo país e achado tudo a mesma coisa, com supermercados e plástico por toda parte (Rabbit Is Rich, 70); talvez o próprio Nelson estivesse procurando por uma geografia interna com a qual sua disciplina principal na universidade não se coaduna. A condição disfórica da procura frustrada aproxima indiretamente o protagonista do filho.

A interioridade e as ações de Harry ficam particularmente integradas a um nível superior de significação, em Rabbit At Rest, através de alusões de natureza mitológica. A imagem centralizadora dessas alusões está no nome e no significado do condomínio da Flórida, Valhalla Village.

O Valhala, na mitologia escandinava, é o palácio do Asgard, o Olimpo nórdico, para onde iam os guerreiros mortos em combate; neste lugar agradável os guerreiros passavam o tempo em competições de luta e em banquetes, esperando pelo dia da luta final ao lado de Odin, a divindade suprema, contra gigantes representantes do mal, e sabendo que perderão esta última batalha. O que virá depois permanece uma incógnita.

O discurso sobre o relacionamento de Harry com o condomínio residencial de nome sugestivo apóia-se nesses dados mitológicos. O protagonista da tetralogia tem a nostalgia do heroísmo, num tempo em que os heróis são particularmente escassos, sendo ele mesmo uma figura muito pouco heróica. Suas pretensões a heroísmo ficaram há muito tempo esmaecidas como os recortes esportivos dos jornais da época em que era estrela do basquetebol. Resta, no entanto, a sugestão do heroísmo anônimo implícito no simples ato de viver carregando uma consciência humana, sabendo-se que, sob o aspecto físico e material, vai-se perder a última batalha.



Os contatos de Harry com o condomínio no início do último romance são de caráter coletivo e diluído. O Coelho chega ao Valhala como o guerreiro que já experimentou algumas mortes parciais pela vida. O corpo está ainda muito próximo dos valores materiais, perdido em meio ao burburinho das relações com o próximo, e as imagens relacionadas com a mitologia são cerceadoras. Nos murais de cerâmica do condomínio as heróicas figuras de viquingues estão de alguma forma obliteradas, e ... os homens brandindo, usando e navegando essas protuberâncias estão engolidos num louco emaranhado de braços, pernas e raios,... (Rabbit At Rest, 80). Pouco antes, as relações do ser humano com o edifício foram indicados de forma impessoal através do sumário, em detrimento de qualquer cena imediata,

A gente se apresenta na guarita de segurança, é reconhecido pelo guarda que fica lá, estaciona num dos dois lugares com o número do apartamento reproduzido no asfalto, usa a chave na porta externa do Prédio B, bate o código para abrir a porta interna, toma o elevador, e caminha para a esquerda... (Rabbit At Rest, 31).

Assim o Valhala é apresentado, rotineiramente, como o lar da família Angstrom durante seis meses do ano. Este é, por enquanto, o lugar ameno onde O Coelho caminha com seus mocassins, tão usados que seus pés se movem dentro deles e não parecem tocar o couro,... (Rabbit At Rest, 72). O Coelho descansa seu corpo confortavelmente, a última batalha ainda está por vir.

Acumulam-se dados conotativos de um contexto mitológico, de modo que a leitura sob esse prisma torna-se praticamente inevitável. No ambiente do condomínio, cheio de referências intencionalmente mitológicas, como as garçonetas vestidas de valquírias no Mead



Hall, Harry percebe a voz do locutor do bingo como semelhante à de Deus (p. 81). O protagonista afina-se com o contexto, chegando a sentir-se como *um deus lançando raios distraidamente*; ... (Rabbit At Rest, 83), mesmo que tal sensação seja escorada no gesto trivial de preencher um cheque com o número do apartamento. Enquanto isso, lá fora os vândalos e marginais observam esperando até que os guardas cochilem (p. 83), equivalentes dos mencionados gigantes mitológicos do mal.

Em contraste com os dados mitológicos artificiais fornecidos principalmente pela decoração do restaurante do condomínio, a situação no Valhala quando da volta de Harry sozinho, no final do livro, é acentuadamente diversa.

A atmosfera do mito já se estabelece no início da fuga de Harry para a Flórida. Retoma-se uma imagem alusiva ao cão de guarda do inferno subterrâneo na mitologia grega, Cérbero (Edith Hamilton, 39), com uma cabeça a menos. O protagonista sente a atração do complexo Baltimore-Washington como a de "um cão de duas cabeças" impedindo o caminho para o sul (Rabbit, Run, p. 30), e como "o monstro de duas cabeças" em cujo estômago se tem que mergulhar a caminho da Flórida (Rabbit At Rest, p. 430). A menção do monstro mitológico lembra Harry a palavra que a esposa usou para qualificar seu ato com Pru.

A função de Cérbero era guardar a entrada do reino dos mortos; permitia a entrada mas não deixava ninguém sair. De acordo com a situação mitológica, Harry, na primeira vez, evitou o monstro de duas cabeças e acabou voltando para casa; na segunda vez, contrariamente, o protagonista passou pelo cão e prosseguiu no caminho sem retorno.



Sugestiva da situação intermediária em que se encontra Harry — ainda com os laços de uma vida concreta deixada para trás, mas com a sensibilidade voltada para o apelo de elementos espirituais —, a passagem seguinte é reveladora, especialmente numa releitura: Harry telefona a Pru, já que não consegue entrar em contato com a esposa.

Ela está amarrada lá, diz ela, com os vivos.

— *Estou atado também, diz ele a ela; à minha carcaça.* (Rabbit At Rest, 439).

Fica patente a sede espiritual de Harry, bem como sua consciência de estar deixando gradativamente a terra dos vivos.

Na chegada de Harry ao Valhala tudo indica que a situação é outra. As ruas nessa época do ano estão diferentes, mais floridas e mais vazias; o guarda à entrada do condomínio foi trocado e parece qualificado demais para o cargo; o código usado para abrir a porta foi mudado (pp. 457-8). Harry, que *ultimamente imagina toda espécie de assombração* (Rabbit At Rest, 458), sente que está numa situação individual qualitativamente significativa, com a sugerida presença do sobrenatural. O telefone está desligado para a temporada (p. 459), o que o isola ainda mais do mundo que deixou para trás, e por meio de um motivo livre muito comum à sua sensibilidade ele associa o silêncio do aparelho em sua mão a uma presença mais alta, "God on the line" (p. 459). Motivo que se repete quando, mais tarde, Harry tenta conversar ao telefone com Roy, que apenas fica respirando ao aparelho. *Silêncio. Deus na linha de novo* (Rabbit At Rest, 490).

O restaurante do Valhala, em contraste com a situação anterior na temporada, tem uma aparência fantasmagórica e está praticamente deserto (p. 459). É num reforço da atmosfera reinante, a



sua. Zabritski, parceira involuntária de solidão e de desajustamento, em sua sintaxe fragmentária revela a Harry que -- *é o inferno*, ... (Rabbit At Rest, 460), para só depois explicar ao colega que está falando do tempo.

Cresce gradativamente o distanciamento entre Harry e o mundo passado da Pensilvânia. *A cada dia que passa aqui, os acontecimentos da Pensilvânia parecem mais remotos....* (Rabbit At Rest, 462). O nome da cidade em que fica o condomínio, Deleon, recebeu o nome por causa do conquistador espanhol Juan Ponce de León (1460-1521), que, além de colonizar a costa da Flórida, buscava a lendária fonte da juventude. A nostalgia do hercísmo e da aventura presente em Harry coaduna-se com o nome do lugar, e a preocupação com a perda gradativa da juventude e com os problemas físicos e espirituais decorrentes é um dos motivos livres principais na psique do protagonista.

A imagem central do voltar-se do Coelho para sua interioridade, sem os empecilhos costumeiros do passado, é o seu coração, que se torna agora seu companheiro inseparável de solidão; Harry tenta decifrar as mensagens que sua variação de batidas nas diferentes partes do dia parece lhe transmitir (p. 464).

Numa ironia do autor, e assinalando por outro lado o potencial de surpresa que o ser humano pode oferecer -- como no caso da evolução de Stavros --, Nelson aconselha o pai a entregar sua vida a um poder superior (p. 473).

À medida que Harry se distancia da Pensilvânia ele se integra, por outro lado, à rotina do condomínio.

Os cômodos e a mobília do apartamento nestes dias que ele está morando aqui sozinho assumiram a tensão e a ameaça de uma pessoa viva que, por ora,

resolveu permanecer imóvel. À noite ele consegue sentir as salas respirando e pensando. Elas estão pensando sobre ele.... (Rabbit At Rest, 486).

A personificação do condomínio eleva-o à condição de parceiro e juiz espiritual da individualidade que ele abriga. Porém, a carcaca humana do protagonista ainda lhe pesa, especialmente com a falta que sente da esposa, cujo perdão formal teima em demorar-se.

A ambiguidade de certos elementos chegam às raias da ironia que pode atormentar a vida humana. Equivalentes aos banquetes mitológicos do Valhala aparecem as guloseimas do condomínio, danosas à saúde já precária do protagonista. Por outro lado, esta comida concreta conserva sua relação com o banquete mitológico quando se observa que, por meio do mal físico que causa, ela vai realizar o milagre da batalha final, que só pode ter um desfecho, trazendo a morte e a glorificação.

O confronto do Coelho com o garoto batizado de Tigre, num jogo de basquete, tem o final esperado. Na batalha decisiva, Harry, com a marca do guerreiro na camisa -- o logotipo VV, de Valhalla Village --, procurou o êxtase perfeito de uma experiência de caráter espiritual, que em outra época revelou-se numa perfeita tacada de golfe. O último gesto de Harry revela sua fé no ritual em função de uma força divina que ele jamais chegou a compreender, mas cujo impulso levou-o à procura constante de algo que satisfizesse uma alma perdida entre apelos de outra sorte. Harry teve assim o seu Dia do Juízo, e pertence já a uma nova ordem de coisas. O distanciamento dos limites materiais atingiu a libertação. O desespero de Nelson e o sofrimento de Janice até lhe parecem injustificáveis. A grande aventura da morte, por que passaram seus pais, sua filha, Jill, Skeeter, Thelma, Peggy, e muitos outros, agora é sua, e "não é tão má assim"



O espaço diferenciado do Valhalla Village entra em contraste com o espaço conhecido da Pensilvânia. O sonho de libertação de Harry e a consequente fuga final, causada pela sequência da descoberta do pecado do Coelho pela esposa, atingem desta feita seu objetivo último. A procura de um sentido para a vida só se encontra paradoxalmente na morte, no distanciamento dos empecilhos circunstanciais da vida em sociedade. O Valhalla, no entanto, não se apresenta como o elemento espacial determinante da situação espiritual do protagonista; mas, ao contrário, é a individualidade particular de Harry que, depois do caminho percorrido através do tempo e do espaço circunstanciais, constrói a conotação mítica do condomínio.



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com sua preocupação taxonômica, Hochman lembra a divisão que Edwin Muir faz entre textos estruturados em termos de espaço e os estruturados em termos de tempo; sendo que os primeiros tendem a ser estáticos e sociais, e os outros, dinâmicos e trágicos (Hochman, 142-3). A nosso ver, a tetralogia do Coelho enquadra-se na segunda categoria. Enquanto os espaços focalizados em toda a sequência dos romances não mostram grande variação, e sua mudança geralmente não representa em si valores decisivos para o andamento da trama, o tempo parece ser o elemento natural para os desdobramentos da interioridade do protagonista. Trata-se, portanto, de uma personagem dinâmica cuja movimentação através do tempo leva às consequências trágicas comuns à espécie humana.

Os exemplos que demos mostraram uma evolução interna de Harry com relação aos grandes dilemas de sua vida. Depois de *Rabbit Redux*, não há como acreditar que o Coelho irá ver da mesma forma os problemas raciais e a antes suposta infalibilidade de sua poderosa pátria. O dinamismo do caráter de Harry concentra-se nos dados pessoais e afetivos do protagonista, e seu amadurecimento, tão autêntico quanto involuntário, leva-o a uma situação final inevitável e trágica, mas que, no entanto, é encarada com inesperadas coragem e serenidade: fatores decorrentes de uma evolução interna lenta e gradativa, principalmente enquanto manifestação que se depreende de um texto específico.

Naturalmente, a preocupação com o fator tempo é uma questão de predominância, na tetralogia. Numa das manifestações mais notáveis com relação a um espaço específico -- a descrição -- Updike



invariavelmente mostra a visão e a sensibilidade do ser humano que observa. Tais passagens, longe de pretenderem uma fria objetividade de coleção de itens observados, demoram-se na revelação das associações, sentimentos, idéias do observador, que aparecem através do narrador, que conhece todos os escaninhos e idiossincrasias da alma de Harry, e sabe tudo o que capta o olho do protagonista.

Harry não é uma personagem estática, no sentido de que não é passível de classificação com uma série de traços fixos num dado momento. Seu significado depende do movimento todo apresentado no decorrer do tempo coberto pelos quatro romances. Seu significado é esse movimento, com sua evolução, suas contradições, suas descobertas, suas frustrações; o todo compõe uma impressão disfórica para o homem em questão, mas é parte integrante do que ele é agora, neste breve momento estático do final de um texto; talvez com a contemplação do que pode estar do outro lado, numa nova ordem de coisas. O significado humano de Harry está em sua corrida através do tempo; sua necessidade de satisfação espiritual leva-o agora a contemplar o alto.

É curioso observar que dos romances da tetralogia somente o primeiro tem um título que indica claramente movimento no espaço exterior. Vale a leitura de que, depois da tentativa de fugir a um espaço físico disfórico, e de procurar um utópico espaço eufórico, o protagonista deu-se conta de que é inútil a tentativa de fugir às contingências da vida: das forças sociais, dos preceitos morais, mesmo da pressão econômica. Este movimento circular não leva a lugar nenhum. Harry decide-se pelo movimento interior, onde o fator mais importante é o tempo, pois pode-se parar no espaço, jamais no tempo, que vai gradativamente se tornando para o protagonista um fator de importância fundamental. Devido à passagem do tempo avulta o motivo



da preocupação com a morte, e Harry percorre um fatal caminho interior que o leva à provação final, a que chega misteriosamente como um homem renovado. Seu dinamismo, enquanto personagem, está nessa possibilidade realizada de mudança.

Sendo o Coelho configurado basicamente pela voz do narrador solidário, conhecedor de todas as reentrâncias de sua mente, as categorias da coerência e da transparência da personagem, notadas por Hochman (p. 89), atingem um alto grau, no que diz respeito à relação com o leitor. Quem lê tem um acesso à caracterização de Harry que nenhuma das personagens que convivem com ele pode ter, o que deve fazer do protagonista uma figura um tanto incoerente a seus pares, aproximando-o assim de uma pessoa na vida real. O assombro e a confusão da mente de Harry aparecem-nos como dados coerentes dentro do todo de sua caracterização indireta, e o narrador compartilha com ele essas impressões decorrentes do próprio ato de viver.

Isso quer dizer que embora, como *homo fictus*, o Coelho habite o mundo bem estruturado e limitado da obra literária, essa estruturação detém-se sobretudo no aspecto conflituoso e confuso que acomete a existência humana. A estruturação literária aponta aqui para a analogia com a vida não estruturada e pouco definida do *homo sapiens*.

Creemos que Updike usa deliberadamente essa diferença qualitativa de visões do leitor e das personagens com relação ao protagonista, usando o narrador extradiegético como ponte. Por exemplo, por mais que nos solidarizemos com Skeeter jamais poderemos deixar de vê-lo segundo os olhos e a sensibilidade de Harry.

Ainda de acordo com as categorias propostas por Hochman, continuemos na tentativa de situar o Coelho. Há um mínimo de estilização no protagonista, com a preponderância de seu oposto, o natura-



lismo. Sua caracterização trabalha no sentido de cercá-lo de traços humanos identificáveis, e não de torná-lo representativo de alguém excepcional, com algum defeito ou qualidade que o afaste do comum dos mortais. O dia-a-dia do Coelho, quer seja em seu caráter externo e mais ou menos objetivo, quer seja em sua vida interior com a característica complexidade, aproxima-o do homem comum, numa relação com o leitor. De tal forma que é muito fácil imaginar Harry como uma pessoa que encontraríamos na rua, na casa ao lado, fazendo coisas comuns, que permanecem como uma barreira atrás de que mora uma riqueza de minúcias internas e individuais.

A esse respeito discordamos frontalmente de Matthew Wilson, que considera Harry um estranho (outsider) ao contexto humano em que vive (Wilson, 14). Essa atitude parece ser mais um indício da tendência crítica de ver o protagonista apenas de fora, simplesmente como mais um item dentro do sistema social. O fato de o narrador enfocar o interior de Harry pode ter levado Wilson a classificá-lo como uma pessoa inadequada, fora de seu lugar apropriado. cremos que a condição de estranheza do protagonista, que impressionou Wilson, é apenas o reflexo da característica básica da complexidade interior do ser humano. Pensamos que praticamente qualquer pessoa, se focalizada de um ponto de vista interno, pareceria tão estranha quanto Harry ao contexto social geral. O tratamento específico dado à caracterização de Harry impede que o vejamos como alguém extraordinariamente fora dos padrões normais. Ele é infeliz, mesquinho e pequeno, às vezes, mas é humano. Somos levados a nos sentir pertencentes à mesma espécie que ele.

A opacidade que Harry oferece às outras personagens, semelhante à do *homo sapiens*, está necessariamente ligada a uma simplicidade de traços fornecidos. É muito comum encontrarmos pessoas que



conhecem o Coelho tentando uma classificação simplista dele. Com relação ao leitor, devido à transparência do protagonista, já mencionada, acompanha a natural complexidade condizente com a interioridade revelada, que tem como ponto de apoio a do próprio leitor. Hochman observa que a personagem portadora de pouca estilização normalmente "habita mundos sociais normativos e tem distintos códigos morais e de conduta" (Hochman, 74). Tal é o caso de Harry, especialmente em sua fase de explícita rebeldia.

A coerência que percebemos em Harry é também de natureza profunda, em oposição a sua incoerência de superfície. O choro do Coelho no casamento do filho certamente pareceu incoerente aos olhos de todos os presentes que conheciam os dois. Tal não acontece com o leitor, em virtude daquela intimidade que ele tem com as forças antagônicas que operam no espírito do pai vendo o filho naquela situação. Isto coloca o protagonista na categoria de personagens que Forster chama de *redondas* (round), em oposição a *planas* (flat), sendo as primeiras próprias de personagens com baixo índice de estilização, ainda segundo Hochman.

Os dados selecionados que nos são fornecidos a respeito do protagonista compõem a categoria de um todo, análogo ao de uma pessoa real, em contraste com a visão fragmentária que dele podem ter seus semelhantes, pelos mesmos motivos antes mencionados.

Quanto ao par de categorias abertura-fechamento (*open-endedness / closure*), a tetralogia pode ser considerada como um exemplo do primeiro termo. O caráter de abertura nestes romances reside sobretudo em seus finais inconclusivos, abruptos e casuais. Ficamos com a impressão de que o livro só acaba por uma necessidade material e física de limite de extensão. Os problemas existenciais, morais, sociais, econômicos, etc não são resolvidos definitivamente.



Até mesmo o final de *Rabbit At Rest* registra um momento existencial do protagonista a que ele chegou por força de sua experiência concreta, sem deixar de abrir as portas para uma gama de possibilidades futuras. O que fará Janice daqui por diante? E Nelson realmente se modificou com a interferência artificial em sua vida ou não? O próprio Harry poderia ter sua vida prolongada, até um futuro romance, como um vegetal humano, por exemplo; e talvez com uma mente ainda lúcida registrando novos desdobramentos em sua família e no mundo. O tema da ambiguidade humana e da pluralidade de casos continua presente: parte-se sempre para uma nova situação, a possibilidade não se fecha definitivamente. No entanto, por uma questão de estrutura, a série de romances só poderia ser continuada com a presença do denominador comum, que a segura como um todo: a consciência do Coelho.

Rabbit, Run termina com a corrida sem rumo de Harry, para lugar nenhum. Esse movimento repentino do protagonista pode atizar a curiosidade do leitor quanto a seu destino, apontando para a possibilidade de uma sequência futura no próximo romance. Os movimentos subsequentes mostram que aquela corrida, semelhante à anterior fuga para o sul, não levou a parte alguma, física e externa; mas talvez tenha ensinado a Harry que não há como fugir às pressões externas da vida moderna. Ele parece ter aprendido que há outras formas de fuga, mais sutis, que conduzem ao interior da consciência.

Os outros encerramentos, de *Rabbit Redux* e *Rabbit Is Rich*, já não sugerem uma possível continuação com base no primeiro tipo de movimento. No segundo romance, a brusca volta de Harry para a esposa leva-os a uma dúbia reconciliação numa cama de motel. A real natureza dessa aproximação intriga e nos leva à espera de uma sequência esclarecedora. Em *Rabbit Is Rich*, a cena imediata e estática do final, com o avô Harry com a neta no colo, fazendo conjecturas sobre



seu próprio futuro, com a sombria idéia da morte, indica a projeção da mente do protagonista em direção ao incerto e problemático terreno das possibilidades que estão por vir. Seu movimento interno do dar-se conta de situações novas misteriosamente atingidas prenuncia o tipo de preocupação que vai dominar sua consciência em *Rabbit At Rest*, em que somente seu corpo irá descansar na vida de semi-aposentado. Assim, o elevado grau de *open-endedness* presente nos encerramentos dessas crônicas decenais reforça o tema da continuidade da vida, que não conhece fases definitivas ou estanques.

O protagonista tem consciência de estar numa busca, só não sabe identificar precisamente o objeto desta busca. Ele conhece apenas a sensação de quando esse objeto indefinido momentaneamente dá sinais de sua existência. Sua busca degrada-se enquanto esforço consciente e externo para alcançar esse objeto. Ele dá seu assentimento ao ritual externo em direção a metas materiais e concretas, como Cindy, dinheiro e prestígio social. Com os termos usados por Goldmann (*Sociologia do Romance*), podemos dizer que os valores buscados por Harry são autênticos, mas sua busca degrada-se pela mediação de fatores externos, próprios de uma sociedade voltada à produção para o mercado. O protagonista torna-se o herói problemático, em constante atrito íntimo com as condições externas da vida.

Evitamos a palavra herói devido à conotação eufórica que o termo pode conter. Os registros de sua jornada através das décadas, ou de momentos específicos dessas décadas, são aqui chamados de saga no sentido de uma longa narrativa sobre uma personagem principal e outras que a rodeiam. Sua jornada é o avesso do grandioso e do sensacional, e só se constitui numa saga no sentido irônico dos tropeços de uma contínua busca frustrada, ou figuradamente como uma jornada interior.



A trajetória resulta em aprendizagem para Harry. Ele se convence de que seu tipo de busca essencial não pode encontrar seu objeto no meio social em que vive. As sequências mais importantes da tetralogia -- a primeira fuga, a morte de Becky, o afastamento de Janice, o contato com Skeeter, a disputa com Nelson, o primeiro ataque cardíaco, a segunda fuga e o segundo ataque cardíaco -- são motivos associados que compõem uma saga particular, levando a uma situação final de descoberta, não planejada e diretriz para outros caminhos incondizentes com a situação de vida concreta que ele ora abandona.

Through the glass. (Rabbit, Run, 143).

"Well, Nelson," ... "Well I can tell you that it isn't so bad." (Rabbit, Run, 144).

"Don't die, Dad, don't!" (Rabbit, Run, 145).

p. 31

They're afraid of such things but are not too frightened? There are six of them and one of him. (Rabbit, Run, 71).

p. 32

But this was what a nut. He had thought that madness, at least he was you as being there. (Rabbit, Run, 146).

"I was and you don't know what your role is or you'd be back in prayer. There is your role to save yourself an example of faith." (Rabbit, Run, 147).

p. 33

She doesn't think after all she has it in her to throw up her stage. There's always because it pleases her, her hair are falling on the top of her head, and grows used to the throat in her throat, which doesn't dissolve, which

p. 7

I meant my work says "yes, but." Yes, in *Rabbit, Run* to our inner urgent whispers, but -- the social fabric collapses murderously. Yes, in *The Centaur*, to self-sacrifice and duty, but -- what of a man's private agony and dwindling?... (Paris Review, "The Art of Fiction XLIII," 100).

p. 15

We're so curiously alone. But it's important to keep making signals through the glass. (*Picked-Up Pieces*, 498).

"Well, Nelson,"... "all I can tell you is, it isn't so bad." (*Rabbit At Rest*, 505).

"Don't die, Dad, don't!" (*Rabbit At Rest*, 505).

p. 31

They've heard of such things but are not too frightened; there are six of them and one of him. (*Rabbit, Run*, 7).

p. 32

But this one. What a nut. He had though that mildness. At least he saw you as being there. (*Rabbit, Run*, 124).

"I say you don't know what your role is or you'd be home locked in prayer. There is your role: to make yourself an exemplar of faith...." (*Rabbit, Run*, 143).

p. 33

She doesn't think after all she has it in her to throw up but stays there anyway because it pleases her, her bare arm resting on the icy porcelain lip, and grows used to the threat in her stomach, which doesn't dissolve, which



stays with her, so in her faint state it comes to seem that this thing that's making her sick is some kind of friend. (Rabbit, Run, 161-2).

Her sense of the third person with them widens enormously, and she knows, knows, while knocks sound at the door, that the worst thing that has ever happened to any woman in the world has happened to her. (Rabbit, Run, 220).

p. 34

"Maybe he came back to me, to Nelson and me, for the old-fashioned reasons, and wants to live an old-fashioned life, but nobody does that any more, and he feels it. He put his life into rules he feels melting away now...." (Rabbit Redux, 51).

p. 35

And right there, with the light beneath the marquee slanting into the car and the agitated last late shreds of the audience buying their tickets, he ran his paw across her breasts and tucked his thumb into her lap. (Rabbit Redux, 51).

p. 37

"How do you think all this mammy shit got started? Who do you think put all those hog-fat churchified old women at the age of thirty in Harlem?" (Rabbit Redux, 216).

Skeeter tells them about Vietnam. He tilts his head back as if the ceiling is a movie screen. He wants to do it justice but is scared to let it back in. "It was where it was coming to an end," he lets out slowly. "There was no roofs to stay under, you stood out in the rain like a beast, you slept in holes in the ground with the roots poking through, and, you know, you could do it. You didn't die of it. That was interesting. It was like you learned there was life on another world...." (Rabbit Redux, 222-3).



"Lo, he is there in the rice-swamps of the South, in her fields teeming with cotton and the luxuriant cane. He was weak and I seized him; naked and I bound him; ignorant, poor and savage, and I over-mastered him. I laid on his feeble shoulders my grievous yoke...." (Rabbit Redux, 210).

"Why doncha read it to yourself?"

"It's not the same, right? Doin' it to yourself. Every school kid knows that, it's not the same. Come on, Chuck...." (Rabbit Redux, 243).

He is floating rigid to keep himself from sinking in terror. The book he has read aloud torments him with a vision of bottomless squalor, of dead generations, of buried tortures and lost reasons.... (Rabbit Redux, 245).

Harry's witch of a sister has gone back to whoring but her influence is left behind in Charlie like a poison, a touch of disease. They had it so perfect.... (Rabbit Redux, 327).

She confronts in the cabinet a sick man's wealth. All the pills are white. No, one is aspirin; another is yellow and transparent, those capsules that hold a hundred little bombs to go off against hay fever. Here: this one must be it; though the little jar is unlabelled the plastic squeeze lid looks important.... (Rabbit Redux, 330).

Rabbit is at his machine. His fingers feather, the matrices rattle on high, the molten lead comfortably steams at his side.

ARSON SUSPECTED IN

PENN VILLAS BLAZE

Out-of-Stater Perishes

West Brewer police are still collecting testimony from neighbors in connection with the



mysterious fire that destroyed
the handsome Penn Villas resi-
dence of Mr and Mrs Harold
Angstrom.

A guest in the home, Mill Jiss

A guest in the home, Miss Jill

Pendleton, 18, of Stonington,
Connecticut, perished of smoke
inhalation and burns. Rescue
attempts by valiant firemen
were to no avail. (Rabbit Redux, 291).

p. 43

Everybody knows. Niggers, coolies, derelicts, morons. Numbers
writers, bus conductors, beauty shop operators, the entire brick
city of Brewer. VERITY EMPLOYEE NAMED CUCKOLD OF THE WEEK. Angstrom
Accepts Official Horns from Mayor. (Rabbit Redux, 91).

LOCAL MAN STABBED DEFENDING UNKNOWN GIRL. (Rabbit Redux, 121).

CLINIC FOR RUNAWAYS OPENED. Fathers Do Duty On Nights Off. (Rabbit
Redux, 127).

AUTOPSY ORDERED IN FRIENDLY LOUNGE DEATH. Coroner Notes Strange
Colour of Skin. (Rabbit Redux, 103).

p. 44

QUEEN SIZE BEDS

ALL COLOUR TVS

SHOWER & BATH

TELEPHONES

'MAGIC FINGERS' (Rabbit Redux, 341).

p. 46

Hi. You don't remember me --

Sure I do. You're the car dealer.

I'm more than that, I think.

Like what?

Is your mother's name by any chance Ruth Dyer?

Well... yes.

And has she ever talked to you about your father?



*My father's dead. He used to run the school buses
for the township.*

*That wasn't your father. I'm your father. (Rabbit Is Rich,
258).*

HAROLD C. ANGSTROM -- CHIEF SALES REPRESENTATIVE. (Rabbit Is Rich, 3).

p. 47

His wife's importunate flesh must then compete with the sudden call to sleep that darkness brings.... (Rabbit Is Rich, 47).

Pru: the thought of her is a gnawing in his stomach like somebody rolling a marble around over grits of sand. (Rabbit Is Rich, 123).

"That's all he's done to deserve all this money: be too lazy and shiftless to leave my mother like he wanted to. I think he's queer. You should have seen him with this black guy I told you about." (Rabbit Is Rich, 123).

p. 48

Within a week, at the club, it has become a story he tells on himself. "Five thousand bucks' worth of metal, crunch. I had this terrible impulse to laugh, but the kid was in there crying, they were his cars after all, the way he saw it...." (Rabbit Is Rich, 158).

The trouble with Dad is he's lived in a harem too long, Mom and Mom-mom doing everything for him.... (Rabbit Is Rich, 293).

pp. 48-9

...the only claim to fame Kent State would ever have, which was May 4, 1970, when the Guardsmen fired from Blanket Hill. As far as Nelson was concerned they could have shot all those jerks.... (Rabbit Is Rich, 294).

p. 49

Drop a little tactical A-bomb on a minaret as a calling card. Or else a tunnel or some sort of boring machine like James Bond would



have.... (Rabbit Is Rich, 298).

But if there hadn't been a nut counter Nelson wouldn't exist, or would exist as somebody else, which doesn't make sense. (Rabbit Is Rich, 298-9).

pp. 49-50

"People ought to be consistent,... it isn't fair to milk the society and then sneer at it at the same time...." (Rabbit Is Rich, 335).

p. 50

The Christmas lights are up in Brewer already, red and green and shivering tinsel looking dry and wilted above the snowless streets, the display a shadow of the seasonal glory he remembers as a boy, when there was abundant energy and little vandalism....(Rabbit Is Rich, 335).

Women. They are holes, you put one thing in after another and it's never enough, you stuff your entire life in there and they smile that crooked little sad smile and are sorry you couldn't have done better, when all is said and done.... (Rabbit Is Rich, 336).

"Ugly or not, you're mine. You're my old lady." (Rabbit Is Rich, 336).

And no witness but Nelson stands in the universe to proclaim that his father is guilty, a cheat and coward and murderer, and when he tries to proclaim it nothing comes out, the world laughs as he stands there with open mouth silent.... (Rabbit Is Rich, 338).

p. 51

She sat out on the balcony for a while after Harry and Pru and the children went, coming back twice for things they forgot and forgetting two flippers and a bottle of sun lotion anyway, and she discovered there is a place, one step to the left of where the Norfolk pine gets in the way, from which you can see a patch, a little squarish sparkling patch between an ornamental condo turret and a Spanish-tile roof, of blue-green water, of Gulf.... (Rabbit At Rest, 141).



She feels indignant enough, independent enough, to get up and march into the kitchen and open the cabinet doors and pull down the Campari bottle and an orangejuice glass. ... The phone right beside her on the wall rings, startling her so that the bottle jumps in her hand and some of the Campari spills, watery red on the white counter, like thinned blood. (Rabbit At Rest, 153).

...she missed all but the last ten minutes of thirty something which she likes to watch because it's so different from how she was when she was thirty-something, all those demands on her, mother wife daughter, and then being Charlie's mistress for a while and feeling so inadequate and guilty and having no female friends really except Peggy Fosnacht who went and slept with Harry anyway and now is dead, terrible to think, all rotten and parchments like a mummy in her casket, too hideous for the mind to grasp but it happens anyway, even to people your own age. ... Maybe being a widow won't be so very bad is the thought she keeps trying not to think. (Rabbit At Rest, 305).

...with nothing to do but soothe Nelson and (...) remember Harry all the ways he was from the day she first saw him in the high-school corridors and at the basketball games, out there on the court so glorious and blond, like a boy made of marble, and then the empty condo, so tidy except for the stack of old newspapers he would never throw out, and the junk-food crumbs in the wicker easy chair, but no traces of another woman in the bedroom, (...) and Nelson right beside her overreacting to everything so she almost wished he had let her come alone -- after a while the mother in you dies just like heart muscles she supposes--. .. (Rabbit At Rest, 501).

In a way since those glimpses of him shining on the basketball court she has slowly ceased to see him, he had become invisible...



While she's in this limbo alone Janice thinks she should pray for Harry's recovery, a miracle, but when she closes her eyes to do it she encounters a black dead wall. (Rabbit At Rest, 502).

p. 55

When she sees her Harry lying in one of them as white as his sheets with all these tubes and wires going in and out of him, lying behind the wall of glass, an emotion so big she fears for a second she might vomit hits her from behind, a crashing wave of sorrow and terrified awareness of utter loss like nothing ever in her life except the time she accidentally drowned her dear baby. (...) How could she have hardened her heart so against this man who for better or worse had placed his life besides hers at the altar?... (Rabbit At Rest, 503).

pp. 55-6

"Help me, guys. Tell me how you've got on top of sex and death so they don't bother you." (Rabbit At Rest, 70).

p. 56

"Why did God bother, Harry wonders, to do all these tricks, off by Himself in the Amazon jungle? (Rabbit At Rest, 93).

"Meet a guy, get married again, ..." (Rabbit At Rest, 370).

"Dear God, reach down. Pull my bad heart out of me." (Rabbit At Rest, 263).

pp. 56-7

"But you think about it, Harold, if I were in your shoes, it's what I'd have done -- without any hesitation. You're just toying with your life otherwise."

"Yeah, Rabbit thinks when the doctor is gone from the room, but you're not in my shoes. And what's life for but to toy with?" (Rabbit At Rest, 262).



Fantasies about America produced two strongly contradictory conclusions that in the end came to the same point of injecting some caution into the golden dreams. (Rabbit At Rest, 85).

America, affirmed this scholar, "was formed for happiness, but not for empire". (Rabbit At Rest, 85).

The beautiful thing about history is it puts you right to sleep. (Rabbit At Rest, 85).

All this fury and bravery seems more wasted effort. (Rabbit At Rest, 114).

Anyway, what's in it for France?...What was in it for the soldiers?... What was in it for Washington? He couldn't even have known he'd get his face on the dollar bill..... it makes Harry sleepy to think about. The tangle of it all, the trouble. He reads ten pages a night; his is a slow march. (Rabbit At Rest, 477).

"Thou shalt never give birth to a rebel." (Rabbit At Rest, 492).

"Hey, man," the third one, the one who looks most Hispanic and most sullen, taunts him, "you're history!" (Rabbit At Rest, 484).

In five minutes, with a sob like a hiccup, he falls asleep, heavy and hot against her, rumpling and making feel even more oppressive the checked suit which she put on for disembarking in the Pennsylvania winter.... (Rabbit At Rest, 156).



They have brought this morning's News-Press as a present to Harry and while they are waiting on the bench Nelson begins to read it. Reagan, Bush get subpoenas, Pru reads over his shoulder.... (Rabbit At Rest, 157).

Nelson finds a certain chronic comfort in his wife's fair-skinned, time-widened face,... (Rabbit At Rest, 158).

p. 61

She regrets her telling him, now that the satisfaction is past of shocking him, of waking him up to her existence once again. She is still at heart too much a schoolteacher not to enjoy administering a lesson. (Rabbit At Rest, 197).

He talks of Thelma as a model housewife, mother, churchgoer, sufferer. The description describes no one, it is like a dress with no one in it. ... (Rabbit At Rest, 367).

Harry sits there...thinking of the wanton Thelma he knew, how little she had to do with the woman the minister described; but maybe the minister's Thelma was as real as Harry's. Women are actresses, tuning their part to each little audience.... (Rabbit At Rest, 368).

p. 62

The clouds have gathered in an agitated silvery arena around the blinding sun, a blue bullring.... (Rabbit At Rest, 497).

Then he sees the big old white man, looking choked and kind of sleepy in the face, collapse soundlessly, like a rag doll being dropped. Tiger stands amazed above the fallen body -- the plaid Bermuda shorts, the brand-new walking Nikes, the blue golf shirt with a logo of intertwined V's. Adhesive dust of fine clay clings to the underside of the unconscious flushed face like a shadow, like half of a painted clown's face... (Rabbit At Rest, 499).



ANGSTROM, SON INCARCERATED. Joint Scam Sinks Family Concern. (Rabbit At Rest, 255).

Now the News-Press has daily banner headlines tracking Hurricane Hugo -- Deadly Hugo roars into islands, Hugo rips into Puerto Rico. Tuesday, he walks in the expensive beach front areas and scans the sky for hurricane signs, for clouds God's finger might write, and reads none....(Rabbit At Rest, 481).

Hugo heading for U.S., the News-Press headline says next morning. For breakfast now, Harry has switched from Frosted Flakes to Nabisco Shredded Wheat'n Bran, though he forgets exactly why, something about fiber and the bowels.... (Rabbit At Rest, 482-3).

Nelson is scheduled to return from rehab the same day that the second U.S. Congressman in two weeks, a white Republican this time, is killed in a plane crash.... (Rabbit At Rest, 393).

"Good match," Harry grunts, deciding against shaking hands. The shame of this collapse clings to him. Who says the universe isn't soaked in disgrace? (Rabbit At Rest, 407).

A life knows few revelations; these must be followed when they come. Rabbit sees clearly what to do. His acts take on a decisive haste. ... (Rabbit At Rest, 428).

At the front door again, he feels a night breeze on his face, hears the muffled rush of traffic over on Penn Boulevard. He sets the latch and softly slams the door. Janice has her key. He thinks of her over there in the Springers' big stucco house that always reminded him of an abandoned enormous ice-cream stand. Forgive me. (Rabbit At Rest, 429).

The house door into the vestibule has been painted a vivid pumpkin ochre in its panels and maroon is its stiles, so a bold double cross



is figured forth, ornamented by a brass knocker in the shape of a fox's head.... (Rabbit At Rest, 322).

pp. 67-8

... sense of defeat the years have brought back to him, after what seemed for a while to be triumphs.... (Rabbit At Rest, 322).

p. 68

Day and night blend into each other but still are nothing the same.... (Rabbit At Rest, 327).

p. 71

Some light used to get into the house in late afternoon, between the maples. Now the same maples have thronged that light solid, made the room cellar-dim. (Rabbit Redux, 86-7).

p. 72

Harry has trouble believing how his life is tied to all this mechanics -- that the me that talks inside him all the time scuttles like a waterstriding bug above this pond of body fluids and their slippery conduits. How could the flame of him ever have ignited out of such wet straw? (Rabbit At Rest, 266).

p. 73

Life is a hill that gets steeper the more you climb. (Rabbit At Rest, 273).

p. 73-4

... just one life in rows and walls and blocks of lives. There is a satisfaction in such an overview, a faint far-off communal thrill, but hard to sustain over his original and continuing impression that Brewer and all the world beyond are just frills on himself, like the lace around a plump satin valentine, himself the heart of the universe, like the Dalai Lama,... (Rabbit At Rest, 290).



p. 72

...He looks dense, like a beanbag filled to the corners with buckshot,... (Rabbit At Rest, 380).

p. 76

"Oh come on. You've been to church, have a reward. Have some coffee."

"No, look. ...You're a doll, but I got this wife now."

"I beg your pardon." (Rabbit, Run, 201).

Was she mad because he had turned down a proposition, or because he had shown that he thought she had made one? (Rabbit, Run, 202).

p. 77

"I do feel, I guess, that somewhere behind all this... there's something that wants me to find it."

..

"Of course, all vagrants think they're on a quest. At least at first"....

"Well, I guess that makes your friend Jesus look pretty foolish..."

"He did say," the minister says, "that saints shouldn't marry." (Rabbit, Run, 107).

p. 77-8

He is getting slightly annoyed at the way the minister isn't bawling him out or something; he doesn't seem to know his job. (Rabbit, Run, 87).

p. 79

"That's it!" (Rabbit, Run, 113).

"It's all in the Book -- a thief with faith is worth all the Pharisees." (Rabbit, Run, 143).



For the first time, Harry realizes he is a criminal.... (Rabbit, Run, 26).

p. 81

Only by going downhill can he be returned to the others. (Rabbit, Run, 245).

His voice is false. All these people are false: except his dead daughter, the white box with the gold trim. (Rabbit, Run, 242).

p. 82

Eccles has found other partners either better or worse than he; only Harry is both, and only Harry gives the game a desperate gaiety, as if they are together engaged in an impossible, startling, bottomless quest set by a benevolent but absurd lord, a quest whose humiliations sting them almost to tears but one that is renewed at each tee, in a fresh flood of green... (Rabbit, Run, 141).

It seems plain, standing here that if there is this floor there is a ceiling, that the true space in which we live is upward space.... (Rabbit, Run, 96).

moral debates with the reader (Picked-Up Pieces, 483).

p. 82-3

... Noble animal! / To try to lead on this terrestrial ball, / With grasping hand and saucy wife, / The upright life. ("The Naked Ape", Midpoint, 99).

p. 84

"Hey, Jill," Buchanan says.

"Hi, Buck. Skeeter, hi."

So Skeeter is his name... (Rabbit Redux, 111).

"What I am is a man trying to get from Point A to Point B, from the cradle to the grave hurting the fewest people I can.... (Rabbit Redux, 116).



"I ain't no Tom, girl.... That kind of talk just shows how young you are.... (Rabbit Redux, 116).

p. 86

"Your life has no reflexive content; it's all instinct, and when your instincts let you down, you have nothing to trust. That's what makes you cynical. Cynicism, it has been said, is tired pragmatism. Pragmatism suited a certain moment here, the frontier moment, it did the work, very wastefully and ruthlessly, but it did it." (Rabbit Redux, 178).

p. 87

"He's horrible. He really is. He feels all scaly, he's so bitter". (Rabbit Redux, 186).

"He frightens me."

"Me too."

"Half of me wanted you to kick him out. More than half."

"Well," ... "if he's the next Jesus, we got to keep on His good side". (Rabbit Redux, 187).

p. 88

"Hell, man, it's the revolution, right?"...; "I am, as they would say, desired by the local swine. I have become a hot item, right?" (Rabbit Redux, 179).

"Ah is one baad niggeh." (Rabbit Redux, 180).

He has many voices, ..., and none of them exactly his. (Rabbit Redux, 180).

So he is evil.... Now this black man opens up under him in the same way: a pit of scummed stench impossible to see to the bottom of. (Rabbit Redux, 181).

p. 89

Jill straightens Rabbit's tie, Skeeter dusts his shoulders like a Pullman porter. "Just think, honey," Skeeter says to Jill, "our



little boy's all growed up, his first date." (Rabbit Redux, 265).

Harry has never seen such a chest except on a crucifix...." (Rabbit Redux, 212).

p. 90

Jill tells him urgently, "I like you there better than Skeeter, I think being circumcised makes men ugly." (Rabbit Redux, 221).

"I hate those Penn Park motherfuckers", Harry amplifies, performing for Skeeter, wanting to please him. "If I could push the red button to blow them all to Kingdom Come" -- he pushes a button in mid-air -- "I would." He pushes the button so hard he can see it there.

"Ka-boom, right?" Skeeter grins flinging wide his sticklike arms. (Rabbit Redux, 216).

p. 91

Tears fall on to her plate. Strange tears, less signs of grief than chemical condensations: tears she puts forth as a lilac puts forth buds.... (Rabbit Redux, 222).

p. 92

"Nam must be the only place in Uncle Sam's world where black-white doesn't matter. Truly. I had white boys die for me. The army treats a black man truly swell, black body can stop a bullet as well as any other,..." (Rabbit Redux, 224).

p. 93

Skeeter protests, "Child, don't put your mouth on that garbage." Had he never seen a fruit eaten in nature before? (Rabbit Redux, 230).

"Trouble with you ...you still cluttered up with common sense. Common sense is bullshit, man. It gets you through the days all right, but it keeps you from knowing. You just don't know, Chuck. You don't even know that now is all the time there is. What happens to you, is all that happens, right? You are it, right? You. Are. It. I've come down ... to tell you that, since along these two thousand



years somewhere you've done gone and forgotten again, right?" (Rabbit Redux, 227).

p. 94

"the thing is how I feel. And I feel like getting out." (Rabbit, Run, 207).

"All I know is what feels right. You feel right to me. Sometimes Janice used to. Sometimes nothing does." (Rabbit, Run, 252).

p. 95

...they are rejoicing in brotherhood, at having shared this moment, giggling and cackling; the house is an egg cracking because they are all hatching together. (Rabbit Redux, 185).

The rain continues at the windows, gently, gently nailing them in, tighter together. (Rabbit Redux, 212).

"Uncle Sam wakes up one morning, looks down at his belly, sees he's some cockroach, what can he do? Just keep being his cockroach self, is all. Till he gets stepped on. No such shoe right now, right? Just keep doing his cockroach thing...." (Rabbit Redux, 227).

"Any idea why he set this fire?"

"I don't think he did. It isn't his style." (Rabbit Redux, 281).

p. 96

"Hell, man, there was heat, right? I thought lynching time had come, I didn't know there wasn't twelve hundred crackers out there, I was in no shape to take care of some whitey woman, let Whitey take care of his own."

"But nobody stopped you."

"Basic training, right? I eluded as they say my pursuers". (Rabbit Redux, 287).

p. 97

Trying to be Skeeter, Rabbit goads her. "Christ, you should be. You're skinny as a stick. What the hell kind of piece of ass are



you, there's nothing there any more. Why do you think we keep you here?" (Rabbit Redux, 254).

"You're a baad nigger."

"Now you're singing my song." (Rabbit Redux, 261).

"I shall return", Skeeter promises, "only in glory."

"When you do leave me out of it." (Rabbit Redux, 288).

p. 98

He knows he is a criminal, yet is never caught.... (Rabbit Redux, 282).

p. 99

"Never did figure your angle."

"Probably wasn't one," is the answer.

"Just waiting for the word, right?" Skeeter cackles. (Rabbit Redux, 289).

"We've been raped, we've been raped!"

BACKGROUND VOICE ABOARD SOYUZ 5 (Rabbit Redux, 179).

p. 100

As Harry backs the Mustang around in the straight intersection, the young black waits by a bank of brown weed stalks. In the rear-view mirror, Skeeter looks oddly right, blends right in, even with the glasses and goatee, hanging empty-handed between fields of stubble where crows settle and shift, gleaning. (Rabbit Redux, 289).

p. 101

He sees himself sitting in a high chair, and a quick, strange jealousy comes and passes. It is his son.... (Rabbit, Run, 21).

"Well, he's like his dad: spoiled. He's been made too much of and thinks the world owes him what he wants." (Rabbit, Run, 128).

He pities Nelson, who will be stranded in innocent surprise many times before he locates in himself the source of this strange



reverse tide.... (Rabbit, Run, 131).

p. 102

The best he can do is submit to the system and give Nelson the chance to pass, as he did, through it. The fullness ends when we give nature her ransom, when we make children for her. Then she is through with us, and we become, first inside, and then outside, junk. Flower stalks. (Rabbit, Run, 108).

p. 103

For the moment he stops liking his mother; it takes insanity to snub a tiny kid that just learned to talk.... (Rabbit, Run, 170).

He likes the kid a little less but he hates his mother for making him do it.... (Rabbit, Run, 191).

"When I grow up, I'll throw them very far." (Rabbit, Run, 229).

p. 104

"I hate this, Skeeter. You're scaring me. I don't want God to come, I want Him to stay where He is. I want to grow up like him" -- his father, Harry, the room's big man -- "average and ordinary. I hate what you say about the war, it doesn't sound beautiful it sounds horrible." (Rabbit Redux, 226).

p. 105

... his shoulder-length hair is his own idea. Somehow, Rabbit feels, if he were taller it would be all right, to have hair so long. As is, the resemblance to a girl is frighteningly strong. (Rabbit Redux, 17).

It unsettles Harry, how in the corner of his eye, once or twice a day, he seems to see another woman in the house, a woman who is not Janice; when it is only his long-haired son. (Rabbit Redux, 27).

He likes it, that up here in the Poconos she looks so often like a boy. His playmate. As when a child he is staying over at a



playmate's house. (Rabbit Redux, 133-4).

p. 106

He looks like Nelson, saying this, a mulling discontented hurt look, puzzling to pry something, to get something out.... (Rabbit Redux, 62).

He can see Nelson's eyes. They are warm watery holes so dark, so stricken he would like to stick pins into them, to teach the child there is worse.... (Rabbit Redux, 216).

pp. 106-7

... the screen of reality is too big for the child, he misses television's running commentary, the audacious commercials.... (Rabbit Redux, 77).

p. 107

"I always felt I was very innocent, actually."

"We all are, Ruth." (Rabbit Is Rich, 418).

"Where did you go this morning? Tell me the truth."

"Eisenhower Avenue."

"To see if Mommy's car was there?"

"I guess."

"Was it?"

"Yop."

"D'you go in?"

"Nope. Just looked up at the windows awhile."

"Did you know the number to look at?"

"One two oh four."

"Yeah. That sounds right." (Rabbit Redux, 83).

p. 108

Asleep, boy sleeps on his back, mouth open, frightening; skin seems to tighten on the bone like in pictures of Buchenwald. Always tempted to wake him, prove he's O.K.... (Rabbit Redux, 129).

"I hope she does die, Dad."

"No you don't. Don't say that." (Rabbit Redux, 131).



"Goddam your mother, Harry. The only thing she's ever done for us is try to poison our marriage. Now she's drowning in the poison of her life. She's dying and I'm glad." (Rabbit Redux, 68).

p. 109

A bird outside hoarsely weeps in sudden agitation. Cat? The refrigerator purrs. (Rabbit Redux, 133).

"I suppose I have no control over how you dispose of your sexual needs, but I will not have my son corrupted." (Rabbit Redux, 137).

"He's awfully fascinated with you, and I figure it's either pot or sex."

"Or the car. Or the fact that I treat him like a human being instead of a failed athlete because he's not six feet six...." (Rabbit Redux, 167).

p. 110

Rabbit would be proud of the boy, but he feels that Nelson's defence of Jill, like Skeeter's attack, are automatic: parts of a pattern the three have developed while he is away working. (Rabbit Redux, 208).

... just mute love spinning down, love for this extension of himself downward into time when he will be in the grave, love cool as the flame of sunlight burning level among the stick-thin maples and fallen leaves, themselves flames curling. (Rabbit Redux, 266).

p.p. 110-1

"Blame me, huh?"

"Sort of."

"You don't think it was just bad luck?" And though the boy hardly bothers to shrug Harry understands his answer: luck and God are both up there and he has not been raised to believe in anything higher than his father's head. Blame stops for him in the human world; it has nowhere else to go. (Rabbit Redux, 279).



pp. 113-4

"Wouldn't you rather go to my parents' place? Nelson'll be home in an hour."

"Exactly. Who matters more to you, me or Nelson?"

"Nelson."

"Nelson or your mother?"

"My mother."

"You're a sick man." (Rabbit Redux, 341).

p. 114

Less of a puppy, more of a mean dog.... (Rabbit Is Rich, 68).

p. 115

"I love everybody, especially with my car windows locked." (Rabbit Is Rich, 75).

p. 116

... leaving a big dead man on Nelson's chest.... (Rabbit Is Rich, 293).

He tries to explain it to Pru and she listens but she doesn't understand. (Rabbit Is Rich, 293).

p. 116-7

Why doesn't Dad just die? People that age get diseases. Then he and Mom. He knows he can manage Mom. (Rabbit Is Rich, 302).

p. 117

Your children's losing battle with time seems even sadder than your own. (Rabbit At Rest, 110).

Maybe the only immortality we get, a little genetic quirk going on and on like a computerized number in your monthly bank statement.... (Rabbit At Rest, 19).



"Yeah, what's his idea, rushing on ahead like that? Who's he sore at?"

"Probably me," Pru says. "I've given up trying to figure out why." (Rabbit At Rest, 17).

His hands shake more than a young man's should.... (Rabbit At Rest, 35-6).

Why is his nose always running? Harry has read somewhere, maybe People on the death of Rock Hudson, that that's one of the first signs of AIDS. (Rabbit At Rest, 49).

Is this grimace a communication to him, a little lament, inviting him to conspire with her against Nelson? (Rabbit At Rest, 81).

after a while the mother in you dies just like heart muscle she supposes. (Rabbit At Rest, 501).

Pensive moments of her face return to hurt him. A daughterly attentiveness he had bid her hide.... (Rabbit Redux, 326).

He loves women when they're first pregnant; they look so gentle. If he can just once more bury himself in her he knows he'll come up with his nerves all combed. (Rabbit, Run, 253).

His eyes turn toward the light however it glances into his retina. (Rabbit, Run, 197).

He is certain that as a consequence of his sin Janice or the baby will die. (Rabbit, Run, 164).

He wants to believe in the sky as the source of all things. (Rabbit, Run, 233).



It was like when she was fourteen and the whole world trees sun and stars would have swung into place if she could lose twenty pounds just twenty pounds what difference would it make to God Who guided every flower in the fields into shape? (Rabbit, Run, 161).

He thinks how easy it was, yet in all His strength God did nothing. Just that little rubber stopper to lift. (Rabbit, Run, 230).

... and she seems to be clasping the knees of a vast third person whose name, Father, Father, beats against her head like physical blows.... (Rabbit, Run, 220).

He had suddenly been unable to keep talking to his father, every word of the old man's dragging with reproach. But having lied frightens him now; 'nobody' has become an evil presence at the door. (Rabbit Redux, 263).

A heavy, calm volume, odorless, tasteless, colorless, the water shocks him like the presence of a silent person in the bathroom. (Rabbit, Run, 230).

All sorts of winged presences exert themselves in the air above their covers. (Rabbit Redux, 346).

There is a third person in the room, this person has known her all her life and looked down upon her until now; through this other pair of eyes she sees she is weeping, hears herself praying, Go, Go, to the devil thrashing inside this her man. 'Go!' she utters aloud. (Rabbit Redux, 331).

This is the wild woman he must steer with care down a lifelong path, away from yesterday. (Rabbit, Run 237).



p. 129

"You're Mr. Death himself. You're not just nothing, you're worse than nothing. You're not a rat, you don't stink, you're not enough to stink." (Rabbit, Run, 251).

It makes his life seem cramped, that Ruth can be mentioned out of his mother's mouth. (Rabbit, Run, 189-90).

"I think marriage is a sacrament, and that tragedy, terrible as it is, has at least united you and Janice in a sacred way." (Rabbit, Run, 234).

We are all pilgrims, faltering toward divorce. (The Music School, 142).

p. 130

"Hassy, what have they done to you?" (Rabbit, Run, 241).

p. 131

"It would help a lot, Jesus I hate to bother you but it's the truth, it would help a lot if you and Janice could spare the time to come over tonight. (Rabbit Redux, 14).

Did Mom ever do it to Pop? Play him false. (Rabbit Redux, 14).

p. 132

Janice: who'd have that mutt? In love with her father and there she stuck. Happy as a Girl Scout since she began to fill in at the lot,... (Rabbit Redux, 14).

p. 133

"His theory is," she says, "you like any disaster that might spring you free. You liked it when Janice left, you liked it when your house burned down." (Rabbit Redux, 314).

It had all seemed like a pit to him then, her womb and the grave, sex and death, he had fled her cunt as a tiger's mouth.... (Rabbit Redux, 29).



There is no problem of fidelity. Do for it, it does for you. (Rabbit Redux, 31).

p. 134

We're born and they try to feed us and change our diapers and love us and we get breasts and menstruate and go boy-crazy and finally one or two come forward to touch us and we can't wait to get married and have some babies and then stop having them and... then we die and it wouldn't have mattered if we hadn't bothered to be born at all. (Rabbit Redux, 53).

p. 135

... you have to live, they put you here you have to live, you were made for one thing, women now try to deny it burning their bras but you were made for one thing, ... (Rabbit Redux, 54).

"Do you want to marry him?"

"No. No." Why does she say this? The possibility opens an abyss. She would not have known this. A gate she had always assumed gave on to a garden gave on to emptiness.... (Rabbit Redux, 61).

p. 137

Cindy's face, out of focus beyond her breasts, which droop more to either side than Harry would have hoped, smiles with nervous indulgence at the camera. Her chin is doubled, looking so sharply down. Her feet look enormous. (Rabbit Is Rich, 235).

p. 138

Secrecy is what makes people romantic. (Rabbit Is Rich, 381).

Nothing romantic about him, the king of Polaroid pricks. (Rabbit Is Rich, 381).



"'Cause you haven't given up. 'Cause in your stupid way you're still fighting.'" (Rabbit, Run, 77).

But he sees now, in his wife's dark and judging eyes, that the rules were more complicated, that there were some rules beneath the surface that also mattered. She should have explained this when she took him back. (Rabbit Redux, 63).

"You were a beautiful brainless guy and I've had to watch that guy die day by day." (Rabbit Redux, 68).

She might have risen to his taunt but doesn't. She is very flat, very honest and dry this morning, and this pleases him. A graver woman than he has known reveals herself. We contain chords someone else must strike. (Rabbit Redux, 67).

"Who'll hold families together, if everybody has to live? Living is a compromise between doing what you want and doing what other people want."

"What about what poor old God wants?"

"Don't you think God is people?"

"No, I think God is everything that isn't people. I guess I think that. I don't think enough to know what I think." (Rabbit Redux, 93).

"That poor baby," ... "just going to hurt herself and anybody standing near." ... "Going to take herself down all the way, it's in her signs, can't slip your signs." (Rabbit Redux, 108).

Her profile by his shoulder is fine and cool as the face on the old dime.... (Rabbit Redux, 124).



I promise you I'm eighteen. I'm legally a woman. I am not bait for a black gang. You will not be mugged or blackmailed. You may fuck me. (Rabbit Redux, 125).

She is wearing bikini underpants, black lace, in a pattern too fine to read.... (Rabbit Redux, 126).

And Harry reads his son's taut face to mean, She can hear. She's all alone. We must be nice to her, we must be nice to the poor, the weak, the black. Love is here to stay. (Rabbit Redux, 135).

... the television screen a mother-planet above them... moonchild and earthman... (Rabbit Redux, 176).

Rabbit is not there for her, he only thinks he is here. (Rabbit Redux, 258).

He and Peggy Gring sat in the same classroom since first grade; she had seen him when he was good, had sat in those hot bleachers screaming, when he was a hero, naked and swift and lean. She has seen him come to nothing.... (Rabbit Redux, 267).

This little pug, her salt hair and money and rasping clubwoman voice aside, was his generation, he could understand what she wanted. She wanted to stay out of harm's way. She wanted to have some fun and not be blamed. At the end she wanted not to have any apologizing to do to any heavenly committee. Right now she wanted to tame the ravenous miracle of her daughter being cast out and destroyed. Mrs. Aldridge touched her cheeks in a young gesture, then let her hands hang heavy beside her hips. (Rabbit Redux, 298).

... it is all life, sex, fire, breathing, all combination with oxygen, we shimmer at all moments on the verge of conflagration, as the madhouse windows tell us.... (Rabbit Redux, 297).



What a threadbare thing we make of life! Yet what a marvelous thing the mind is, they can't make a machine like it, though some of these computers Ed was telling about fill rooms; and the body can do a thousand things there isn't a factory in the world can duplicate the motion.... (Rabbit Is Rich, 129)

... two ants trying to make it up the sides of a bathroom basin. (Rabbit Is Rich, 347).

He is treading on them all, they are resilient, they are cheering him on, his lungs are burning, his heart hurts, he is a membrane removed from the hosts below, their filaments caress his ankles, he loves the earth, he will never die. (Rabbit Is Rich, 131).

Every blade of grass at his feet is an individual that will die, that has flourished to no purpose. (Rabbit Is Rich, 165).

... he removes the coins and gazes up at her, a dead man reborn and staring. (Rabbit Is Rich, 201).

Coast to coast, ..., we're one big funhouse. (Rabbit Is Rich, 253).

Going down with all her lights blazing the great ship America.... (Rabbit Is Rich, 281).

Poor trees, putting out all this worms fruit for nothing. Perhaps not nothing from their point of view, when men didn't exist they were doing the same. Strange thought. (Rabbit Is Rich, 257).

He wonders if a wife like that ever dies of natural causes.... (Rabbit Redux, 72).



... he sees himself in the cabinet mirror, a big pink pale man going shapeless under the chin, his little lips screwed awry in what wants to be a smile. (Rabbit Redux, 72).

Another shadowy presence jars his heart: a man in blue suit trousers and rumpled white shirt with cuffs folded back and a loosened necktie, looking overweight and dangerous, is watching him. Jesus. It is himself, ... (Rabbit Is Rich, 283-4).

Unfallen Adam is an ape. ("The Art of Fiction XLIII", Paris Review, 101).

That's why we love disaster, Harry sees, it puts us back in touch with guilt and sends us crawling back to God. Without a sense of being in the wrong we're no better than animals.... (Rabbit Is Rich, 322).

Life. Too much of it, and not enough. The fear that it will end some day, and the fear that tomorrow will be the same as yesterday. (Rabbit Is Rich, 331).

...all things end under heaven, and if temporality is held to be invalidating, then nothing real succeeds. ... (Foreword to Your Lover Just Called, p. 7).

...that there was something that wanted him to find it, that he was here on earth on a kind of assignment. (Rabbit Is Rich, 392).

... he can't stop seeing the fairways as chutes to nowhere or feeling he should be somewhere else, that something has happened, is happening, that he's late, that an appointment has been made for him that he's forgotten.... (Rabbit Is Rich, 166).



From a certain angle the most terrifying thing in the world is your own life, the fact that it's yours and nobody else's.... (Rabbit Is Rich, 169).

At the country club his crowd act loudly and boisterously, modelling their behaviour on TV beer commercials.... (Rabbit At Rest, 67

Seeing the collision coming, Harry expected it to happen in slow motion, like on television, but instead it happened comically fast, like two dogs tangling and then thinking better of it.... (Rabbit Is Rich, 153).

Spineless generation, no grit, nothing solid to tell a fact from a spook with. Satanism, pot, drugs, vegetarianism. Pathetic. Everything handed to them on a platter, think life's one big TV, full of ghosts. (Rabbit Is Rich, 150).

Though his inner sense of himself is of an innocuous passive spirit, a steady small voice, that doesn't want to do any harm, get trapped anywhere, or ever die, there is this other self seen from outside, a six-foot-three ex-athlete weighing at least two-thirty, an apparition wearing a sleek gray summer suit shining all over as if waxed..., a fearsome bulk with eyes that see and hands that grab and teeth that bite, a body eating enough to feed three Ethiopians for a day, a shameless consumer of gasoline, electricity, newspapers, hydrocarbons, carbohydrates. A boss, in a shiny suit.... (Rabbit At Rest, 375).



p. 166

It feels wrong that she is picking him up in her car, when he is dressed and wet-combed like the boy that comes for you on a date.... (Rabbit At Rest, 316-7).

He is like a balloon the air is slowly going out of; ... (Rabbit At Rest, 316).

p. 168

"hope to make islands of order in ocean of freedom" (Rabbit At Rest, 387).

"to strike proper barance between needs of outer world and needs of inner being" (Rabbit At Rest, 387).

When God hadn't a friend in the world, back there in the Sixties, he couldn't let go of Him, and now when the preachers are all praying through bullhorns he can't get it up for Him. He is like a friend you've had so long you've forgotten what you liked about Him. You'd think after that heart scare, but in a way the closer you get the less you think about it, like you're in His hand already.... (Rabbit At Rest, 443).

p. 169

... -- if there's one way in which Rabbit Angstrom has been out of step with mankind, it's Sinatra. He doesn't like his singing.... (Rabbit At Rest, 443).

... knock him all you want, before he got fat and druggy and spooked in the end he had a real voice, a beautiful voice, not like foghorn Sinatra,... (Rabbit At Rest, 452).

p. 170

Rabbit realized the world was not solid and benign, it was a shabby set of temporary arrangements rigged up for the time being, all for the sake of the money. You just passed through, and they milked you for what you were worth, mostly when you were young and gullible. If Kroll's could



go, the courthouse could go, the banks could go. When the money stopped, they could close down God Himself. (Rabbit At Rest, 455).

All his life seems to have been a journey into the bodies of women, why should his journey end now? (Rabbit At Rest, 461).

p. 171

His whole life seems ... to have been unreal, or no realer than the lives on TV shows, and now it's too late to make it real, to be serious, to reach down into the earth's iron core and fetch up a real life for himself. (Rabbit At Rest, 462-3).

p. 172

At times it seems a tiny creature, a baby, pleading inside him for attention, for rescue, and at others a sinister intruder, a traitor muttering in code, an alien parasite nothing will expel. The pains, when they come seem hostile and deliberate, the knives of a strengthening enemy. (Rabbit At Rest, 466).

p. 173

Every plane had a bomb ticking away in its belly. We can explode any second. (Rabbit At Rest, 486).

Everything flies loose, the world is crashing, nothing in life can be nailed down. (Rabbit At Rest, 487).

p. 174

"But you have to have faith. You've taught me that." (Rabbit At Rest, 493).

p. 175

"I give people faith." (Rabbit, Run, 121).



p. 176

"Geography! That's something they teach in the third grade! I never heard of a grownup studying geography." (Rabbit Is Rich, 114).

p. 178

...the men wielding and wearing and sailing these protrusions are swallowed up in a crazy weave of arms and legs and lightning bolts,... (Rabbit At Rest, 80).

You turn in at the security booth, get recognized by the guard there, park in one of two spaces with your condo number stencilled right on the asphalt, use your key on the outer door of Building B, punch out the code number to open the inner door, take the elevator, and walk to your left.... (Rabbit At Rest, 31).

Rabbit walks in his moccasins, worn so loose his feet move in them without seeming to rub leather,... (Rabbit At Rest, 72).

p. 179

"a god casually dispatching thunderbolts,..." (Rabbit At Rest, 83).

p. 180

She is stuck back there, she is saying, with the living. "I'm tied down too," he tells her. "I'm tied to my carcass." (Rabbit At Rest, 437).

imagines all kinds of spooky things lately. (Rabbit At Rest, 458).

Silence. God on the line again. (Rabbit At Rest, 490).

p. 181

"It's hell,..." (Rabbit At Rest, 460).

Each day down here, events in Pennsylvania seem more remote.... (Rabbit At Rest, 462).



The rooms and furniture of the condo in these days he's been living here alone have taken on the tension and menace of a living person who is choosing to remain motionless. At night he can feel the rooms breathe and think. They are thinking about him.... (Rabbit At Rest, 486).

Greenwich, Conn.: Fawcett Publications, 1973.

Rabbit Redux
Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin Books, 1973.

Rabbit Is Rich
New York: Fawcett Crest, 1981.

Rabbit At Rest
London: André Deutsch Ltd., 1979.

1.2. Outrage

The Poorhouse Fair
Greenwich, Conn.: Fawcett, 1957.

The Same Door (Short Stories)
Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1973.

Pigeon Feathers and Other Stories
Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1965.

The Centaur
Greenwich, Conn.: Fawcett, 1943.

Of the Fara
Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1968.

Venus (The Carcatered Hen and other 1930s creatures - 1935 & Telephone Poles and other poems - 1943).
Greenwich, Conn.: Fawcett, 1965.

Assorted Prose
Greenwich, Conn.: Fawcett, 1946.

Picked-Up Pieces
New York: Fawcett Crest, 1975-84.



BIBLIOGRAFIA

1. Obras de John Updike

1.1. Corpus

Rabbit, Run

Greenwich, Conn.: Fawcett Publications, 1970.

Rabbit Redux

Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin Books, 1973.

Rabbit Is Rich

New York: Fawcett Crest, 1981.

Rabbit At Rest

London: André Deutsch Ltd., 1990.

1.2. Outras

The Poorhouse Fair

Greenwich, Conn.: Fawcett, 1959.

The Same Door (Short Stories)

Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1970.

Pigeon Feathers and Other Stories

Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1965.

The Centaur

Greenwich, Conn.: Fawcett, 1963.

Of the Farm

Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1968.

Verse (The Carpentered Hen and other tame creatures - 1958 & Telephone Poles and other poems - 1963).

Greenwich, Conn.: Fawcett, 1965.

Assorted Prose

Greenwich, Conn.: Fawcett, 1966.

Picked-Up Pieces

New York: Fawcett Crest, 1975-86.



The Music School (Short Stories)
Greenwich, Conn.: Fawcett, 1967-72.

Couples
Greenwich, Conn.: Fawcett, 1968.

Midpoint and other poems
Greenwich, Conn.: Fawcett, 1970.

Bech: A Book
Greenwich, Conn.: Fawcett, 1971.

"Henry Bech Redux"
New York Times Book Review, 14 Nov. 1971, p.3.

Seventy Poems
Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1972.

"Is There Life After Golf?"
New Yorker, July 29, 1972, pp. 76-8.

Museums and Women and other stories
Greenwich, Conn.: Fawcett, 1973.

The Coup
New York: Fawcett Crest, 1976.

Problems and other stories
New York: Fawcett Crest, 1981.

Your Lover Just Called (Short Stories)
Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1980.

Bech Is Back
New York: Fawcett Crest, 1983.

Hugging the Shore (Essays & Criticism)
Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1985.

The Witches of Eastwick
New York: Fawcett Crest, Ballantine Books, 1985.



"Os escritores falam a verdade"

O Estado de S. Paulo, 6 de setembro de 1986 (Caderno de Programas e Leituras JORNAL DA TARDE - 3).

Roger's Version

New York: Fawcett Crest, 1987.

Trust Me (Short Stories)

Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1988.

S.

New York: Alfred A. Knopf, 1988.

"Barton, um caso de melancolia"

Folha de S. Paulo, 26 de agosto de 1989 (LETRAS, G-4-6).

Self-Consciousness (Memoirs)

New York: Alfred A. Knopf, 1989.

"Updike Conta como Kierkegaard o Livro da Morte"

Folha de S. Paulo (letras), 13 de abril de 1991, p. 6-3.

"Luxúria"

Folha de S. Paulo, Domingo, 8 de agosto de 1993 (Especial - A-4,5).
Trad. Arthur Nestrovski.

2. Livros e artigos sobre John Updike

ALLEN, Bruce D. *"Of a linotype operator at the edge of obsolescence,"* Library Journal, Nov. 1, 1971, p. 3640.

ALLEY, Alvin P. & AGEE, Hugh. *"Existential Heroes: Frank Alpine and Rabbit Angstrom,"* Ball State University Forum, 9 (Winter, 1968), 3-5.

ALTER, Robert. *"Updike, Malamud, and the Fire This Time,"* Commentary, vol. 54, nº 4, Oct. 1972, pp. 68-74.

ARMSTRONG, Peggy. *"Updike's Rabbit, Run,"* The Explicator, vol. 47, nº 1 (Fall, 1988), pp. 46-7.

AUGUSTO, Sérgio. *"S. troca marido por religião,"* Folha de S. Paulo (Letras), 26 de agosto de 1989 (G-1).

_____. *"Mais perto do melhor crítico literário dos EUA,"* Folha de S. Paulo (Letras), 13 de abril de 1991, p. 6-3.



- _____. "O Coelho mais famoso depois do Pernalonga", Folha de S. Paulo, 23 de fevereiro de 1972, p. 5-9.
- BACKSCHEIDER, Paula & Nick. "Updike's Couples: Squeak in the Night," *Modern Fiction Studies*, vol. 20, nº 1 (Spring 1974), pp. 45-52.
- BRENNER, Gerry. "Rabbit, Run: John Updike's Criticism of the 'Return to Nature'", *Twentieth Century Literature*, vol. 12, nº 1, April 1966, pp. 3-14.
- BURCHARD, Rachael. *John Updike - Yea Sayings*. Carbondale and Edwardsville: South Illinois University Press, 1971.
- BURGESS, Anthony. "Language, Myth and Mr. Updike," *Commonweal*, vol. LXXXIII, nº 18, Feb. 11, 1966, pp. 557-9.
- BURHANS, Jr., Clinton S. "Things Falling Apart: Structure and Theme in *Rabbit, Run*," *Studies in the Novel*, 5 (Fall, 1973) pp. 336-51.
- CARVALHO, Bernardo. "Updike critica literatura americana", Folha de S. Paulo, 26 de fevereiro de 1972, p. 4-1.
- CAVALCANTI, Denise. "JOHN UPDIKE Coelho Fala", revista *Manchete*, nº 2084, 14 de março de 1972, pp. 98, 99.
- COOKE, Michael. "Recent Fiction," *Yale Review*, 61 (Summer, 1972), pp. 597-609.
- COUTO, José Geraldo. "Updike quer aproximar a literatura da vida", Folha de S. Paulo, 9 de março de 1972, p. 1-7.
- DAVENPORT, Guy. "Even as the Heathen Rage," *National Review*, vol. XXIII, nº 51, 31 Dec. 1971, pp. 1473-4.
- DETWEILER, Robert. *John Updike*. New York: Twayne Publishers, 1972.
- DONER, Dean. "Rabbit Angstrom's Unseen World," *New World Writing*, 20 (1962); *John Updike (A Collection of Critical Essays)*, ed. by D. Thorburn & H. Eiland. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1979, pp. 17-34.
- DOODY, Terrence A. "Updike's Idea of Reification," *Contemporary Literature* (Spring 1979), vol. 20, nº 2. The University of Wisconsin Press, pp. 204-220.
- DUVALL, John N. "The Pleasure of Textual/Sexual Wrestling: Pornography and Heresy in *Roger's Version*," *Modern Fiction Studies* (Spring 1991), vol. 37, nº 1, pp. 81-95.
- EDWARDS, Thomas R. "Updike's *Rabbit Trilogy*," *Atlantic*, 248, Oct. 1981, pp. 94-102.
- ELLISON, James. "Rabbit is Buying Krugerrands," *Psychology Today*, 15, Oct. 1981, pp. 110-15.
- FALKE, Wayne. "Rabbit Redux: Time/Order/God," *Modern Fiction Studies*, vol. 20, nº 1 (Spring 1974), pp. 59-76.



- FONSECA, Vera. "O americano tranquilo", entrevista, revista *Leia*, novembro 1987, pp. 3-8.
- FOOTE, Timothy. "Uncouples," *Time* magazine, November 15, 1976, p. 62.
- FRANCIS, Paulo. "John Updike, um talentoso escritor sem nenhum caráter", *Folha de S. Paulo*, 16 de outubro de 1982, p. 33.
- "De Tucuruí à Aids", *Folha de S. Paulo*, 6 de setembro de 1986.
- "Chatos, Gente e Updike", *Folha de S. Paulo*, 2 de março de 1989, p. E-12.
- "Updike no apogeu", *Folha de S. Paulo*, 9 de dezembro de 1989, p. G-3.
- FREMONT-SMITH, Eliot. "Rabbit Ruts," *Village Voice*, 30 Sept.- 6 Oct. 1981, p. 35.
- FRIEDMAN, Ruben. "An Interpretation of John Updike's 'Tomorrow and Tomorrow And So Forth'," *English Journal*, 61, November 1972, pp. 1159-62.
- GALIZIA, Luiz Roberto. "Um lugar ao sol", revista *Veja*, 24 de novembro de 1982, p. 182.
- GALLOWAY, David. "The Absurd Man as Saint," in *The Absurd Hero in American Fiction* (Updike, Styron, Bellow, Salinger). Austin: University of Texas Press, 1966-81, pp. 17-80.
- GASPARI, Elio. "A história continua", revista *Veja*, 4 de março de 1972, pp. 7-9.
- GILL, Brendan. "A Special Case," *New Yorker*, 47, 8 Jan. 1972, pp. 83-4.
- GILMAN, Richard. "An Image of Precarious Life," *Commonweal*, 73, Oct. 28, 1960, pp. 128-9.
- GINGHER, Robert S. "Has John Updike Anything to Say?", *Modern Fiction Studies*, vol. 20, n.º 1 (Spring 1974), pp. 97-106.
- GONÇALVES, J. C. A Evolução Temática nos Contos de John Updike, dissertação de mestrado. São José do Rio Preto: IBILCE, 1984.
- "Temas Principais na Ficção Curta de John Updike", *Letras - Revista do Instituto de Letras*, vol. 4, n.º 2, agosto de 1985, PUC de Campinas, SP., pp. 44-9.
- Resenha de Updike's America - The Presence of Contemporary American History in John Updike's Rabbit Trilogy, de Dilvo I. Ristoff, *Estudos Anglo-Americanos* n.º 12 e 13 (1988-9), São José do Rio Preto: ABRAPUI, 1989.
- GORDON, John. "Updike Redux," *Ramparts*, 10, April 1972, pp. 56-9.



- GRAY, Paul. "Ring Around the Collar," *Time* magazine, February 17, 1975, p. 47.
- "A Crisis of Confidence," *Time* magazine, Oct. 5, 1981.
- "Fruits of Blossoming Selfhood," *Time* magazine, May 7, 1984.
- "Karma in the Sunbelt," *Time* magazine, Feb. 29, 1988, p. 53.
- "A Burden of Answered Prayers," *Time*, March 13, 1989, p. 46.
- "In Peace," *Time* magazine, October 15, 1990, p. 47.
- GREINER, Donald J. *The Other John Updike* (Poems/Short Stories/Prose/Play). Athens, Ohio: Ohio University Press, 1981.
- *John Updike's Novels*. Athens, Ohio - London: Ohio University Press, 1984.
- HAMILTON, Alice & Kenneth. *The Elements of John Updike*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, Publisher, 1970.
- "John Updike's Prescription for Survival," *The Christian Century*, 89, 5 July 1972, pp. 740-44.
- HAMILTON, Kenneth. "John Updike: Chronicler of 'the Time of the Death of God'," *The Christian Century*, vol. LXXXIV, n° 23, 7 June 1967, pp. 745-8.
- HARPER, Jr. Howard M. "O problema intrínseco da existência humana" & "Crença desesperada", *Fé Desesperada*, um estudo de Bellow, Salinger, Mailer, Baldwin e Updike, trad. Maria Luiza Nogueira. Rio de Janeiro: Lido, 1967-72, pp. 113-138.
- HARRIS, Charles B. "Updike and Roth: The Limits of Representationalism," *Contemporary Literature* (Summer 1986), vol. 27, n° 2, pp. 279-284.
- HEIDENRY, John. "Rabbit Redux - John Updike," *Commonweal*, vol. XCV, n° 14, Jan. 7, 1972, pp. 332-3.
- HICKS, Granville. "Mysteries of the Commonplace," *Saturday Review* 21/22, March 1962, p. 21.
- HILLER, Catherine. "Personality and Persona: The Narrators in John Updike's Fiction," *Dissertation Abstracts International*, 33 (1973), p. 4416 A.
- HOWARD, Jane. "Can a Nice Novelist Finish First?" *Life* magazine, vol. 61, n° 19, 4 Nov. 1966, pp. 74-82.
- HUNT, S. J., George W. "Updike's Pilgrims in a World of Nothingness," *Thought*, vol. 53, n° 211, Dec. 1978, pp. 384-400.
- KAKUTANI, Michiko. "Turning Sex and Guilt Into an American Epic," *Saturday Review*, Oct. 1981, pp. 14-5, 20-2.



- KATTAN, Naim. *"John Updike ou les mouvements de la grâce (Le Centaure, Les quatre faces d'une histoire, La ferme, Couples)"*, *Ecrivains des Amériques - Tome 1 - Les Etats-Unis*. Hurtubise HMM Collection Reconnaissances, Montréal, Canada.
- KAZIN, Alfred. "4. Professional Observers - Cozzens to Updike," *Bright Book of Life* (American Novelists and Storytellers From Hemingway to Mailer). Delta, 1971-73, pp. 77-124.
- KLINKOWITZ, Jerome. *"John Updike's America," American Writing Today* - Forum Series - vol. 1. Ed. Richard Kostelanetz, Washington, D. C., 1982, pp. 311-321.
- KRAMER, Hilton. *"Trashing the Fifties" / "John Updike on Poetry,"* *The New York Times Book Review*, April 10, 1977, pp. 3, 27-8.
- LA COURSE, Guerin. *"The Innocence of John Updike,"* *Commonweal*, vol. LXXVII, n° 20, Feb. 8, 1963, pp. 512-4.
- LAJOLO, Marisa. *"Catatau por catatau, fique com Llosa,"* *Jornal da Tarde*, 3 de dezembro de 1982.
- LASSETER, Victor K. *"Rabbit Is Rich as a Naturalistic Novel,"* *American Literature*, vol. 61, n° 3, October 1989, pp. 429-45.
- . Book review of Dilvo I. Ristoff's *Updike's America*, *American Literature*, vol. 62, n° 1, March 1990, p. 153.
- LATHROP, Kathleen. *"The Coup: John Updike's Modernist Masterpiece,"* *Modern Fiction Studies*, vol. 31, n° 2 (Summer 1985), pp. 249-262.
- LECKIE, Barbara. *"'The Adulterous Society': John Updike's Marry Me,"* *Modern Fiction Studies* (Spring 1991), vol. 37, n° 1, pp. 61-79.
- LEONARD, John. *"The Last Word: The Novel, Redux,"* *New York Times Book Review*, 14 Nov. 1971, p. 71.
- LISBOA, Luís Carlos. *"Os Dois Updike: o real e o escritor,"* *Jornal da Tarde*, 30 de abril de 1970.
- LOCKE, Richard. *"Rabbit Redux,"* *The New York Times Book Review*, Nov. 14, 1971, pp. 1, 2, 12, 14, 16, 20, 22, 24.
- . *"Rabbit's Progress,"* *John Updike* (A Collection of Critical Essays), ed. D. Thorburn & H. Eiland. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1979, pp. 35-8.
- LODGE, David. *"Um Romance de Idéias,"* *Diálogo*, n° 3, vol. 20, 1987, pp. 76-7, trad. Mario Salviano Silva.
- MALLON, Thomas. *"Rabbit, Jog,"* *National Review*, vol. XXXIII, n° 22, 13 Nov. 1981, pp. 1356, 8.
- MANDEL, Peter. *"John Updike: 'It's easier to go around being a writer than it is to write',"* *Brown* (Brown Alumni Monthly), December 1984 / January 1985, pp. 64, 62, 63.



- MARKLE, Joyce B. *Fighters and Lovers* (Themes in the Novels of John Updike). New York: New York University Press, 1973.
- MAYRINK, Geraldo. "Homens e deuses", revista *Veja*, 31 de outubro de 1973, p. 130.
- MCCOY, Robert. "John Updike's Literary Apprenticeship on *The Harvard Lampoon*," *Modern Fiction Studies*, vol. 20, nº 1 (Spring 1974), pp. 3-12.
- MCKENZIE, Alan T. "A Craftsman's Intimate Satisfaction: The Parlor Games in *Couples*," *Modern Fiction Studies*, vol. 20, nº 1 (Spring 1974), pp. 53-8.
- MIZENER, Arthur. "Behind the Dazzle Is a Knowing Eye," *New York Times Book Review*, 18 March 1962, pp. 1, 29.
- MURADIAN, Thaddeus. "The World of Updike," *English Journal*, vol. 54, nº 7, October 1965, pp. 577-584.
- MURPHY, Richard W. "In Print: John Updike," *Horizon*, 4, March 1962, p. 84.
- NASCIMENTO, Esdras do. "Tédio por Computador", *O Globo*, 12 de julho de 1987, p. 11.
- NEWMAN, Judie. *John Updike*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire & London: Macmillan, 1988.
- NEW YORK TIMES BOOK REVIEW. "John Updike encerra a jornada de *Rabbit* iniciada na década de 50", *Folha de S. Paulo* (Letras F- 4-5), 18 de agosto de 1990, trad. Manoel Paulo Ferreira.
- NICHOLS, Lewis. "Talk with John Updike," *The New York Times Book Review*, April 7, 1968, p. 34.
- NOLASCO, Sônia. "O grande vício de John Updike, por ele mesmo", *O Estado de S. Paulo* (Caderno 2), 14 de abril de 1989, p. 10.
- "Auto-retrato de uma sensibilidade em evolução", *O Estado de S. Paulo* (Caderno 2), 21 de dezembro de 1989, p. 5.
- "John Updike, ironia e compaixão", *O Estado de S. Paulo* (Caderno 2), 25 de outubro de 1990, p. 4.
- DATES, Joyce Carol. "Updike's American Comedies," *Modern Fiction Studies* (Autumn 1975), vol. 21, nº 3, pp. 459-472.
- "Tetralogia de Updike encerra crítica aos EUA", *Folha de S. Paulo* (Letras), 20 de outubro de 1990, p. F-5.
- OLDSEY, Bernard. "Rabbit Run to Earth," *The Nation*, vol. 214, nº 1, 3 Jan. 1972, pp. 54, 56.
- OLDSTER, Stacey. "Rabbit Rerun: Updike's Replay of Popular Culture in *Rabbit At Rest*," *Modern Fiction Studies* (Spring 1991), vol. 37, nº 1, pp. 45-9.



- PARINI, Jay. "Essaying the World," *The Hudson Review* (Spring 1984), vol. XXXVII, nº 1.
- PETTER, H. "John Updike's Metaphoric Novels," *English Studies*, nº 50, 1969, pp. 197-206.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. "John Updike escapa do 'kitsch'", *Folha de S. Paulo* (Ilustrada), 27 de junho de 1987, p. A-33.
- PINSKER, Sanford. "John Updike and the Distractions of Henry Bach, Professional Writer and Amateur American Jew," *Modern Fiction Studies* (Spring 1971), vol. 37, nº 1, pp. 77-111.
- PIZA, Daniel. "John Updike vem soltar seus coelhos", *O Estado de S. Paulo*, 26 de fevereiro de 1992, p. 1 (Caderno 2).
- PRESCOTT, Peter S. "Angstrom's Angst," *Newsweek* magazine, 15 Nov. 1971, pp. 124, 125.
- "Updike's Weird Sisters," *Newsweek* magazine, May 14, 1984, p. 47.
- PRITCHETT, V. S. "Books - Updike," *The New Yorker*, 9 Nov. 1981, pp. 201-6.
- RA'AD, Basem L. "Updike's New Versions of Myth in America," *Modern Fiction Studies* (Spring 1991), vol. 37, nº 1, pp. 25-31.
- REGAN, Robert Alton. "Updike's Symbol of the Center," *Modern Fiction Studies*, vol. 20, nº 1 (Spring 1974), pp. 77-96.
- RICKS, Christopher. "Flopsy Bunny," *The New Yorker Review of Books*, vol. XVII, nº 10, 16 Dec. 1971, p. 7.
- RISTOFF, Dilvo I. *Updike's America - The Presence of Contemporary American History in John Updike's Rabbit Trilogy*. New York, Bern, Frankfurt am MAIN, Paris: Peter Lang, 1988.
- RUGOFF, Milton. "An American Tragedy: 1960," *New York Herald Tribune Book Review*, 6 November 1960.
- RUPP, Richard H. "John Updike: Style in Search of a Center," *The Sewanee Review*, vol. LXXV, nº 4 (Autumn 1967), pp. 693-709.
- S., W. T. "Updike FourFiveSix, 'Just Like That': An Essay Review," *Modern Fiction Studies*, vol. 20, nº 1 (Spring 1974), pp. 115-120.
- SALE, Roger. "Rabbit Returns," *The New York Times Book Review*, 27 Sept. 1981, pp. 1, 32-3-4.
- SAMUELS, Charles Thomas. "The Art of Fiction XLIII, John Updike," *Paris Review*, 12 (Winter 1968), 1966 interview, pp. 85-117.
- *John Updike* (University of Minnesota Pamphlets on American Writers), nº 79. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1969.



- SCHOPEN, Bernard A. "Faith, Morality, and the Novels of John Updike," *Twentieth Century Literature*, vol. 24, n° 4 (Winter 1978), pp. 523-35.
- SCHUELLER, Malini. "Containing the Third World: John Updike's *The Coup*," *Modern Fiction Studies*, vol. 37, n° 1 (Spring 1991), pp. 113-128.
- SEE, Carolyn. "S.", *Chicago Tribune*, Feb. 28, 1988, Section 14.
- SHAPIRO, Harriet. "Just Looking by John Updike," *People* magazine, October 9, 1989, vol. 32, n° 15, pp. 31, 34-5.
- SHEPPARD, R. Z. "White Mischief," *Time* magazine, Dec. 18, 1978.
- , "Punch Lines," *Time* magazine, May 4, 1987, p. 47.
- SPENCER, Scott. "John Updike, Romancista e Crítico", *Diálogo*, n° 4, vol. 17, 1984, pp. 57-61. Trad. Marcus Penchel.
- STANDLEY, Fred L. "Rabbit, Run: An Image of Life," *Midwest Quarterly*, vol. 8, 1967, pp. 371-385.
- STUBBS, John C. "The Search for Perfection in *Rabbit, Run*," *Critique: Studies in Modern Fiction*, 10 (Spring, Summer 1968), pp. 94-101.
- SULLIVAN, Walter. "Updike, Spark and Others," *The Sewanee Review* vol. LXXIV, n° 3 (Summer 1966), pp. 709-16.
- TAYLOR, Larry E. *Pastoral and Anti-Pastoral Patterns in John Updike's Fiction*. Carbondale and Edwardsville: South Illinois University Press, 1971.
- THEROUX, Paul. "A has-been, 10 years later," *Washington Post*, Nov. 14, 1971, pp. 3, 10.
- THORBURN, David & EILAND, Howard, editors. *John Updike (A Collection of Critical Essays)*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1979.
- TIME magazine. "Desperate Weakling," 7 November 1960, p. 108.
- , "View from the Catacombs," April 26, 1968 (Couples), pp. 36-41.
- TIMES LITERARY SUPPLEMENT. "Enemies of Promise," Friday, Sept. 29, 1961.
- , "Unsentimental Education," (Rabbit Redux), Friday, 7 April 1972, n° 3, 658.
- TREVOR, William. "All Right, Sort Of," *New Statesman*, vol. 84, n° 2142, pp. 462-3.
- UPHAUS, Suzanne Henning. *John Updike*. New York: Frederick Ungar Publishing Co., 1980.



- VARGO, Edward P. "The Necessity of Myth in Updike's *The Centaur*," PMLA, vol. 88, May 1973, pp. 452-460.
- VICKERY, John B. "The Centaur: Myth, History, and Narrative," Modern Fiction Studies, vol. 20, no. 1 (Spring 1974), pp. 29-44.
- WALDMEIR, Joseph. "It's the Going That's Important, Not the Getting There: Rabbit's Questing Non-Quest," Modern Fiction Studies, vol. 20, no. 1 (Spring 1974), pp. 13-28.
- WALDRON, Randall H. "Rabbit Revised," American Literature, vol. 56, no. 1, March 1984, pp. 51-67.
- WEBER, Brom. "Rabbit Redux by John Updike," Saturday Review, 27 November 1971, pp. 54-5.
- WELSH, J. M. "Bewitched and Bewildered Over 'Eastwick'," Film Literature Quarterly (15) (3), 1987, pp. 152-4.
- WILSON, Matthew. "The Rabbit Tetralogy: From Solitude to Society to Solitude Again," Modern Fiction Studies (Spring 1991), vol. 37, no. 1, pp. 5-24.
- WILSON III, Raymond J. "Roger's Version: Updike's Negative-Solid Model of The Scarlet Letter," Modern Fiction Studies (Summer 1989), vol. 35, no. 2, pp. 241-50.
- WOLCOTT, James. "Running On Empty," Esquire, vol. 96, no. 4, October 1981, pp. 20, 22-3.
- WRIGHT, Derek. "Helpless Motion: Form and Space in Updike's *Rabbit, Run*," Modern Fiction Studies (Spring 1991), vol. 37, no. 1, pp. 35-44.
- WYATT, Bryant N. "John Updike: The Psychological Novel in Search of Structure," Twentieth Century Literature, vol. 13, no. 2, July 1967, pp. 89-96.
- YATES, Norris W. "The Doubt and Faith of John Updike," College English, 26, pp. 469-74, March 1965.

3. Obras de referência, de filosofia, psicologia, mitologia, história, e de teoria e crítica literárias.

- AGUIAR E SILVA, V. M. de. Teoria da Literatura. Coimbra: Almedina, 1979.
- AUERBACH, Erich. Introdução aos Estudos Literários, trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e Estética. (A Teoria do Romance). Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1988.
- BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia, trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix-USP, 1971.



- et al. *Análise Estrutural da Narrativa*, trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. Trad. Juan Almela. México, Espanha, Argentina: Siglo Veintiuno editores, 1966-74 (4ª edición).
- BÍBLIA Sagrada, Trad. Centro Bíblico de São Paulo. São Paulo: Ave Maria, 1965.
- BROOKS, C. & WARREN, R. P. *Understanding Fiction*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1959.
- BURKE, Kenneth. *Teoria da Forma Literária*, trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix-USP, 1969.
- CÂNDIDO, A. *Tese e Antítese*. São Paulo: Nacional, 1964.
- *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1967.
- et al. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- CERVONI, Jean. *A Enunciação*, trad. L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989.
- CHESTOV, Leon. *Kierkegaard y la Filosofía Existencial*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1952.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Laffont / Jupiter, 1982.
- CORNU, Daniel. *Karl Barth, Teólogo da Liberdade*, trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- CUDDON, J. A. *A Dictionary of Literary Terms*. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1985.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*, trad. F. P. de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1978.
- DU BOIS, W. E. B. "*Strivings of the Negro People*," *Atlantic* 80 (August 1897): 194 apud Dickson D. Bruce Jr., "*W. E. B. Du Bois and the Idea of Double Consciousness*," *American Literature*, vol. 64, nº 2, June 1992, p. 299.
- EIKHENBAUM, B. et al. *Teoria da Literatura (Formalistas Russos)*, trad. A. M. B. Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1973.
- FINKELSTEIN, Sidney. *Existencialismo e Alienação na Literatura Norte-Americana*, trad. Edney Célio Oliveira Silvestre. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969, pp. 19-38, 229-265.
- FORSTER, A. M. *Aspects of the Novel*. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1968.
- FRIEDMAN, Maurice. *Problematic Rebel*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1973.



- FRIEDMAN, Norman. "Point of View in Fiction", *The Theory of the Novel*. Edit. Philip Stevick. New York: The Free Press, 1967, pp. 108-137.
- GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Editions du Seuil, 1972.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- HAMILTON, Edith. *Mythology*. New York & Toronto: The New American Library, 1942.
- HARVEY, W. J. *Character and the Novel*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1965.
- HASSAN, Ihab. *Radical Innocence: Studies in the Contemporary American Novel*. Princeton: Princeton University Press, 1961.
- HOCHMAN, Baruch. *Character in Literature*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1985.
- JAMES, Henry. *The Art of the Novel*. New York: Charles Scribner's Sons, 1937.
- JUNG, Carl G. et al. *Man and his Symbols*. New York: Dell, 1964.
- KAYSER, Wolfgang. *Análise e Interpretação da Obra Literária I-II*. Coimbra: Arménio Amado, 1968.
- KIERKEGAARD, S. Aabye. *"Diário de Um Sedutor", "Temor e Tremor", "O Desespero Humano"*, traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- LUBBOCK, Percy. *The Craft of Fiction*. London: Cox & Wyman, Jonathan Cape, 1968.
- MANCHESTER, William. *The Glory and the Dream. (A Narrative History of America, 1932-1972)*. Toronto, New York, London: Bantam, 1979.
- MANDER, John. *"In Defense of the 50's," Commentary*, vol. 48. nº 3, September 1969, pp. 63-7.
- MCLUHAN, M. & FIORE, Q. *O Meio são as Massagens*. Rio de Janeiro: Record, 1969.
- MENDILLO, A. A. *O Tempo e o Romance*, trad. Flávio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.
- MOISÉS, M. *A Criação Literária*. São Paulo: Melhoramentos, USP, 1975.
- *A Análise Literária*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- MUIR, Edwin. *A Estrutura do Romance*, trad. Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Globo, s.d.



POUILLON, Jean. O Tempo no Romance, trad. Heloysa de Lima Dantas.
São Paulo: Cultrix-USP, 1974.

REIS, Carlos, e LOPES, Ana Cristina M. Dicionário de Teoria da
Narrativa. São Paulo: Ática, 1988.

WELLEK, René & WARREN, Austin. Teoria da Literatura, trad. José
Palla e Carmo. Lisboa: Europa-América, 1955.



